

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“SERVENTUÁRIOS DAS TREVAS”**  
Os Bolcheviques na Imprensa Católica  
(Fortaleza/CE, 1922 - 1932)

José Aloísio Martins Pinto

Fortaleza/CE  
Abril/2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“SERVENTUÁRIOS DAS TREVAS”**  
Os Bolcheviques na Imprensa Católica  
(Fortaleza/CE, 1922 - 1932)

José Aloísio Martins Pinto

Dissertação apresentada à  
Coordenação do Programa de  
Mestrado em História Social da  
Universidade Federal do Ceará como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de mestre, sob a orientação do  
Prof. Dr. *Frederico de Castro de Neves*.

Fortaleza/CE  
Abril/2005



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“SERVENTUÁRIOS DAS TREVAS”**

Os Bolcheviques na Imprensa Católica  
(Fortaleza/CE, 1922 - 1932)

José Aloísio Martins Pinto

Dissertação apresentada à  
Coordenação do Programa de  
Mestrado em História Social da  
Universidade Federal do Ceará como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de mestre, sob a orientação do  
Prof. Dr. *Frederico de Castro de Neves*.

Fortaleza/CE  
Abril/2005

P729s Pinto, José Aloísio Martins.

Serventuários das trevas: os bolcheviques na imprensa católica (Fortaleza/CE, 1922 - 1932) / José Aloísio Martins Pinto. - Fortaleza, 2005. 160 p.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará.

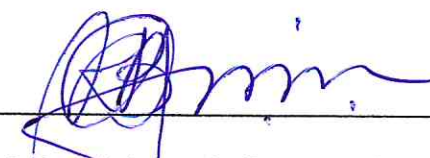
Orientador: Frederico de Castro Neves.

1. Bolchevismo. 2. Anticomunismo. 3. Arquidiocese de Fortaleza. Neves, Frederico de Castro. II. Universidade Federal do Ceará. Mestrado em História Social. III. Título.

## BANCA EXAMINADORA

Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos seguintes professores:

1-   
Prof. Dr. Frederico de Castro Neves - UFC (orientador)

2-   
Prof. Dr. Raimundo Barroso Cordeiro Jr. - UFPB

3-  (PROF. DR. LUIGI BIONDI)  
Prof. Dr. Luigi Biondi - UFC

Aprovada em \_\_\_\_ de Abril de 2005

## AGRADECIMENTOS

Às *Universidades Públicas* que, apesar da carência de recursos, mas ofertando saber e democracia, acolhem os mais diversos pesquisadores do Brasil, em especial, à *Universidade Federal do Ceará* por ter possibilitado a realização deste trabalho.

À primeira orientadora, professora *Maria Verônica Secreto*, pela paciência a cada mudança de tema e por me incentivar na busca da temática ideal.

Ao orientador, professor *Frederico de Castro Neves*, pelas conversas elucidativas em torno da organização do texto e pela generosidade em esticar o prazo de conclusão da pesquisa.

Aos professores do Mestrado em História, referência de esforço e conhecimento na manutenção do curso e no acompanhamento das pesquisas.

Aos professores com os quais eu tive oportunidade de cursar as disciplinas - *Adelaide, Edilene, Eurípides, Ivone, Norberto, Teixeira e Verônica* - um forte abraço.

À professora *Edilene Toledo* (UFC) e ao professor *Régis Lopes* (UFC), membros da banca de qualificação, que realizaram uma leitura acurada do texto e sugeriram alterações valiosas.

Aos, professores *Raimundo Barroso Cordeiro Jr.* (UFPB) e *Régis Lopes* (UFC), membros da banca examinadora que indicaram novas abordagens para a pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de História - *Constantino, Dantas e Regina* - que com os seus trabalhos anônimos mantêm a graduação e pós funcionando regularmente.

Aos colegas - *Assis, Beth, Cristina, Daniela, Fabiano, Galvão, Germana, Hilário, Isaíde, Ivoney, Jovelina, Nuno, Mário, Sander, Silvana e Vânia* - que, a cada encontro nas aulas e nos locais de pesquisa, transmitiram ânimo e ensinamentos que foram incorporados à escrita do texto.

A *Isaíde Bandeira Timbó*, que me encorajou a apresentar minicursos nos Encontros Estaduais de História (Limoeiro do Norte/CE e Belém/PA) e apresentar minha pesquisa no Simpósio Nacional de História, em João Pessoa/PB.

A *Clysnaclyton* e à *Dona Zefinha* da Biblioteca e do Arquivo do Seminário da Prainha; à *Madalena* da Biblioteca Estadual Menezes Pimentel e da Academia Cearense de Letras; a *Arnaud, Marinês, Nonato e Velêda* do Instituto do Ceará. Sem a presença desses colaboradores a pesquisa jamais teria sido concluída.

À *Maria Cláudia Damasceno dos Campos*, anjo-protetor da minha filha Lígia.

Ao professor *Dias* que, ao contrário de corrigir mecanicamente o texto através da revisão ortográfica, o enriqueceu com idéias.

À *Fundação Cearense de Pesquisa (FUNCAP)* que, ao repassar dinheiro público aos pesquisadores, cumpre sua função social.



A  
LÍGIA,

minha  
maior  
incentivadora

para a  
conclusão  
do *texto de 1000 páginas*,  
carinhos sem ter fim.



A  
você,  
**ALCILÉA,**

que  
com  
o seu açúcar

vai suavizando  
a minha  
caminhada,

o meu  
eterno  
afeto.

## RESUMO

A pesquisa, recorrendo ao jornal O NORDESTE, órgão fundado em Junho de 1922, sob os auspícios da Arquidiocese de Fortaleza, analisa a censura imposta aos bolcheviques, entre 1922 a 1932. Além do anticomunismo, o órgão colocou-se a favor de outras práticas desenvolvidas pelo Tradicionalismo Católico da época. Apresentando-se como guardião da moral e dos bons costumes, a despeito de criticar a instituição da República, o vespertino mostrou-se defensor intransigente da ordem. **Censurou as Revoltas Tenentistas.** Publicou vetos ao protestantismo, à maçonaria e ao espiritismo. Adotou posições anti-semitas. Elogiou calorosamente o ditador fascista Benito Mussolini e apoiou o Golpe de Estado capitaneado por Getúlio Vargas, em 1930. Expressou concordância com o programa da Legião Cearense do Trabalho. Publicou as opiniões de Plínio Salgado, futuro dirigente da Ação Integralista Brasileira. A partir de Dezembro de 1932, na condição de porta-voz da Liga Eleitoral Católica, divulgou o programa e os eventos da agremiação. Manipulando a dualidade - bem x mal - a cúpula eclesiástica e a intelectualidade leiga articularam o comunismo e a encarnação do demônio em um só corpo. Por isso, na publicação, a Rússia foi qualificada de a "instituição do terror" e o "mal do tempo". Os moscovitas foram chamados de "micróbios" e de "jacobinos vermelhos", ligados à idéia de sofrimento, pecado, mentira, sangue e morte, isto é, identificados com a "lei bolchevista do ódio".

# ÍNDICE

|                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| Introdução .....                                                     | 01  |
| Capítulo 1                                                           |     |
| <i>O bolchevismo é o mal</i> .....                                   | 22  |
| 1.1. As desastrosas consequências da solução socialista.....         | 23  |
| 1.2. O despotismo das classes inferiores .....                       | 33  |
| 1.3. Tudo está perdido! .....                                        | 43  |
| 1.4. Sanha destruidora .....                                         | 53  |
| Capítulo 2                                                           |     |
| <i>A salvação das almas e o futuro dos povos estão em jogo</i> ..... | 63  |
| 2.1. Cegueira bolchevista .....                                      | 64  |
| 2.2. A propaganda da desfaçatez .....                                | 74  |
| 2.3. Uma nova Igreja: o Socialismo .....                             | 84  |
| 2.3. Sangue e loucura .....                                          | 94  |
| Capítulo 3                                                           |     |
| <i>Façamos a revolução da ordem e o Brasil estará salvo !</i> .....  | 104 |
| 3.1. Lama e sangue .....                                             | 105 |
| 3.2. Gangrena social .....                                           | 115 |
| 3.3. O grande doente .....                                           | 125 |
| 3.4. Para a direita ou para a esquerda .....                         | 135 |
| Considerações finais .....                                           | 145 |
| <i>O Decálogo Comunista.</i>                                         |     |
| Bibliografia .....                                                   | 156 |

# INTRODUÇÃO

“É uma das características do bolchevismo a covardia moral, quando se trata de apurar a responsabilidade dos seus atos. A sua propaganda de corrupção social é feita sempre de maneira astuta e cavirosa. Até que ponto chega, porém, a sua audácia na prática do mal, desde que, pelo terror, se apoderem da situação de um povo, di-lo eloqüentemente o inferno russo.

Trabalham na escuridão os *serventuários das trevas*”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>*Invertendo a ordem dos fatos*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 8 de Novembro de 1926, p. 1.



*Bolchevismo e Cristianismo  
são opostos como a treva e a luz.*<sup>2</sup>

No processo eleitoral de 2000, Juraci Magalhães (PMDB), em Fortaleza/CE, e Carlos Cruz (PFL), em Juazeiro do Norte/CE, adotaram a mesma tática: identificaram, respectivamente, os seus adversários na disputa pelo executivo municipal, Inácio Arruda (coligação PCdoB-PT) e Íris Tavares (PT), com o "**comunismo ateu**". Tal atitude nos remete aos costumeiros editoriais do jornal católico O NORDESTE (Fortaleza/CE, 1922-1967), fortalece a compreensão de que o anticomunismo esteve no centro das disputas políticas brasileiras, em grande parte do século XX, e acentua a atualidade acerca do estudo sobre o Tradicionalismo Católico<sup>3</sup>, na função de organizador da sociedade civil<sup>4</sup>, em Fortaleza/CE, no período entre 1935 e 1945.

Fundado em Junho de 1922, sob os auspícios da Arquidiocese de Fortaleza, O NORDESTE, além de afirmar que "ser comunista é ser inimigo do Brasil" e que "os bolcheviques não têm nada de humano"<sup>5</sup>, colocou-se a favor de outras práticas desenvolvidas pelo Tradicionalismo Católico da época. Apresentando-se como guardião da moral e dos bons costumes, a despeito de criticar a instituição da República, o vespertino mostrou-se defensor intransigente da ordem. Condenou as Revoltas Tenentistas. Expressou concordância com o programa da Legião Cearense do Trabalho (L C T)<sup>6</sup>. Publicou as opiniões de Plínio Salgado, futuro dirigente da Ação Integralista

<sup>2</sup> *Aproximações impossíveis..* Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 8 de Fevereiro de 1929, p. 1.

<sup>3</sup> O Tradicionalismo Católico conceitua a subordinação do Estado aos fins religiosos e identifica-se com os dogmas do Ultramontanismo: o catolicismo como a única religião verdadeira, a infalibilidade do poder papal e o seu mando sobre todas as nações do mundo. In: MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Trono e o Altar: As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: BNB, 1992, p. 98.

<sup>4</sup> "Designa o conjunto das instituições responsáveis pela elaboração e/ou difusão e valores simbólicos, de ideologias compreendendo o sistema escolar, as Igrejas, os partidos políticos, as organizações profissionais, os sindicatos, os meios de comunicação, as instituições de caráter científico e artístico. In: COUTINHO, Carlos Nelson. *A dualidade de poderes: introdução à teoria marxista de Estado e Revolução*. S. Paulo: Brasiliense, 1985, p. 29".

<sup>5</sup> Respectivamente os editoriais: *Impressões da Rússia*. 4 de Novembro de 1929, p. 1. *Moscou sem véus*. 17 de Junho de 1930, p. 1.

<sup>6</sup> "Foi um movimento corporativista, integralista e católico de mobilização de trabalhadores. Antecessora da Ação Integralista Brasileira, manteve-se em atuação até 1937 quando Vargas decretou o Estado Novo. Teve como co-fundadores o tenente Jeová Mota e o padre Hélder Câmara. Composta de jovens católicos antiliberais e anticomunistas e militares opositores ao movimento de 30". In: BARROSO CORDEIRO JR, Raimundo. *A Legião Cearense do Trabalho*. In: SOUSA, S. (org.). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Ed. D. Rocha, 2000, p. 325.



Brasileira. Elogiou calorosamente ditador fascista Benito Mussolini. Adotou posições anti-semitas. Publicou vetos ao protestantismo, à maçonaria e ao espiritismo. A partir de Dezembro de 1932, na condição de porta-voz da Liga Eleitoral Católica (L E C), publicou a lista de filiados à entidade, divulgou o programa e os eventos da agremiação. Em relação à Rússia, ao discorrer acerca da “mentalidade revolucionária” e dos “planos bolchevistas”, o jornal mostrou quão insensato era o comunismo aos seus leitores. Afora isso, impôs-lhes regra de comportamento e cobrou-lhes fidelidade na “hora da definição”.

Às vésperas da instalação da Legião Cearense do Trabalho, a Arquidiocese de Fortaleza rejubilou-se: “É um fato auspicioso para os interesses mais vivos do Estado”. Sem detença, enfatizou: “é isso o que a educação, a índole e as tradições do operariado brasileiro estão a exigir” porquanto “as veleidades anacrônicas do comunismo representam uma anomalia em nosso meio fundamentalmente cristão”<sup>7</sup>. A respeito da oratória do tenente Severino Sombra, quando do ato inaugural da Legião, O NORDESTE destacou: “A anarquia é fruto do liberalismo [e] do socialismo. Havia o perigo de que os falsos advogados da causa dos operários os atraíssem para o campo das reações exorbitantes da lei. Cumpria evitar a catástrofe”<sup>8</sup>. Em uma das matérias pró-L C T da folha, a hierarquia ousou sujeitar a população: “À frente dos seus destinos acha-se quem dirija os seus rumos para a direita, deixando o caminho à esquerda para os inimigos da nacionalidade”. Ademias, instigou a “Índole pacífica do nosso povo” a derrotar “um materialismo exótico, sem raízes nacionais” e indicou a direção: “A L C T afirma-se como uma das necessidades mais instantes da hora atual”. E qual o mérito da Legião ? “O governo vai receber desta organização um apoio franco para a sua missão de profilaxia dos vícios políticos do nosso meio”, registrou<sup>9</sup>. Insistindo, “não há lugar para os dúbios diante do cenário rubro”, respaldou a L C T: “não visa a dirigir o proletariado para o campo do socialismo revolucionário”<sup>10</sup>.

O NORDESTE, à medida que ampliou os vetos ao comunismo, pois, “não será possível jamais estabelecer uma harmonia entre o bolchevismo

<sup>7</sup> *Legião Cearense do Trabalho*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 22 de Agosto de 1931, p. 1.

<sup>8</sup> *Manifestação operária*. Editorial. Fortaleza/CE, 24 de Agosto de 1931, p. 1.

<sup>9</sup> *Para a direita ...* Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 17 de Setembro de 1931, p. 1.

<sup>10</sup> *O Patrimônio da Civilização*. Editorial. Fortaleza/CE, 10 de Novembro de 1931, p. 1.

autêntico e o padre católico"<sup>11</sup>, intensificou uma posição pró-Mussolini. Mostrou ser o fascismo italiano o modelo ideal para a sociedade brasileira. O *duce* e os seus feitos passaram a ocupar, com regularidade, as páginas do jornal. Em 1923, apregoou: "Precisa-se de um Mussolini!"<sup>12</sup>, no entanto, a primeira página da edição referente ao dia 21 de fevereiro de 1926 retratou, com maior consistência, a opção da Arquidiocese de Fortaleza. Enquanto o editorial, *A Família Cristã*, designou a Rússia de local onde predominava "a bancarrota das doutrinas de Marx", afirmou que o "sovietismo ultrapassou o déficit de todas as épocas malditas", circunscreveu as esperanças do "maximalista" somente com a "mesa e a cama", nomeou o socialismo de "doutrina falida", atribuiu à lei do divórcio, implantada pelo estatismo moscovita, um caráter nefasto por macular a "santidade do lar"; a matéria *O Fascismo e o Vaticano* destacou: "Ora, o fascismo não somente há respeitado ao catolicismo, mas tem procurado encaminhar de maneira louvável as primeiras tentativas para uma solução harmoniosa da velha questão romana"<sup>13</sup>.

Depois de apresentar a posição de Mussolini referente ao ensino, "uma escola sem conhecimento moral e religioso é um absurdo", no editorial *Escola sem Deus*, dirigiu conclamação aos "homens públicos", no sentido de alertá-los contra o "propósito criminoso e perverso de manter 'a escola neutra' em nosso país"; mostrou os "frutos silvestres e venenosos" provenientes do ensino leigo: "o comunismo absurdo e o socialismo destruidor"; responsabilizou o comportamento do nosso professorado, "impregnado de cristianismo", por barrar o crescimento das crianças e mencionou o perfil dos educandos: "um pagãozinho, um infeliz, um desgraçado". Ao término, bradou aos poderes constituídos: "tornem ao menos facultativo o ensino religiosos em nossas escolas"<sup>14</sup>. O NORDESTE, através do editorial *Liberalismo Corruptor*, após

<sup>11</sup> *A Guerra ao Bem*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 20 de Setembro de 1926, p. 1.

<sup>12</sup> *O Mussolini espanhol*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 21 de Setembro de 1923, p. 1.

<sup>13</sup> Conflito que opôs o "Vaticano ao Estado desde 1870, quando as tropas italianas, ao ocuparem Roma, liquidaram o Estado pontifício. As negociações secretas intensificaram-se a partir de 1926 e desembocaram nos Pactos Lateranenses, 11 de fevereiro de 1929, que incluíam: um tratado - pelo qual a Igreja reconhecia finalmente o Estado italiano e via sancionada sua soberania no Estado do Vaticano. O catolicismo foi proclamado religião oficial do Estado, base do ensino. Dois dias depois, Pio XI falava de Mussolini como um homem que 'a Providência fez-nos encontrar'." In: TRENTI, Angelo. *Fascismo Italiano*. São Paulo: Ática, 1986, p. 32-33.

<sup>14</sup> Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 26 de Abril de 1926, p. 1.



enaltecer o comportamento de Mussolini e de relacionar o liberalismo com o socialismo, o "semidefunto do nosso tempo", definiu o estadista italiano: "estadista de vontade de ação que salvou a Itália, recompondo nas bases sadias de um nacionalismo integralizador da pátria, zomba de ter havido quem proclamasse possuir o socialismo verdades indiscutíveis"<sup>15</sup>.

No editorial *A Peste do Tempo*, o órgão católico alertou: "O Brasil precisa cuidar enquanto é tempo. Aí estão a Itália de Mussolini e a Espanha de Rivera, cujos governos não dão quartel aos inimigos da religião e da pátria"<sup>16</sup>. Já no artigo *Sete Séculos !*, Mussolini foi descrito: "o governante que alia a austera gravidade do ditador ao carinho operoso, desinteressado e singelo do legítimo democrata, do verdadeiro amigo do povo"<sup>17</sup>. As medidas higienistas do fascista também foram elogiadas: "Depois de propor a abolição do chapéu, acaba de proibir o aperto de mão. A saudação é feita à romana: mão contra o próprio peito e uma graciosa curvatura da cabeça". Na visão do periódico, "isso é mais elegante e menos perigoso à saúde individual"<sup>18</sup>. Na matéria *Justiça que não recua*, o líder fascista, afora ser chamado de forte e de patriota, foi exaltado por ter cortado "o passo do comunismo invasor" e por ter destruído "a maçonaria que é a grande inimiga do bem e da justiça". Além do mais, "mandou baixar ordens para a imprensa não explorar os chamados crimes passionais". Finalizando, o escrito exclamou: "Ah! Um Mussolini no Brasil!"<sup>19</sup>.

O espaço proporcionado a Plínio Salgado veio por intermédio da publicação de duas seqüências de artigos. Impressos em 1932, a primeira, *Rumos à Ditadura*, era formada por quinze textos, foi difundida entre 14 de Março a 2 de Abril; a segunda, *Construção Nacional*, composta por sessenta e um textos, foi difundida entre 24 de Maio e 2 de Setembro. Posicionando o contexto de lançamento do material, O NORDESTE destacou: "Se há coisa para nós indiscutível é que chegamos ao período decisivo da nossa vida pública. É a encruzilhada fatal". Em seguida, comentou o lançamento da série inicial: "Um país não resiste à corrosão dos vícios deste 'amoralismo' de que fala o autor das notas políticas, e que representa a escrofulose dos organismos

<sup>15</sup> Fortaleza/CE, 25 de Setembro de 1926, p. 1.

<sup>16</sup> Fortaleza/CE, 1 de Outubro de 1926, p. 1.

<sup>17</sup> Fortaleza/CE, 4 de Outubro de 1926, p. 1.

<sup>18</sup> *Comentários*. Fortaleza/CE, 5 de Fevereiro de 1928, p. 1.

<sup>19</sup> Fortaleza/CE, 29 de Janeiro de 1929, p. 7.

fanados"<sup>20</sup>. O "amoralismo" de Plínio Salgado englobava: "o cancro" no princípio de autoridade, o igualitarismo de Rousseau, o materialismo de Karl Marx, o sufrágio universal que é o processo de escravização das massas, os quarenta anos de "cinismo" do regime republicano, o comunismo, e a falta de patriotismo e de religião.

A hierarquia eclesiástica se colocou insistentemente no papel de avalista da harmonia social baseada em rígida divisão de classe e, para manter o pleno funcionamento da sociedade do trabalho, destinou, aos pobres, a caridade e, aos rebeldes, a segregação. Cotidianamente arvorou para si a primazia de ser a única instituição capaz de "salvar as almas" e de "regenerar" a cidade por meio de uma assepsia social. A Arquidiocese de Fortaleza, através das páginas do jornal O NORDESTE, compreendia o Brasil funcionando semelhante a um organismo em processo avançado de decomposição e ávido por medidas higiênicas. A descristianização exercida pelos adeptos da "ditadura de Moscou", com o beneplácito do liberalismo republicano, minava o corpo social do país, visto que "não há verdade mais evidente do que esta: o bolchevismo é antítese da Igreja"<sup>21</sup>. Vítima da corrupção moral crescente, a nação carecia de um único lenitivo: a "missão altamente civilizadora da Igreja"<sup>22</sup>. Ao optar por essas ações, a Arquidiocese de Fortaleza e O NORDESTE manifestaram intolerância e autopromoção, como posturas básicas de sociabilidade.

A "escola cristã de liberdade" defendida pela Arquidiocese de Fortaleza, nas páginas do jornal O NORDESTE, optou por suprimir do público notícias, que, segundo seus critérios tão somente, eram terrificantes aos destinos da humanidade, entre as informações proibidas, as referentes à Rússia<sup>23</sup>. O contraditório esteve totalmente descartado. A seguir, a íntegra do comunicado publicado, na folha clerical, em que a cúpula católica da cidade justificou a adoção da medida.

#### TELEGRAMAS SOBRE O COMUNISMO

Reconhecendo o mal que poderá advir da publicação de telegramas que digam respeito ao avanço da propaganda comunista,

<sup>20</sup> *Hora crítica*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 15 de Março de 1932, p. 1.

<sup>21</sup> *Gangrena social*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Março de 1930, p. 1.

<sup>22</sup> *A grande tolerância*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 17 de Dezembro de 1930, p. 1.

<sup>23</sup> *Incompatibilidade com o Bolchevismo*. Fortaleza/CE, 26 de Janeiro de 1931, p. 1.



resolvemos, dora por diante, cortar do nosso serviço telegráfico todo despacho que se prenda ao assunto.

Essa norma já vinha sendo mais ou menos seguida por nós no propósito, em que estamos, de não concorrer, de forma alguma, para a maior difusão das perniciosas doutrinas bolchevistas

Auxiliaremos, assim, quanto nos for possível, a campanha do governo contra os fomentadores dessas idéias, de conseqüências tão perigosas para a nacionalidade.<sup>24</sup>

Em minieditorial, *A imprensa e o Bolchevismo*, O NORDESTE procurou amenizar o mal-estar criado pela proposta de estabelecer a "censura à imprensa, a fim de que não seja realizada a divulgação de notícias e telegramas sobre as desordens comunistas". "Não pleiteamos, junto ao governo, nenhum tipo de arrocho contra os jornais da cidade", asseverou. O pensamento católico conceituou de normal a repressão aos "agitadores profissionais" e ao "mal do tempo", visto que "todas as gazetas de Fortaleza são contrárias à propaganda das doutrinas dissolventes de Moscou" e "nenhuma teria o direito de se melindrar com a ação justa da autoridade pública". Justificando-se, mencionou: "o Cristianismo não estimula a prática de violências contra as idéias. Combate-as com a educação em bases racionais". E no fim, arrematou: "cumpre, pois, aos governantes não permitir notícias que importam em fomentar as lutas de classe desencadeadas pelo comunismo"<sup>25</sup>.

Começa 1912, em Fortaleza, com a deposição da Oligarquia Acciolina<sup>26</sup>, através de levante popular no qual participaram a Associação Comercial do Ceará, a Fênix Caxeiral (união dos caixeiros do comércio), a Liga Feminista, Centro Artístico Cearense, Centro Tipográfico Cearense e os jornais UNITÁRIO e JORNAL DO CEARÁ. Em Dezembro desse ano, ocorreu a posse de Dom Manuel da Silva Gomes, na Diocese do Ceará. Sucessor de Dom Joaquim José Viera<sup>27</sup>, Dom Manuel (1912-1942) encaminhou ações na perspectiva de estruturar a atuação do poder eclesiástico sobre a sociedade civil com a criação de dioceses, ampliação de obras de caridade, com o

<sup>24</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 26 de Janeiro de 1931, p. 5.

<sup>25</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 27 de Janeiro de 1931, p. 1.

<sup>26</sup> "Chama-se Oligarquia Acciolina o grupo político, homogêneo, disciplinado e hábil, que dominou a política do Ceará de 1896-1912, sob o comando de Antônio Pinto Nogueira Accioly." ANDADRE, João Mendes. *A Oligarquia Acciolina e a Política dos Governadores*. In: SOUZA, Simone (coord.). *História do Ceará*. 2ª ed. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 213.

<sup>27</sup> Substituto de Dom Luís Antônio dos Santos (1861-1884), primeiro bispo do Ceará, a administração episcopal de Dom Joaquim ocorreu entre 1884 e 1912.



ingresso de novas ordens religiosas no Estado e a criação de jornais: em 1915, o CORREIO DO CEARÁ, em 1922, O NORDESTE e, em 1936, O ESTADO<sup>28</sup>. Dom Manuel utilizou-se de capilaridade que envolveu, entre outros, o Círculo Católico de Fortaleza (1913-1922), o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José (fundado em 1915), o Crédito Popular São José (em 1920), a Confederação das Sociedades Católicas da Arquidiocese de Fortaleza (em 1925), a Liga Eleitoral Católica (em 1932), e a Federação dos Círculos Operários do Estado do Ceará (em 1940)<sup>29</sup>. Ao recorrer ao assistencialismo, ao combater o catolicismo popular e ao articular a sua atuação social em aliança com a intelectualidade leiga, na criação de artimanhas, partidos e entidades que passaram a disputar a direção dos movimentos sociais com outras agremiações políticas e sindicais, a Igreja Católica, liderada pela cúpula, superou paulatinamente o isolamento da instituição perante o Estado Republicano. Relativamente a essa opção, José Oscar Beozzo esclarece<sup>30</sup>:

“A estratégia principal da Igreja na época republicana não visa diretamente ao povo e sim às elites. É estabelecendo uma rede importante de colégios em todo o país que a Igreja conta cristianizar as elites, para que estas por sua vez ‘cristianizem’ o povo, o Estado, a Legislação. É uma estratégia de reforma pelo alto. No mais, o povo continuará a viver uma religião doméstica de ‘muito santo e pouca missa’ afastado do padre e da prática sacramental da Igreja.”

Nos anos de 1920, buscando ser a organizadora maior da nação, a Igreja Católica no Brasil massificou o discurso salvacionista ante a conjuntura

<sup>28</sup> Fundado por José Martins Rodrigues, Secretário Estadual da Fazenda, com o objetivo de defender o governo de Menezes Pimentel, O ESTADO seguia as diretrizes da Arquidiocese de Fortaleza. O seu fundador fora presidente do Círculo Católico de Fortaleza e dirigente da Liga Eleitoral Católica (L E C).

<sup>29</sup> Além destas entidades a Arquidiocese de Fortaleza dirigiu a Liga das Senhoras Católicas, a Juventude Feminina Católica, a Liga Feminina Católica, a Liga da Sagrada Família, a Associação das Mães Cristãs, a União de Moços Católicos, as Conferências Vicentinas, Congregados Marianos de Fortaleza, Federação das Congregações Marianas, a Liga Teresinha, a União dos Médicos Católicos, a União Militar Santo Inácio, a Liga dos Professores Católicos, Associação Brasileira de Educação - secção do Ceará, a Ação Universitária Católica - núcleo do Ceará, o Centro Literário São José, o Centro Jackson de Figueiredo, a Associação Jornalística Católica, União Popular Cristo Rei, União Sindical do Trabalho, o Instituto Epitácio Pessoa, o Grêmio Dramático Familiar, o Grêmio Dramático Pio XI, o Dispensário dos Pobres, o Asilo do Bom Pastor, o Instituto de Proteção à Infância, a Confederação das Associações Católicas e a Federação Operária Cearense.

<sup>30</sup> BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira*. 3ª ed. Tomo 3, vol. 4. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 280. (O Brasil Republicano: Economia e Sociedade, 1930-1964)



do período: “crise do [setor] primário-exportador, os impasses da política econômica, a emergência da indústria, as novas formas assumidas pela questão regional na constituição do mercado de trabalho e de consumo, os constrangimentos financeiros, os desafios da técnica”<sup>31</sup>. Da mesma forma, incorporou as preocupações com o avanço do socialismo, na Europa, e firmou a convicção: o liberalismo fora o responsável político pelo desenvolvimento da luta de classes no país. A década de 20 foi marcada nacionalmente pela participação ativa de novos atores sociais: a classe operária, as camadas médias urbanas, a baixa oficialidade do exército, o movimento estudantil e os industriais. Sempre defensor da ordem, O NORDESTE chamou os levantes militares, a Revolta do Forte de Copacabana (1922), a Rebelião de São Paulo (1924) e a Coluna Prestes-Miguel Costa (1924/27), de nocivos à harmonia social. Ante a “crise de legitimidade do Estado oligárquico liberal”, a Igreja Católica ofereceu-se para “socorrê-lo em troca de mudança de seu estatuto na sociedade e nas suas relações com o poder”<sup>32</sup>. A partir de tal iniciativa surgiu o movimento de Restauração Católica, prática que entrelaçou a apologia da fé com ações repulsivas ao liberalismo, ao positivismo, ao protestantismo e ao socialismo. Iniciado nessa década por Dom Sebastião Leme, Arcebispo da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, o movimento de Restauração Católica foi determinante na administração eclesial de Dom Manuel. Ao analisar o posicionamento da Igreja Católica no período, Riolando Azzi destaca:

“É durante o decênio 1920-1930 que se inicia essa nova etapa da história da Igreja no Brasil, que pode ser designada como período de Restauração Católica”. Duas são as idéias que dominam os líderes do catolicismo. Em primeiro lugar o episcopado deseja efetivamente ter um papel de liderança entre o povo brasileiro. Em segundo, a Igreja dispõe-se a colaborar com o governo para manter a ordem e a autoridade constituída na sociedade brasileira. Somente mediante a colaboração efetiva da Igreja serão mantidos os valores de ordem e autoridade, e se poderá evitar ou frear o avanço dos movimentos revolucionários. Essa orientação encontra apoio nas novas diretrizes dadas à Igreja Universal pelo papa Pio XI, cujo pontificado também se inicia nessa década.”<sup>33</sup>

<sup>31</sup> LORENZO, Helena de Carvalho de e COSTA, Wilma Peres (orgs). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da UNESP, 1997, p.8.

<sup>32</sup> BEOZZO. Op. cit., p. 281.

<sup>33</sup> AZZI, Rioldando. O início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930. In: *Síntese*. São Paulo: Loyola, nº 10, vol. IV, maio/agosto de 1977, p. 61-89.

Fruto dessa lógica, surge O NORDESTE, em 29 de junho de 1922. Embora não sendo órgão oficial da Arquidiocese de Fortaleza, o jornal definia-se por ser um "vespertino de ação e informação católica"<sup>34</sup>. Compuseram, o quadro de redatores da folha eclesial, intelectuais católicos pertencentes às Congregações Vicentinas e Marianas e ex-filiados ao Círculo Católico de Fortaleza. Exemplos: Luiz Cavalcanti Sucupira, Andrade Furtado e José Martins Rodrigues. Os dois últimos ocuparam, respectivamente, a Secretaria do Interior e da Justiça e a Secretaria da Fazenda do governo de Menezes Pimentel (1935-1945). O nascimento do periódico significou que a Arquidiocese de Fortaleza não delegou, a figuras estranhas, a tarefa de difundir os seus princípios, entre esses, o anticomunismo.

A fundação da Revista "A Ordem", em novembro de 1921, pelo intelectual católico Jackson de Figueiredo; a realização, em setembro, do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro, em comemoração ao Centenário da Independência e a criação, em dezembro de 1922, do Centro Dom Vital foram sinais de demarcação da gestão de Dom Sebastião Leme<sup>35</sup>. Outra atitude de peso deu-se, em maio de 1924, quando o Arcebispo do Rio de Janeiro selou o pacto entre Igreja e Estado: "os sintomas de reaproximação política já se faziam notar no governo de Epitácio, foi no governo de Artur Bernardes que a colaboração entre Igreja e Estado se transformou em tese pública e oficial"<sup>36</sup>. Na ocasião, Félix Pacheco, ministro das Relações Exteriores, sistematizou a posição do governo Bernardes:

"O Brasil precisa do concurso de todas as forças vivas da nacionalidade para se refazer na disciplina, no respeito da autoridade, na prática das virtudes, na obediência à lei, na lealdade aos deveres políticos, no trabalho útil e na independência responsável e sem ódios". Entre essas forças vivas a que aludo e indispensáveis ao trabalho urgente de reconstrução geral do país, nenhuma maior do que a Igreja".<sup>37</sup>

O governo de Artur Bernardes (1922-1926) recorreu corriqueiramente ao estado de sítio para impedir a atuação das iniciativas populares e para

<sup>34</sup> Em 1915, o Papa Bento XV desmembrou a Diocese do Ceará. Desta forma, foram criadas as dioceses de Crato e Sobral, e Fortaleza é elevada à condição de arquidiocese. Em 1938, o Papa XI instituiu a diocese de Limoeiro do Norte desvinculada de Fortaleza/CE.

<sup>35</sup> Homenagem a Dom Frei Vital Maria Gonçalves, bispo de Olinda e Recife (Pernambuco), participante ativo da Questão Religiosa (1873-1875).

<sup>36</sup> AZZI, Riolando. O início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930 (II). In: *Síntese*. São Paulo: Loyola, nº 11, vol. IV, setembro/dezembro de 1977, p. 73-101.

<sup>37</sup> AZZI. Op. cit., p. 85.



resolver a problemática de racionalização urbana consubstanciada pelo crescimento econômico e populacional das cidades, que, por sua vez, foram palcos abertos para os conflitos, que se prolongaram nos anos 30, entre o capital e o trabalho. A fundação do Partido Comunista do Brasil (P C B) deu-se em março de 1922, e, ao longo da década de 20, constituiu-se na principal referência política do proletariado urbano. Os primeiros simpatizantes do P C B organizaram-se, em Fortaleza, por volta de 1926 e a sede da União dos Pedreiros do Ceará foi o espaço utilizado para a realização dos encontros. Em 1927, o sindicalista José Joaquim de Lima, ao regressar do Rio de Janeiro, onde participara do Congresso da Confederação Geral do Trabalho, agremiação organizada pelo P C B, voltou com o intuito de formar a secção estadual do partido e o núcleo do Bloco Operário e Camponês (B O C). No Ceará, o primeiro congresso do Bloco Operário e Camponês ocorreu entre 21 e 23 de janeiro de 1930<sup>38</sup>.

A posse do presidente Washington Luís, em novembro de 1926, marcou o fim do estado de sítio oriundo do governo Artur Bernardes. A retomada da normalidade constitucional possibilitou um breve período de legalidade, entre janeiro e agosto de 1927, ao Partido Comunista do Brasil. Visando participar das eleições de fevereiro de 27, a Comissão Central Executiva do Partido Comunista do Brasil publicou, no jornal *A NAÇÃO*<sup>39</sup>, no primeiro mês do ano em curso, manifesto conclamando grupos de operários e elementos da pequena burguesia progressista para a formação de uma "frente única proletária", o Bloco Operário; porém a decretação da Lei Aníbal de Toledo, também chamada de "Lei Celerada", em agosto de 27, pelo governo federal, frustrou tal iniciativa e provocou o retorno à clandestinidade. A imposição da "Lei Celerada" cassou a liberdade de imprensa, o direito de reunião e enquadrou seus infratores no crime "delitos de opinião". A "Lei Toledo", ao impor o fechamento do partido e empastelar *A NAÇÃO*, obrigou ao P C B a optar, em 1928, por nova tática: "O Bloco Operário se transforma em Bloco Operário e Camponês e fundam-se seções nas grandes cidades

<sup>38</sup> MOREIRA RIBEIRO, Francisco. *O PCB no Ceará: ascensão e queda (1922-1947)*. Fortaleza: Edições UFC/STYLUS, 1989, p. 32-34.

<sup>39</sup> SEGATTO, José Antonio. *Breve História do P C B*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981, p. 28.

indústrias"<sup>40</sup>. No papel de substituto público da agremiação comunista, o Bloco Operário e Camponês adotou, em sua plataforma, entre outros, os seguintes pontos: legislação social regulando a jornada de 8 horas, 48 semanais, contratos coletivos de trabalho, salário mínimo, proteção à mulher e à criança, proibição do trabalho aos 14 anos, abertura de relações com a União Soviética, anistia aos presos políticos e pagamento de indenizações aos sobreviventes deportados pelo governo Bernardes para Clevelândia do Norte - colônia penal na fronteira com a Guiana Francesa, no atual estado do Amapá<sup>41</sup>.

O centro de Fortaleza, no final da Primeira República, "crescia e recheava-se com o movimento acelerado de carros, lojas, armazéns, oficinas, cinemas, parques e clubes"; agora, em comparação com o início do século XX, a dinâmica social da cidade pautava-se por uma efervescência, fruto da ação de operários e trabalhadores, mendigos, menores carentes, prostitutas e demais miseráveis. No entanto, a "ordem capitalista civilizadora" aplicada na cidade os tinha na conta de "selvagens, nocivos e constrangedores". Ao longo da década de 1920, com o surgimento de bairros elegantes, Praia de Iracema e Jacareganga, ampliou-se, com maior eloquência, o fosso entre pobres e ricos. Vale ressaltar que, para camuflar a segregação sócioespacial em construção, as elites recorreram à filantropia e ao assistencialismo, "nos quais a Igreja e as famílias de intelectuais católicos tinham grande participação"<sup>42</sup>. Os mecanismos de resistência popular, em oposição ao controle da classe dominante local, foram severamente combatidos nas páginas de O NORDESTE e qualificados de enorme perigo à ordem vigente. Apelos à repressão policial e a veiculação de justificativas buscando amenizar os excessos do aparato repressivo, no combate aos resistentes, foram regularmente apresentados pela folha católica. Tal pregação serviu, também, para indicar aos leitores o caminho inarredável da obediência à hierarquia.

Em qualquer situação, os populares, na lógica arquidiocesana, estavam destituídos de racionalidade para se posicionar na luta de classes entre o "bem" e o "mal". A gazeta clerical veiculou constante preocupação com

<sup>40</sup> CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: São Paulo Editora S A, 1965, p. 72-74. (Coleção Buriiti)

<sup>41</sup> TRONCA, Ítalo. *Revolução de 30: a dominação oculta*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 51.

<sup>42</sup> PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993, p. 62.



a livre manifestação dos “inimigos da paz social”, pois a “obra ruínosa de agitação e de anarquia” maquinada pelos “malfeitores profissionais” consistiu em defender, na praça pública, a “destruição da legalidade”, o “aniquilamento da concórdia entre governantes e governados” e a favor da “força estúpida como o único remédio de se fazer à felicidade nacional”. Segundo o periódico, naquela época, estava ocorrendo, “em quase todo o universo, uma crise aguda de firmeza”, por isso a covardia dos governantes permitiu a proliferação do “preceito liberalista” que incentivou a campanha ordenada pela desmoralização do “princípio de autoridade”. Tal pusilanimidade, “conivente com o mal”, porque se mostrava incapaz de prevenir, com “medidas justas e enérgicas”, a ação dos “aventureiros desabusados”, em prol do lema “fratricida da revolução”, acabou por deixar as “classes populares” à mercê dos “agentes do convulsionismo desvairado” que patrocinaram a “violência e a rebeldia, como armas legítimas de salvação da Pátria”. Para sanar de imediato o problema, recomendou: “A defesa do povo consiste unicamente em dirigi-lo para o bem e jamais em precipitá-lo na desgraça dos motins sanguinários”<sup>43</sup>. Por outro lado, alertou quanto ao temor existente nas “altas esferas dos poderes públicos”, no sentido de impedir a ação dos “desencadeadores da anarquia” que, investidos do “espírito de revolução”, propugnavam pelo “enxovalhamento e desmoralização dos homens públicos”<sup>44</sup>.

Na insistência de indicar o único manual de conduta, o Decálogo, contra todos os desatinos cometidos pela nação, O NORDESTE, no editorial *A solução cristã*, botou o cristianismo na qualidade de vítima dos ataques praticados pelos desconhecedores do seu “espírito de bondade e sabedoria” e inocentou Roma da desordem material, moral e intelectual vivenciada naqueles idos. A absolvição foi justificada em função da ausência dos preceitos católicos norteando a dinâmica social. Ao argumentar acerca da questão social esclareceu que foi indicada a humanidade, pela revelação divina, a “estrada da Verdade e do Bem”, mas, ao contrário, o homem preferiu a “treva do erro à claridade da evidência” e, em conseqüência, a “anarquia” se alastrou na face da terra e acelerou a marcha na direção do “abismo da degradação”. Devido o “mal e os malfeitores” terem tripudiado sobre a “Igreja de Deus”, advertiu:

<sup>43</sup> *A defesa do povo*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 15 de Dezembro de 1928, p. 1.

<sup>44</sup> *O grande medo*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 18 de Dezembro de 1928, p. 1.



"Quando mais os homens se distanciam dos preceitos do Evangelho, mais encarniçadas se exacerba a luta entre capital e trabalho"<sup>45</sup>.

Analisando as tensões sociais da capital cearense, no editorial *Revolução! Revolução!*, O NORDESTE ouviu "a cada passo, nos salões, na rua, em toda parte", com apreensão, a "frase clássica, impreterível, que toda gente parece repetir como um estribilho invariável", ou seja: "o Brasil só melhorará com uma revolução, correndo muito sangue". Alicerçado na compreensão de que o país estava vivendo uma fase de desespero, em relação aos destinos da pátria, o jornal passou a nomear os culpados pelo caos: o "laicismo liberalizante" aplicado nas "democracias sem Deus" e a lábia dos "agitadores profissionais" a favor do "desrespeito à justiça, de menosprezo à autoridade, de rebeldia às normas imprescritíveis da Moral e do Direito"<sup>46</sup>. A crise de hegemonia, no final dos anos de 1920, foi parcialmente resolvida pelo golpe da Aliança Liberal, em outubro de 1930. A ascensão de Vargas à presidência, via repressão ao movimento operário, abriu um vazio na direção proletária. Ao relacionar os últimos anos da década de 20 com o início dos anos 30, Edgar de Decca destacou:

"A partir de 1928, o Bloco Operário e Camponês, reconhecido pelos outros agentes políticos como o porta-voz do proletariado, passaria a desenvolver uma prática política que o distanciava daquela sua proposta de revolução democrático-burguesa. Nesse sentido, consolidar a sua posição frente à classe operária representava também transgredir as próprias regras do jogo político já que o temário da revolução, em 1928, não suportava uma política que definisse seu eixo de luta a partir do conflito entre o capital e o trabalho. Por isso, o B O C foi sendo progressivamente deslocado do acordo das forças de oposição. Não é por mero acaso que a memória histórica da revolução de trinta, constituída, fundamentalmente, sobre a luta contra a fantasma da oligarquia, deixa divisar aos poucos a construção de um outro inimigo - o comunismo." <sup>47</sup>

A Igreja, que vinha acumulando experiência com o movimento de Restauração Católica, lança-se com o firme propósito de dirigir a classe operária e o eleitorado católico. Para a consecução do intento, cria-se em 1932 a Liga Eleitoral Católica, a L E C. No Ceará, seguindo as diretrizes nacionais, organiza-se a 16 de dezembro de 1932, o núcleo estadual da entidade. Agora com a Liga Eleitoral Católica, a cúpula clerical e a intelectualidade católica

<sup>45</sup> *A solução cristã*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 1 de Fevereiro de 1929, p. 1.

<sup>46</sup> *Revolução! Revolução!* Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 1 de Março de 1929, p. 1.

<sup>47</sup> DECCA, Edgar de. 1930, *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 104-105.

estavam dotadas de poderoso instrumento para intervir nas disputas em pauta: Constituinte Nacional (33), Constituinte Estadual (34), Eleição Estadual (35) e Eleições Municipais (36). Vale ressaltar que as eleições de Maio de 33 para a Constituinte foram submetidas ao Código Eleitoral de 32. Nele veio a garantia do voto das mulheres, o sigilo do voto foi aperfeiçoado (obrigatoriedade do eleitor inserir, em um envelope opaco e oficial, a cédula eleitoral e o uso de cabine exclusiva para o exercício do voto), a criação da Justiça Eleitoral, adoção do sistema misto (majoritário e proporcional para as eleições de deputados federais), registro prévio das candidaturas (cinco dias antes do pleito), permissão de registro a candidaturas avulsas e voto obrigatório a partir dos 18 anos<sup>48</sup>. Não obstante as profundas mudanças com essas alterações, a Arquidiocese de Fortaleza encarou as eleições na perspectiva de fato consumado e pôs-se a defender o programa da Liga Eleitoral Católica.

Ao exercitar o pragmatismo eleitoral, o clero ignorou seu posicionamento sobre a inserção política das “filhas de Eva” na sociedade. O jornal O NORDESTE situou desta maneira, as reivindicações femininas: “A campanha que as mulheres ultramodernas vêm tentando, para libertarem-se daquilo que elas chamam os preconceitos sociais, os homens opõem a ironia, vingando-se a rir das idéias do feminismo rubro”. No tocante à participação nas eleições, colocou-se: “Não há votos nem sufrágios que as transformem. A mulher será sempre mulher”. O lugar social referido pela gazeta arquidiocesana foi assim estabelecido: “A mulher não passa de um ser feito para amar e ser amado. Companheira inseparável do homem, foi-lhe dada a parte afetiva do lar e dessa norma não pode fugir”. Ao aventar o possível comportamento das sufragistas ante ao aliciamento eleitoral, debochou: “*rouge* e pós-de-arroz a fim de comprar os votos femininos”<sup>49</sup>. O artigo *O voto feminino* foi aberto com a constatação: “A questão de saber si as mulheres têm o direito ao voto está na ordem do dia”. Apesar de compreender a importância dessa vitória, cerrou fileiras na aplicação da legislação: “Se a Constituição não proíbe que se conceda o direito de voto às mulheres, todavia o exercício desse direito deve ser praticado, segundo a restrição que ela mesma opõe, na forma da lei”<sup>50</sup>.

<sup>48</sup> NICOLAU, Jairo. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 37-41.

<sup>49</sup> *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 30 de Março de 1928, p.1.

<sup>50</sup> Fortaleza/CE, 2 de Junho de 1928, p.5.



Nos quatro primeiros meses de 33, O NORDESTE, ao defender ardorosamente a filiação dos católicos à L E C, posicionou-se contra a decadência do Estado laico, pela necessidade de instalação de uma Assembléia Constituinte Nacional e a favor do voto feminino. Também continuou a discriminar as outras correntes de opinião, a defender intransigentemente a adoção do ensino católico nos programas das escolas públicas e a difundir os lenitivos para os problemas nacionais, os dogmas católicos. Analisando o contexto, o periódico afirmou:

"Queremos regenerar o instituto do voto, esclarecendo o votante. Queremos levar ao Parlamento Brasileiro nomes que sejam um penhor da nossa grande moral e uma garantia da paz e da estabilidade social. Queremos sanear o ambiente político nacional com o desassombro da nossa atitude e convocar os bons patriotas a que dêem ao Brasil a dedicação do seu esforço e o sacrifício do seu desprendimento. Queremos em resumo cristianizar a vida pública da nossa terra. Não vamos formar um Partido Católico, mas vamos arregimentar um Eleitorado Católico."<sup>51</sup>

Em Maio de 1935, ocorreu, via Assembléia Legislativa, a eleição pela Liga Eleitoral Católica (L E C) do deputado estadual Francisco de Menezes Pimentel, catedrático da Faculdade de Direito e ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza, ao governo do Ceará. Em Fevereiro de 1936, nas eleições municipais, a Liga Eleitoral Católica assumiu a legenda do recém-fundado Partido Republicano Progressista (P R P) e elegeu, pelo voto, Raimundo Alencar Araripe prefeito de Fortaleza. Após o golpe do Estado Novo, em novembro de 1937, Pimentel e Araripe permaneceram nos cargos. Deste modo, a Arquidiocese de Fortaleza, juntamente com as agremiações partidárias e em aliança com as associações profissionais, econômicas e religiosas, colégios e hospitais, dirigiu uma rede de assistencialismo e de intervenção política fundamentais para o exercício da hegemonia católica, na capital entre os anos de 1935 e 1945.

Ao consultar o jornal O NORDESTE, percebi quanto o anticomunismo católico era sistemático e apocalíptico. Na publicação, a Rússia foi qualificada de a "instituição do terror" e o "mal do tempo". Os bolcheviques foram

<sup>51</sup> *O que é e o que quer a Liga Eleitoral Católica*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 4 de Fevereiro de 1933, p.1. Nas votações de 1933 para a Constituinte Federal de um total de 10 deputados, a L E C do Ceará elegeu a maior bancada: 6 contra 4 do Partido Social Democrata (P S D); em 1934 para a Constituinte Estadual de um total de 30 deputados elegeu a maioria: 16 contra 14 do P S D.



chamados de “micróbios” e de “jacobinos vermelhos”, vinculados à “filosofia do camartelo demolidor e da foice decepante”, seguidores das “teorias fracassadas de Lenine”, adjetivados de “turiferários da anarquia”, considerados “os maiores exploradores dos operários, caracterizados de mexilhões do charco das consciências corruptas e depredadas”, e, finalmente, ligados à idéia de sofrimento, pecado, mentira, sangue e morte, isto é, identificados com a “lei bolchevista do ódio”. Apesar de ser minoria política em Fortaleza, os “moscovitas” eram visto como ameaça à moral cristã. Os editoriais *Definindo campos* e *Inimigo pequeno* referiram-se à presença dos moscovitas na cidade. O primeiro manifestou surpresa ao comentar a realização do 1º Encontro do Bloco Operário e Camponês no Ceará: “Até em nossa capital, tradicionalmente cristã, alastram-se na mentalidade ingênua das camadas trabalhadoras os princípios desvairados da desorganização soviética”; o segundo quantificou os “vermelhos”: “uma insignificante massa operária, explorada em proveito próprio, por dois ou três espertalhões”<sup>52</sup>.

A folha católica relacionou o Bloco Operário e Camponês (B O C) à “representação da atividade funesta do convulsionismo vermelho”. A livre atuação da agremiação era resultado da “paganização dos costumes promovida pelos governos agnósticos” e fruto da “escola sem Deus, que, ao lado da legislação laica, haveria de forçosamente produzir a doutrina subversiva, mais cedo ou mais tarde”. Reproduzindo as “observações de Roma”, lançou mão do ultimato e convocou o público a tomar uma decisão crucial: ou ficar com a Igreja, a “contra-revolução” ou abrigar-se na “anarquia social, cuja mais alta expressão era o bolchevismo”. A Arquidiocese de Fortaleza, ao expor tais exigências e recorrer ao uso de factóides - o “terror vermelho”, juntamente com o divórcio, o amor livre e o aborto, estava *prestes* a triunfar - configurou a ação preventiva no sentido de impactar a opinião pública e, conseqüentemente, impor-lhe a missão de combater os comunistas cearenses.

Manipulando as dualidades - bem x mal; campo x cidade; família x individualismo; ciência x fé; dúvida x verdade; suicídio x natal; vida material x

<sup>52</sup> Respectivamente. O NORDESTE. Fortaleza-CE, 5 de Fevereiro de 1930 (p. 1) e 5 de Agosto de 1931(p. 1).

vida espiritual - a cúpula eclesiástica e a intelectualidade leiga articularam o comunismo e a encarnação do demônio em um só corpo. Operando com o dogma essencial, no imaginário do catolicismo ocidental, evocaram o pecado original, ou seja, o satanás continua atormentando a comunidade eclesial, incentivando perturbações para derrotar o bem, a Igreja Católica, assim, barrar o mal, as forças desviadas, era a tarefa primeira de todo cristão e ninguém poderia ficar ausente no combate de Deus contra o Diabo. Em função disso, a pesquisa examina o anticomunismo, isto é, a censura imposta pela hierarquia eclesiástica da capital ao governo de Moscou e às práticas sociais desenvolvidas pelo povo russo; analisa o processo de formação das imagens que caracterizaram o comunismo e os comunistas; estuda em que medida o procedimento moral da arquidiocese orientou o comportamento dos católicos nos embates sociais do período e vincula tais posicionamentos à construção da identidade entre os seguidores da Igreja Católica, em Fortaleza/CE.

Rodrigo Patto Sá Motta identifica, no combate ao comunismo um dos principais motivos, "senão o principal", a legitimar as intervenções autoritárias mais importantes ocorridas na história republicana brasileira, ou seja, as acontecidas em 1937 e 1964. Na sua compreensão, o anticomunismo configurou-se no fator central das lutas políticas travadas nas décadas de 30 e 60. Compreende que o Estado Novo e o Golpe Militar foram originados a partir da atuação de frentes anticomunistas formadas por empresários, políticos, militares, religiosos e pela grande imprensa. Para o historiador, examinar o anticomunismo católico é pertinente, pois:

"Considerando a importância do fenômeno anticomunista para a compreensão da história do século XX, chama atenção à escassez de estudos acadêmicos devotados ao tema. De maneira geral, tanto no Brasil como no exterior, a historiografia e as ciências sociais demonstraram maior interesse em pesquisar os revolucionários e a esquerda que seus adversários, deixando para segundo plano as propostas ligadas à defesa da ordem. E é interessante observar que, mesmo contemplados pela bibliografia, os conservadores são freqüentemente tratados de forma esquemática e superficial, quando não maniqueísta. Muitas vezes, o empenho em compreender e explicar é suplantada pela ânsia de denunciar."<sup>53</sup>

<sup>53</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917 - 1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002, p. xxii.



Outro aspecto exposto por Rodrigo Patto Sá Motta vincula-se à compreensão de que o comunismo, segundo o catolicismo romano, não ficou limitado ao triunfo de uma revolução social e econômica, mas edificou um sistema de crenças e de valores, isto é, uma "explicação para o mundo" contrária aos fundamentos difundidos pelo Vaticano. Exemplificando esse entendimento, citou as palavras de Dom João Becker, arcebispo de Porto Alegre nos anos de 1930: o comunismo "negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família". O autor reconhece o temor dos chefes católicos e manifesta o entendimento: "no limite, o sucesso da pregação comunista levaria ao desaparecimento da Igreja, que seria um dos objetivos dos líderes revolucionários"<sup>54</sup>.

O período em estudo inicia-se em junho de 1922, data de fundação do jornal O NORDESTE, a partir de iniciativa do Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes, e encerra-se em Dezembro de 1932, ano no qual ocorreu o lançamento nacional da Liga Eleitoral Católica (L E C). No transcorrer deste período, a hierarquia tradicionalista de Fortaleza, com O NORDESTE, "inoculou" em seu público o "vírus" do anticomunismo e a necessidade de fundir a identidade do ser-cristão com uma militância partidária contundente, definidora dos destinos da nação. Essa doutrinação possibilitou o surgimento da Liga Eleitoral Católica no Ceará e posterior vitória nas eleições ocorridas entre 1933 e 1936. A opção por esse período significa respaldar a compreensão de que o anticomunismo não ficou restrito à véspera de momentos-chave da conjuntura do país, em 1937, o Golpe do Estado Novo, e em 1964, a implantação da Ditadura Militar, mas prática frequentemente difundida na História do Brasil.

O anticomunismo católico, em solo cearense, não se iniciou com o advento do jornal O NORDESTE, mas vinculado à instalação da Diocese do Ceará, cujo processo fora marcadamente romanizado, ou seja, obediente às ordens do Vaticano; entretanto o jornal O NORDESTE foi seu primeiro porta-voz. Neste fato reside o seu valor documental e histórico. A gazeta eclesial,

---

<sup>54</sup> MOTTA. Op. Cit., p. 20.

regularmente lida nos ofícios católicos e aglutinando expressivo número de assinantes no interior e na capital, disseminou o anticomunismo para vários setores sociais. Ao estudo do tema, Carla Luciana Silva acrescenta:

“Os seus fundamentos são perceptíveis também quando é mais difícil de ser visualizado pelos sujeitos aos quais pretende atingir, quando existem maiores esforços de seus ideólogos. Constatamos que as pessoas reproduzem o discurso anticomunista acreditando nele cegamente sem se preocupar em verificar sua veracidade histórica. O que propomos analisar são estas idéias tão repetidas. Em diferentes momentos da história brasileira o ‘anticomunismo’ foi uma forma encontrada pelas elites políticas para legitimar políticas conservadoras. As práticas anticomunistas existem e têm importância não apenas em momentos de instabilidade social.”<sup>55</sup>

Divididos cronologicamente, os capítulos guardam entre continuidade. O primeiro capítulo, O BOLCHEVISMO É O MAL<sup>56</sup>, enfoca, entre 1922 a 1925, a construção das imagens do comunismo e dos comunistas e o discurso em defesa da harmonia entre as classes através das encíclicas do Papa Leão XIII (*Inscrutabili Dei* - Sobre os Males da Sociedade Moderna, suas Causas e seus Remédios (1878), *Quod Apostolice Muneris* - Sobre o Socialismo e o Comunismo (1878), *Rerum Novarum* - Sobre a condição dos operários (1891); a atitude preventiva adotada pela imprensa católica de Fortaleza, no jornal CORREIO DO CEARÁ, contra o comunismo; o bolchevismo fato isolado e distante da nação, passou a receber o tratamento de algo muito próximo e conseqüentemente, vigiado pelos defensores da ordem; as primeiras críticas realizadas pelo jornal O NORDESTE a Moscou; a condenação às prisões efetuadas pelo regime dos soviets aos sacerdotes católicos e ortodoxos russos e sua elevação ao quadro de heróis; as características atribuídas aos dirigentes bolcheviques.

O segundo capítulo, A SALVAÇÃO DAS ALMAS E O FUTURO DOS POVOS ESTÃO EM JOGO<sup>57</sup>, focaliza, entre 1926 a 1928, o debate travado entre os jornais O CEARÁ e O NORDESTE, em torno de alguns preceitos da Constituição de 1891: a supremacia do casamento civil ante ao casamento religioso e secularização dos cemitérios; o status de inimigo interno que o

<sup>55</sup> SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPURS, 2001, p. 15 e 32.

<sup>56</sup> *O bolchevismo e a Igreja*. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 22 de Janeiro de 1925, p. 1. Artigo de autoria de Zé do Norte, pseudônimo do escritor cearense Gustavo Barroso. (O NORDESTE, Fortaleza/CE, 14 de Setembro de 1928, p. 5)

<sup>57</sup> *Uma nova Igreja: O Socialismo*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 10 de janeiro de 1927, p. 4.



comunismo adquiriu; a concepção de família e a função social da mulher propostas pelo Estado Soviético; o caráter religioso assumido pelo bolchevismo; a adoção inadiável do ensino confessional objetivando recristianizar a pátria; as eleições de 1927: o perigo bolchevista e as críticas aos conchavos perpetrados pela elite política da cidade; a necessidade de implantação de uma ditadura honesta e prolongada no Brasil; o bolchevismo assemelhando-se a uma doença social; o jornalismo católico: o porta-voz da verdade; a imagem da Rússia - sangue e loucura; o direito de propriedade, a criação de castas, o internacionalismo proletário, o comunismo e o Novo Testamento, a ressurreição dos mortos, o "ouro de Moscou".

O terceiro capítulo, FAÇAMOS A REVOLUÇÃO DA ORDEM E O BRASIL ESTARÁ SALVO!<sup>58</sup>, aprecia, entre 1929 e 1932, a polêmica entre os jornais O CEARÁ e O NORDESTE, desta feita, com a discordância do órgão católico da sugestão do primeiro de incluir nas eleições para deputados estaduais a "representação funcional"; o retrato da Rússia: lama e sangue; a *Campanha Contra o Comunismo*, uma série de nove conferências, em Fortaleza, organizadas pela União dos Moços Católicos (U M C) em algumas associações de trabalhadores; a participação da intelectualidade católica nesse evento; as análises de Monsenhor Tabosa acerca da Rússia e da conjuntura nacional; a atitude dúbia da Arquidiocese de Fortaleza em relação à Aliança Liberal; o apoio do clero ao Movimento de 30 e ao interventor cearense, Fernandes Távora; o *Inquérito* da União Popular Cristo Rei sobre o comunismo; o envolvimento de Dom Manuel e da intelectualidade na iniciativa da União Popular; a repulsa a constitucionalização do Brasil; os populares e o voto; o perfil e o programa da Liga Eleitoral Católica (L E C).

Nas Considerações finais, a sistematização do ideário social da Arquidiocese de Fortaleza a partir do *Decálogo Comunista*: I. Odiar o Senhor, vosso Deus; II. Amaldiçoar Vosso Deus e Senhor, III. Desprezar o dia do Senhor, Desprezar pai e mãe; Matar, VI. A impureza é o nosso prazer, VII. Furtar, VII. Menti, se a mentira vos aproveitar, IX. Desejar a mulher do próximo; X. Preparai uma Revolução Universal.

<sup>58</sup> *Revolução! Revolução!* Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 1 de Março de 1929, p. 1.

## CAPÍTULO 1

### *O bolchevismo é o mal.*

“Como a Igreja Católica é uma grande força social, conservadora de tradições e de respeito, organização milenar, que merece admiração de quantos prezem a moral e a inteligência - edifício maravilhoso, digno de verdadeira adoração - todas as revoluções lhe declaram guerra. Fazem-lhe os soviets uma guerra moral. Essa, entretanto, é uma das piores que sofre. Mas dela sairá vencedora. Está escrito que contra Ela o Mal não prevalecerá. E o bolchevismo, estamos certos, é o Mal”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *O bolchevismo e a Igreja*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 26 de Janeiro de 1925, p. 1.



## 1.1. As desastrosas conseqüências da solução socialista.<sup>2</sup>

Não existiu, nas três últimas décadas do século XIX, segundo Eric Hobsbawm<sup>3</sup>, país plenamente industrial, em processo de industrialização ou de crescimento urbano que pudesse desprezar a existência do proletariado fabril, que, sem precedentes, formado por trabalhadores aparentemente anônimos e desenraizados, adquiriu proporção crescente em termos populacionais e, em pouco tempo, no início do século XX, transformou-se em maioria socialmente ativa. Como conseqüência, houve o crescimento dos partidos e dos sindicatos operários e neles se desenvolveram, com profundidade, as idéias e práticas socialistas. Organizados em estruturas nacionais, mas difundindo o internacionalismo proletário, pois, nesse tempo, a economia capitalista estava configurada em um todo integrado, os sindicatos e os partidos socialistas, mediante a democratização eleitoral, na luta pelo direito ao voto dos "cidadãos sem propriedade", por expressarem organização de classe, através de greves gerais e manifestações, em sistema que ainda oferecia espaço para benfeitorias, nas condições de reprodução do trabalho e na instrução escolar, construíram, nos centros do capital, unidade de classe indesejada pela burguesia, pelo Estado Liberal e pelo Vaticano.

Continuando a decifrar o término do século XIX, Hobsbawm afirmou que o proletariado fabril estava em constante movimento, além da organização partidária e sindical, crescia o grau de escolaridade. Entre os conteúdos ministrados havia a difusão do espírito dos enciclopedistas, do progresso e do racionalismo. O conhecimento podia ser sistematizado pela expressão: "livrepensamento" ou "libertação da Igreja"<sup>4</sup>. Assim, "o movimento socialista moderno da classe operária desenvolveu-se como uma ideologia secular esmagadora e com freqüência, de fato, como uma ideologia militante anti-religiosa"<sup>5</sup>. Também relacionou a separação entre "ciência e intuição" com a

<sup>2</sup> LEÃO XIII (papa). Carta Encíclica Rerum Novarum - Sobre a condição dos operários. In: *Pontifício Conselho Justiça e Paz. Da Rerum Novarum à Centesimus Annus*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 82.

<sup>3</sup> HOBBSAWM, Eric. Trabalhadores do mundo. In: *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Tradução: Siene Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 163-202.

<sup>4</sup> HOBBSAWM. Razão e Sociedade. Op. Cit., p. 363-382.

<sup>5</sup> HOBBSAWM, Eric. A religião e a ascensão do socialismo. In: *Mundos do Trabalho*. Tradução: Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 57.

estruturação intelectual do mundo burguês. Por isso, no mundo da democracia ocidental e do socialismo, "a ciência significava poder e progresso". Em consequência, veio a negação das antigas forças religiosas de análise - o sobrenatural e o milagroso - e firmou-se o domínio da nova revolução científica. As ferramentas confiáveis foram a razão e o método científico<sup>6</sup>. Em relação a esse cenário, sintetiza:

"A prova mais impressionante desse avanço do evangelho simples da ciência e da razão foi o recuo dramático da religião tradicional, ao mesmo no centro dos países europeus de sociedade burguesa. A religião tradicional estava recuando com rapidez sem precedentes, tanto em sua força intelectual como entre as massas. A religião ocidental nunca tivera tão pouco espaço como no início do século XX, e politicamente estava batendo em retirada, para dentro de muralhas confessionais fortificadas contra assaltos de fora. O herdeiro de mais peso das velhas certezas (política e ideologicamente transformadas) foi o marxismo."<sup>7</sup>

A cúpula da Igreja Católica Romana chegou ao último terceto do século XIX em guerra contra o tripé ATEÍSMO-LUTA DE CLASSE-MATERIALISMO e foi no furor desse embate que o cardeal Gioacchino Vincenzo Pecci, futuro Leão XIII, fora investido no governo supremo das almas. Até sua eleição, a Igreja Católica havia se mantido na defensiva ante a conjuntura do período, porém, com ele, "passa à exposição positiva". Leão XIII "trata de impor no meio social e político a concepção católica". A questão social passou a ser tratada como assunto constante nas encíclicas a partir daquele contexto. Assim, houve o incentivo à organização dos trabalhadores sob a égide do associativismo cristão (sindicatos, bancos, colégios, jornais, hospitais e instituições de caridade). Por isso, foi considerado "o grande iniciador do contra-ataque católico na vida pública"<sup>8</sup>. A atitude papal visou estabelecer o "regime de colaboração entre patrões e operários que tinha existido antes da Revolução Francesa pelo menos em teoria e tal como ara apresentado pela historiografia romântica nostálgica da Idade Média"<sup>9</sup>. Na primeira encíclica, *Inscrutabili Dei Consilio* - Sobre os Males da Sociedade Moderna, suas Causas e seus Remédios, de 21 de abril de 1878, reiterou a sequência de pecados modernos

<sup>6</sup> HOBBSBAWM. Certezas solapadas: as ciências. In: Op. Cit., p.339-362.

<sup>7</sup> HOBBSBAWM. Razão e Sociedade. Op. Cit., p. 363-382.

<sup>8</sup> GARGIA, Jose Luis Gutierrez. *Doctrina Pontificia* - II Documentos políticos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1958, Sécción Segunda, p. 41. Leão XIII exerceu seu pontificado entre 20 de fevereiro de 1878 a 20 de julho de 1903 e foi sucedido por Pio X.

<sup>9</sup> *Pontificio Conselho Justiça e Paz*. Da Rerum Novarum à Centesimus Annus. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 17.



enumerados pelo predecessor Pio IX e, entre as transgressões, estava o comunismo<sup>10</sup>.

Para o caos do período, representado pelo agnosticismo, liberalismo e socialismo, Leão XIII receitou a solução: "trabalhar para defender e garantir com todas as Nossas forças a Igreja de Cristo e a dignidade da Sé Apostólica atacada por tantas calúnias"<sup>11</sup>. Atribuindo as transformações em voga à divisão dos habitantes dos centros urbanos em classes opostas, de um lado "uma multidão miserável e sem influência, exasperada e sempre pronta a provocar confusão social"<sup>12</sup>; percebendo o papel preponderante do trabalho, visto que a propriedade não nascia "doutro fonte que não fosse a fadiga do trabalhador"<sup>13</sup> e diante da ascensão do movimento operário socialista, Leão XIII optou em harmonizar-se com o capital naquilo que lhe é mais caro: dar combate à autonomia dos trabalhadores. Com esta intenção, antes mesmo de completar um ano de papado, Leão XIII promulgou, em 28 de dezembro de 1878, a segunda encíclica, *Quod Apostolice Muneris* - Sobre o Socialismo e Comunismo. Nesse documento, o marco fundador do anticomunismo católico, pois foi a primeira carta pontifícia da História do Catolicismo dedicada exclusivamente ao tema, o Pontífice Romano advertiu<sup>14</sup>:

"Vós compreendereis facilmente que Nos referimos a essa seita de homens, debaixo de nomes diversos e quase bárbaro, se chamam socialistas, comunistas ou niilistas, e que, espalhados sobre toda a superfície da terra, e estreitamente ligados entre si por um pacto de iniquidade, já não procuram um abrigo nas trevas dos conciliábulos

<sup>10</sup> Em 8 de dezembro de 1864, no documento *Syllabus*, que foi promulgado como anexo da encíclica *Quanta Cura* - Condenação e proscrição dos graves erros do tempo presente, o Papa Pio IX sistematizou um elenco de 80 "erros do tempo presente". No item IV - Socialismo, Comunismo, Sociedades Secretas, Sociedades Bíblicas, Sociedades Clérigo-Liberares escreveu: "Tais pestilências são condenadas freqüentemente e com gravíssimas expressões na carta *Qui pluribus*, 9 de novembro de 1846; na alocução *Quibus quantisque*, 20 de abril de 1849; na carta encíclica *Nostiset Nobiscum*, 8 de dezembro de 1849; na alocução *Singulari quandam perfusi*, 9 de dezembro de 1854; na carta encíclica *Quanto conficiamur moerore*, 10 de agosto de 1863." In: *Documentos de Gregório XVI e de Pio IX*. Organização geral: Lourenço Costa. Tradução: Darci L. Marin. São Paulo: Paulus, 1999, p. 264 (Documentos da Igreja, nº 6)

<sup>11</sup> LEÃO XIII (papa). *Inscrutabili Dei Consilio* - Sobre os Males da Sociedade Moderna, suas Causas e seus Remédios. Tradução: Luís Leal Ferreira. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1950, p. 5. (Documentos Pontifícios, nº 30)

<sup>12</sup> FÜLÖP-MILLER, René. *Leão XII e o nosso tempo*. Tradução: Marina Guaspari. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1936, p. 115.

<sup>13</sup> FÜLÖP-MILLER. Op. Cit., p. 115.

<sup>14</sup> "A primeira condenação do socialismo e comunismo apareceu na encíclica *Qui pluribus*, de Pio IX. De fato, para além daquilo que, em 1846, constitui apenas exígua minoria da esquerda republicana, é sobretudo ao liberalismo, matriz de todas as doutrinas modernas, que a Igreja se atém." In: PORTELLI, Hugues. *Os socialismos no discurso social católico*. Tradução: Helena de Albuquerque M. Livramento. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 13.



secretos, mas caminham ousadamente à luz do dia, e se esforçam por levar a cabo o desígnio, que têm formado de há muito, e destruir os alicerces da sociedade civil. Nada deixam intacto ou inteiro do que foi sabidamente estabelecido pelas leis divinas e humanas para a segurança e honra da vida."<sup>15</sup>

O documento papal qualificou o comunismo como sendo peste mortal, serpente, perigo extremo, seita, quase bárbaro, pacto de iniquidade, monstruoso erro, ímpia audácia, audácia de homens perversos, doutrina envenenada, germe de corrupção, fruto deletério, borda do abismo, embuste do inimigo, germe funesto, heresia duma liga criminoso, insanidade de réprobos e doutrina depravada. Com essa classificação, o papa Leão XIII procurou chamar a atenção para a tática "dos movimentos ateus das massas que, por influência de uma filosofia materialista, pretendia transformar a sociedade e conduzi-la à mais baixa animalidade".<sup>16</sup> A partir desse momento, a doutrinação anticomunista foi incorporada definitivamente como mais um item a compor o ininterrupto espírito de cruzada adotado pela Igreja Católica desde, o nascedouro até nossos dias. No restante do século XIX e ao longo do século XX, esses adjetivos permaneceram e outros surgiram tanto em documentos eclesiásticos como em revistas, jornais e livros editados pela intelectualidade católica.

A crescente direção dada ao movimento operário em ascensão, nas últimas décadas do século XIX, pelo comunismo, foi determinante para a edição da encíclica *Rerum Novarum* - Sobre a Condição dos Operários de Leão XIII<sup>17</sup>. Em seu pontificado, o combate ao comunismo passou a ser sistemático, visto associar o futuro da Igreja Católica com a indispensável conquista do proletariado urbano, esta nova força universal em construção. O documento não só continuou a denunciar os "males" da "peste mortal", como inovou ao mesclar a crítica negativa com a apresentação de uma alternativa, ou seja, estava fundada a doutrina social católica e inscrito novo elemento no projeto global de restauração da sociedade cristã que se encontrava em franca

<sup>15</sup> LEÃO XII (papa). *Encíclica Quod Apostolice Muneris* - Sobre o Socialismo e Comunismo. Tradução: Luís Leal Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1946, p. 3-4. (Documentos Pontifícios nº 17)

<sup>16</sup> CALAGE, Fernando. *Ação Social de Leão XIII*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1941, p. 39.

<sup>17</sup> Em PORTELLI. Op. Cit., p. 20, o autor relaciona a data de sua promulgação, 15 de maio de 1891, com a realização do II Congresso Internacional Operário Socialista. Em sua opinião, este marcou o "verdadeiro nascimento da II Internacional Socialista". O congresso aconteceu em Bruxelas, na Bélgica, entre 6 e 23 de agosto do citado ano.



fragmentação, devido à ação do liberalismo, da industrialização e do proletariado. Aspecto inovador da encíclica, as "Obrigações dos operários e dos patrões" desenvolveram uma ética religiosa que metamorfoseou as relações sociais de produção em deveres morais. O trecho "não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências, e nunca revestirem a forma de sedições", dirigido aos operários, sistematizou o posicionamento a ser praticado pelos trabalhadores católicos mundo afora<sup>18</sup>.

Em passagem dessas obrigações, conclamou: "a Igreja, instruída e dirigida por Jesus Cristo, eleva as suas vistas mais alto; propõe um corpo de preceitos mais completos, porque ambiciona estreitar a união das duas classes até as unir uma à outra por laços de verdadeira amizade"<sup>19</sup>. À medida que se posicionou a favor da inviolabilidade da propriedade privada por ser um direito natural e a protegeu ("não seja esgotada por um excesso de encargos e impostos"<sup>20</sup>), recomendou aos operários usar com parcimônia o salário para adquirir modesto patrimônio. Ao condenar a propriedade coletiva porque desnaturaliza a ação do Estado e esvazia a principal célula social, a família, reprovou o igualitarismo visto sua realização ocorrer na terra em oposição ao dogma da igualdade celestial. Na proporção em que recusou a luta de classe e afirmou o capital e o trabalho como estritamente complementares e destinados ao equilíbrio, pregou o uso da força policial contra esta desordem grave e freqüente: as greves; sentenciou a caridade como solução definitiva para a questão social e, mesmo tendo proposto o "salário justo" e o "descanso semanal", a Igreja Católica Romana, por meio da *Rerum Novarum*, além de ter criado empecilhos para a expansão do movimento operário, construiu aliança com o liberalismo burguês, pois a espinha dorsal da bula serviu e serve à manutenção do capital<sup>21</sup>.

A modernização industrial propiciou apartamento radical entre o pensar e o fazer, no processo de trabalho, separou definitivamente capital e trabalho,

<sup>18</sup> LEÃO XIII (papa). *Rerum Novarum* - Sobre a condição dos operários. Tradução: Manuel Alves Silva. 6ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 23.

<sup>19</sup> Idem, p. 25.

<sup>20</sup> Idem, p. 48.

<sup>21</sup> Em 1º de maio de 1991, o Papa João Paulo II, ao promulgar a encíclica *Centesimus Annus*, no centenário da *Rerum Novarum*, enfatizou: "Quero também mostrar que a seiva abundante, que sobe daquela raiz, não secou com o passar dos anos, pelo contrário tornou-se mais fecunda". In: *Pontifício Conselho Justiça e Paz*. Op. Cit., p. 29.

assim, a partir da nova conjuntura, a intervenção da cúpula da Igreja Católica, na questão social, caracterizou-se paulatinamente em inventar uma tradição identificada com anticomunismo e assentada na concórdia entre as classes. Dentro desse quadro, o esforço de Roma visava reconquistar, em torno dos seus padrões, uma sociedade em franco processo de descristianização e palco da luta de classes. Para Hobsbawm, a construção da "tradição inventada" significou adaptação quando foi indispensável manter velhos costumes em situações inéditas ou utilizar velhos parâmetros para novos objetivos. O historiador inglês define como "tradição inventada":

"Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Alias, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado."<sup>22</sup>

Neste sentido, a *Rerum Novarum* recorreu insistentemente em associar as proibições à modernização industrial (condição nova) a passagens do texto bíblico (velho modelo), ou seja, buscava dirigir uma "classe operária obediente às prescrições do Evangelho, o grande código, cujas verdades não envelhecem"<sup>23</sup>. Assim, ao vetar a propriedade coletiva e acatar a propriedade individual, agora hegemonicamente burguesa, argumentou: "Não desejará a mulher do teu próximo, nem a sua casa, nem o seu campo, nem o seu boi, nem a sua serva, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença" (Deuteronômio 5, 12). Ao se opor à igualdade social proposta pelo comunismo, o documento disse "que o homem deve aceitar com paciência a sua condição: é impossível que na sociedade civil todos sejam elevados ao mesmo nível", prosseguindo afirmou: "Esta desigualdade reverte em proveito de todos, por que a vida social requer um organismo muito variado e funções muito diversas". Em seguida, "o que leva precisamente os homens a partilharem estas funções, é precisamente, a diferença de suas respectivas funções".

Depois, reportou-se à origem do trabalho como consequência do pecado original e destacou: "A terra será maldita por tua causa; é pelo trabalho

<sup>22</sup> HOBBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

<sup>23</sup> *Operários católicos do Ceará*. CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza/CE, 21 de janeiro de 1921, p. 2.



que tirarás com que se alimentar todos os dias da vida" (Gênesis, 3,17) e finalmente sentenciou: "a dor e o sofrimento são o apanágio da humanidade, e os homens poderão ensaiar tudo, tudo tentar para os banir; mas não o conseguirão nunca. Se há quem, atribuindo-se o poder de fazê-lo, certamente engana o povo"<sup>24</sup>. No trecho "Obrigações dos operários e dos patrões", ordenou inicialmente ao trabalhador que este "deve fornecer integralmente e fielmente todo o trabalho"; posteriormente, em advertência ao patronato, mencionou: "Eis que o salário, que tendes extorquido por fraude aos vossos operários, clama contra vós; e o seu clamor subiu até os ouvidos do Deus dos exércitos" (Tiago 5, 4). Fechou o trecho advertindo: "os afortunados devem tremer diante das ameaças severas que Jesus Cristo profere contra os ricos" (Lucas 6, 24-25)<sup>25</sup>.

No tocante à "Posse e uso das riquezas", defendeu: "desde que haja suficientemente satisfeito à necessidade e ao decoro, é um dever lançar o supérfluo no seio dos pobres: 'Do supérfluo dai esmolas' (Lucas 11,41) e 'É mais feliz aquele que dá, do que aquele que recebe' (Atos 20,35)<sup>26</sup>. Finalizando o documento, apontou como solução definitiva para a problemática social do momento, a filantropia: "A caridade é paciente, é benigna, não cuida do seu interesse: tudo sofre; a tudo se resigna" (1 Coríntios 13, 4-7)<sup>27</sup>. A doutrina expressa por Leão XIII, nas encíclicas, advogou, para a Igreja Católica, várias missões, como a de arrogar para si a defesa do proletariado e o combate ao comunismo. Para lograr sucesso na empreitada, estar na dianteira dos movimentos sociais gerados pelo industrialismo do século XIX, com a cristianização dos seus agentes - Capital, Estado e Trabalho -, tornara-se essencial. Nesta perspectiva, o Vaticano, atuando de forma supranacional, dispôs-se a coordenar o equilíbrio entre esses agentes e livrá-los das catástrofes sociais do período: a luta de classes e o laicismo anticlerical.

O tom apocalíptico ante a possibilidade do avanço do comunismo, a partir dos anos 70 do século XIX, na Europa e a demonização de seus partidários são traços em comuns nas encíclicas de Leão XIII *Quod Apostolice Muneris* - Sobre o Socialismo e Comunismo e *Rerum Novarum* - Sobre a

<sup>24</sup> LEÃO XIII (papa). *Rerum Novarum*. Op. Cit, p. 21-22.

<sup>25</sup> LEÃO XIII (papa). *Rerum Novarum*. Op. cit, p. 23-26.

<sup>26</sup> Idem, p. 26-27.

<sup>27</sup> Idem, p. 60.

Condição dos Operários<sup>28</sup>. Nelas, a construção da identidade do catolicismo significa necessariamente a negação do outro e sua desqualificação como sujeito histórico. As cartas pontifícias definiram que a gestação do ideário socialista é totalmente exógena ao capital e ao trabalho, pregaram a necessidade urgente de proteger o operariado contra aqueles destruidores dos alicerces da sociedade civil e defenderam a manutenção da Igreja como único guia para a empreitada. Dentro desta lógica, "enobrece o operário, porque bem compreende que a sociedade e o trabalho são inseparáveis, que o trabalho é a principal manifestação da felicidade humana"<sup>29</sup>. Assim, "a Igreja torna o trabalho uma obrigação do homem, porque não compreende o homem ocioso, sem meios de vida, porque ante ela, esse trabalho é o fundamento mesmo da ordem social"<sup>30</sup>.

A cidade de Fortaleza, na década de 1920, continuou a vivenciar um dos conflitos típicos da virada do século XIX para o XX: definir as fronteiras entre o público e privado. Afinal, o comportamento socialmente miúdo, característico das vilas, vinha, de há muito, sendo superado no crescimento populacional (provocador de constantes reclamações à limpeza pública devido a sua inoperância); a proliferação de pedintes; o alargamento de ruas (facilitando o deslocamento dos veículos); a construção de cinemas (alimentado a avidez por diversão); a constituição de bairros elegantes (segregando os populares); o surgimento de novas relações no mundo do trabalhado advindas da ampliação numérica e qualitativa das profissões. Para a corporação dos sacerdotes, as elites econômicas, o poder público e os intelectuais de sacristia, administrar este caldo de cultura significou continuar

<sup>28</sup> As comemorações alusivas ao cinquentenário da encíclica *Rerum Novarum*, em Fortaleza, contaram com extensa programação. O NORDESTE, na edição de 10 de maio de 1941, em sua primeira página, trouxe convocatória assinada pelo secretário da Arquidiocese de Fortaleza, Padre André Vieira Camurça: "I - Sessão Solene, no dia 11 do corrente, às 14 horas, na sede do Círculo Operário de Fortaleza. II - Palestra na Rádio P. R. E. 9, de 11 a 15, às 11,30 hs. III - Preleções de 12 a 14, às 19 h 30 min, pelo revmo. Pe. Guilherme Vaessen, na sede do Círculo. IV - Dia 15, data jubilar: a) Missa Campal, às 7 h., na Coluna do Cristo Redentor; b) Inauguração do retrato do Papa Leão XIII, às 9 h., na Delegacia Regional do Trabalho e na sede do Conselho Regional do Trabalho; c) Lançamento da Pedra Fundamental da Vila Operária Leão XIII, em Santo Antônio da Floresta com transporte gratuito; d) Sessão Magna no Teatro José de Alencar, às 19 h 30 min e distribuição da Encíclica editada pelo Estado." A esta programação, em exemplar de 14 de maio, O NORDESTE acrescentou para o dia 15: Sessão Solene no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza e a Instalação da Carteira Imobiliária dos Comerciantes.

<sup>29</sup> CALLAGE, F. *A Ação Social de Leão XIII*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1941, p. 163.

<sup>30</sup> Idem, p. 164.



instalando, na cidade, equipamentos urbanos, agora, intensificando a educação social da população, isto é, regenerando-a, adequando-a aos padrões da vida urbana e edificando maior estabilidade institucional, com a decretação de padrão único de conduta nos espaços públicos e domésticos. Acerca dos anos de 1920, Júlia Miranda comentou:

"A ação da Igreja é sem dúvida um elemento da maior importância nesse contexto, na medida em que disputava a liderança do movimento operário. Nos marcos traçados pela *Rerum Novarum*, que aponta o caminho para a atuação social da instituição e define as bases de aceitação do estado liberal e capitalista, é que a hierarquia católica cearense vai pautar a sua prática, sobretudo no que diz respeito às classes dominadas. Numa estrutura de poder excludente, de cujo centro decisório estavam afastados todos os grupos não identificados com as oligarquias rurais, a ação social da Igreja junto aos trabalhadores é desenvolvida no sentido de impedir a penetração e propagação das idéias comunistas."<sup>31</sup>

Entretanto, *qual a origem desta prática social intolerante? Sua difusão esteve submetida a qual modelo eclesiástico? Que características assumiu o clero cearense?* As respostas passam por situar a instalação da Diocese do Ceará por Dom Luís Antônio dos Santos (1861-1884). Criada quando das disputas intra-ecclesiais que envolveram o clero liberal e o clero romanizado, a diocese cearense será área de romanização por completo<sup>32</sup>. Para João Alfredo de Sousa Montenegro, o primeiro bispo estabeleceu, em Fortaleza, sólida infraestrutura eclesial a partir da edificação do Seminário da Prainha em 1864, que logo se tornou importante centro de difusão da cultura religiosa ultramontana, ou seja, sua ação pastoral divulgou as diretrizes impostos por Roma. Além disso, tornou-se pólo antagônico, na formação de sacerdotes, ao Seminário de Olinda, cujo perfil assentou-se na formação liberal. Estabelecendo ligação do período com os desdobramentos organizados posteriormente pelo bispado cearense, o historiador ressalta:

"Irrecusável que essa práxis marcaria profundamente o Catolicismo entre nós, indelevelmente articulado com uma postura conservadora até hoje subsistente na sociedade cearense. De fato, todos os movimentos sociais e religiosos deflagrados em Fortaleza mais acentuadamente, até o governo episcopal de Dom Antônio de Almeida Lutosa [entre 1941 a 1963]

<sup>31</sup> MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé: discurso e práticas católicas*. Fortaleza: Edições UFC, 1987, p. 80.

<sup>32</sup> Enquanto o primeiro defendia a organização de uma Igreja Nacional; o segundo vinculava-se diretamente a Roma e incorporava a prática de destruir os inimigos do Vaticano: o liberalismo, o positivismo, o protestantismo e o catolicismo popular. In: PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização no Ceará. In: SOUZA, Sinome (org.). *História do Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 199-210.

receberam o influxo do Seminário da Prainha, direta ou indiretamente. Até mesmo movimentos políticos de direita, como o Integralismo. De sorte que há uma atuação da Igreja Católica no Ceará demonstrando a continuidade jamais interrompida do Tradicionalismo, com extraordinária capacidade de adaptação às novas circunstâncias históricas."<sup>33</sup>

A Arquidiocese de Fortaleza atuou em consonância com essas orientações e conseguiu ser hegemônica na direção das várias organizações representativas dos diversos segmentos sociais que brotaram na Fortaleza dos anos de 1920-1930. Cumprindo o papel de organizador coletivo, o jornal O NORDESTE determinou comportamentos, dentre eles, o de negar peremptoriamente guarida ao bolchevismo. A fundação pela Diocese do Ceará, em junho de 1913, do Círculo Católico de Fortaleza, acolhedor da intelectualidade leiga oriunda das camadas médias, e do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, em fevereiro de 1915, baseou-se na orientação dessas encíclicas que determinaram que a criação de sociedades em prol dos artistas e operários ocorresse sob o propósito de convencer os futuros associados a suportar o trabalho com paciência e a construir vida sossegada aceitando a sorte<sup>34</sup>. Pelos princípios divulgados, fez-se exortação para a harmonia social e veto à participação dos cristãos na luta de classes. A *Rerum Novarum* também denunciou o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito "que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão de proletários"<sup>35</sup>. Por isso, a Arquidiocese de Fortaleza não só funda, em novembro de 1920, o Crédito Popular São José, como será a mantenedora da instituição. Em 29 de junho de 1922, no primeiro número, O NORDESTE destacou um dos objetivos da entidade financeira: "libertar as classes desfavoráveis da tirania da agiotagem sem freios".

<sup>33</sup> MONTENEGRO. João Alfredo de Sousa. *O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1992, p. 94-95.

<sup>34</sup> O "Círculo Católico de Fortaleza (1913), precursor local não só do Centro Dom Vital que será fundado em 1922, no Distrito Federal (Rio de Janeiro) como dos Círculos de Operários Católicos (1915), que serão incrementados no país somente em 1933. Nesse período, já existiam Círculos Operários nas principais cidades do interior cearense." In: PARENTE, Josênio C. *Anauuê: Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Edições UFC, 1986, p. 138-139.

<sup>35</sup> LEÃO XIII (papa). *Rerum Novarum*. Op. Cit, p.11.



## 1.2. O despotismo das classes inferiores.<sup>36</sup>

A prática do anticomunismo católico não foi primazia do jornal O NORDESTE. Exemplos ocorreram, entre janeiro e março de 1921, nas páginas do CORREIO DO CEARÁ. Apresentando-se como "um jornal de inspiração católica", o CORREIO DO CEARÁ começou a circular a 2 de março de 1915, cujo diretor-presidente, Álvaro da Cunha Mendes, manteve estreitos laços com a Arquidiocese de Fortaleza, com participação na cúpula do Círculo Católico de Fortaleza<sup>37</sup>. A atuação de Dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo metropolitano, foi determinante no surgimento e na manutenção do jornal. Neste sentido, manifestou, em circular de 30 de março de 1915, extrema preocupação com as finanças. No documento, determinou aos vigários da diocese maior empenho na coleta de assinaturas para o periódico, pois "uma obra que fundei cheio de esperanças na boa vontade dos padres, está ameaçada de morte por abandono". Esclareceu que o redator Padre Francisco Silvano de Sousa vinha exercendo a função como "meu representante" na redação do jornal e, finalizando, ordenou: "confio que essa determinação será obedecida sem demora". Com a fundação do jornal O NORDESTE, o CORREIO DO CEARÁ deixou de receber os subsídios do clero.

O suposto fracasso das greves programadas para a cidade do Rio de Janeiro foi comentado pelo então Padre Antônio Tabosa Braga, na coluna *Carta do Rio*<sup>38</sup>. O texto vinculou o insucesso das paralisações à não adesão dos "bons elementos, existentes ainda em muitas fábricas" e denunciou que sua organização ocorreu em função da presença de "doutrinas perversas" disseminadas por "tipos carbonários". Para o sacerdote, a entrada de "estrangeiros maus, verdadeiros tóxicos morais" foi em função do liberalismo da Constituição da República. Apesar disso, garantiu: "estou convencido que não medrará no nosso território a erva daninha do maximalismo" e firmou a convicção: "quero acentuar nenhuma probabilidade do desenvolvimento das doutrinas absurdas dos soviets. Seremos o povo do futuro. Deus vela pelo

<sup>36</sup> *A origem do bolchevismo*. Editorial. CORREIO DO CEARÁ, 17 de Fevereiro de 1921, p.1.

<sup>37</sup> Ao informar a posse da nova diretoria do Círculo Católico (1921/1923), o CORREIO DO CEARÁ (28 de junho de 1921, p. 1) o colocou como diretor da instituição. O NORDESTE (17 de agosto de 1923, p. 1) noticiou a sua continuidade na função para 1923/1925.

<sup>38</sup> CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza/CE, 4 de janeiro 1921. p. 1.

Brasil"<sup>39</sup>. Em seguida, apresentou a boa nova: "está começando um movimento nacional, que, tendo prudência e perseverança, pode nos trazer inúmeros benefícios". Após exaltar o patriotismo das Forças Armadas, explicou o último resultado da votação presidencial e relacionou o suposto fracasso das greves com o perfil do chefe do executivo federal:

"A eleição do dr. Epitácio Pessoa parece ter obedecido a um plano da Providência, parece ter sido escolhido conforme as necessidades presentes da nossa pátria. A sua energia máscula faz-se sentir, nesta capital, em todos os departamentos públicos. Todos sabem que no Catete há um homem! Não é isto uma verdadeira felicidade?! Os grevistas perdem a coragem dos seus ideais quando se lembram do Presidente da República."

A coluna *Carta do Rio* notabilizou-se por analisar, a partir do Rio de Janeiro, vários aspectos da conjuntura nacional. A pena do sacerdote, ao identificar os desarranjos sociais na capital federal, os projetava para Fortaleza e conclamava a população a não repeti-los. Um dos episódios comentados relacionou a presença diminuta de operários, na eucaristia organizada pela Ligas Católica e pelas Romarias Piedosas, ao fato de a constituição republicana ter paganizado o país com a expulsão de Jesus Cristo das repartições públicas e das escolas. Além disso, o proletariado estava sofrendo com a doutrinação praticada por "elementos nocivos" vindos da Europa. Entretanto, a freqüência de "letrados e militares de alta patente" alegrou o espírito do religioso. Aos católicos, endereçou a seguinte tarefa, através da "vigilante catequese", "encorajem os tíbios, convertam os ímpios" e nomeou, como exemplo de doutrinação católica, a Conferência de São Vicente de Paulo. Também exaltou a comunhão coletiva e mensal de homens "de todas as categorias", na Igreja de Santo Afonso. Em alerta final, exclamou: "Só Deus pode conte as multidões"<sup>40</sup>.

O sacerdote continuou a denunciar a existência no "seio das classes operárias" de um "grande vulcão de ódio latente" contra "o princípio da autoridade pública, os industriais, as classes aristocráticas e a Santíssima Igreja de Deus". Mais uma vez, enunciou como origem do problema o liberalismo "exagerado, criminoso mesmo, da Constituição instável que nos

<sup>39</sup> Adoto, ao longo da pesquisa, a seguinte compressão acerca deste termo: "Prosélitos, no seio dos partidos socialistas da II Internacional, do *programa máximo*. A partir de 1917 este termo designa os partidários da revolução bolchevique." In: PORTELLI. Op. Cit. p.99.

<sup>40</sup> CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza/CE, 12 de Janeiro de 1921, p. 1.



rege", a penetração de "doutrinas infames" espalhadas pelos "anarquistas desalmados", classificados como "indivíduos nocivos importados da Europa" e acrescentou, ao quadro, a ação dos "princípios deletérios" da maçonaria. Na seqüência, indicou o egoísmo dos capitalistas como gerador do ódio nas classes desprotegidas, isto é, "classes menos inteligentes", "menos refletidas", "sem formação de coração". Depois salientou que estas "vêm, no punhal e no incêndio, a solução do problema da sua vida" e evidenciou, com perplexidade, o comportamento dos trabalhadores: "Nunca o operário ganhou tanto como nos tempos atuais, nunca se mostrou mais insatisfeito! Por que?". Na conclusão destacou: "O maximalismo vai desaparecer do mundo nestes poucos anos, porque gera o mais insuportável dos cativeiros - a anarquia".

O clérigo, ao examinar a questão da imigração no Brasil, considerou: "A quase totalidade dos emigrantes é constituída por gente que não poderá concorrer para a boa formação do nosso caráter". Continuando, disse acerca da assimilação dos costumes externos: "representa para a nossa organização social o veneno, a morte e o aniquilamento". Posto isso, clamou pela necessidade urgente de o Governo Federal realizar triagem criteriosa da população destinada a povoar o solo pátrio, em sua opinião, a seleção pela catequese tornar-se-ia a melhor atitude, porquanto, com o fim da Primeira Guerra Mundial, houve "o arruinamento moral das populações pelas doutrinas deletérias do maximalismo treloucado"<sup>41</sup>. Conservando o tom apocalíptico das outras colunas, Padre Tabosa encontrou o culpado pela entrada de "maus" estrangeiros no país: o fim do regime monárquico. Em defesa do sistema deposto, perguntou: "Qual é o republicano que ama a nossa pátria nas proporções da rainha Isabel, a Redentora?". Em seguida, denominou de "jacobinismo treloucado" o movimento republicano e chamou de "profanação" aos bons hábitos a retirada do catecismo das escolas e a secularização dos cemitérios. Posteriormente, ante as imprudências dos "maiorais", elogiou a prudência dos bispos que impediram a nossa precipitação no "abismo profundo de anarquismo nos costumes". Concluindo, clamou pela edificação de um movimento patriótico de "restauração" da monarquia cristã no Brasil e criticou a "descomedida audácia dos estrangeiros"<sup>42</sup>.

<sup>41</sup> CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza/CE, de 12 de Fevereiro de 1921, p. 1.

<sup>42</sup> CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza/CE, de 3 de Março de 1921, p. 1.

Nas páginas do CORREIO DO CEARÁ, Padre Tabosa, além de assinar a coluna *Carta do Rio*, assinou editoriais. Em um deles, fez defesa apaixonada dos recursos naturais da pátria e detectou carência no cotidiano das famílias brasileiras: "não falta pão, falta fé". A transgressão do preceito religioso cabia a "generalização da greve" entre os trabalhadores. Mais uma vez criticou a implantação do regime republicano, mas, em nome do patriotismo, convocou os governantes a implementarem, com urgência, uma série de medidas saneadoras: retorno do ensino religioso às escolas e academias, ações para tornar a vida no campo "atraente", veto à exibição de fitas "perigosas", perseguição à "literatura imoral e subversiva". Atribuiu à imprensa tarefa gloriosa: informar ao povo a realidade dos fatos, porém identificou obstáculo: nossos jornais pertenciam "quase todos a estrangeiros que não estimam o Brasil". Outro problema foi a postura dos periódicos: "raros são os jornais que avisam às multidões a inconseqüência das doutrinas anarquistas"<sup>43</sup>.

Dentro do período, O CORREIO DO CEARÁ também publicou matérias acerca do movimento operário nacional e internacional. A primeira, *Conflito entre socialistas e comunistas*, examinou o embate protagonizado pelos representantes do socialismo e do comunismo. Apesar de não ir ao cerne das desavenças, a notícia apresentou, em tom deveras alarmante, o ponto de concórdia entre os grupos: "a revolução pela ditadura do proletariado". Para isso, destacou: "Os exércitos vermelhos devem prosseguir fazendo novas conquistas, tomando posse de governos, ocupando fábricas, intensificando a produção de armas e munições, disciplinando o proletariado para a ofensiva"<sup>44</sup>. Na lógica do CORREIO DO CEARÁ, esta prática maculou os "homens de fé e trabalho", pois se chocou frontalmente com "os princípios de moralidade e ordem" mencionados na notícia *Operários católicos do Ceará*. Publicada na página dois da mesma edição, a nota tratou da fundação dos Círculos de Operários em Aracati e Sobral. A iniciativa de organizar agremiações católicas nas cidades do Ceará foi exaltada como um sustentáculo à "elevação moral" dos "homens do trabalho", pois difundiam "as prescrições do Evangelho, cujas verdades não envelhecem".

<sup>43</sup> *O ideal nacionalista*. Editorial. Fortaleza/CE, 28 de Março de 1921, p. 1.

<sup>44</sup> CORREIO DO CEARÁ, Fortaleza/CE, 21 de Janeiro de 1921, p. 1.



No editorial *A derrocada de um sistema*, o CORREIO DO CEARÁ reproduziu trechos do artigo *O terror bolchevista na Rússia*, originalmente publicado, no Brasil, pela gazeta anarquista de São Paulo, A PLEBE. Além disso, o jornal cearense criticou veementemente o órgão libertário. É que o jornal paulista, até a publicação do referido artigo, apoiara com "palmas entusiasticamente a situação da Rússia Vermelha" e negara, em "linguagem virulenta", "as verdadeiras notícias" divulgadas pelos órgãos da imprensa sobre aquele "infeliz país, entregue ao vandalismo das chamadas idéias 'libertárias'"<sup>45</sup>. Segundo o periódico cearense, o texto publicado, em A PLEBE, fora copiado de "um jornal alemão, também anarquista" e trazia informações sobre ação das "baionetas de Lenine" para deter qualquer "agitação libertária". Ao relatar como andavam "cheias as masmorras de Moscou de indivíduos que se atreveram a censurar os atos do governo dos soviets", afirmou: "Em teoria quase todas as idéias socialistas são admiráveis e sedutoras; na prática, porém, constituem verdadeiros flagelos". Com a sentença concluiu: "Só o socialismo do evangelho é razoável, é praticável". Situando o quadro, o CORREIO DO CEARÁ relatou:

"A PLEBE faz preceder o referido artigo de alguns comentários interessantes, como o dizer que, cheio de indignação e de revolta davam aos seus leitores a desagradável notícia de que na Rússia socialista, na Rússia maximalista aos anarquistas, que sempre foram respeitados pelos governos reacionários de todos os países, no governo de Lenine, aos *anarquistas* como Pedro Kropotkin, é negado o direito de manifestar suas idéias e, para que não possam dizer ao mundo o que é o bolchevismo, é lhes negado também o direito de emigrar."<sup>46</sup>

O CORREIO DO CEARÁ avaliou que a crescente descristianização vivida pelo Brasil era fruto da ampliação do comunismo, por isso corriqueiramente advertia: "parece que só a anarquia completa imporá a necessidade da religião como remédio único"<sup>47</sup>. Para respaldar sua avaliação,

<sup>45</sup> CORREIO DO CEARÁ, Fortaleza/CE, 9 de Fevereiro de 1921, p. 1. Ao informar acerca da *Repressão ao anarquismo* (29 de Janeiro de 1921, p. 1), O CORREIO DO CEARÁ saudou a atitude do governo de Epitácio Pessoa como um contraveneno para combater: "os que expulsos de suas pátrias entendem de subverter a organização social da nossa, provocando dissensões ou fazendo amargar divergências que até pouco passavam despercebidas ou esquecidas. Agora mesmo, noticiou a imprensa o estar a polícia do Rio à espera do supremo chefe dos 'soviets' no Brasil e de uma récula de agentes bolchevistas, alguns os quais, usando disfarces sacrílegos, chegaram também ao Chile, onde, felizmente foram presos."

<sup>46</sup> Sob o título *Morreu mesmo*, o CORREIO DO CEARÁ comunicou, na edição 11 de Fevereiro de 1921 (p. 1), "haver falecido, ontem na Rússia, o célebre anarquista Kropotkin".

<sup>47</sup> Catolicismo e patriotismo. Fortaleza/CE, 10 de Fevereiro de 1921, p. 1.

referiu-se à propagação das idéias bolchevistas no país. De início, arrolou os crimes perpetrados pelo soviétismo: "matou de fome Kropotkin" e "fez milionários dois aventureiros e especuladores sem princípios, Trotsky e Lenine". Depois de cobrar do governo a execução de uma "profilaxia racional" entre "as massas" contra "a infiltração das idéias libertárias", chamou atenção daquilo que estimulava a revolução em terras brasileiras: "as injustiças" sobre o operariado, que provocam "ódio mortal e insubmissão" contra quem explora os trabalhadores. Provocaram situação de perigo social, a "ganância" dos especuladores dos gêneros de primeira necessidade e o fato de os ricos ostentarem "um fausto nababesco", mencionou o jornal. Ao concluir, alertou os milionários, "o maximalismo é o produto dos desatinos da alta sociedade". E mais, em caso de triunfo do "bolchevismo, ou melhor, o despotismo das classes inferiores", os mais apenados seriam os nababos.

O editorial *A derrota do bolchevismo* avaliou o revés imposto pelos socialistas da Itália aos bolcheviques, no Sétimo Congresso Socialista Italiano. Ainda informou que o revés foi mortal na vontade dos comunistas russos de perpetrar sua expansão, além das fronteiras nacionais. O episódio relatado referia-se à não adesão dos socialistas italianos à "Terceira Internacional de Moscou". No escrito, os comunistas foram chamados de golpistas, "por enfraquecer todos os governos e antagonizá-los com os respectivos povos", e de adeptos do "niilismo nirvânico", por incentivar a apatia social provocadora do fim da espécie humana. Também foram acusados de lutar "pelo nivelamento social de tudo e de todos por baixo". O texto registrou, com "grato júbilo, a vitória dos elementos mais moderados do operariado italiano" sobre a "propaganda energúmena de Lenine e Trotsky". Na seqüência, O CORREIO DO CEARÁ, utilizando as chamadas "Grandes batalhas decisivas", descreveu o panorama vivido pela "Rússia dos soviets". Neste cenário, além do congresso mencionado, estava implicitamente colocada a Guerra Civil entre o Exército Vermelho e o formado por russos aristocratas, oficiais czaristas e pelos países contrários à Revolução Bolchevique, o Exército Branco. Sem citar nominalmente os brancos e a invasão estrangeira ao território russo, o periódico elogiou a formação do exército antibolchevista a partir do acordo firmado entre a Europa e o "mundo inteiro". O ajuste ocorreu devido os pactuantes "porem de parte os ódios ferozes e crudelíssimos que cindiam



povos e nações civilizadas no crime das rivalidades ciumentas que os arrastaram à catástrofe tremenda de 1914-1918". No fim do escrito, advertiu energicamente: "E o recuo que serão agora forçados a fazer dará tempo e oportunidade ao mundo para convencer-se de que é afinal preciso vencer essa ameaça, a maior ameaça que jamais sobre ele pesou"<sup>48</sup>.

Em duas ocasiões, o CORREIO DO CEARÁ comentou a situação econômica da Rússia pós-guerra civil. Utilizou um tom de deboche para com o bolchevismo, pois, na sua visão, o capitalismo estava superando, com larga margem, o inimigo sovieta. O jornal, para demonstrar a veracidade de posicionamento, comentou algumas questões que foram materializadas na aplicação da Nova Política Econômica (N E P)<sup>49</sup>. Com *Lenine num discurso preconiza o abandono de alguns princípios comunistas* criticou as concessões feitas aos capitalistas estrangeiros e a reimplantação da pequena propriedade entre os camponeses<sup>50</sup>. E mais: o editorial do dia seguinte, deu-se sob o título *A ruína do bolchevismo*. No subtítulo, houve o destaque: "Lenine reconhece a falência e preconiza o restabelecimento da propriedade particular". O conteúdo comum das matérias, além de enfatizar o contundente fracasso do bolchevismo, com a exacerbação da "anarquia coletiva", apontou para a revogação parcial da propriedade coletiva e o estabelecimento da propriedade particular como modelo ideal de desenvolvimento do sovieta. Em outro momento do editorial, reportou-se à idéia da formação do "socialismo revolucionário russo" como um misto de maximalismo, niilismo e anarquismo. Para sedimentar a argumentação, recorreu a duas idéias básicas: ligou a propriedade privada à "base da organização moderna" e menosprezou a compreensão bolchevique de associar roubo à propriedade individual e o lucro

<sup>48</sup> CORREIO DO CEARÁ, Fortaleza/CE, 4 de março de 1921, p. 1. Em 21 de janeiro de 1921, sob o título *Conflito entre socialistas e comunistas*, o CORREIO DO CEARÁ já havia realizado breve comentário a respeito deste encontro.

<sup>49</sup> "A nova política econômica introduz uma série de modificações substanciais na situação do proletariado e, por conseguinte, na dos sindicatos. A maioria esmagadora dos meios de produção na esfera da indústria e do transporte fica nas mãos do Estado proletário. Juntamente com a nacionalização da terra, esta circunstância demonstra que a nova política econômica não altera a essência do Estado operário, modificando, no entanto, essencialmente, os métodos e as formas de construção socialista, uma vez admite a emulação econômica entre o socialismo em construção e o capitalismo, que aspira a ressurgir, à base de satisfazer, através do mercado a muitos milhões de camponeses." LENIN, V. I. Ulianov. Sobre o papel e as tarefas dos sindicatos nas condições da Nova Política Econômica. In: *Sobre os sindicatos*. São Paulo: Editorial Livramento, 1979, p. 314.

<sup>50</sup> CORREIO DO CEARÁ, Fortaleza/CE, em 22 de março de 1921, p. 3.

ao crime. Em seguida, saudou efusivamente a hipotética "colaboração social do capitalismo" defendida pelos "tuxauas" russos e finalizou: "O bolchevismo, por seus princípios, facilmente destrói; mas, para construir depois, não há senão recorrer àquele mesmo que começara por destruir"<sup>51</sup>.

Trechos da carta pastoral *São José, padroeiro dos operários* do arcebispo de Recife e Olinda/PE, Dom Sebastião Leme, foram reproduzidos pelo CORREIO DO CEARÁ. O documento, mesmo partindo do princípio de que os trabalhadores estavam submetidos à "idolatria do laicismo", eximiu-os da contaminação do "agnosticismo oficial" da Constituição Republicana, isentou-os do "ódio de classe em que se desagrega a sociedade européia" e, quanto as suas reivindicações, os orientou no sentido de permanecerem dentro "da ordem, da lei e da paz". Na seqüência, condenou "o comunismo sangrento", o "sonho louco", por prometer uma "terra da promessa em que os operários gozarão e terão dinheiro sem necessidade de trabalhar". Segundo o clérigo, a "república universal" preconizada pelos bolcheviques teria como marcas a ausência de "autoridade dos poderes públicos sobre os cidadãos, sem a autoridade dos pais sobre os filhos, sem a de Deus sobre os homens". No tocante ao corolário russo definiu-o como sendo "idéias que o operário brasileiro repele com náusea". Finalizando, rogou: "Se o operário e os patrões dos nossos dias elevarem o coração à estimação cristã do trabalho daí irradiará a paz social. Apresse-a, São José, com sua proteção"<sup>52</sup>.

Em consonância com esta lógica, surge O NORDESTE. Meses antes da circulação do vespertino, com o projeto em fase de elaboração, Dom Manuel da Silva Gomes determinou, em circular de 3 de abril de 1922, aos vigários e aos católicos em geral, como um dos deveres mais importantes de suas vidas, arrecadar assinantes para o futuro periódico. Agora, afirmou o sacerdote, tratava-se não de ocupar-se em favor de um órgão privado, ou seja, o CORREIO DO CEARÁ, mas de algo "nosso, cujos resultados pecuniários, se os houver, serão empregados em obras de zelo, e assim diretamente

<sup>51</sup> CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza/CE, em 23 de março de 1921, p. 1.

<sup>52</sup> *São José, padroeiro dos pobres*. Editorial. Fortaleza/CE, 14 de Maio de 1921, p. 1. Arcebispo de Olinda e Recife à época, Dom Sebastião Leme será nomeado, ainda em no ano em curso, bispo auxiliar do Rio de Janeiro e posteriormente titular da diocese carioca. Nesta função exercerá nacionalmente papel de destaque ao longo das décadas seguintes. Liderando a Restauração Católica no Brasil, cujo intento maior consubstanciou-se na colaboração entre o Estado e a Igreja Católica, notadamente no período Vargas. Fundados em sua gestão na capital federal, o *Centro Dom Vital* e a revista *A Ordem* foram expoentes desta prática.



trabalharemos pelos interesses de Nosso Senhor Jesus Cristo". O prelado utilizou, como convencimento, o argumento: "o jornal é a mais completa forma de apostolar em nossos dias" e reiterou tratar-se, finalmente, da fundação de autêntico jornal católico da Arquidiocese, com o qual fosse possível contar em qualquer emergência; porém advertiu: "embora sem ter a aparência e a feição de um jornal religioso". Contudo, ao longo dos anos, O NORDESTE assumiu, com enorme convicção, os posicionamentos oficiais das autoridades clericais. Tornou-se autêntica "correia de transmissão" das posições do Vaticano, do clero brasileiro e da hierarquia tradicionalista da capital. Na prática social, tornou-se órgão oficial da Arquidiocese de Fortaleza, não só por publicar avisos e programações religiosas, mas, fundamentalmente, por ter sido, entre 1935 e 1945, o organizador coletivo da sociedade civil de Fortaleza, quando esteve à frente do executivo estadual Menezes Pimentel, ex- presidente do Círculo Católico de Fortaleza, e, a partir de 1936, Raimundo Alencar Araripe, ex-diretor da União dos Moços Católicos, na prefeitura da capital<sup>53</sup>.

O número 1 de O NORDESTE circulou, em 29 de Junho de 1922. A 1ª página da edição norteou a conduta do órgão, ao longo de sua existência, entre 1922 e 1967. O editorial *No vestibulo* estabeleceu o objetivo do periódico: "a pena é uma arma, com a mercê de Deus, empunhá-la-emos, em qualquer circunstância, pelo bem e contra o mal". No texto, mais uma tarefa veio à luz: "orientar as multidões" com a seguinte diretriz: "somos nacionalistas, espalhar no seio das massas a sementeira fecunda do sacrifício, da abnegação e do patriotismo". Assim, na trajetória do jornal, houve o cruzamento sistemático entre Deus e Pátria; Ordem e Trabalho. Porém, no artigo *Está, e não passa*, a folha discorreu acerca do seu comportamento para com os inimigos do catolicismo. Reproduzindo fielmente o posicionamento da Igreja de Roma, arrolou, de forma intolerante e retrospectiva, os adversários do Vaticano e a vitória sobre eles. O trecho, a seguir, ao enfatizar o inventário de glórias do cristianismo ocidental, regozijou-se com a derrota imposta ao materialismo, ao ateísmo e ao espírito das trevas, ou seja, ao comunismo.

<sup>53</sup> Em tomo do Círculo Católico de Fortaleza, "congregou-se o que havia de mais seleta na intelectualidade católica da cidade. Data a sua criação de 1913 e tem existência até o ano de 1922. Representa um marco importante na gestão episcopal de Dom Manuel da Silva Gomes, tendo como programa o saneamento moral e o revigoramento religioso da sociedade". In: MONTENEGRO. Op. Cit., p. 129.

"Não valeram contra ela, primeiro, a intolerância dos fariseus, nem a fraqueza de Pilatos, nem a crueldade de Herodes, nem a traição miserável de Judas; nem, depois, as perseguições sangrentas dos imperadores de Roma; nem ainda os cismas, nem os sofistas dos primeiros racionalistas, com Juliano o Apóstata, com Arius e os mais; nem mesmo as violências de apostasias criminosas como a de Lutero; nem sequer o arrojo cínico dos racionalistas da Enciclopédia, inspirados em Voltaire; nem o materialismo, nem o ateísmo, nem todos os disfarces e sutilezas satânicas de que o espírito das trevas imbuíu o orgulho do espírito do homem !"

Ao longo da década de 1920, Fortaleza vivenciou rico embate entre as entidades de orientação católica e os militantes socialistas; enquanto as primeiras propugnaram a favor do operariado resignado ante as elites dirigentes, o segundo grupo apresentou, como um de seus representantes, os jornais VOZ DO GRAPHICO e O COMBATE, ambos de tendência libertária, lutando em prol da auto-organização e da ação direta dos trabalhadores. Nas páginas de a VOZ DO GRAPHICO, o proprietário do CORREIO DO CEARÁ, A. C. Mendes, é tido como o "porta-voz da carneirada católica" e o editor-chefe de O NORDESTE, Andrade Furtado, caracterizado como "papa-hóstias dotado de cegueira ultramontana"<sup>54</sup>. O VOZ DO GRAPHICO surgiu "em um momento de disputas internas no movimento operário cearense (divergências com o Partido Socialista Cearense, acirramento de diferenças com os círculos operários católicos, confrontos com a direção do Centro Artístico Cearense)"<sup>55</sup>. O NORDESTE, entretanto, desprezando o debate, amalgamou os opositores sob a alcunha de "bolchevistas". Pouquíssimas reportagens ou editoriais detiveram-se em discutir a teoria política do comunismo, suas discordâncias com outras correntes do movimento operário ou o que poderia vir a ser uma sociedade comunista. A tônica dos escritos da gazeta católica era a demonização e a propaganda negativa do regime russo e dos socialistas de qualquer nacionalidade, ou seja, imperou a intolerância e disseminação do pânico como tática de convencimento.

<sup>54</sup> GONÇALVES, Adelaide e BRUNO, Allyson (orgs). *O Trabalhador Gráfico*. Fortaleza: Editora UFC, 2002, p. 27-28. (Edição Fac-similar)

<sup>55</sup> Idem, p. 27.



### 1.3. Tudo está perdido !

A frase acima foi retirada do artigo *Revisão ou revolução*. O texto, publicado na segunda edição do jornal O NORDESTE, trouxe análises sobre o quadro social e político da Rússia pós-1917 e inaugurou o anticomunismo católico<sup>56</sup>. O periódico não fez qualquer menção à origem do escrito, apenas nomeou o autor, padre Camillo Torrend. A pena do jesuíta assentou-se em raciocínios utilizados freqüentemente pela Igreja Católica, no Brasil, para combater, ao longo do período estudado, o "Império Moscovita" e demonizar, independentemente de apoio ou crítica ao regime russo, qualquer militante ou simpatizante do comunismo no Brasil. A Rússia foi descrita como tirania sangrenta onde havia "semeado por toda parte a fome, o terror e a morte". Lugar no qual "arregimentam operários, sob a ameaça da baioneta ou fuzilamento, e os obrigam aos trabalhos mais importantes". Local em que os novos dirigentes, "sem o menor respeito ao bem da pátria" ou aos "direitos dos indivíduos", assassinaram "friamente os intelectuais e os proprietários, ou apoderam-se dos seus bens". O escrito primou em vincular o governo de Moscou à "crise geral da moralidade". Tal situação, por sua vez, surgiu pelo uso corrente de "doutrinas positivistas e materialistas" que levaram "as massas disformes" à "anarquia mais desenfreada". A encíclica *Inscrutabili Dei Consilio* - Sobre os Males da Sociedade Moderna, suas Causas e seus Remédios - determinou este encadeamento de idéias. Nela, Leão XIII advertiu:

"Efetivamente, desde os primeiros instantes do Nosso Pontificado, o que se oferece aos Nossos olhares é o triste espetáculo dos males que de todas as partes acabrunham o gênero humano: é essa subversão geral das verdades supremas que são como os que os fundamentos em que se apóia o estado da sociedade humana, é essa audácia dos espíritos que não podem suportar nenhuma autoridade legítima; é essa causa perpétua de dissensões de onde nascem as querelas intestinas e as guerras cruéis e sangrentas; é, enfim, essa espécie de peste mortal que, insinuando-se nos membros da sociedade humana, não deixa a este repouso e lhe prepara novas revoluções e funestas catástrofes."<sup>57</sup>

Em números seguintes, o jornal O NORDESTE apresentou a Rússia como sinônimo automático de violência, desordem e genocídio, ou seja, o governo de Moscou passou a ser sistematicamente estigmatizado por não

<sup>56</sup> Fortaleza/CE, 30 de junho de 1922, p. 2.

<sup>57</sup> Leão XIII (papa). *Inscrutabili Dei Consilio*. Op. Cit. p. 3-4.

aplicar a máxima: "na sociedade civil como na família, é necessário um chefe, um poder supremo"<sup>58</sup>. Em relação ao tratamento dispensado aos operários russos, mesmo aos brasileiros, o editorial *Mais patriotismo* exemplificou como a folha clerical fez referência a esses grupos. Além de exaltar as qualidades naturais do solo brasileiro, os proletários foram tidos como dedicados, honestos e, fundamentalmente, carentes de orientação. Os trabalhadores ocuparam espaço significativo no jornal. A direção apresentada aos operários nacionais buscou livrá-los do "gérmen das paixões odiosas, da indisciplina da rebeldia e do desrespeito ao princípio da autoridade" materializado no uso corrente de "palavras sonoras" difundidas por "falsos pregoeiros". As palavras execradas pela gazeta arquidiocesana foram "a democracia, a liberdade, a igualdade e a fraternidade"<sup>59</sup>.

O editorial *Vamos para frente*, de Monsenhor Antonio Tabosa Braga, ao reportar-se à função do jornalismo católico, recomendou: "o povo precisa de orientação nítida da realidade da vida, não deve ser iludido com sonhos irrealizáveis, com promessas efêmeras e tresloucadas". No ponto culminante da pregação, o sacerdote afirmou: "[o povo] não pode ser violado em seus direitos e nas suas justas aspirações, [e nem] afogado em suas paixões e vícios"<sup>60</sup>. Reavivar constantemente a importância da imprensa católica, no sentido da realização plena das diretrizes emanadas do Vaticano, tornou-se uma das características do jornal O NORDESTE. Entretanto, *como a hierarquia arquidiocesana de Fortaleza atuou em prol dos direitos e das aspirações dos populares?* Sob a epígrafe *Realidade consoladora*, O NORDESTE apresentou uma das respostas à indagação. O raciocínio desenvolvido se notabilizou por salientar algo caro ao poder eclesial à época: a manutenção da ordem, o aperfeiçoamento moral e religioso, e a harmonia social entre capital e trabalho. Neste sentido indicou:

"As relações de superioridade e de inferioridade são absolutamente necessárias; mas devem ter por base o espírito de amor e de fraternidade. A desigualdade social jamais desaparecerá dentre os povos; mas não

<sup>58</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 29 de junho de 1922, p. 1. Artigo escrito em homenagem a São Pedro pelo vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, Padre Antônio Tabosa Braga. O sacerdote ocupou papel de destaque na formulação de editoriais, tanto no CORREIO DO CEARÁ, como em O NORDESTE.

<sup>59</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 4 de julho de 1922, p. 1.

<sup>60</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 5 de junho de 1922, p. 1.



deve ser odienta, precisa ser natural, sem ostentação; devem as classes se complementar umas às outras nas lutas penosas da existência." <sup>61</sup>

A notícia *O Vaticano e a Rússia* ao referir-se ao "caos em que o bolchevismo mergulhou a igreja russa", destacou, com entusiasmo, a possibilidade oferecida pelo governo de Moscou às aspirações de crescimento do catolicismo no país, visto que "as relações do Vaticano com a Rússia são mais satisfatórias do que as que mantinham com o secular império dos Czares" <sup>62</sup>. Em franca contradição com o cenário que vinha descrevendo em edições anteriores, a nota, em poucas linhas, não informou a ligação entre Roma e o Czar Nicolau II e nem especulou as bases em que se edificariam o relacionamento com os bolcheviques. Situação como essa se tornou exceção. O NORDESTE cotidianamente tratou a Rússia como escória, e, em tempo algum, ventilou a possibilidade de aproximação com o regime bolchevique, pelo contrário, a doutrinação anti-socialista tornou-se ferrenha seguidora da orientação de Roma: "é necessário que trabalheis para que os filhos da Igreja Católica não ousem, seja debaixo de que pretexto for, filiar-se na seita abominável, nem favorecê-la" <sup>63</sup>.

A desnutrição da população russa configurou-se em tema recorrente nas páginas de O NORDESTE. Com a cifra "milhões e milhões de pessoas morrem de fome e vestem trapos", o editorial *O Vaticano depois da guerra* anunciou a tragédia russa: a destituição da Igreja Ortodoxa do atendimento aos pobres. Desta feita, o periódico não só continuou a evidenciar as mazelas do regime russo, como riemeu os culpados pelo caos. O governo bolchevique permaneceu sendo o reino de "espíritos envoltos nas nuvens tenebrosas do erro e da mentira" e país de um povo "desnortado pela corrupção e pelo vício". Nas últimas palavras, indicou os culpados pela situação: "São judeus os governantes de Moscou" <sup>64</sup>. Chancelado por Padre Tabosa, o artigo de fundo utilizou as expressões "depositária única das verdades eternas" e "mestra única e indefectível da moral" para adjetivar a atuação da Igreja Católica no

<sup>61</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, de 7 de julho de 1922, p. 1.

<sup>62</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 27 de setembro de 1922, p. 1. Fonte do texto: "Traduzida do 'THE LITE PARY DIGEST' revista ilustrada de Nova York." Reproduzir artigos e matérias escritas fora do Brasil será um hábito constante do jornal O NORDESTE.

<sup>63</sup> Leão XIII (papa). *Quod Apostolici Muneris*. Op. Cit., p. 14.

<sup>64</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE 28 de outubro de 1922, p. 1. A associação maléfica entre judeus e bolcheviques será usada corriqueiramente nas páginas do jornal O NORDESTE, exemplo de tal uso ocorreu, por exemplo, a 13 de outubro de 1925.

transcorrer dos tempos. O editorial *Cuidemos do futuro* retomou o tema da fome e fustigou: "A Rússia foi reduzida à fome e à miséria, ensopou o seu território no sangue dos seus inditosos filhos porque se libertou, como verdadeira louca dos princípios cristãos, fugindo do jugo leve e suave de Jesus Cristo"<sup>65</sup>.

Ao longo do período entre 27 de Março a 1 de Maio de 1923, O NORDESTE acompanhou, com especial atenção, as condenações impetradas pelos tribunais russos a alguns sacerdotes católicos e ortodoxos. As prisões e condenação à morte ocorreram, sem exceção, devido à oposição ao confisco dos bens das igrejas: "quis o governo dos soviets enfrentar a Igreja, aniquilá-la, mas houve o zelo dos sacerdotes e a recusa aos anarquistas para seguir o que lhe ordena a consciência indefectível do catolicismo". Manifestando coesão da Igreja Católica, afirmou: "contra ela - bem o disse Cristo - não prevalecerão as portas do inferno"<sup>66</sup>. De acordo com a gazeta eclesiástica, os protestos contra as punições aos religiosos aconteceram no Brasil, nos países economicamente fortes do período, Estados Unidos e Inglaterra, e, na Polônia, tida à época como o país do Leste Europeu com maior presença católica.

O NORDESTE, no dia 27 de março, noticiou a penalidade imposta ao Monsenhor Cieplak: "O Arcebispo de Petrogrado condenado à morte" (p. 1); a 31 de março acentuou: "a indignação do Brasil Católico contra a atitude dos soviets" e "protestos universais contra a decisão de Moscou" em: "A Polônia e a condenação do Arcebispo de Petrogrado" (p. 1). A 2 de abril, divulgou "Budekievitc condenado à morte" (p. 1); a 3 de abril, ocorreu, no "mundo inteiro, o mais vibrante, indignado e imediato protesto" em "A condenação de Monsenhor Cieplak" (p. 2)<sup>67</sup>; a 4 de abril, noticiou "O governo russo trata-se com a intervenção polaca em favor de Cieplak" (p. 1); a 5 de abril, referiu-se ao patriarca ortodoxo Tickon em "Vai ser julgado, na Rússia, mais um bispo" e sobre o monsenhor Budekievitc comunicou: "Foi executado o administrador dos bens da Igreja na Rússia". A de 10 de abril: "Vão ser julgados vários membros do clero ortodoxo russo" (p. 1) e "A perfídia do governo russo" (p. 2) trataram

<sup>65</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 31 de outubro de 1922, p. 1.

<sup>66</sup> *A condenação de Monsenhor Cieplak*. Fortaleza/CE, 3 de Abril de 1923, p. 2.

<sup>67</sup> Além deste assunto, a matéria informou da renúncia do governo russo em aplicar a pena máxima ao Arcebispo de Petrogrado, porém, protestou contra sua comutação em prisão por dez anos. A 14 de maio de 1924 O NORDESTE comunicou: "Monsenhor Cieplak chega a Roma" (p. 2).



da execução do Monsenhor Budekivich; a 11 de abril: "Os protestos yankee contra a barbaria russa" (p. 2).

A 12 de abril, em "Manifestações de protesto nas ruas de Moscou" (p. 3), descreveu a ação violenta dos "soldados vermelhos" contra os católicos quando das comemorações alusivas à Páscoa. Em 14 de abril, a notícia "Em torno do julgamento de Tickon" (p. 4) relatou ameaça dos representantes ingleses em romper relações comerciais com Rússia, caso ocorresse a punição do patriarca da Igreja Ortodoxa; em 16 de abril: "Os russos não pouparão o patriarca Tickon" (p. 1); em 17 de abril: "A Polônia continua a interessar-se pela sorte dos sacerdotes da Rússia" (p. 1) e "A beatificação de Monsenhor Budekievitch" (p. 2); em 18 de abril: "O crime de ter consciência" (p. 1) reportou-se à "resistência à requisição da propriedade sagrada" implementada pelos religiosos Cieplak e Budekievitch. Por fim, em 1º de maio: "Condenado à morte" (p. 1) sobre a pena capital imposta a Tickon. O traço comum dessas notas pode ser sistematizado pela máxima: "A barca de Pedro não afunda"<sup>68</sup>.

O princípio da doutrina moral de Roma, destacado pelo jornal, expressou a capacidade dos papas e seguidores de se colocarem como invencíveis, pois sempre triunfaram ante as ameaças historicamente postas, desde o Império Romano, contra a sua trajetória. Com a sentença, o jornal buscou reafirmar a eterna persistência da fé dos católicos nas práticas do Vaticano. O NORDESTE adotou e adotará, em outros contextos, o raciocínio esquemático bem x mal, para explicar as atitudes da hierarquia católica quando frustrada em suas posições. Os episódios relatados expuseram a luta pelo controle das propriedades que, em passado próximo, estiveram sob a guarda das igrejas católica ou ortodoxa. Muitas dessas propriedades, a partir da Revolução Russa, passaram a ser dirigidas por conselhos de trabalhadores e tiveram a direção socializada. A gazeta católica, ao definir os protagonistas da disputa em apreço, esclareceu: de um lado, Roma e, do outro, "os extremos do socialismo bolchevista, que, para muitos tolos ou ignorantes, era *dernier cri* [a última moda] da civilização"<sup>69</sup>.

<sup>68</sup> Expressão que encerrou a matéria *O crime de ter consciência*. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 18 de abril de 1923, p.1.

<sup>69</sup> *A condenação de Monsenhor Cieplak*. Fortaleza/CE, 3 de abril de 1923, p. 2.

A Igreja Ortodoxa possuía inúmeras propriedades e explorava a mão-de-obra camponesa no regime czarista. Aliás, o czar ocupava a condição de chefe supremo na estrutura de poder da Igreja do Oriente. Com a expropriação realizada pelos soviets, a capacidade de mando dos líderes ortodoxos escasseou radicalmente. De base do regime, passaram à condição de excluídos dos círculos do poder pós-1917. O que se percebe, até aqui e por todo o tempo pesquisado, é a ausência de diálogo do jornal O NORDESTE com os leitores, apoiadores e adversários no campo político. O órgão priorizou a formação de uma mentalidade reacionária e ultramontana. O anticomunismo, nas páginas de O NORDESTE, legitimou o caráter autoritário das elites brasileiras e tratou o comunismo como algo sem fundamento. Em sua atuação, os bolcheviques inspiraram-se na leitura realizada por Karl Marx acerca das relações entre a Igreja Católica e a Comuna de Paris:

"a Comuna estava impaciente por destruir a força espiritual de repressão, o 'poder dos padres', secretando a separação da Igreja do Estado e a expropriação de todas as Igrejas como corporações possuidoras. Os padres foram evolidos ao retiro da vida privada, a viver das esmolas dos fiéis, como os seus antecessores, os apóstolos. Todas as instituições de ensino foram abertas gratuitamente ao povo e ao mesmo tempo emancipadas de toda intromissão da Igreja e do Estado."<sup>70</sup>

Ao colocar-se radicalmente contra, um dos pilares do regime bolchevique, a propriedade coletiva, a Igreja de Roma afirmou os princípios: "a igualdade comunista é antinatural, antifamiliar e anti-social"; "os homens não foram nunca, nem serão jamais iguais" e "pretender igualar o que a natureza desigualou é um absurdo"<sup>71</sup>. Portanto, dentro desta lógica, a experiência russa foi condenada por quebrar a simbiose natureza-Deus e por dar condição humana às relações de produção. O Vaticano, agindo como entidade sociopolítica, no capitalismo, defendeu a manutenção da propriedade individual preconizada pela *Rerum Novarum* de Leão XIII e atuou na perspectiva de adaptar-se ao Estado Liberal, cuja prática, ao longo do século XIX, foi a da separação entre suas instituições e o clero. Assim, a aceitação da propriedade privada significou aprofundar o realinhamento com a burguesia triunfante. A

<sup>70</sup> MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*: mensagem do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores. Apresentação: Antonio Roberto Bertelli. São Paulo: Global, 1986, p. 73.

<sup>71</sup> ROLIM José (padre). *O Comunismo*: história, ideologia, crítica. 2º vol. Lisboa: União Gráfica, 1945, p. 289.



postura de Roma, praticada desde o final do século XIX, objetivou construir aliança com o liberalismo contra qualquer manifestação do socialismo.

Em relação ao internacionalismo proletário, o cristianismo ocidental firmou o seguinte propósito: "O bolchevismo não deve considerar-se apenas como mero sistema político de domínio, como técnica demagógica de gente sequiosa do poder. O bolchevismo tem uma filosofia toda sua do mundo, no mais rigoroso sentido da palavra"<sup>72</sup>. Tal postura conduziu a disputa de Roma contra Moscou a tomar dimensões globais. O internacionalismo cristão firmou rígida oposição à constituição de um bloco de países liderados pelo regime russo. A linha de argumentação do jornal O NORDESTE se insere no raciocínio desenvolvido pela encíclica *Inscrutabili Dei Consilio* - Sobre os Males da Sociedade Moderna, suas Causas e seus Remédios. A Igreja Católica, no item *A causa desses males*, foi caracterizada como tendo sua autoridade legítima vilipendiada pelos "inimigos da ordem pública"<sup>73</sup>. De mais a mais, os opositores, ao invés de "derrubar o poder supremo do Pontífice, que é neste mundo o defensor das regras eternas e imutáveis do bem e do justo", preferiram usar calúnias para transformá-la em "inimiga da verdadeira civilização". Na consecução do objetivo, afirmou o documento, os adversários de Roma promulgaram leis impeditivas ao exercício do ministério religioso, dispersivas para com as ordens religiosas e realizadoras do "confisco dos bens que serviam para sustentar os ministros da Igreja e os pobres".

Os editoriais *O aniversário da Constituição e Escola sem Deus* descreveram o passado monárquico do Brasil como equivalente de felicidade<sup>74</sup>. Ambos qualificaram a Proclamação da República de empreendimento completamente estranho às tradições herdadas dos nossos antepassados. Proclamaram que o triunfo do liberalismo republicano significou a edificação de uma "obra artificialmente adaptada a um povo de cultura inferior" e que a república triunfara em função da "ignorância das massas e do comodismo das classes superiores". Além disso, O NORDESTE reafirmara concepção anteriormente posta e norteadora da sua trajetória: os populares formavam uma multidão passiva, incapaz de levar a efeito o exercício da auto-

<sup>72</sup> ROLIM. Op. Cit., p. 309.

<sup>73</sup> Leão III (papa). *Inscrutabili Dei Consilio*. Op. Cit. P. 4-5.

<sup>74</sup> Respectivamente: O NORDESTE. Fortaleza/CE, 24 de fevereiro de 1923, p. 1 e Fortaleza/CE, 3 de abril de 1923, p. 1.

organização e eram um aglomerado sequioso por receber a orientação libertadora. Com essas características, o povo tornou-se susceptível à direção difundida pela "ira dos bárbaros", pois "a massa popular nenhuma orientação tem, e tomará facilmente a que nós [*Igreja Católica*] lhe soubermos indicar"<sup>75</sup>. Ao retomar as características do brasileiro comum, no editorial *A data livre do Trabalho*, a gazeta descreveu o artífice nacional como sendo: "emblema do sacrifício empreendido em bem da prosperidade do país". Após exaltação à "blusa ensopada de suor" dos trabalhadores, a notícia analisou o caráter difundido pelos "socialistas radicais" ao evento: "tem sido muitas vezes, francamente, hostil à ordem constituída"<sup>76</sup>.

Descrever milagres tornou-se uma estratégia do jornal O NORDESTE visando prevenir os católicos acerca malefícios irradiados pelo bolchevismo. Com a chamada *Jovem anarquista transformada em apóstolo!*, a folha pormenorizou a integração de uma ex-militante dos "soviets revolucionários" ao "redil da verdadeira Igreja de Jesus Cristo", à "religião de seus antepassados". A reportagem apresentou a protagonista da epopéia: Von Leer, "jovem de 18 anos apenas", "disciplinada e amiga íntima de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht". Pela participação na "notável tragédia de Mônaco", a ativista juvenil estava condenada à morte. Entretanto, no dia anterior à execução da pena, rogou com a "alma invadida de torturante angústia": "Se é verdade que existe, ó Deus, salve-me e então creerei na sua existência". Após a "súplica de uma alma atribulada", narrou o periódico: "por longa série de circunstâncias imprevistas, na manhã seguinte, teve a ventura de se ver em completa liberdade." Em continuação, declarou: "tornou-se em breve fervorosíssima apóstola da Religião Católica"<sup>77</sup>. O anticomunismo católico, afora o combate político e econômico a Moscou, do relato de conversão dos infiéis, de narrar a prisão e morte de sacerdotes, de referir-se à privação da Igreja Ortodoxa, no amparo aos miseráveis<sup>78</sup>, exaltou o assistencialismo de

<sup>75</sup> Respectivamente: *A condenação do Mons. Cieplack*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 3 de abril de 1923, p. 2 e *Reforma do ensino no Ceara*. Fortaleza/CE, 19 de fevereiro de 1923, p. 1.

<sup>76</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 1º de maio de 1923, p. 1.

<sup>77</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 5 de setembro de 1923, p. 1. O jornal não esclareceu como ocorreu "tragédia de Mônaco", limitou-se, apenas, a ligá-lo à prisão da jovem.

<sup>78</sup> *O Vaticano depois da guerra*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 28 de outubro de 1922, p. 1.



Dom Manuel<sup>79</sup>: "PARA A RÚSSIA FLAGELADA. *Para as criancinhas famintas da Rússia recebemos a importância de 10\$000 que a pequena Jacyrinha candidamente nos enviou*"<sup>80</sup>.

O artigo *Igualdade até debaixo d'água* apresentou detalhes sobre o cotidiano do dirigente Leon Trotsky. O texto recorreu a ironias para vincular o dia-a-dia do "chefe dos bolcheviques" com o passado imperial da Rússia. De início, estabeleceu o mérito da escrita: "Temos aqui uma pálida idéia do modo como os nossos '*liberais*' de hoje entendem a igualdade e o governo do povo pelo povo". Várias posses atribuídas ao destronado Czar Nicolau passaram a ser usadas por Trotsky: "comboios de luxo" com "quarto de banho, biblioteca, aparelho radiográfico, restaurante", "magníficos automóveis", "propriedades, cavalos, casas de campo", "tribuna imperial" no teatro e até a utilização dos serviços de "Donon", "famoso cozinheiro do restaurante aristocrático de Petrogrado". Na sequência, deu relevo a outros comportamentos do dirigente: "O palácio em que vive está rodeado de uma alta muralha de pedra, e tem enormes portas de ferro", por isto os ingressos na "fortaleza" ocupada pelo militante comunista somente aconteceram através de "convite pessoal" do mesmo, porém, precedido de inquérito "severo" e "obrigatório" no qual os visitantes narravam os motivos da cortesia.

Cumprida a etapa do interrogatório, todos assinavam "numerosos documentos e licenças", entretanto, até o contato cara a cara com o morador do "palácio", "pergunta-se pelo telefone, ao secretário de Trotsky se verdadeiramente deu esse licença a tal senhor". Em caso afirmativo, os visitantes são revistados minuciosamente". A fortificação, na qual "ninguém entra armado, nem mesmo os militares de alta patente", mostrou-se "luxuosamente" decorada com mobília produzida na residência do "famoso milionário Morozov" e na acomodação anterior ao gabinete do ilustre ocupante, perfilava-se, diante dos visitantes, um "exército de ajudantes e secretários". Temendo ser o Comandante do Exército Vermelho assassinado ou molestado nos deslocamentos, a segurança, formada por "dois coches", cercou-se

<sup>79</sup> CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza/CE, 27 de janeiro de 1921, p. 1. O Arcebispo de Fortaleza era Provedor da Mesa Administrativa das Instituições de Caridade. Entidades prestadoras de assistência: Santa Casa de Misericórdia, Asilo de Alienados, Maternidade e Asilo de Mendicidade, Instituto de Proteção e Assistência à Infância e o Dispensário dos Pobres.

<sup>80</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 30 de outubro de 1923, p. 1. Semelhantes a esta, e sempre na primeira página, outras foram publicadas nas edições relativas a 25 de julho e 9 de agosto.

habitualmente de "um mar de precauções". Exemplificando, o diário católico ressaltou: "os jornais publicam falsas notícias sobre data, a hora e itinerário da viagem". No parágrafo final, arrematou: "Aqui um potentado como não há outro no mundo; mas com certeza cheio de sobressaltos e remorsos. Em toda a parte o desgraçado vê o braço dum assassino a vingar as suas tiranias"<sup>81</sup>.

As condenações dos sacerdotes católicos ou ortodoxos voltaram a ser divulgadas em O NORDESTE, ao longo de 1924, em três ocasiões: *O ódio dos soviets ao patriarca Tickon*; *Monsenhor Cieplak chega a Roma*; e *Rússia 'versus Polônia'*<sup>82</sup>. De maior relevância, o primeiro informe citou a iniciativa do governo russo de transformar o "ódio" em legislação proibitiva às "quaisquer preces públicas" pela defesa da vida do patriarca Tickon e frisou: "seriam condenados como atos criminosos, por conseguinte, passíveis de pena". Posteriormente, o jornal divulgou: "O decreto prevê a expulsão, de Moscou, por três anos, de todos indivíduos considerados perigosos".<sup>83</sup> Já no segundo, noticiou a continuidade das perseguições realizadas por Moscou aos sacerdotes na fronteira da Rússia com a Polônia. O NORDESTE, ao referir-se ao estado polonês, sempre o colocou como a nação que abrigou, à época, a maior população de católicos do Leste Europeu, assim, tornava-se exemplo a ser seguido pelos demais países do lado oriental do continente. Tendo denunciado de forma veemente as penalidades sofridas pelos seus pares, em 1923 e 1924, o periódico da Arquidiocese de Fortaleza veiculou, em maio de 1925, de forma lacônica, a matéria *Comunistas condenados* e posteriormente silenciou seu conteúdo. O texto dizia: "Sofia, 26. Informam que a Corte de Cassação confirmou a pena de morte, a que foram condenados 7 comunistas, em razão do atentado da Catedral. A execução da sentença será feita dentro de poucos dias"<sup>84</sup>.

<sup>81</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 30 de outubro de 1923, p. 1.

<sup>82</sup> Respectivamente: O NORDESTE. Fortaleza/CE, 19 de Janeiro de 1924, p. 1; Fortaleza/CE, 14 de Maio de 1924, p. 1; Fortaleza/CE, 16 de Maio de 1924, p. 1.

<sup>83</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 23 de janeiro de 1924, p. 3

<sup>84</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 29 de maio de 1925, p. 1.



#### 1.4. Sanha destruidora.<sup>85</sup>

A conferência de Frei Marcelino de Milão, ponto máximo da solenidade do 9º aniversário de fundação do Círculo de Operário e Trabalhadores Católicos São José, deu-se em fevereiro de 1924. O NORDESTE publicou, com destaque, a síntese da oratória do religioso. Na preleção, o sacerdote localizou o cristianismo entre o liberalismo e o socialismo e o definiu como "terceiro sistema" e portador de "doutrina consoladora". Destacou, no liberalismo, o "frio sentimento utilitário" provocador da transformação do homem em máquina. Condenou o socialismo, visto ser o sistema de compromissos falhos, em que o trabalhador é sugado pela proteção única do Estado. Concernentemente a Rússia esclareceu: "Ignora a Deus e as suas leis; combate os princípios que são a base da família, não admite a propriedade que é um roubo, nem a autoridade que é uma tirania. Para obter os seus fins, lança mão do punhal ou da dinamite"<sup>86</sup>. A significação do termo "doutrina consoladora" manifestou-se na coluna *Comentários*. O texto engrandeceu o 1º de Maio para o Ceará e para a nação, depois analisou a conjuntura de 1924. O ano estava livre dos "vendavais funestos do socialismo revolucionário" que não perturbam a "atmosfera plácida" de uma organização social "em que não há, como em outros, a absorção egoísta do capitalismo". Após reiterar as orientações de Leão XII, na encíclica *Rerum Novarum*, concluiu:

"é consolador ver-se que, em vez de se levar por idéias libertários que ensandecem a muitos, por aí além, o nosso homem do trabalho humilde e generoso de coração busca no Senhor o conforto e a força para resistir aos tropeços da vida, para enfrentar as dificuldades e se não lograr superá-las, ter ao menos, naquele que tudo pode, a consolação precisa para não se entregar ao desespero."<sup>87</sup>

Além disso, o jornal trouxe o editorial *Primeiro de Maio*, que, ao comentar a importância da data, destacou o caráter de harmonia, de família, "a ágape de fraternidade" possível de imperar nas nossas relações laboriosas e receitou, para o bom desenvolvimento do trabalho, um "ambiente de puros desejos" e a busca de "prosperidades possíveis". Os ensinamentos do papa

<sup>85</sup> *O bolchevismo e a Igreja*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 26 de Janeiro de 1925, p. 1.

<sup>86</sup> *Brilhante conferência de Frei Marcelino de Milão*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 15 de Fevereiro de 1924, p. 1

<sup>87</sup> *Comentários. A festa do Trabalho*. O NORDESTE. Fortaleza/CE. 1 de Maio de 192, p. 1.

Leão XIII foram mais uma vez reafirmados e houve a enumeração das doenças da época, isto é: "a luta de classes, a sabotagem, o lockout, a greve". Chamados de "moléstias evitáveis", tais erros podiam ser eliminados com o uso de uma "profilaxia moral e religiosa" no corpo social. Quanto à "violência rubra", apregoada por "demolidores profissionais", só gerava "escombros, hecatombes, flagelos e perversão". Ao término, endereçou ao operariado a recomendação: "não deve converter sua blusa num manto de conspirador". A idéia de que o Brasil e o mundo viviam em estágio de putrefação e, conseqüentemente, carentes de medicação, orientou a postura da Arquidiocese de Fortaleza, no jornal O NORDESTE, no período estudado. À vista disso, o editorial *Dever Católico* elevou a intolerante doutrina de Roma à condição de antídoto imprescindível para guiar o desempenho dos parlamentares nacionais, que, antes de tudo, deviam ser "católicos", pois assim procedendo, não seriam contaminados pelos "vícios" existentes nas assembleias, mas, ao contrário, seriam os seus "saneadores"<sup>88</sup>.

O artigo *O bolchevismo e a Igreja* fez contraponto entre a prática adotada por "todas as revoluções" ocorridas na História Universal e a Igreja de Roma. Enquanto as primeiras declararam guerra às leis de Jesus Cristo, e a intensidade do combate deu-se diretamente proporcional aos "rótulos pomposos da chamada liberdade de consciência e de outras pomposas teorias, jamais praticamente realizadas"; a segunda constituiu "grande força social, conservadora de tradições e de respeito, organização milenar, que merece a admiração de quantos prezem a moral e a inteligência". Após classificar como "hipocrisia" o bolchevismo russo, nomeou-o como exemplo da "guerra moral" contra o Vaticano e, para avaliar como os soviets disfarçavam as manifestações "mais astuciosas e pérfidas medidas, tendentes a entravar de todos os modos, a vida religiosa do país", indicou a leitura da Coleção dos Decretos e Circulares do Comissário do Povo Ucrâniano no Departamento da Justiça. No início da argumentação, ao recuar a 22 de janeiro de 1919, reproduziu, respectivamente, os parágrafos segundo e terceiro da citada coletânea de normas: "É proibido publicar, no território da República, prescrições ou leis particulares que impeçam a liberdade de consciência dos

<sup>88</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 19 de maio de 1924, p. 1.



cidadãos" e "Todo cidadão pode professar a religião que entender ou não ter nenhuma"<sup>89</sup>.

Na sequência, citou lei referendada a 10 de outubro de 1921, no "Congresso Pan Russo": "A autoridade dos soviets não protege nem persegue nenhuma igreja militante", apresentou o fundamento do escrito: "Tudo isso não passa de belas máximas teóricas. A verdade é outra"; e para esclarecer sua posição, transcreveu mais uma atitude do governo ucraniano: "todos os cultos, seja qual for a língua em que suas cerimônias sejam celebradas, não têm direito à proteção de qualquer autoridade pública". O artigo sempre se referiu à Ucrânia como tirania, descreveu-a como espaço "onde a influência da Polônia católica foi sempre maior que o da Moscúvia ortodoxa" e identificou as origens desses percalços nos seguintes atos do governo: separação da Igreja do Estado; trânsito livre para buscas e prisões dentro das igrejas, mesmo durante as missas; fechamento dos institutos religiosos de beneficência; proibição das congregações religiosas de possuírem quaisquer bens; confisco imediato de todos os bens eclesiásticos susceptíveis de produzir uma renda qualquer; e o mais grave de todos:

"pôs por lei expressa, os templos e objetos do culto à disposição das autoridades que [os] entrega aos abusos de toda a sorte dos Conselhos de camponeses. Daí a 'chantagem' feita pelos mesmos, em grande escala, ameaçando fechar os templos ou transformá-los em cocheiras, albergues e armazéns, a fim de obter dinheiro dos fiéis, desejosos de evitar isso. Em 1920, o decreto de 3 de agosto privava do direito de personalidade jurídica todas as congregações eclesiásticas e religiosas e entregava aos famigerados Conselhos aldeões a fiscalização das mesmas, dando-lhes ingerência completa na sua organização interna e determinando que em nada pudessem lembrar o papel que já haviam representado."

O texto, após notificar, com conformismo, ao leitor o estabelecimento do registro civil tanto, no Brasil, na Rússia e na Ucrânia, censurou-os energicamente por proibirem a Igreja de emitir certidões de qualquer natureza, inclusive as de batismo e casamento. Também destacou a possibilidade de punição, sob pena de sabotagem, aos religiosos que recusaram a declarar nulo, religiosamente, o casamento desfeito pela autoridade civil. Com referência à educação, comentou o veto ao ensino religioso nas "escolas e

<sup>89</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 26 de janeiro de 1925, p.1. O texto trazia a assinatura de "João do NORTE", entretanto, o jornal não fez qualquer menção à biografia do autor ou sobre a origem do escrito. Entretanto, tratava-se do pseudônimo do escritor cearense, membro da Academia Brasileira de Letras, Gustavo Barroso.

colégios públicos"; da disseminação entre a mocidade da propaganda "anti-religiosa, anticatólica" perpetrada por "departamento" próprio para este fim e da proibição de falar de religião aos menores de dezoito anos "dentro da sua própria casa". Em relação aos adultos, relatou a necessidade de conseguirem, da autoridade local, permissão para freqüentar os templos e assistirem aos ofícios religiosos. Também denunciou que "as autoridades podem retirar das igrejas tudo quanto possa ofender os sentimentos revolucionários do povo" e vinculou as pilhagens dos templos ao fato de as autoridades russas terem declarado "guerra, por todos os meios, aos restos mortais dos 'chamados' santos e relíquias sagradas".

Em continuação, comparou o uso de imagens, no cristianismo ocidental e na Igreja do Oriente: "Sabe todo mundo a fertilidade de abusos a esse respeito no seio da Igreja Ortodoxa. Porém no da Igreja Romana eles não existem, tão severas são suas regras para a aceitação das relíquias". Entretanto "os bolcheviques isolaram relíquias respeitáveis e expuseram restos mortais preciosos nos seus museus de higiene!". Ampliando o leque de horrores da "miséria moral" e "inferioridade de sentimentos" dos vermelhos ucranianos, o autor relatou que os sacerdotes, em Petrogrado, assinaram o compromisso de não ensinar a religião aos menores de 18 anos e de submeter os sermões à censura prévia dos soviets. Prosseguindo, reportou-se a Moscou. Na capital, os bens da Igreja, incluindo as próprias instalações, passaram ao controle do Estado Russo. Tais ações foram definidas como "uma página que atesta a miséria moral e a inferioridade do sentimento dos membros dos soviets ucranianos". Recorrendo a palavras de otimismo, encerrou o texto:

"A Igreja Católica, em todas as épocas e em todos os países quase, tem sofrido perseguições. Essa, entretanto, é das piores que sofre. Mas dela sairá vencedora. Está escrito que contra Ela o Mal não prevalecerá. E o bolchevismo, estamos certos, é o Mal."

Em *A Igreja e a Crise Universal*, O NORDESTE reproduziu a íntegra do artigo *Uma aliança com Roma*. Antes, realçou a asserção principal e a autoria do escrito. Destacou, surpreso, que a proposição - "a cooperação de todos os bons cidadãos com a Igreja Católica, em face da crise que assoberba o mundo atual" - estava sendo defendida por um escritor protestante e, ao justificar-se,



assinalou que a argumentação citada era "diametralmente oposta à tese 'livre pensadora' de que o Estado leigo deve ignorar a Igreja". O texto do partidário da Reforma fez da cautela, em relação à "ameaça" de uma "revolução política" consubstanciada na oposição à propriedade privada ("único sustentáculo possível da liberdade pessoal e social"), nas tentativas de colocar "em frangalhos a vida familiar" e nos ataques contra "a razão", o mote para desenvolver seus propósitos. Objetivando barrar o infortúnio que se aproximava, defendeu a urgência da implantação de um "internacionalismo" mediador entre "as coletividades locais e a coletividade universal". Tal atitude devia isolar "os revolucionários internacionais e os banqueiros igualmente internacionais", pois os primeiros "nenhuma estabilidade nos prometem, mas somente uma série de convulsões sangrentas"; quanto aos últimos, "parece que até agora ainda não conseguiram inspirar o grão de afeição necessário a uma autoridade estável e sã"<sup>90</sup>.

A "Sociedade das Nações", expressando sobretudo a "autoridade moral", encarnava através da força ou da persuasão, o tipo de "internacionalismo" citado, porém, dada a "inaptidão" e "os grupinhos corruptos de espertalhões obscuros que constituem os governos modernos", a condição de órgão central da entidade devia ficar com o Papado. A escolha do Sumo Pontífice deu-se em função de o sucessor de São Pedro ser o "centro de obediência de cerca de 200 milhões de indivíduos", o difusor de "uma moral que reivindica a universalidade" e o "órgão construtivo que ao mundo não pode ser lícito desconhecer ou desprezar". Exposta a função do Vaticano na "guerra internacional", o escrito, a partir do ponto de vista da "luta de classes", colocou duas questões. A primeira, a "contradição irreduzível" praticada pelos opositores à existência da propriedade privada: "Sua doutrina tem um lado negativo, fazem apelo ao espírito de caos; tem um lado positivo, querem um Estado onipotente que reduziria os súditos a uma espécie de escravidão." Para resolver o impasse, enunciou:

"A tudo isso responde Roma, pela boca do papa Leão XIII, que a propriedade é um direito natural, e que ela é o principal sustentáculo aqui em baixo dos indivíduos e das associações de indivíduos contra os

<sup>90</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 29 de Junho de 1925, p. 4. A folha católica apresentou como procedência do texto: "a conhecida revista americana 'The Commonwealth' publicou recentemente um artigo, firmado por um ilustre graduado da Universidade de Havard, o sr. Hoffman Niekerson".

caprichos do poder, que enfraquecê-la ou destruí-la é enfraquecer ou destruir a liberdade. Que corpo religioso já disse o mesmo?"

A segunda questão, ancorada na pergunta - "Quer isso significar que Roma não compreende nada do comunismo?", negou a prática bolchevique e definiu "os únicos comunistas verdadeiros nos tempos passados ou presentes" como sendo "os monges ou as freiras". No bojo dessa indagação, rememorou as antigas relações entre a Igreja Romana, nos "tempos do seu maior poder", e os abastados. Naquele tempo, "os ricos não eram irresponsáveis como hoje". O costume os obrigava a manter e a dirigir as forças de polícia, servir nas magistraturas locais, a exercer muitos outros deveres preciosos. O alicerce social da época esteve conduzido pela "moralidade econômica" manifestada pela doutrina do "justo preço" em que "a Igreja nunca se cansava de restringir as oscilações ruinosas do pêndulo econômico entre altas e as baixas cotações". O comércio e a indústria estavam organizados em associações cujo intento preciso era evitar o desenvolvimento de uma degradação proletária. Na parte final, a "santidade do matrimônio" foi encarada como superior à concretização do internacionalismo e ao abrandamento da luta de classes; já o divórcio veio colado aos adjetivos "monstro" e "hediondo". Encerrando, reiterou: "Só a existência do Papado nos ajuda a esperar um melhor entendimento internacional."

Com o artigo *A Rússia Trágica*, O NORDESTE conceituou o Estado comandado pelos "mandarins dos soviets" como regime avesso às "curiosidades civilizadas do turismo". Nessa lógica, a "revolução comunista" criou um país fechado, no qual as autorizações diplomáticas, "excepcionalmente fortes", são os salvo-condutos de entrada no país. Porém, o visitante que não conduzisse a licença, poderia ficar preso ou poderia sofrer espingardeamento por ter se tornado suspeito à "Tcheca"<sup>91</sup>. Com o intuito de combater "as ilusões acerca dos comunistas e do seu sistema político partidário", no qual a "ditadura do proletariado parece, de fato, uma ditadura sobre o proletariado", o texto citou o perfil do "camarada Zinoviev": "um dos mais capazes, dos mais influentes e também dos maiores facínoras entre os

<sup>91</sup> Definida em O NORDESTE, edição do dia 11 de dezembro de 1925 (p. 2), como sendo a "Comissão Extraordinária Contra a Contra-revolução" ou Comissariado de Segurança dos Soviéticos."



*leaders* judeus do Bolchevismo". Sua gestão à frente de Petrogrado antagonizou a produzida pelo regime czarista, assim, "miséria, tristeza, lixo e escuridão" venceram o "belo" e o "cintilante" e, como fato inusitado da administração em destaque, mencionou: "coisa curiosa, teatros e lugares de prazer, repletos", entretanto, sem "proletários", mas com "funcionários bolcheviques" provenientes do surgimento rápido de "nova burguesia"<sup>92</sup>.

Com a constatação "O operário agrícola não é o melhor amigo do operário urbano", o escrito passou a discutir "a morte da agricultura" na Rússia. A prova central aduzida ligou-se à compreensão: "os Sovietes libertaram o 'mujiqe' [*camponês russo*] da sua condição de escravo do nobre e do burguês, mas para lhe impor uma escravidão pior ainda". A sujeição dos camponeses deu-se porque o regime os submetera a uma troca desigual, enquanto comprava-lhes os produtos da terra a "preços ridículos", vendia-lhes os industrializados a "preços exorbitantes". Tal iniciativa gerou, nos mujiques, a "resistência passiva", ou seja, limitaram-se a produzir apenas o necessário ao sustento familiar. A resposta dos "ditadores bolchevista", a essa ação, veio através das "expedições punitivas", combinação de terror, incêndio em aldeias, confiscos e tomada de reféns. A "greve agrícola" apresentou como consequência, além da fome, epidemias, loucura, atentados contra as autoridades do regime e repressões aos "recalcitrantes". Situando o quadro, o texto destacou:

"o mujiqe não queria cultivar mais do que o necessário à sua alimentação. Também, mudara a atitude mental dos camponeses. Era orgulho dos bolchevistas haver criado uma nova humanidade russa, que nunca mais se submeteria à opressão. Ora, eis que a propaganda dos próprios agitadores bolchevistas se virara contra eles. Não era à toa que o servo se tornara homem livre, ébrio do vinho novo da liberdade. E eis que exatamente na véspera do seu triunfo político e militar, eram [*os ditadores soviéticos*] vencidos pelo campônio servil e ignaro."

Em sequência, enumerou as "estatísticas das matanças bolchevistas": "28 bispos, 1.219 sacerdotes, 6.000 professores e mestres-escolas, 9 mil médicos, 54 mil oficiais, 260 mil soldados, 70 mil policiais, 12.950 proprietários, 355.250 intelectuais e 'profissionais', 193.290 operários, 815.100

<sup>92</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 13 de outubro de 1925, p. 1-2. O texto resumiu trechos do livro "*Ce que j'ai vu n Russie Soietique*" de autoria do professor Charles Sarolea, da Universidade de Edimburgo. Mais uma vez a relação entre judeus e bolcheviques russos significou exemplo de tragédia, tal recurso fora utilizado pelo Monsenhor Tabosa em artigo publica em 28 de outubro de 1921 no CORREIO DO CEARÁ.

camponeses"<sup>93</sup>. Ao justificar o porquê do número de morte ser menor entre os religiosos, comparado aos demais ofícios, concluiu que, apesar do ódio confesso dos bolcheviques pelos eclesiásticos, a morte de um clérigo, por "excitar a cólera de um povo supersticioso", podia provocar uma "sublevação popular". Com sarcasmo, concluiu o ponto: "os membros da igreja devem ser estrangulados com prudência e, si me permitem dizer, com sábia economia". Fazendo uso de breves palavras, a última censura aplicada ao governo russo versou contra o sistema escolar misto, visto que o mesmo "tem dado origem a deploráveis imoralidades entre rapazes e raparigas de tenra idade". Na conclusão, o autor reafirmou o caráter degradante da sociedade soviética e arrematou: "a Rússia é realmente o reinado do Anticristo".

*As declarações de um príncipe russo - As crueldades do Bolchevismo* analisam a postura adotada pela Tcheca<sup>94</sup>. Denominado "laboratório da dor", o Comissariado de Segurança dos Sovietes tornou-se lugar de "espancamentos, mortes pela fome, fuzilamentos, queimaduras por ferro em brasa, estrangulamentos, enfim toda a sorte de crueldades", ou seja, na Rússia, o "regime dos judeus", havia uma "sucursal do inferno". Dois momentos da atuação do comissário Djerinsky, nos cárceres, ocuparam o centro do depoimento do príncipe E M<sup>95</sup>. Sem arrolar quaisquer informações ou indícios sobre os casos relatados, o ex-aristocrata limitou-se a narrar a performance de "um dos homens mais monstruosos do mundo". No primeiro caso, o comissário levou a Tcheca, uma senhora idosa, que, pelo caminho, não parava de chorar, com medo de morrer. Em dado momento, ela caiu de joelhos a seus pés, beijando-os e pedindo-lhes misericórdia. Ele obrigou-a a levantar-se e caminhar. Entre soluços, obedeceu. Então o chefe policial notou que tinha traços parecidos com os da sua mãe e ordenou assim mesmo que a fuzilassem. Desde esse dia, nunca mais dormiu tranqüilo e, hoje, "quase louco, vê a figura da velha em todos os lugares". Em outro episódio, estando na Tcheca, condenados à morte, uma mulher e seu filhinho de nove anos, e, como

<sup>93</sup> Números levantados pelo "conde Kokovtsov, antigo presidente do Conselho e ministro da Fazenda" do czarismo.

<sup>94</sup> O NORDESTE, Fortaleza/CE, 11 de dezembro de 1925, p. 2. Origem da matéria: "O jornal *Novidades*, de Lisboa, transcreve do *Diário de Notícias*, de Funchal, a seguinte entrevista do correspondente do citado jornal em Paris, com um príncipe russo."

<sup>95</sup> A gazeta clerical descreveu o entrevistado: "E. M., príncipe russo, que me pede que oculte o seu nome por ter filhos adotivos em Moscou e temer qualquer vingança contra os seus pupilos, como todos os príncipes russos, só pode falar mal do regime dos soviets."



lhe pedisse insistentemente para ver o filho, nem que fosse "por um pouquinho", Djerinsky ordenou que "picassem em pedaços a criança e a apresentassem 'aos pouquinhos', à mãe desolada".

A partir de consulta do diário católico *Novidades* de Lisboa, o artigo *Cristianismo e Socialismo* destacou, inicialmente, a assertiva: "Concordamos com Lenine na afirmação de que, em futuro talvez pouco longínquo, a humanidade estará dividida em duas grandes correntes: - cristianismo e socialismo". O texto primou por insistir que "a hora de restituir a verdade ao seu império e de declarar guerra a todos os que a negam" aproximava-se rapidamente. O "combate" entre os dois exércitos do futuro constituídos: dum lado, pelo cristianismo, do outro, pelo "socialismo revolucionário, negador de Deus, inimigo da Igreja e de todas as instituições que à sua sombra têm florescido", era uma realidade palpável. O alerta deu-se na perspectiva de proteger os operários do "veneno do socialismo revolucionário". Tidas como "desamparadas da Caridade, sedentas de Justiça", as classes trabalhadoras, mormente nas cidades, foram caracterizadas como presa fácil à infiltração do bolchevismo. A "cura" para a "incurável cegueira do comunismo" localizava-se na Igreja Católica, nos atos de Leão XIII, nos ensinamentos seculares do Evangelho, pois o cristianismo "destruiu as barreiras entre rico e pobre, entre judeu e gentio, entre escravo e o homem livre, porque o Evangelho não foi pregado a uma só classe"<sup>96</sup>.

Insistindo no chavão "soou a hora das grandes dedicações", o texto, sempre lançando mão de linguajar belicista, estabeleceu o palco da batalha, o "campo social". Otimista, relatou que, embora a Revolução Francesa tendo chegado ao extremo de colocar "nua, no altar de Notre Dame, uma prostituta" e mesmo tendo os bolcheviques estabelecido uma "tirania" na Rússia, "Cristo foi e é o grande libertador social". Reforçando a afirmação, expôs a condição social dos fundadores das primeiras sociedades cristãs (André, Pedro, Tiago e João) como "filhos do povo" e destacou Paulo. Este utilizou a "lei do trabalho,

<sup>96</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE. 17 de Dezembro de 1925, p. 1. *Morreu Lenine*. Tão concisa como a chamada, foi a notícia relativa ao falecimento do dirigente russo. O informe ocupou poucas linhas na primeira página da edição do 23 de janeiro de 1924. Porém, a 31 de janeiro, no mesmo espaço, o jornal publicou sua concepção acerca do falecido: "LENINE ATÉ DEPOIS DE MORTO É CAUSA DE MOTINS. Berlim, 28. Em comemoração da morte de Lenine, realizaram-se, ontem, grandes e turbulentas manifestações, promovidas por elementos extremistas".

uma lei de Deus" para destruir a vida parasitária, depois anunciou a essência de seu pensamento: "S. Paulo nunca julgou necessário insultar os ricos, como faz o socialismo que insulta o capital - quando capital e trabalho devem ajudar-se mutuamente". Na reta final, qualificou a ação dos sindicatos revolucionários de organizações para "ameaçar e não defender de injustiças os humildes" e localizou a repugnância dos cristãos na forma como o socialismo implementou a concepção de ser humano:

"se os homens fossem, em, geral, livres de todo o interesse egoísta, amantes do trabalho, obedientes e dóceis cheios de abnegação pelo bem comum e dispostos constantemente a ceder o seu lugar para outrem, para se colocarem no último e mais perigoso lugar, se, em vez de sermos o que somos - homens, fossemos, o que não somos, que jamais seremos - anjos."

A Arquidiocese de Fortaleza corriqueiramente nomeou os adversários do catolicismo de "bolcheviques". Alicerçada no binômio RECRISTIANIZAÇÃO e ORDEM, o bispado da capital, por meio do jornal O NORDESTE, sem estabelecer nenhuma ligação convincente entre os oponentes e o governo russo, tratou de bolchevizar qualquer discussão em que os interesses do clero pudessem ser contrariados. Dentro dessa lógica, travou, ao longo de 1926, uma polêmica com o jornal O CEARÁ. O debate primou por discutir a execução de algumas normas inseridas na Constituição de 1891. Ao rejeitar parcelas do texto republicano, a prática desenvolvida pela Arquidiocese de Fortaleza buscou estabelecer a harmonia social subjugada as dogmas formulados pelo Vaticano e para o sucesso de sua ação, a domesticação dos conflitos políticos com a desqualificação do oponente tornara-se imprescindível. Analisando a rixa, O CEARÁ, típico porta-voz dos setores urbanos e liberais, afirmou de maneira contundente: "Temos a impressão de que o órgão católico, não tendo inimigos a combater, precisa inventá-los para justificar a sua existência"<sup>97</sup>.

<sup>97</sup> *Explicação necessária*. Editorial. O CEARÁ. Fortaleza/CE, 27 de Fevereiro de 1926, p.1.



## CAPÍTULO 2

### *A salvação das almas e o futuro dos povos estão em jogo.*

“O socialismo não é a doçura e nem a paz; e, por outro lado a Igreja não deserdou do seu eterno posto de defensora dos fracos. O socialismo nada possui do que é preciso para ocupar no mundo o lugar da Igreja Católica. Falta-lhe, sobretudo, o principal: - não é uma doutrina de amor, é uma doutrina de ódio! Somos tentados a rir da presunção desses homens.

Não é permitido rir diante desses erros:

*- a salvação das almas e o futuro dos povos estão em jogo”.<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> *Uma nova igreja: o Socialismo*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 10 de Janeiro de 1927, p. 4.

## 2.1. Cegueira bolchevista.<sup>2</sup>

Continuando a praticar com ardor o ultramontanismo do século XIX, que preconizara “a intervenção ativa dos católicos nas instituições públicas para cristianizá-las em nome de uma adesão incondicional e fervorosa ao papado, visto como poder absoluto”<sup>3</sup>, O NORDESTE, em 1926, ao polemizar a aplicação de alguns preceitos republicanos com o jornal O CEARÁ<sup>4</sup>, o qualificou, apesar de seguidas contestações do periódico, de “órgão bolchevista”, “vazadouro do ódio”, “órgão ateu”, “doutrinador maximalista”, “órgão russo”, “jornal ímpio”, “órgão sovieta” e “gazeta da impiedade”. Antes, porém, faz-se necessário traçar breve perfil do modelo de imprensa praticado pelo jornal O CEARÁ. Com a sucessão de Artur Bernardes na Presidência da República, denunciou, no editorial *O protesto do povo*, a falta de discussão no pleito. Para “despertar as energias cívicas do povo”, propôs aos candidatos percorrer o país explicando os respectivos programas de metas, assim, auscultariam “o sentir coletivo para, no governo, realizar as aspirações gerais”. Como exemplo, citou a conduta do candidato Nilo Peçanha, na eleição que apontou substituto de Epitácio Pessoa. Em sua “campanha democrática”, visitou as todas capitais da federação e “expôs, com brilhantismo e senso prático jamais atingidos por político brasileiro, suas idéias sobre os problemas regionais”<sup>5</sup>.

Diferentemente, O NORDESTE atribuiu unicamente, aos católicos e convertidos, a tarefa de redimir a pátria, e O CEARÁ posicionou-se a favor do regime republicano e da democracia representativa. No editorial *O protesto do povo*, analisou o comportamento da elite brasileira, como o posicionamento do

<sup>2</sup> *A perseguição religiosa do México encontrou defensores no “O Ceará”*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 17 de Março de 1926, p. 1.

<sup>3</sup> PORTELLI, HUGUES. *Os socialismos no discurso social católico*. Tradução: Helena de Albuquerque M. Livramento. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 100.

<sup>4</sup> “Fundado em 7 de junho de 1925, por iniciativa de J. de Matos Ibiapina, é considerado por muitos um dos melhores periódicos que já circularam neste Estado. Seu aparecimento marcou uma nova fase na imprensa cearense, pelo fato deste jornal lançar edições de 8, 12 e 16 páginas contendo abrangente noticiário. Desapareceu em 7 de junho de 1930.” In: *1º Catálogo da Hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel*. Fortaleza: s.n., 1998.

<sup>5</sup> O CEARÁ. Fortaleza/CE, 2 de Março de 1926, p. 1. No editorial *A missão do sr. Washington Luiz*, de 3 de Março de 1926, o jornal continuou criticando o “regime de mentira eleitoral”: “Não é possível a um país, de 35 milhões de habitantes, continuar a suportar esse jugo de um sindicato político que se instalou nas tocas do poder, onde se mantém pela violência, pela fraude e pelo suborno.”



povo. Em relação à classe dirigente, criticou severamente seu comportamento, pois “meia dúzia de indivíduos” auto-intitulados “líderes da política nacional” resolvem fazer chefe da nação políticos “cujas idéias ninguém conhece e que poderão levar o país a uma grande prosperidade como arrastá-lo a completa ruína”. Referindo-se ao povo, aplaudiu o protesto pela a abstenção de votos que o grupo praticou contra as “panelinhas políticas” e defendeu o “controle popular” para barrar o “desvirtuamento da República”. Ao comentar a conjuntura do período, advertiu:

“Revolução para impedir essa prática anti-republicana é recurso ainda mais impatriótico porque levará o país à anarquia, o pior de todos os males que podem acontecer a um povo”.

O CEARÁ, no primeiro semestre de 1926, colocou-se a favor da efetivação das normas do artigo 72 da Constituição Republicana de 1891: “§3º - Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.”; “§4º - A República só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita.”; “§5º - Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não ofendam a moral pública e as leis.”; “§6º - Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos.”; “§7º - Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência com o governo de União, ou o dos Estados”<sup>6</sup>.

Os jornais defenderam suas opiniões acerca da aplicação desses preceitos constitucionais utilizando, prioritariamente, a primeira página e nela o espaço destinado à publicação de editoriais, portanto torna-se factível constatar a relevância que a polêmica atingiu no contexto histórico. A cada posição assumida por uma parte, a outra, de imediato, respondia, assim, réplicas e tréplicas marcaram o debate, porém, enquanto O CEARÁ priorizou, como base de argumentação, o texto constitucional e o ordenamento jurídico brasileiro, O NORDESTE, arrogando-se como único representante de “um povo, cuja quase totalidade é composta de crentes”, valeu-se permanentemente do ardil de

<sup>6</sup> BARBALHO, João. *Constituição Federal Brasileira, 1891: comentada*. Prefácio: Walter Costa Porto. Edição fac-similar. Brasília: Senado Federal, 2002, p. 305-315.

apresentar o clero como vítima dos que, por meio de uma “campanha iníqua feita à falsa fé”, pretendiam “levar avante a obra da descristianização do país”<sup>7</sup>. Além disso, o clero, constantemente, foi apresentado como “pronto a perdoar os seus malfeitores”<sup>8</sup>.

Em o *Casamento civil e religioso*, ao registrar caso de tentativa frustrada de bigamia, organizado por “elementos civis e religiosos”<sup>9</sup>, O CEARÁ reafirmou a importância de sua “campanha sistemática contra o mau hábito de celebrarem os representantes da Igreja o casamento religioso antes do civil”, apontou o alastramento da bigamia e da poligamia entre os pobres como consequência imediata de tal procedimento “que ameaça destruir a instituição da família” e denunciou a existência de sacerdotes “que fazem do casamento uma indústria, um meio de vida”. Ao finalizar o texto, reiterou mais uma vez “ser a prática da celebração do casamento umas das funções mais rendosas do clero”, portanto censurou veementemente o comportamento de “ministros de Cristo que preferem as vantagens pecuniárias decorrentes dessa prática ao bem da família cearense” e, como resolução para esta “gravíssima irregularidade”, expressou a necessidade imperiosa de o Arcebispo Metropolitano, o “chefe da Igreja”, estancar tal procedimento utilizando “as mais severas penalidades do código eclesiástico”<sup>10</sup>.

No primeiro parágrafo de *Boa ou má, a lei existe*, O CEARÁ enfatizou o repúdio às “graves irregularidades resultantes do fato de alguns sacerdotes celebrarem o casamento religiosos sem a prova de haver sido firmado o contrato civil”<sup>11</sup>. Em seguida, comentou os infortúnios relacionados ao direito de sucessão das famílias ilegalmente constituídas, em que as esposas e respectivas proles ficaram inteiramente abandonadas “porque a ignorância ou a má fé de seus progenitores não lhes deixaram uma situação legal amparada pelo Código Civil” e destacou o intuito do artigo de fundo: “como todos os fatos sociais, esse tem as suas razões explicativas que é preciso conhecer para que

<sup>7</sup> *O contrato civil e a atitude do clero*. O CEARÁ. Fortaleza/CE, 21 de Fevereiro de 1926, p. 1.

<sup>8</sup> *Teoria desacreditada*. Editorial. O CEARÁ. Fortaleza/CE, 21 de Fevereiro de 1926, p. 1.

<sup>9</sup> “O criminoso, repellido pela família da vítima, raptou a desditosa moça e, denunciado, foi passar no xadrez a sua ‘lua de mel’”.

<sup>10</sup> Fortaleza/CE, 19 de Fevereiro de 1926, p. 1. O editorial referiu-se também à ação de “elementos civis”, ou seja, advogados, “eminentemente representantes da justiça”, no entanto, analisarei ao longo da pesquisa a controvérsia entre O CEARÁ e o porta-voz da hierarquia eclesial, o jornal O NORDESTE.

<sup>11</sup> Editorial. O CEARÁ. Fortaleza/CE, 20 de Fevereiro de 1926, p. 1.



se lhe possa dar a solução conveniente". Para o jornal, as "razões explicativas" originaram-se na falha da Constituição de 1891 que, após estabelecer a liberdade religiosa com a separação entre fé e Estado, desconsiderar a legalidade do casamento religioso e instaurar a obrigatoriedade do contrato civil para efeito de sucessão de bens, falhou em não codificar "punição legal para os sacerdotes de qualquer culto que negassem o seu respeito à instituição civil", bem como no costume dos padres de obter rendas através da cobrança pela celebração dos atos religiosos.

Outra questão referiu-se à pequena atenção dispensada pela opinião pública ao tema. O motivo apresentado pelo periódico vinculou-se ao padrão social das pessoas envolvidas na formação de famílias à margem do Código Civil. Ao expor sua compreensão enfatizou: "é simplesmente porque as principais vítimas são pessoas pobres e incultas, sem meios de fazer chegar as suas reclamações aos órgãos da imprensa independente". Informou o não atendimento dos vigários à recomendação do Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes, no sentido de exigir o atestado de contrato civil e solicitou, por parte, das autoridades constituídas, ação enérgica visando ao cumprimento da lei. O periódico, reconhecendo a penetração do jornal O NORDESTE no "espírito da população católica" e levantando a hipótese de o jornalismo leigo causar repulsa nos cristãos pelo fato de censurar a ação de sacerdotes, o conclamou a engajar-se em campanha pública, "acima de paixões mesquinhas", objetivando implantar uma "reforma de costumes" em prol da "moralização da sociedade". Concluindo, lançou um brado a favor da legalidade e da liberdade de opinião: "Boa ou má, a lei existe. Podem os espíritos religiosos trabalhar pela sua revogação. Nada mais natural. Enquanto, porém, ela estiver em vigor, devemos todos nos submeter ao seu império e concorrer para sua eficiência."

Em *Seremos sempre justos*, O CEARÁ caracterizou seu jornalismo como imparcial e "sem motivo de odiosidade" perante os partidos políticos, os interesses religiosos e os representantes do governo. Também afirmou esmerar-se em ser apenas "eco das justas reclamações do povo" contra os erros praticados pelos ocupantes do poder constituído. Comentando a maneira como a imprensa partidária e católica realizou o exercício da crítica às suas posições, realçou o fato de os oponentes terem adotado "invariavelmente" o

"ataque pessoal grosseiro" como "expediente de combate" visando derrotar as campanhas em prol dos interesses vitais da "coletividade", os quais, acreditava, estavam representados pelo texto constitucional vigente. Para o periódico, o hábito dos opositores reforçou a tese de que, no Ceará, "delicadeza" era "sinônimo de covardia".

O CEARÁ, partidário da teoria - "nas sociedades humanas, o fenômeno econômico condiciona e sobrepuja todos os outros" -, narrou que O NORDESTE o julgou ofensivo para com as doutrinas da Igreja Católica, e com isso, passou a agredi-lo "indelicadamente, como se a ninguém fosse lícito ter idéias diferentes das suas." Rebateu a iniciativa católica argumentado tratar-se de um jornal ciente das posições assumidas e adepto de uma postura repulsiva, no sentido de encarar o clero como um "fantasma do outro mundo ante o qual toda gente se apavora". Resumindo a posição adotada, afirmou: "A nós pouco importa que o clero, desde o papa ao padre Palácio, nos declare guerra". Nos derradeiros parágrafos, após insistir na necessidade da celebração do casamento civil antes do religioso, censurou o comportamento dos sacerdotes católicos brasileiros no século XIX e elogiou a performance do clero no século XX:

"Outrora [século XIX] eles eram, na sua quase totalidade, indivíduos sem moral, vivendo em pleno regime de mancebia, constituindo famílias irregulares, apesar desse fato ser condenado pelos seus superiores hierárquicos. Hoje, ao contrário, de moral mais avançada, são em regra, um esteio contra desorganização das famílias, junto às quais representam o papel de conselheiros, influindo no sentido do bem."<sup>12</sup>

Em *O contrato civil e a atitude do clero*, O NORDESTE respondeu aos posicionamentos do jornal O CEARÁ. Logo no início, a gazeta eclesial, ao destacar a habilidade de "certos corifeus da imprensa libertária", no sentido de "achincalhar os sentimentos religiosos da coletividade" e de "desvirtuar os fins das associações de organização social cristã", colocou a hierarquia da Igreja Católica como vítima, pois "o clero é caluniado, na sua honra por um jornalista que não pesa a responsabilidade da sua profissão". Em seqüência, definiu, como "acervo de inverdades", o fato narrado pelo O CEARÁ, pois as iniciativas do Governador do Arcebispado e de Dom Manuel impediram a realização do

<sup>12</sup> O CEARÁ. Editorial. Fortaleza/CE, 21 de Fevereiro de 1926, p. 1.



casamento religioso<sup>13</sup>. A folha clerical identificou, na legislação laica e republicana, “desastres tão graves” à constituição da família e esclareceu a relação com o poder judiciário: “onde há juízes de bem, íntegros e retos, estabelecem os vigários combinações com os representantes da lei, e tudo corre muito bem”. Encerrando arrematou:

“E o que pode fazer ‘O CEARÁ’ com suas armas avariadas do sovietismo imprestável e falidas, a nos querer impingir tais velharias bélicas como as últimas novidades dos arsenais sectários?! Pobre cegueira humana!”<sup>14</sup>

O NORDESTE, em *Teoria desacreditada*, prosseguiu na contestação ao jornal O CEARÁ. A refutação, enfatizando a “sagrada missão apostólica” de Roma, caracterizou os jornalistas católicos como “soldados que não traem a sua bandeira”, pois, “em qualquer emergência, havemos de responder ao ataque a nossa Fé com a arma da nossa pena” e realizou a defesa dos “ministros do altar” contra as “declarações vãs” daqueles cuja “prova de coragem” consubstanciou-se em “atacar padres, que, em qualquer hipótese, perdoam todos os aleives, ainda os mais ferinos doestos”. Mesmo reconhecendo os “maus sacerdotes” - S. Pedro negou Jesus, S. Tomé descreu do poder divino do Mestre e Judas o traiu - o socorro em favor do catolicismo manifestou-se: “nem a fraqueza, nem a miséria dos homens é capaz de abalar a santidade da inderrotável instituição”. O artigo se notabilizou por reapresentar a Igreja Católica como munida da “convicção da verdade” e vítima eterna de seus algozes, estes agora “com a sua carga de ‘tolerância’ sectária e de sectarismo mais perigoso, o maximalista”<sup>15</sup>.

Sob a epígrafe *As ordens oficiais da Igreja a respeito do casamento civil*, O CEARÁ publicou a chamada - Para conhecimento do público, divulgamos hoje a pastoral enviada por todos os bispos do Brasil aos vigários, a respeito do casamento civil. No documento, a dualidade pecado versus sagrado norteou as orientações formuladas pelo clero. Coerente com uma perspectiva punitiva, a diretiva inicial determinou: “O contrato civil não é verdadeiro sacramento entre cristãos, e seria gravemente pecaminoso e

<sup>13</sup> O CEARÁ não noticiou a consumação do casamento religioso, mas uma tentativa frustrada de bigamia organizada com a “conivência de um padre e de um advogado”. In: *Casamento civil e religioso*. Fortaleza/CE, 19 de Fevereiro de 1926, p. 1.

<sup>14</sup> O NORDESTE, Fortaleza/CE, 21 de Fevereiro de 1926, p. 1.

<sup>15</sup> O NORDESTE. Editorial. Fortaleza/CE, 22 de Fevereiro de 1926, p. 1.

suspeito de heresia considerá-lo como tal”, em seguida, complementou: “Aqueles que se acham unidos tão somente pelo contrato civil, com exclusão do sacramento do Matrimônio, estão em estado permanente de pecado mortal, não obstante os reconhecimentos e as garantias da lei civil”. Destoando do texto constitucional de 1891, a pastoral considerou o ato civil “simples formalidade” e o sobrepôs ao ato religioso: “Em regra geral, convém que o casamento religioso preceda ao ato civil, o que aliás é permitido por lei”<sup>16</sup>.

O CEARÁ, na mesma edição em que publicou a pastoral a respeito do casamento civil, manifestou sua preocupação no editorial *Esclarecimentos indispensáveis*, com o comportamento adotado até aqui pelo jornal O NORDESTE: “Ao contrário dos colegas que para nós só têm palavras grosseiras quando discordamos das suas idéias, nós acreditamos na sua boa fé.” Prosseguindo, reintroduziu, no debate, a situação das “classes pobres”, vítimas de “verdadeira indústria do casamento” exercida por “elementos inescrupulosos”, com o objetivo de reforçar a argumentação citou fontes oficiais: “De uma feita, publicamos, fornecida pelo comando do Regimento Policial do Estado, uma lista de dezenas de soldados nas condições aludidas”<sup>17</sup>. Definida a situação como “anarquização da família, a desordem social, levada a seu apogeu, afetando a mais estável de todas as instituições humanas”, O CEARÁ tratou de arrolar os elementos desencadeadores da “indústria do casamento”, de início culpou a ação de frades estrangeiros, que realizaram “casamentos, a granel, sem a exigência da menor formalidade, sem indagar se os candidatos ao sacramento religiosos estão ou não ligados a outras mulheres pelo contrato civil”, depois, desculpou-se por ter levantado a possibilidade de envolvimento direto da magistratura no fato em análise<sup>18</sup>.

A acusação baseou-se nas dificuldades impostas pelos magistrados, pois “o dispêndio, muitas vezes exagerado”, provocou o afastamento dos nubentes da justiça, e conseqüente procura aos padres que os livraram “da complicação burocrática dos leigos” e são “menos exigentes nos pagamentos”. Sintetizando as escusas aos juizes, O CEARÁ publicou algumas palavras de

<sup>16</sup> O CEARÁ. Fortaleza/CE, 23 de Fevereiro de 1926, p.1.

<sup>17</sup> O CEARÁ. Fortaleza/CE, 23 de Fevereiro de 1926, p.1.

<sup>18</sup> No editorial *Distorcendo Sofismas*, O NORDESTE, utilizando a definição de família que o jornal O CEARÁ expressou, cobrará do mesmo não só a aplicação efetiva deste enunciado, como o abandono das teses manifestadas sobre o casamento religioso.



autoria do “ilustrado dr. Olívio Câmara”, tido como “católico praticante”, “formoso talento”, “sólido ilustração” e de “incorrutível honestidade”. Na argumentação do jurista, a causa do afastamento do povo da justiça adveio “tão somente na ignorância do próprio povo e, às vezes, na campanha que alguns padres fazem contra o casamento civil, com o intuito de não perder os cobres para as mãos do escrivão.” Concluindo escreveu a Dom Manuel e à redação de O NORDESTE: “ou as pastorais dos bispos são para inglês ver e não obrigam aos padres, ou estes prejudicados nos seus interesses, preferem cometer um ato de indisciplina a perder uma fonte de renda”.

O NORDESTE iniciou a réplica ao editorial *Esclarecimentos indispensáveis* com a afirmação: “O nosso colega do ‘O CEARÁ’ procura ser exímio na velha arte do sofisma”<sup>19</sup>. Em seguida, com a frase (“Estamos, agora, na preocupação de escrever sem melindrar as suscetibilidades do ‘O CEARÁ’”) ironizou o polemista que o criticara pelo uso de “palavras grosseiras”, no debate acerca do casamento religioso antes do contrato civil. Depois, negou energicamente a relação entre o “exercício das funções sagradas” dos sacerdotes e a obtenção de renda. Ao reconhecer a veracidade da “Pastoral Coletiva dos Prelados Brasileiros”, publicada pelo jornal O CEARÁ, manifestou total obediência ao seu conteúdo. No tocante às ações dos padres estrangeiros no interior do estado, o jornal informou que tais celebrações aconteceram “com licença expressa do pároco” e as classificou de “elevada finalidade moral e social”.

A contestação da gazeta católica primou por questionar a honorabilidade do jornal O CEARÁ, com a interrogação: “como pode o jornal maximalista de Fortaleza afirmar que os padres não cumprem as determinações dos seus superiores?”. Ao optar por semelhante postura, com conseqüente repulsa ao elemento estranho, O NORDESTE buscava congrega a coletividade cristã em torno de suas posições baseadas no devido ordem e disciplina. Com idêntico intuito, foi utilizado o posicionamento de vincular a atitude do periódico adversário, no debate, a uma planejada “campanha contra o clero”, por isso a conduta do oponente foi adjetivada por meio das expressões: “atitudes violentas, grosseira acusação, aberração inominável,

<sup>19</sup> *Distorcendo sofismas*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 25 de fevereiro de 1926, p. 1.

espírito de hostilidade, cegueira maximalista, falta de lógica e de razão”.

Finalizando o editorial *Distorcendo sofismas*, O NORDESTE destacou:

“Esperamos, agora, que, em atenção ao compromisso, que assumiu ‘O CEARÁ’ mude de idéias, abdicando das suas preferências bolchevistas, em cujo programa está incluído, como assunto importante, a desorganização da família - a mais estável de todas as instituições humanas, no dizer expressivo do colega. Fora das bênçãos de Deus, como quer o maximalismo, jamais a família poderá constituir o fundamento da vida moral de um povo.”

O CEARÁ, em *Explicação necessária*, ao rejeitar os adjetivos “bolcheviquista”, “maximalista”, “perturbador da ordem social” e “anarquista” utilizados pelo jornal O NORDESTE, na contenda em torno de “certas práticas de padres afastados da boa moral do Cristo”, arrolou “os inimigos declarados do catolicismo”: “algumas centenas de protestantes” e “meia dúzia de moços materialistas agressivos”. Porém, à medida que negou ser um “inimigo sistemático da Igreja”, defendeu a liberdade religiosa: “Vemos Cristo, Buda, Maomé, Confúcio, etc., mais ou menos no mesmo plano, com uma única diferença de que São Pedro deu à religião do Cristo uma organização mais avançada do que os outros fundadores de credos.” Sempre vinculando a postura jornalística à aplicação da “legislação pátria”, Constituição e Código Civil, O CEARÁ criticou as prefeituras por terem consentido, à revelia da legislação republicana, a permanência de vigários monopolizando as finanças dos cemitérios e a proibição do sepultamento de “pessoas acatólicas” nestas necrópoles públicas<sup>20</sup>.

O debate entre O NORDESTE e O CEARÁ não deve ser caracterizado somente como embate identificado com a cidade de Fortaleza, mas circunscrito, em esfera nacional, no âmbito das relações Igreja-Estado após a promulgação da primeira constituição republicana. Até 1891, todo o manuseio documental da vida civil esteve, na prática, sob guarda da Igreja católica. A instituição exerceu o controle sobre a emissão e guarda dos registros de nascimento, casamento e morte, no tocante ao casamento, “embora houvesse

<sup>20</sup> *Explicação necessária*. Editorial. Fortaleza/CE, 27 de Fevereiro de 1926, p. 1. O CEARÁ, em *Política da Morte*, editorial de 28 de Fevereiro de 1926, ao retomar estas questões, exaltou a atitude dos “patriotas de 89” que, “inspirados na política liberal de Augusto Comte, introduziram na Constituição federal disposições garantidoras da completa liberdade de cultos”, qualificou de “coaço espiritual” a atitude da Igreja Católica de proibir o sepultamento de suicidas, protestantes, ateus, maometanos, budistas, etc nos cemitérios públicos e colocou-se contra a “lentidão da justiça brasileira”.



duas legislações em vigor sobre o assunto, uma civil e outra eclesiástica, apenas esta última era considerada legítima”<sup>21</sup>. Na dinâmica pré-republicana, em função do monopólio cartorial, coube aos representantes do Vaticano decidir qual a condição jurídica assumiria as pessoas na vida social, pois determinavam a legalidade ou ilegalidade de um procedimento civil, em último caso, legislando sobre o acesso a heranças e ao uso de propriedades e de bens.

Compondo a elite social, membro ativo na política do regime monárquico, a Igreja Católica, com a implantação do sistema republicano, perdeu a condição de religião oficial e, segundo o projeto constitucional de 22 de junho de 1890, tornado público pelo Governo Provisório, os cultos religiosos, sem exceção, deviam sujeitar seus bens à lei de “mão morta”<sup>22</sup>; reconhecer a obrigatoriedade do casamento civil, a laicização do ensino público e a secularização dos cemitérios; não receber ajuda oficial de qualquer espécie; acatar a proibição de se abrirem novas comunidades religiosas, especialmente a Companhia de Jesus, e a inelegibilidade de clérigos aos parlamentos. Patrocinadas pelo caráter conciliatório de nossas elites e levando em consideração o prestígio popular e a força política da Igreja, a Constituição de 1891 trouxe modificações preservadoras dos bens da hierarquia católica e a sujeição do patrimônio clerical ao direito comum, acolhedoras do ingresso, no território nacional, de ordens e congregações estrangeiras, a título de ajuda a obras de beneficência, facilitadoras do repasse de verbas oficiais às autoridades do clero nacional. Outro componente de modificação de atuação da igreja foi o processo crescente de urbanização e a consolidação da classe operária como elemento decisivo no jogo político. Combinar pânico e pecado e o apoio intransigente à repressão nortearam a relação entre o clero e o proletariado, no sentido de impedir a aproximação dos trabalhadores com o bolchevismo.

<sup>21</sup> GRINBERG, Keila. *Código civil e cidadania*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 37-38.

<sup>22</sup> “proibição de adquirir, possuir, por qualquer título, e de alhear bens de raiz [*bens de qualquer natureza*], sem preceder especial licença do governo civil, e a devolução deles ao estado, verificada a infração de tal proibição”. In: BARBALHO, João. Op. Cit., p. 306.

## 2.2. A propaganda da desfaçatez.<sup>23</sup>

A alteração em foco opôs constitucionalistas, O CEARÁ, e a hierarquia tradicionalista frustrada, por não submeter o Estado a suas diretrizes, saudosista da união Igreja-Estado, que tinha, em seus quadros, padres com status de funcionários públicos, pertencentes a uma "burocracia paralela, uma organização que, ao longo da história, se tinha empenhado em longas batalhas contra o mesmo Estado pelo controle do poder político"<sup>24</sup>. Por isso compreender a conduta da Arquidiocese de Fortaleza, nesse momento, passa pela perspectiva de estabelecer uma linha de continuidade entre o processo de instalação da Diocese do Ceará, sob a direção do episcopado ultramontano; a publicação, em 1893, da Carta Pastoral de Dom Joaquim José Vieira, norteadora das ações da hierarquia católica do Ceará, nos anos que se seguiram à promulgação da constituição republicana e à atuação do sucessor, Dom Manuel da Silva Gomes. Acerca do casamento civil, o documento de Dom Joaquim afirmou:

"O casamento civil abalaria a sagrada união do homem e da mulher, instrumentalizando a divulgação perniciososa e o acolhimento do Estado secularizante, desvinculando da fonte eterna, arrastando-o ao maquiavelismo, afetando a sociedade, que entraria pelo caminho da desagregação religiosa e moral, ensejando a desagregação social, política e econômica. Eis que, dando guarida ao coro dos prelados brasileiros, a diocese do Ceará, através de seu órgão autorizado, se levantava contra os desdobramentos da República de tenra idade."<sup>25</sup>

Dom Manuel pautou sua conduta por reordenar os postulados do Tradicionalismo, isto é, a subordinação do Estado ao Catolicismo, com a dinâmica do regime republicano. Em função disso, tornou-se símbolo de uma rede de assistencialismo e de intervenção política que possibilitou, à Arquidiocese de Fortaleza, o exercício da hegemonia social entre 35 e 45<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> *A propaganda da desfaçatez*. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 4 de Março de 1926, p. 1.

<sup>24</sup> CARVALHO, José Murilo de. Juizes, padres e soldados: os matizes da ordem. In: *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: a política imperial*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará, 1996, p. 165.

<sup>25</sup> MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Trono e o Altar: As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: BNB, 1992, p. 105.

<sup>26</sup> Em Maio de 1935, o candidato da Liga Eleitoral Católica, Menezes Pimentel foi eleito, pela Assembleia Legislativa, governador do Ceará. Em fevereiro de 1936, a L E C, assumindo a legenda do recém-fundado Partido Republicano Progressista, elegeu, no voto, Raimundo Alencar Araripe prefeito de Fortaleza. Após o Golpe do Estado Novo, em outubro de 1937, ambos permaneceram em seus cargos. Em 1945, Pimentel foi destituído por Vargas.



Entretanto, quando o jornal O NORDESTE publicou “trinta e sete anos do regime maçonizado ainda não venceram a repugnância do povo contra o desrespeito ao grande sacramento do matrimônio”<sup>27</sup>, o bispado da capital buscava, com a divulgação desse postulado, essencialmente tradicionalista, manter viva, nos novos tempos, a identidade ultramontana dos católicos e atribuir a si o mérito de ser o único porta-voz da coletividade cristã da cidade.

Alicerçado nessas idéias, o editorial *Eles são luzes e guias* definiu, mais uma vez, o comunismo como sendo “o apostolado do mal”<sup>28</sup>. Assinado pelo padre Antônio Tabosa Braga, o texto censurou a “ânsia verdadeiramente satânica” do inimigo para provar, junto aos operários, que a Igreja Católica era “inimiga da liberdade”, “escravizadora do homem” e asfixiadora das “mais legítimas aspirações do proletariado”. Historiando desde J. J. Rousseau a origem do adversário, qualificou suas idéias como “delírios tresloucados do século XVIII” e sistematizou as qualidades mínimas dos que o repelem: “são almas que possuem qualquer luz dos conhecimentos humanos”. Explicitou as bases da “moral evangélica” de orientação das “consciências”, ou seja, dos dirigentes da sociedade: livrá-los do “lodaçal dos vícios”, pois “as consciências precisam de luzes, e os dogmas são luzes celestes que as iluminam e guiam”.

Também detalhou a compreensão a ser posta em prática pela Arquidiocese de Fortaleza e pela comunidade cristã da cidade: “Vivemos cercados de princípios imperiosos, de leis sagradas. Igreja é a lei moral viva e vivificadora”. Censurou a vontade manifestada pelos opositores em conseguir “a sua emancipação da fé, do capitalismo, dos patrões e de todos os jugos terrestres” e, como convencimento argüiu: “Como pode o homem escapar às leis da natureza?”. Em resposta, salientou os aspectos: a necessidade inarredável de o homem submeter “a decantada liberdade” a um comando, que, nas famílias, se manifestava na ação dos pais ou tutores, e, nos governos através dos reis ou presidentes de república; por último, como contraponto à esta ordem natural da vida, a “mais dolorosa escravidão - a anarquia”.

Com o alerta “Organizemos as hostes dos ministros da paz, a fim de dificultarmos a empresa sangrenta dos agentes do socialismo vermelho”, o

<sup>27</sup> *O contrato civil e a atitude do clero*. Fortaleza/CE, 21 de Fevereiro de 1926, p. 1.

<sup>28</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 26 de Fevereiro de 1926, p. 1.

jornal O NORDESTE finalizou o editorial *Catolicismo ou anarquia*<sup>29</sup>. Preservando o modelo desenvolvido pelo Padre Tabosa, o escrito definiu o catolicismo brasileiro como “força da alma nacional”, “alicerce do engrandecimento da Pátria” e fator de “coesão nacional”. Em atitude de quem vigia a “Índole do povo”, lançou, para “todo católico de ação”, a escolha: “Catolicismo ou anarquia, eis o grave dilema diante do qual se encontra o futuro da Pátria”. Nesse contexto, advogou para a catolicidade a organização de atividades que impulsionassem a “ascensão do nível moral da nacionalidade”. Precedido de expressões apocalípticas - “a marcha da dissolução, o abismo moral, os vendavais da desordem, crise aguda, política da inconsciência” - o chamado fora publicado com o intuito de convencer os católicos da importância da realização do Primeiro Congresso das Vocações Sacerdotais, cujo objetivo, em função da carência de padres, era estimular o crescimento numérico do clero nacional para intensificar a “recristianização do país”.

Sensacionalismo preventivo. Eis como é possível definir a prática política da Arquidiocese de Fortaleza para combater a disseminação do bolchevismo na cidade. Atitude que contrariou a realidade social, pois a tímida organização dos comunistas locais não colocou, em xeque, o poder de mobilização do clero fortalezense. Com palavras anunciadoras de flagelo na iminência de concretizar-se, O NORDESTE, ao avaliar a conjuntura do período, não só decretou a falência do Estado leigo, como atribuiu ao catolicismo a tarefa heróica de corrigi-lo: “Ninguém, fora da disciplina da Igreja, possui autoridade para empreender o salutar movimento regenerador”. Insistindo na tese de “guerra à Igreja”, enumerou os opositores que deviam ser alvo da “ação decidida dos ungidos do senhor”:

“E, para conter-se a onda de lama, que é a corrupção maçônico-bolchevista, precisamos de sacerdotes, que esclareçam as multidões e as encorajem a seguir a estrada real dos grandes destinos desta porção do continente sul-americano”.

Ai está o exemplo vivo da Rússia, trucidada, degradada, exaurida pela camarilha judaica dos soviets.”

<sup>29</sup> Fortaleza/CE, 2 de março de 1926, p. 1.



O jornal O CEARÁ qualificou o editorial *Catolicismo ou Anarquia*, publicado em O NORDESTE, “artigo merecedor das simpatias de todos os brasileiros isentos de preconceitos religiosos”<sup>30</sup>. Aquiesceu, entretanto, somente a uma das apreensões contidas no texto da gazeta católica, ou seja, a relativa ao reduzido número do clero nacional. Considerou o padre brasileiro, como o soldado do exército, “um esteio fortíssimo à unidade nacional” e, em relação a ambos, acrescentou: “esses dois elementos são a mais sólida garantia da fraternização entre os povos dos diferentes Estados da nossa união política”. Porém, quando comentou o porquê da redução numérica do magistério eclesiástico brasileiro, recorreu a uma argumentação que será severamente contestada pela folha religiosa.

Exalando patriotismo na preocupação com a “direção moral das nossas famílias”, determinou, como raiz do problema, a presença ostensiva de padres estrangeiros, cuja “entrada franca” contara com a proteção das “altas autoridades do clero nacional” e defendeu criar empecilhos à entrada de “elementos estranhos, que fazem concorrência prejudicial aos interesses dos padres brasileiros”. Inflacionando a argumentação em nome da pátria, estabeleceu que tão nociva, quanto à “invasão” estrangeira, ao clero era permitir a entrada de mercenários no exército. Além disso, querendo falar o que O NORDESTE não podia mencionar, em função da rigidez hierárquica, destacou:

“Nas entrelinhas do vibrante artigo do ‘O Nordeste’, há a confissão de que os seminários do país estão sendo desertados pela população nacional, o que dá lugar à entrada no país de padres estrangeiros, não identificados com os sentimentos e ideais da nossa pátria.”

Antes de examinar a réplica divulgada pelo jornal católico, em alusão ao editorial *De acordo com o “O NORDESTE”*, publicado em O CEARÁ, destaca-se a crítica da folha clerical a coluna *Carta do Rio*, de 2 de março de 1926<sup>31</sup>. O escrito da “folha bolchevique” exaltou o crescimento, na Inglaterra e na América do Norte, da Liga da Luz do Sol. Após desvincular a entidade de qualquer atividade “sufragista” e da prática católica de distribuir esmola,

<sup>30</sup> *De acordo com o “O NORDESTE”*. Editorial. Fortaleza/CE, 4 de março de 1926, p. 1.

<sup>31</sup> No transcurso do período pesquisado, o jornal O CEARÁ publicou, sempre na primeira página, a coluna *Carta do Rio*. O texto, cujo autor permaneceu anônimo, sendo identificado apenas por A., tratou de vários assuntos relativos tanto ao cotidiano de Fortaleza como da capital federal.

enunciou seu objetivo: uma associação a favor da “propaganda do nu, ou do quase nu, por motivos higiênicos”. Lógico que só pela apologia à nudez e o fato de louvar o apoio que o “deão Inge”, da Catedral de São Paulo, em Londres, dispensou à entidade, o artigo já provocaria a ira eclesiástica, porém outro ponto foi alvo de severa crítica, a definição de “benemerência”: ato “a que os burgueses comparecem para distribuir com os miseráveis uma porcentagem insignificante dos lucros advindos da exploração do proletariado”. Além do “quase nu”, a coluna saudou a iniciativa anglo de seguir os passos da “Rússia bolcheviquista”, ao estender aos soldados o direito de voto e comentou a relação entre os praças e os oficiais no país: “todos têm os mesmos direitos políticos e nem ao menos se distinguem pela toilette”. Finalizando a questão, mencionou: “Mais uma vez, a Inglaterra conservadora imita a Rússia maximalista”.

A censura veio com o artigo *A propaganda da desfaçatez*: “Há nesta Liga da Luz do Sol o propósito soviético de nivelar o homem ao animal irracional”<sup>32</sup>. Considerando a existência e a divulgação dos propósitos da liga como atitudes dignas de um “movimento de degradação humana”, O NORDESTE atribuiu a opção pelo “quase nu” à tentativa de “voltar ao estado selvagem dos cablocos bravos” e de exercitar o “retrocesso à barbaria”; com relação ao apoio religioso, informou tratar-se de uma “falsa fé” tal amparo pois fora explicitado por um pastor protestante, e não por um representante da “Religião dos cearenses”. Em socorro às associações religiosas praticantes da caridade, o periódico vinculou o surgimento da liga à obra incontestada de um “espírito refinadamente dissolvente”, também a definiu como atividade dos que estão “enfasiados do recato, que a dignidade da nossa civilização impõe”. Mesmo culpando pela presente situação “o propósito soviético”, o qual identificou como obra dos “inimigos do Cristianismo”, o texto, surpreendentemente, não fez qualquer menção ao fato de a Inglaterra seguir, no tocante ao direito de voto dos praças das forças armadas, o modelo do país dos soviets.

Com o editorial *Doutrinadores de oitiva*, O NORDESTE refutou o posicionamento do jornal O CEARÁ contra a presença de sacerdotes não-

<sup>32</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 4 de Março de 1926, p. 1.



nacionais, no Brasil, entretanto, antes de desenvolver os argumentos, classificou o ato do periódico de “desnorteador da razão”, qualificou os redatores de “sabichões” e os ligou à “classe dos doutrinadores de oitiva”, nomeou-os como adeptos da “sociologia barata” e, por fim, denominou o órgão de “sociólogo maximalista”<sup>33</sup>. O pensamento da folha eclesial recorreu a dois pontos para justificar como o trabalho pastoral, que estava sendo questionado, tornara-se indispensável para o país. Inicialmente, o padre estrangeiro foi apresentado como “representante da verdade indissolúvel pregada por Jesus Cristo” e missionário obediente “ao patrimônio integral da fé católica”, ou seja, não havia diferença entre estes e os clérigos pátrios, ambos estavam submetidos à “disciplina da Igreja”, eram “irmãos pela fé”. Em seguida, mesmo felicitando o crescimento das matrículas, nos seminários estaduais, vinculou a presença dos religiosos estrangeiros às carências numéricas do clero brasileiro e a nossa vastidão territorial. Em conclusão, expressou o seguinte desejo:

“Um dia quando o Brasil mandar missionários aqui nascidos e formados à conquista de países envolvidos pelas trevas do erro, possam os elementos dignos do Clero nacional contar, nas terras estrangeiras, onde tenham de exercer o seu apostolado, com sociólogos, cuja proclamada ‘justiça’ e ‘tolerância’ não alinhem pelas do articulista do ‘O Ceará’.”

Nesse período, O CEARÁ assumiu-se como ferrenho defensor do constitucionalismo de 1891 e crítico dos hábitos políticos da República Velha. Chegou a manifestar-se, por exemplo, a favor dos “desprotegidos”<sup>34</sup> e contra a perpetuação do estado de sítio no governo Artur Bernardes<sup>35</sup>. Porém, sistematicamente, o jornal negou ser vinculado a alguma doutrina social, e mais: ao não admitir ser filiado ao bolchevismo, condição que lhe atribuíra o jornalismo católico, argumentou: “Não pertencemos nem à corrente maximalista, nem ao anarquismo, nem a nenhuma das múltiplas variedades de socialismo”, em seguida, complementou: “Aceitamos soluções propostas por

<sup>33</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 5 de Março de 1926, p. 1.

<sup>34</sup> *A ciência e a indústria precisam ser utilizadas em favor do proletariado*. O CEARÁ. Editorial. Fortaleza/CE, 15 de Maio de 1926, p. 1. No editorial *A questão social*, de 1º de Maio de 1926, O CEARÁ já se posicionara em prol da harmonia entre capital e trabalho: “Apesar do espantoso desenvolvimento que a ciência social tem tido do século XIX a esta parte, os agentes, imbuídos de idéias antigas, ainda não compreenderam ser hoje impossível o governo da sociedade sem um justo equilíbrio entre as duas forças que se tornaram politicamente antagônicas e que devem ser economicamente solidárias”.

<sup>35</sup> *O favor da suspensão do sítio*. O CEARÁ. Editorial. Fortaleza/CE, 14 de Maio de 1926, p. 1.

várias doutrinas sociais, inclusive o catolicismo”<sup>36</sup>. Como explicação para a conduta da folha católica, O CEARÁ apresentou a necessidade de o órgão eclesiástico fabricar inimigos, “que só existem na sua fecunda imaginação”, assim, não só defendia a Igreja Católica, como fazia “apologia do estado social existente, com todos os erros, muitos dos quais a Igreja sanciona”.

Afirmou não ter repulsa aos qualificativos - agitador, subversivo e destruidor da ordem social - utilizados, corriqueiramente nas páginas da folha clerical, para censurá-lo, e para justificar o porquê de tal postura, declarou: “essas críticas partem de representantes da religião católica, cujo fundador, Jesus Cristo, foi um dos maiores revolucionários da humanidade”. Aliás, o Cristo, no texto, era diametralmente oposto ao descrito pelo bispado da capital. O CEARÁ contrapôs o “desapego de Cristo” ao “catolicismo de banqueiro” posto em prática pelo Crédito Popular São José, cuja entidade mantenedora era a Arquidiocese de Fortaleza, e indo fundo nas críticas, apregoou: “As teorias comunistas ou bolcheviquistas de Jesus, é verdade, não mais inspiram os seus adeptos”<sup>37</sup>. Ao final do editorial, após divulgarem a sua condição de “tímidos discípulos desses notáveis reformadores”, Jesus e o Papa Leão XIII, os redatores do jornal arremataram: “O nosso bolcheviquismo não assumiu ainda as proporções do Cristo e do mais eminente dos papas. Nós estamos muito longe de adotar integralmente as teorias sociais desses santos varões”.

Contrapondo a “brandura de linguagem” ao “tom enraivecido” do jornal O NORDESTE, contrariado no debate, O CEARÁ no editorial *Não se irritam os que defendem as boas causas*, criticou a artimanha do jornalismo católico de vincular “todos os credos religiosos e políticos que não são o seu” ao “corpo de doutrinas diabólicas, fruto de mentalidade doentias condenadas pelo céu”<sup>38</sup>. Como argumento central, tratou de pregar a tolerância como regra básica de sociabilidade, em oposição à “máquina infernal de propaganda religiosa”,

<sup>36</sup> *Maximalistas católicos*. O CEARÁ. Editorial. Fortaleza/CE, 14 de Maio de 1926, p. 1.

<sup>37</sup> No editorial *A Igreja e a usura* (13 de Abril de 1926, p.1), O CEARÁ, julgando que a cobrança de juros feita aos clientes do Crédito Popular São José era escorchante, criticou a atuação dos “banqueiros católicos” alojados na entidade; já no editorial *A sinceridade das nossas convicções na questão dos terrenos acrescidos de marinha* (4 de Maio de 1926, p. 1) repeliu a comercialização que a instituição financeira vinculada a Arquidiocese de Fortaleza vinha realizando nos terrenos localizados em uma “linha reta tirada da lagoa de Mucuripe em direção à Fortaleza, do lado sertão, entre essa linha e o mar”. Estas posições provocaram mais um acirrado debate entre O CEARÁ e o jornal O NORDESTE. Na defesa do banco arquidiocesano, O NORDESTE bolchevizou a discussão.

<sup>38</sup> O CEARÁ. Fortaleza/CE, 26 de Maio de 1926, p. 1.



gerada pelo distanciamento de parte do clero dos ensinamentos de Cristo, nos quais a "força moral" venceu a "violência". Para o periódico, se as formas de violência usadas por Roma - inquisição, força e fogueira - falharam contra quem lhe fez objeção, não seriam as "descomposturas de imprensa", empregadas pelo jornal O NORDESTE, que surtiriam efeito. Em seguida acrescentou: "até o sexo feminino, conservador por excelência, está, em muitos assuntos, fora da exagerada disciplina da Igreja". Com o objetivo de reiterar a maneira como a gazeta católica descrevia os indivíduos situados em campos diferentes, O CEARÁ enfatizou:

"Os espíritas são tidos como feiticeiros, merecedores da vigilância da polícia; os teosofistas não passam de almas extraviadas do caminho do bem e da verdade; os ateus são vistos como réprobos de que todos devem se afastar, como portadores de moléstias contagiosas; os socialistas, anarquistas e comunistas, confundidos pelo 'O Nordeste' como se tratasse de escolas idênticas em teoria e quanto à finalidade social, aparecem aos seus olhos como indignos da tolerância dos governos, como elementos destruidores de todas as conquistas da civilização."

Em diversas ocasiões, Padre Tabosa assinou editoriais no CORREIO DO CEARÁ e em O NORDESTE. Usou como tática de convencimento um discurso maniqueísta, no qual a Igreja Católica sempre aparecia como eterna perseguida pelas forças do mal e uma argumentação sem a explicitação precisa do adversário, pois, na lógica do religioso, os inimigos eram todos conhecidos pelos seguidores de Roma, ou seja, os não adeptos do catolicismo. As palavras, a seguir, exemplificam o pensamento do sacerdote, ao analisar não só a conjuntura relativa ao debate entre a folha católica e o jornal O CEARÁ, mas a situação social do país: "As Sagradas Escrituras acham muito prudentes os filhos das trevas na realização dos seus planos maléficos contra a verdade e contra o bem. Não se expõem facilmente a fracassos"<sup>39</sup>. A fim de particularizar o comportamento dos "filhos das trevas", o clérigo atribui-lhes a disposição de sempre estarem prontos a "mostrar os defeitos dos católicos". O CEARÁ expôs três "defeitos": a realização do casamento religioso anterior ao ato civil, a cobrança de juros e a apropriação dos terrenos da marinha por parte do Crédito Popular S. José.

<sup>39</sup> *A prudência astuciosa dos filhos das trevas.* O NORDESTE. Fortaleza/CE, 9 de Junho de 1926, p. 1.

Um dos aspectos do debate entre O CEARÁ e O NORDESTE tratou da atitude de padres “que fazem do casamento uma indústria, um meio de vida”<sup>40</sup>. Utilizando a depreciação do oponente como retórica, a resposta de Padre Tabosa ao jornal O CEARÁ veio por meio da asseveração: “Chegam a afirmar que os católicos o são por *indústria*. Haverá injustiça mais clamorosa? Todos os seus tesouros são espirituais”<sup>41</sup>. Como justificativa para a asserção, o sacerdote vinculou a sobrevivência financeira da Igreja Romana ao recebimento de donativos e de esmolas dadas pelos fiéis de todas as classes sociais, e referindo-se à instituição, exaltou: “Todos os seus postos são de sacrifício”. Mesmo reconhecendo as imperfeições dos católicos, minimizou-as, visto serem “menos em número e menores em gravidade do que entre outros quaisquer”. Cômico da firmeza dos pobres na cristandade e da repulsa do povo aos adversários do Vaticano, destacou: “Já não impressionam as massas as suas astúcias requintadas da malícia e de perversidade”.

O editorial *A culpa é “deles”* impôs aos católicos a urgência de efetivar severo boicote ao jornal O CEARÁ. Recorrendo à narração em diálogo, sem nomear os envolvidos, entre os redatores de O NORDESTE e “um jovem bacharel, ex-promotor público no interior do Estado”, descreveu a petulância do visitante em atacar a Igreja chamando-a de intolerante por não aceitar o “modernismo”, as “modas livres”, a “teoria da evolução”, por aferrar-se à “infalibilidade do Papa” e por ter condenado Galileu, Giordano Bruno e Francisco Ferrer. Como resposta, recebeu o conselho: “vá aprender nos livros autorizados, vá estudar, como nós, essas questões à luz da história imparcial”<sup>42</sup>. Ao perceber, no jornal O CEARÁ, a fonte de inspiração para o discurso do moço, encontrou o motivo para a atenção dispensada ao “contaminador da heresia”: a ausência da instrução religiosa na escola leiga. À vista disso, constatou: “A pena sectária” esconde o “néctar envenenado” e vai “intoxicando a consciência dos que absorvem sem capacidade de digerir qualquer bebida intelectual”; e advogou “que a nação não pode tolerar” esta

<sup>40</sup> *Casamento civil e religioso*. Editorial. O CEARÁ, Fortaleza/CE, 19 de Fevereiro de 1926, p.1.

<sup>41</sup> *A prudência astuciosa dos filhos das trevas*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 9 de Junho de 1926, p. 1.

<sup>42</sup> *A culpa é “deles”*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 2 de Setembro 1926, p.1.



ação "porque são membros gangrenados e, por isso mesmo, constituem focos de infecção para o organismo social"<sup>43</sup>.

Publicado no editorial *Definamo-nos!*, o sinal de alerta, "Distinguem-se, pois, os campos! Demos a esquerda aos inimigos! Definamo-nos!", objetivou, mais uma vez, chamar os "maus católicos" a boicotar O CEARÁ<sup>44</sup>. Ao caracterizar o periódico inimigo como "a coluna de flagelação, onde hoje em dia se tortura o Cristo, Redentor nosso", O NORDESTE sentenciou: "Quem ampara a folha ímpia concorre para a existência de um pelourinho da religião!". Arrolou entre os "católicos de rótulo", afora os leitores da publicação "socialista", as senhoras adeptas de "trajo nefando, semidespidas diante do altar, onde permanece a Pureza Infinita!", e os freqüentadores do "cinema corruptor" e do "teatro imoral". O chamado, no sentido de evitar a presença de "jornais maximalistas", nos lares católicos, veio acompanhado da sentença: "A transigência em matéria de credo não se chama tolerância, mas defecção!". Em mais uma recomendação, a Arquidiocese de Fortaleza, por não controlar agremiação eleitoral, buscou minimizar o prejuízo advertindo os fiéis: "Chama-se católico de rótulo o que coloca as exigências da política acima das prescrições da sua fé". Entretanto o clero sempre propugnou pela manutenção da ordem, ou seja, nada de rupturas institucionais. Considerando como pagãos todos os adeptos de crenças e valores diferentes dos propostos pelo bispado, O NORDESTE, como bom tradicionalista, propugnou a favor da submissão do político à hierarquia do catolicismo. A doutrinação posta em prática contribuiu para incutir, nos católicos fortalezenses, a necessidade de dotar o clero de vigoroso instrumento de intervenção partidária, assim, surge, em 1932, a Liga Eleitoral Católica (L E C)<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> No editorial *A culpa é também nossa* (4 de Setembro de 1926, p. 1), O NORDESTE voltou a defender o boicote ao jornal O CEARÁ. Agora alegou: "Num ambiente católico, como o Ceará, se existe uma folha insultuosa e blasfema é porque nós católicos a sustentamos!". Em 6 de Outubro de 1926, o Arcebispo Metropolitano, Dom Manuel, o Bispo do Crato, Dom Quintino e o Bispo de Sobral, Dom José, subscreveram um documento intitulado "Condenação do jornal O CEARÁ", no qual determinaram: "Declaramos que nenhum católico é lícito ler, assinar ou proteger direta ou indiretamente o referido jornal - 'O Ceará'."

<sup>44</sup> *Definamo-nos!* Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 8 de Setembro de 1926, p. 1.

<sup>45</sup> Ingressaram na entidade membros dos extintos partidos Conservador e Democrata, da Ação Integralista Brasileira e da Legião Cearense do Trabalho e militantes das associações religiosas e operárias." In: JOB, Daniel Carneiro. *Revivendo o passado: Homens e fatos que a História nem sempre registra*. Fortaleza: [s. n.], 1986, p. 31.

### 2.3. Uma nova igreja: o Socialismo.<sup>46</sup>

Publicados nos dias 10, 11 e 12 de Janeiro de 1927, os editoriais - *Uma nova igreja: o Socialismo*, *O máximo problema* e *O bolchevismo em ação* - podem ser sistematizados pela compreensão dada no primeiro texto da série: "O Socialismo inculca-se e proclama-se igreja; assume, pois, uma hostilidade contra a verdadeira Igreja". Revelando parte da indignação dos demais escritos, o texto *Uma nova igreja: o Socialismo* censurou o fato de o bolchevismo ter versado acerca de problemas circunscritos ao "terreno do foro interior", identificados com o "terreno da consciência e das crenças". Para o tradicionalismo católico, o "socialismo moderno essencialmente anticristão", querendo "encerrar o povo na prisão da matéria", passou a referir-se também a assuntos vinculados ao "caráter religioso", ou seja, passou a posicionar-se com relação a temas concernentes à organização da família e à função social da mulher.

Na visão da Arquidiocese de Fortaleza, as temáticas deviam permanecer sob o controle exclusivo do Vaticano, isto é, pertenciam à alçada única do "terreno espiritual", espaço no qual, vale ressaltar, em hipótese alguma, Roma admitiu o convívio com o diferente<sup>47</sup>. A conduta do bispado da capital também reforçou o entendimento sistematizado por Leão XIII acerca da relação Estado-família: "Querer, pois, que o poder civil invada arbitrariamente o santuário da família é um erro grave e funesto"<sup>48</sup>. Em edições passadas, O NORDESTE já havia definido, por exemplo, o lugar social da mulher brasileira: "Pode a jovem receber esmerada educação científica antes, se não dispuser dos conhecimentos de economia doméstica, não dirigirá, com perícia um lar, fará figura secundária no reinado sublime da família"<sup>49</sup>. Agora, como em jogo de contrastes e partindo de doutrinação exaustivamente difundida, a folha católica passou a amaldiçoar as concepções soviéticas. Anterior à seqüência em questão, o editorial *O tufão bolchevista* trouxe o sinal de alerta para o

<sup>46</sup> Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Janeiro de 1927, p. 4.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> LEÃO XIII (papa). *Rerum Novarum* - Sobre a condição dos operários. Tradução: Manuel Alves Silva. 6ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 19.

<sup>49</sup> *Educação doméstica*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 1 de Junho de 1926, p. 1.



público católico estar vigilante contra mais uma investida russa<sup>50</sup>. O aviso veio por intermédio da passagem: "Vamos, hoje, estudar, rapidamente, os terríveis estragos realizados pelo bolchevismo, na tentativa insana de desmoralizar a família". Para os soviéticos, segundo o texto, o casamento passou a ser uma associação livre, igualitária e formada por afinidades de raça e língua, ou uma união na qual o livre desenvolvimento de cada indivíduo tornara-se condição indispensável para o desenvolvimento do casal.

O NORDESTE, ao informar a atitude dos russos de abolir os laços indissolúveis do matrimônio, noticiou: "A família é considerada por esses espíritos libertários um empecilho do progresso". Para explicitar o seu julgamento, transcreveu resolução do Congresso da Federação Comunista de 1924: "não será possível revolução alguma, enquanto existir a família e o espírito de família, instituição burguesa inventada pela Igreja, ruína do passado". Ampliando o leque de informes sobre a pretensão de Moscou, foram destacadas as posições da militante socialista, Alexandra Kollontai<sup>51</sup>: "A família são o marido e a mulher, unidos entre si e separados da coletividade. Temos nós precisão de tal coisa? Evidentemente que não". Querendo provocar mais espanto nos leitores, publicou a resolução do "Congresso de novembro de 1925" que veiculou a indissociabilidade do triunfo da Revolução Russa com a saída definitiva das mulheres dos lares: "Devemos destruir nela o sentimento egoísta e instintivo do amor materno". A mulher, se ama os próprios filhos, não é mais que uma cadela".

Por ter determinado a condição feminina como indispensável para o equilíbrio familiar, pois "não se pode negar que a mulher mais útil a si própria e à família é a que empregar melhor as prerrogativas da sua natureza, os privilégios com que Deus a enriqueceu"<sup>52</sup>, O NORDESTE, ao comentar, em *O tufão bolchevista*, a disponibilidade do Estado Moscovita de garantir às mulheres o divórcio e a prática gratuita e com acompanhamento médico-oficial, do aborto, considerou tal informação um verdadeiro acinte. Para

<sup>50</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 22 de Dezembro de 1926, p. 1.

<sup>51</sup> Como membro da Oposição Operária, criticou a "burocracia instalada no Partido Comunista" e reivindicou a "gestão coletiva nas fábricas, liberdade de expressão, participação ativa dos sindicatos operários". In: KOLLONTAI, Alexandra. *Oposição Operária*. São Paulo: Global, 1980, p. 5.

<sup>52</sup> *A mulher no século XX*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 29 de Maio de 1926, p.1.

combater semelhante heresia, veiculou no mesmo espaço: o cristianismo dignificara a mulher “sublimando a sua missão de companheira fiel do homem, erigindo-lhe um trono no lar”. Ora, para uma instituição que, para ficarmos em um passado próximo, a partir de Leão XIII, configurou a família como o domínio do “governo paterno”, na qual a “autoridade paterna não podia ser abolida, nem absorvida pelo Estado”<sup>53</sup>, as posições de Moscou, expostas até aqui, só podiam ser qualificadas como: “aberrações brutais” vinculadas a uma “idéia desvairada”<sup>54</sup>.

No editorial *Uma nova igreja: o Socialismo*, a Arquidiocese de Fortaleza propugnou que, devido os “inimigos da Verdade invencível e infalível”, ou seja, os bolcheviques terem ampliado sua atuação alicerçada no materialismo e no ateísmo, para além das fronteiras das lutas econômicas e políticas e que, na conjuntura, quisessem exhibir-se como “religião” essencialmente “anticristã” e desejaram ser “mais que um partido”, era indispensável, como forma combatê-los, centralizar a atuação dos católicos no âmbito da “revelação divina” e no “terreno da ação social”, espaço no qual, reiterou: “o socialismo jamais abandona”. Para O NORDESTE, por ter elevado o “homem até a altura de Deus” e contraposto a justiça humana à justiça divina, o procedimento dos soviéticos devia ser integralmente condenado. O raciocínio de localizar nos signatários do “marxismo alemão” a fonte geradora do programa adotado pelos moscovitas coaduna-se com o entendimento:

“O bolchevismo é também uma religião e é sobretudo como religião que ele é temível; que seduz as multidões operárias. Encarna a tentação de realizar o *reino perfeito e feliz deste mundo*. O bolchevismo é a *última encarnação do messianismo*, e uma encarnação atéia: crê que a luz vem do oriente, que o facho da revolução russa iluminará as trevas burguesas do ocidente. O marxismo é um *apocalipse*; é um *messianismo*. O seu messias é o imenso corpo do *proletariado*. É o seu ‘deus’ e por isso a terra é o seu reino.”<sup>55</sup>

Em *O máximo problema*, O NORDESTE trouxe a solução para desbaratar o “segredo da desorientação moral do mundo contemporâneo”: o ensino católico contra o “programa de descristianização”<sup>56</sup>. Funcionando a

<sup>53</sup> LEÃO XIII (papa). *Rerum Novarum* - Sobre a condição dos operários. Tradução: Manuel Alves Silva. 6ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 18-19.

<sup>54</sup> *O tufão bolchevista*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 22 de Dezembro de 1926, p. 3.

<sup>55</sup> ROLIM José (padre). *O Comunismo: história, ideologia, crítica*. 2º vol. Lisboa: União Gráfica, 1945, p. 307-308.

<sup>56</sup> Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 11 de Janeiro de 1927, p. 4.



escola sob a égide da "religião do povo" e das "leis do Evangelho", dava-se o aperfeiçoamento e o equilíbrio da sociedade, e, conseqüentemente, evitaríamos a proliferação da "anarquia, da indisciplina e da rebelião". A ausência do catolicismo nos educandários foi atribuída à covardia dos governantes, que, em detrimento das ambições do poder e com medo de enfrentar o "laicismo", optaram por fazer uma "traição a Jesus Cristo" e não implantaram a "Fé no seio das massas". Contrastando com esse tipo de dirigente, o texto apresentou a postura adotada por Benito Mussolini, na Itália, e pelo governador de Minas Gerais, Antônio Carlos de Andrada como exemplar, pois ambos não só qualificaram o catolicismo como o "único fator de ordem, de paz e de união, nessa época agitada de terrível inquietude dos espíritos", como adotaram o ensino religioso nos currículos oficiais.

A atitude do governante das Minas Gerais desacatou a Constituição de 1891. A norma determinou a adoção do ensino leigo nas instituições públicas<sup>57</sup>. No entanto, O NORDESTE saudou o desrespeito à lei máxima do país de forma efusiva: "o sr. Antonio Carlos teve a decisão de ferir o assunto importantíssimo do ensino religioso nas escolas do Estado, sem amoldar a sua opinião à corrente do fanatismo constitucional dominante". Para a gazeta clerical, a coragem do político mineiro, alicerçada nas "honrosas tradições nacionais", restabelecia a identidade entre a Igreja Católica e o "civismo brasileiro". Reportando-se às necessidades do "povo", mais uma vez tratado como ente despersonalizado, despreparado para auto-organizar-se e isento de contradições internas, o escrito rechaçou o tipo de educação:

"É a escola neutra o centro de operações onde se inicia essa obra tirânica, profundamente antipatriótica e desnacionalizadora, de hostilização à fé tradicional do povo". Arrancando da alma da juventude o patrimônio das suas convicções sagradas, tem-se forçosamente conseguido o aviltamento do país."

O NORDESTE não julgou como rebeldia, ao contrário, saudou como ato de bravura a atitude do governador Antonio Carlos de Andrade de instituir, contrariando a Constituição de 1891, o ensino religioso nas escolas públicas de Minas Gerais. Ao analisar a visita ao Rio de Janeiro, então capital federal, de

<sup>57</sup> BARBALHO. Op. Cit., p. 313. "Será leigo o ensino nos estabelecimentos públicos. Instituição de caráter temporal, secular, o Estado na tem na sua missão a catequese e propaganda religiosa".

Kraewsky, "representante bolchevista", apresentou-o na condição de um legítimo desencadeador do "temporal de rebeldia, nesta parte do mundo, onde todos, felizmente, têm um lugar ao sol"<sup>58</sup>. Conceituado o Brasil e o Continente Sul-americano como espaços, "em que todas as liberdades são permitidas", o jornal católico passou a descrever quão era perigoso para a pátria o "espírito de intriga das classes" a ser disseminado pelo diplomata russo. Começava por insinuar ao nosso operário que a justiça é um instrumento de proteção apenas para a burguesia; em relação à polícia, dizia ser formada por um grupo de "patifes experimentados"; religião, escola e a imprensa brasileiras eram reduzidas a meios de dominação do capitalismo. Descrito o quadro, sem demora, indicou o culpado: "o liberalismo dominante é o nefasto precursor do comunismo".

O discurso em defesa da pátria deu a tônica do texto em questão, por isso, à medida que rechaçou, por completo, a presença do representante moscovita em solo pátrio, chegando inclusive solicitar acompanhamento policial para cada passo do "agente anarquista", O NORDESTE lançou um desafio para as autoridades nacionais: agiriam com a mesma permissividade caso fosse um emissário de um país monárquico? Para a gazeta clerical não havia a menor possibilidade da livre propaganda em torno deste sistema de governo, cujo modelo definiu na conta de ser "essencialmente construtor". A pátria corria riscos eminentes com a estadia do bolchevista, "um inimigo da ordem pública, um agente dos princípios de subversão social" e contumaz proclamador dos seguintes pressupostos:

"a idéia de pátria é uma tolice e um engodo, de acordo com o ensino do mestre Carlos Marx, que proclamou: 'os operários não têm pátria' para realizar aqui o regime comunista, cumpria ao trabalhador ter em mão todo o poder, atear a guerra civil contra os opressores."

"Burla, falência da República, dissolvente do caráter nacional, conchavo, partidos que disputam as graças do poder" foram os qualificativos utilizados pelo jornal O NORDESTE para definir o posicionamento dos partidos cearenses nas eleições de 24 de Fevereiro de 1927<sup>59</sup>. No pleito, elegeu-se um terço do Senado Federal e a bancada de deputados cearenses no Congresso Nacional. O partido Conservador e o partido Democrata conduziram o processo

<sup>58</sup> *O bolchevismo em ação*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 12 de Janeiro de 1926, p. 4.

<sup>59</sup> *Nem justiça nem liberdade*. Editorial. Fortaleza/CE, 18 de Janeiro de 1926, p. 4.



de escolha dos candidatos<sup>60</sup>. Definindo o Brasil como um país no qual a grande maioria professava a religião católica, o periódico manifestou discordância com o perfil dos eleitos: “não tem assento, entre nossos parlamentares, ninguém que seja o intérprete dos ideais da igreja”<sup>61</sup>. Em seguida, acrescentou: “não é de admirar que marchemos a passos mais ou menos rápidos para a dissolução política e social, de que é portadora a insânia bolchevista”. Impressos seguidamente, os editoriais anunciaram as tormentas: o bolchevismo, o liberalismo e o laicismo, e impuseram a bonança: o Cristianismo.

Caso os homens continuassem presos à condição de servos do liberalismo e do laicismo, e, conseqüentemente, a estorvarem o Decálogo, padeceriam, segundo o escrito *Nem justiça nem liberdade*, “como vermes famintos, no lodo vil, em que se comprazem as suas paixões subalternas” e permitiriam aos poderes públicos adubarem o “terreno em que seria lançada a semente da discórdia do bolchevismo”. A ética cristã trouxe consigo a capacidade de ser a “única verdadeira escola que sabe equilibrar a autoridade com a liberdade” e a facilitadora no sentido de orientar “os povos para uma vida edificante, em que exista perfeita harmonia entre os direitos e os deveres sociais”. Ao alertar os poderes constituídos “no mundo civilizado” quanto ao perigo de afastar da “alma das multidões” o cristianismo, pois cedo ou tarde poderão ser alvo das “iras populares”, recomendou: “Sem a disciplina da fé, a legalidade se transforma em despotismo, o acatamento ao poder insuportável subserviência”. Como contraponto aos “movimentos armados”, indicou o “princípio da autoridade divina”.

Ao atribuir, às “altas camadas administrativas”, a responsabilidade de encetar a “obra de salvamento do civismo nacional”, o editorial *A lição do exemplo* localizou a origem da “fonte envenenada que vem intoxicando o organismo dessa nossa anêmica e depauperada democracia”: o descrédito na palavra dos estadistas proporcionado pelo laicismo. Assim, diante do quadro descrito, vaticinou: “Onde poderão buscar o antídoto para esse corrosivo do amor da pátria, senão na doutrina de fraternidade e de paz, pregada pela

<sup>60</sup> Entre 1912, data da deposição do oligarca Nogueira Acioli, até 1930, o jogo político no Ceará esteve sob a hegemonia do partido Conservador e do partido Democrata. In: MONTENEGRO, Abelardo. *Os partidos políticos no Ceará*. Fortaleza: Ed. UFC, 1980, p. 90.

<sup>61</sup> *A lição do exemplo*. Editorial. O NORDESTE, 19 de Janeiro de 1927, p. 4.

Igreja?”. O laicismo, advertiu a gazeta clerical, produziu a “obra comunista de completa subversão da ordem”, na qual reduziu, à pobreza extrema, o “colosso moscovita”, com isso, implantou um regime tirânico cujos símbolos de violência eram: as prisões na Sibéria, o despotismo da Tcheka e os “fuzilamentos em massa”. Para barrar a “rebeldia das inteligências”, restabelecer os “fluidos salutaros da Fé”, dotar os dirigentes de “forças e luzes” e repor a “saúde moral ao povo”, instigou: “Estará o governo disposto a encaminhar os seus passos rumo à aproximação do poder espiritual do Catolicismo?”

A análise das eleições de 27, na gazeta clerical, não ficou resumida aos editoriais *Nem justiça nem liberdade* e *A lição do exemplo*, mas ocupou parte do noticiário veiculado ao longo do primeiro terceto do ano em curso. A máxima “são indestrutíveis as relações entre a política e a Religião” norteou as reportagens<sup>62</sup>. As notícias, no entanto, ficaram restritas a mostrar o desenrolar dos conchavos entre os membros da elite política do estado, ou seja, traições e acordos, nomes preteridos e nomes confirmados nas listas de votação. No comentário imediatamente após o pleito, *O povo e os conchavos*, ao ajuizar o baixo comparecimento às urnas como protesto dos eleitores ao acordo firmado, exaltou a “democracia do povo”, porém não incluiu, na condição de “povo”, as mulheres, os analfabetos, mendigos, praças de pré e os religiosos das ordens monásticas que estiveram proibidas de exercer o direito de votar<sup>63</sup>. O texto elogiou a atuação do governador José Moreira da Rocha e, no ápice do desempenho do chefe do executivo, colocou a conduta eleitoral posta a serviço dos servidores estaduais:

“a correção com que se portou o governo do Estado nesta capital, presidindo a uma eleição libérrima, em que até os funcionários públicos demissíveis tiveram a liberdade plena de poderem propagar e sufragar os seus candidatos, em oposição aos do governo”<sup>64</sup>.

Na cobertura do sufrágio, O NORDESTE não propugnou pela participação dos trabalhadores na contenda, assim como não defendeu a participação das mulheres e dos analfabetos no contingente de alistáveis. No tocante à participação de padres-candidatos, recolheu-se ao silêncio. Porém com o advento da Liga Eleitoral Católica (L E C), em 1932, mesmo antes, na

<sup>62</sup> *Religião e política*. O NORDESTE, 26 de Janeiro de 1927, p. 4.

<sup>63</sup> BARBALHO. Op. Cit., p. 290-291.

<sup>64</sup> *O povo e os conchavos*. O NORDESTE, 26 de Fevereiro de 1927, p. 1.



fase de gestação da entidade, o periódico assumiu postura inversa. Tornou-se, na prática social, porta-voz da organização, e passou a defender o ingresso de operários nos quadros da agremiação, propagou a favor da mulher-votante, mas calou-se em relação aos não alfabetizados. A L E C obteve status de partido político apenas no Ceará e em São Paulo<sup>65</sup>. Outra questão ventilada, mas de forma suave, reportou-se às fraudes cometidas no processo de apuração. Somente em *O povo e os conchavos* fez brevíssima alusão ao tema: "Dir-se-á que, no interior, não houve em muitas partes eleição outra que as de bico de pena, e é certo". A leitura do jornal contrasta com a posição a seguir:

"Os processos políticos usados pelos partidos conservador e democrata não se alteravam. Faziam-se eleições a bico de pena como se havia costurado a bico de agulha a mesa eleitoral. A alta direção dos partidos escolhia os candidatos a cargos eletivos. 'Fui deputado, diz monsenhor José Quinderé, sem conhecer um eleitor, e também jamais qualquer deles me procurou para tratar de interesses pessoais. Os chefes é que defendiam, junto ao Governo, as pretensões dos seus correligionários'."<sup>66</sup>

Publicado dias antes da eleição de 24 de Fevereiro de 1927, o artigo *A hecatombe de "Guaribas" encerrada à luz do critério republicano - A necessidade de uma ditadura honesta e prolongada no Brasil*, mesmo não contendo a rubrica oficial da Arquidiocese de Fortaleza, pois fora assinado por R. Gomes de Matos, estava em sintonia com a prática encetada pelo bispado da capital: impedir a marcha "célere para o abismo da Rússia" posta em desenvolvimento pelos poderes públicos e o passado monárquico como sinônimo de felicidade<sup>67</sup>. Diante dos "crimes" perpetrados pela República, o autor clamou a Washington Luís: "A nossa salvação, sr. Presidente, está numa ditadura honesta e prolongada, à altura de Porfírio Dias"<sup>68</sup>. Até o ano em curso, as manifestações do jornal O NORDESTE, no sentido de defender a implantação de um regime totalitário no país, ficaram limitadas ao apoio sistemático dispensado ao ditador fascista Benito Mussolini, principalmente no

<sup>65</sup> FARIAS, Damião D. *Em defesa da ordem: Aspectos da Práxis Conservadora Católica no Meio Operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: HUCITEC/História Social, USP, 1998.

<sup>66</sup> MONTENEGRO, Abelardo. Op. Cit., p. 91.

<sup>67</sup> O NORDESTE, Fortaleza/CE, 17 de Fevereiro de 1927, p.2. Segundo o autor, Guaribas, sítio localizado no sopé da Serra do Araripe, município de Porteiras, na zona do Cariri, foi palco de uma "tragédia" provocado pela Polícia do Ceará, que no afã de combater os cangaceiros, acabou por sumariamente fuzilar "cidadãos pacíficos".

<sup>68</sup> "Porfiriato: ditadura de Porfírio Dias (México, 1876-1911); marcas: concentração fundiária, investimentos estrangeiros e integração ao mercado mundial, particularmente aos Estados Unidos. In: VILLA, Marco Antonio. *A Revolução Mexicana*. São Paulo: Ática, 1993, p. 76-77.

combate ao comunismo, na adoção do ensino religioso e na implantação da legislação trabalhista.

O mote utilizado por R. Gomes de Matos para espinafrear o modelo vigente, "inaugurado, em má hora, a 15 de novembro de 1889", assentou-se na ineficácia do regime de deter o "bandoleirismo profissional" praticado livremente pelos cangaceiros em terras nordestinas. Logo nas primeiras linhas, colocando-se como legítimo porta-voz dos habitantes nacionais, assinalou: "nós, os brasileiros, somos francamente refratários ou inadaptáveis ao sistema republicano federativo". Descrevendo o Brasil como "vastíssimo país de ignorante", passou a explicar o porquê do fracasso do "decantado governo do povo pelo povo": "a nossa inferioridade sob o aspecto político-social". À vista disso, detalhou formação étnico-cultural do brasileiro como uma organização ainda em desenvolvimento, sem caracteres definitivos e com a enorme presença, sempre destacada no transcurso da explanação, de analfabetos. Sistematizando o seu pensamento, afirmou:

"Somos um combinado amorfo ou o produto grosseiro do que há de indesejável, de pior no mundo: do negro da costa d'África, importado como mercadoria - o expoente da cretinice; do índio, que ainda habita as selvas - a preguiça e a traição personificada, e do português incorrigível, deportado por castigo na era da colônia - o micróbio do crime."

Outro aspecto nefasto atribuído à República referiu-se ao procedimento moral de alguns presidentes. Para melhor situá-los, dividiu-os por blocos. O primeiro, o dos "varões", composto por Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Wenceslau Brás e Nilo Peçanha e "cumpre não esquecermos Deodoro e Floriano que sucumbiram pobres, edificando por sua honestidade". O segundo, formado por Epitácio Pessoa e Artur Bernardes. Epitácio, por ter ostentando "arrogância" e "valentia" ao massacrar "os dezoito heróis sublimes de Copacabana", foi dito como um "terremoto" e acusado de gerar com "ódio" o sucessor. Bernardes, o escolhido, personificou "a expressão mais viva da perversidade humana". Somem-se a isso roubalheiras doentias dos ministros, cujo favorecimento incluiu familiares e amantes; o descumprimento dos programas de governo e a impotência dos eleitores ante aos conchavos, nos quais buscam os impatriotas a perpetuidade no poder e o enriquecimento ilícito.



Ao povo, “essa massa formidável que é o cerne da nação”, constantemente aviltada nas cobranças de impostos, legais ou não, reservou a passividade e a esperança de reaver a paz perdida desde 1889. Com a tranqüilidade reposta podia, enfim, argumentou, dedicar-se à produção e criar a prole. O direito de propriedade, argüiu, era algo distante, pois jamais poderia ausentar-se do fisco, insistiu, e do mando da política sertaneja. O cangaço era outro fator de medo. Como incentivo ao “canibalismo” exercitado pelos lampiões, nomeou a convivência entre a polícia e o “negro terror do nordeste”, inclusive com a participação de “capitães”. Para erradicar o “cotejo de mentiras” da República, defendeu o império: “Na monarquia, quando éramos mais atrasados, nunca houve bando sinistro como esse de Lampião, nem sua repressão seria confiada a desalmados”. A probidade do monarca garantiu a prerrogativa de indicar desde os governadores das províncias até os chefes de polícia. Afora isso, complementou: “a corte possuía uma plêiade distinta e seleta de homens austeros”.

“A concretização do igualitarismo universal já não existe. Tremenda desilusão!”. A partir dessa assertiva, O NORDESTE, apoiando-se “nas folhas profusamente distribuídas em Moscou pela oposição”, indagou: “Haverá porventura comunismo na Rússia?”. A resposta aludiu a vários aspectos do regime. Os funcionários públicos viajam em carruagens-cama, já os operários, em vagões-frota; os empregados especializados ganham dez vezes mais que as outras categorias e os oficiais recebem um soldo vinte vezes superior ao dos soldados. Trotsky, Zinoviev e Kamenev foram citados por manifestarem preocupação com o ressurgimento do capitalismo. “A supressão do capital privado, na pátria do bolchevismo, é um mito mais irreal do que os contos de fada”, garantiu o periódico arquidiocesano. Na eleição para os sovietes rurais, afiançou que “75% dos presidentes são *kulaks*, grandes proprietários, que trazem, sob suas ordens, operários a quem encarregam dos mais onerosos e ingratos trabalhos”<sup>69</sup>. Posteriormente, constatou: “Não há que espantar se o bolchevismo chega a ser esse monstro de perversidade. Djerinsky, fundador da Tcheca, responsável pela morte de um milhão de russo, foi um ateu lógico”<sup>70</sup>.

<sup>69</sup> O comunismo russo. Fortaleza/CE, 5 de Abril de 1927, p. 4. O NORDESTE usou como fonte, “La Croix” de Paris.

<sup>70</sup> Os frutos do ateísmo. Fortaleza/CE, 13 de Abril de 1927, p. 4.

## 2.4. Sangue e loucura.<sup>71</sup>

Aqui está, afirmou O NORDESTE, a doença que contagiou os defensores do “fracasso das teorias bolchevistas” postas em execução na “pobre e infeliz Rússia”: “miopia mental”. Reiterou que, somente, os vitimados por tal moléstia não se inteiraram das notícias acerca dos prejuízos causados pela “aplicação dos planos anarquistas na terra de Lenine”<sup>72</sup>. Segundo a gazeta religiosa, consubstanciaram o “desastre”: a disputa no alto comando do governo “ditatorial que mantém a Rússia no mais inominável absolutismo”; a assinatura de acordos envolvendo “a república do proletariado e o capitalismo estrangeiro”; a contradição entre a propaganda em torno da grandeza do exército russo e a doutrina anarquista negadora do uso das forças armadas, e por fim, a existência do “*trust* dos mendigos”. A entidade dos pedintes, garantiu, organizava-se com uma “sede, um presidente, funcionários e um regulamento”. Ao refutar a eficácia dos “revolucionários vermelhos” em abolir a mendicância, comentou a desenvoltura dos esmoles: “fazem da mendicância uma profissão altamente lucrativa, subdividem semanalmente os rendimentos apurados e muitos deles possuem propriedades agrícolas”.

Para a Arquidiocese de Fortaleza, a cura da “miopia mental” só podia ser conseguida pela devoção inabalável aos sacramentos difundidos pelo cristianismo romano. Recorrendo a semelhante compreensão, O NORDESTE, nos editoriais *Um ‘santo’ comunista* e *O que eles valem*, arvorou a primazia de noticiar a “verdade” em relação ao governo de Moscou<sup>73</sup>. No primeiro, ao referir-se à ampla cobertura feita pela “imprensa neutra” do “escarcéu sem par” montada sob a égide da “organização internacional do bolchevismo” quando a

<sup>71</sup> Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 27 de Julho de 1928, p. 1.

<sup>72</sup> *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza, 3 de Janeiro de 1928.

<sup>73</sup> Publicados, respectivamente, nos dias 18 e 26 de Janeiro de 1928 (p. 4), os editoriais reportaram-se às execuções perpetradas contra Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti: “Imigrantes italianos, eram sindicalistas e anarquistas e foram acusados de matar a tiros em South Braintree, Massachusetts, um guarda e um contador, que carregavam o pagamento de uma fábrica, em 1920. O caso foi controverso e a sentença de morte demorou seis anos para ser executada, em 1927, após apelações em todos os níveis. Quando o último recurso foi negado na corte de Massachusetts, manifestações eclodiram em Paris, Londres, Cidade do México e Buenos Aires. Todos protestavam contra a injustiça do julgamento, marcado por depoimentos contraditórios das testemunhas e dos peritos de balística. Os dois juraram inocência até o fim”. In: GRECCO, Alessandro. *Máquina mortífera. Aventuras na História*. São Paulo: Editora Abril, ed. 14, p. 41-45, Outubro/2004.



justiça norte-americana executou os dois comunistas na cadeira elétrica, cobrou deste segmento dedicar o mesmo espaço aos crimes praticados na "Rússia dos soviets" contra "centenas de pessoas honestas e úteis" que foram "sacrificadas ao ódio insano e implacável dos carrascos da Religião". Também definiu a ausência de notícias acerca de Moscou como cumplicidade ao comunismo. Como contraponto aos propósitos da "imprensa neutra", apresentou o jornalismo católico:

"Contra esse despotismo hediondo ninguém protesta e todos assistem, no meio de geral indiferentismo, a essas cenas de caracterizado vandalismo e da mais infame selvageria". Apenas a voz da Igreja aponta à execração pública os autores daqueles ignóbeis atentados à civilização."

No editorial *Um santo comunista*, não foi apresentado o delito dos condenados em solo norte-americano, nem citados os argumentos utilizados nas defesas e nos inquéritos de acusação; entretanto, O NORDESTE, mesmo afirmando "não nos rejubilamos com a eliminação definitiva" dos apenados, os definiu como "criminosos, desgraçados réus e facínoras". Em relação aos mortos pelo regime russo, além de apontar a utilidade social, foram tidos como: "vítimas inocentes" de "crimes da mais requintada perversidade humana". Para explicar o apoio ao "movimento estrondoso de piedade e simpatia" que buscou impedir a consumação da pena, a gazeta clerical lançou como justificativa o fato de o comunismo internacional manipular a "sentimentalidade de todos os ingênuos do mundo".

Afora serem comunistas, o que por si só já era suficiente para torná-los figuras execráveis, a personalidade de um dos condenados foi julgada pérfida. Procedendo assim, o jornal construiu mais um item do estereótipo inerente a todos os militantes bolcheviques, a má índole<sup>74</sup>. Para reforçar o juízo de valor, um crime perpetrado por um dos "eletrocutados de Boston" foi narrado. O agressor, desconfiado de traição por parte dos "camaradas", resolveu vingar-se. Para a consecução do ato, valeu-se da parceria com uma "megera", ex-amante do futuro vitimado, que lhe indicou, como artifício para driblar a polícia, não matá-lo, mas "inutilizá-lo, de modo que pareça tratar-se de vingança por ciúme". Seguindo, à risca, as orientações da fêmea de mau gênio, Vanzetti e os "celerados", depois de usarem a mulher para atrair o infeliz, dominaram o

<sup>74</sup> Uma "crônica de Paris", que comentara sobre um livro dedicado a memória de Vanzetti, foi utilizada como fonte para obter as informações.

desditoso e Vanzetti lhe pôs sobre os olhos um lenço feminino embebido em ácido prússico, em seguida, para aliviar a dor, os comunistas colocaram, nos olhos do desgraçado, um líquido calmante. Devido à ação destruidora do corrosivo, a cegueira instalou-se no rosto do desafortunado. O texto, no final, arrematou:

“Aí temos mais uma façanha do homem em favor de quem brutais manifestações se fizeram, como se se tratasse de um anjo de piedade, vítima de uma injustiça. São desse feitio os ‘santos’ do calendário comunista.”

O editorial *O que eles valem* analisou o comportamento da “imprensa dissolvente” no episódio referente à execução, nos Estados Unidos, dos “eletrocutados de Boston”<sup>75</sup>. Logo no início, expôs o alerta: “Quem lê a imprensa exploradora de escândalos não pode fazer um juízo seguro sobre tantos fatos que atraem a atenção universal”. O sobreaviso objetivou definir o modelo de imprensa praticado pelo “jornalismo vermelho”: “Deturpa, exagera, mente, calunia, infama com a maior naturalidade da vida”. A adjetivação de O NORDESTE diferenciou, mais uma vez, o jornalismo católico, adepto da “boa fé”, do que, dominado pelo “espírito de perversidade”, sem “consciência da responsabilidade do mal”, filiara-se a Moscou. Visto como “imprensa libertária”, esse jornalismo lançou mão de artil para angariar simpatizantes: manipular a “ingenuidade de uns e a sentimentalidade de tantos”, pois defendendo os princípios de justiça e liberdade, iludiu a opinião pública e disseminou o “ideal de destruição e de ódio”.

Sempre com menosprezo à capacidade de crítica dos leitores e arvorando-se do dever sagrado de bem informá-los, sem alusão aos meandros do crime e do julgamento em questão, o jornal passou a estabelecer a “verdadeira finalidade da campanha bolchevique”, ou seja, arranjar a vida de “meia dúzia de gatunos hábeis”. À vista disso, o artigo de fundo recorreu aos jornais internacionais, não só para noticiar o desaparecimento das finanças arrecadadas pelo “comitê internacional pró-eletrocutados de Boston”, como para indicar o paradeiro das moedas: sumiram entre “dedos hábeis e astutos de camaradas comunistas”. O furto em si já fere frontalmente o Decálogo, é

<sup>75</sup> O editorial, anteriormente analisado, citou apenas o nome de Vanzetti entre os condenados, este, agora, manteve Vanzetti e incluiu o nome de Sacco.



falta grave, ao trazer consigo a digital bolchevique, revela a certeza: “chega, porém, o dia em que tudo se esclarece, em que a verdade brilha e já não é possível alimentar dúvida sobre a iniquidade da causa que defendeu” o comunismo. Ao término, reverberou: “Voltaire deixou o seu lema de herança aos jornais que trabalham ao serviço da dissolução social do mundo: Menti, menti ! Alguma coisa ficará”.

Antes de publicar o exame da condenação de Sacco e Vanzetti, O NORDESTE reportou-se à execução de ambos no editorial *Impunidade funesta*<sup>76</sup>. Junto à aceitação da pena imposta aos “impenitentes bolchevistas”, a folha católica defendeu a necessidade de punir “os gravíssimos males disseminados pelo espírito liberal” com “enérgica repressão, no interesse do bem coletivo”. A impunidade, acresceu, gerou o alastramento dos métodos liberais geradores da “Rússia dos soviets”. Para extirpá-los, referendou a legislação norte-americana e fascista italiana: “Nos Estados Unidos, são levados à cadeira elétrica, implacavelmente, os réprobos sociais”. Aqui também não detalhou os pormenores do julgamento, mas recorreu ao “sentimentalismo do povo” para justificar a compaixão dispensada aos sentenciados e criticou a greve de 24 horas organizada por “elementos comunistas”, não relatou onde, quando da eletrocução dos precitos. Com sarcasmos, reproduziu a censura feita pelo jornal francês ‘La Victorie’ aos paredistas: “Quantos anos de paralisação do trabalho seriam precisos em homenagem aos milhares de vítimas dos soviets?!”.

O paulista Jorge Antunes, ao concluir o curso de medicina, na cidade do Rio de Janeiro, antes de atingir a idade de vinte e dois anos, mudou-se para Paris. Lá passou a dividir-se entre a Sorbonne e os salões, transformando-se, conseqüentemente, em “um tipo paradoxal, complexo, como tantos outros que a erudição falha de Fé atirou para o mar da vida, sem bússola, sem estrelas”; após “um decênio de *boulevard*”, o dândi regressou ao Brasil. A sua estada na capital francesa, nos primeiros cinco anos, fora exclusivamente devotada aos livros: “com invulgar poder de assimilação, absorveu tudo quanto de novo se produziu na neurologia”; em compensação, no restante dos anos, tornou-se um neurastênico e apartou-se da ciência, passando, então, a ser um “*habitué* de

<sup>76</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 3 de Janeiro de 1928, p. 4.

teatros, cafés, cantantes e *cabarets*". Passou a ter contato com os agentes da "erudição falha da fé", dedicou-se à literatura recheada de "adjetivos rubros" cujo cheiro exalava Máximo Gorki e os "bolchevismos trágicos"<sup>77</sup>. Quando se encontrava esgotado pelo "sinistro horror da chatice", o blasé, que estava à beira do "suicídio ou da loucura irremediável", entre "um revólver e um manicômio", foi resgatado, por um familiar abastado, que o conduziu ao "carinho maternal" no Brasil.

O ambiente familiar possibilitou-lhe a reabilitação do físico, entretanto, não foi capaz de recuperá-lo no tocante à moral, pois sua "via crucis", agora, entre São Paulo e o Rio de Janeiro, esteve circunscrita aos festejos proporcionados pela vida noturna. Em certo momento de seu "nomadismo atroz", o texto não indicou em qual cidade, o médico recebeu, ao chegar à portaria do hotel, uma carta. Escritas por Paulo Baptista, um parceiro dos tempos de juventude, aquelas linhas provocaram profundas alterações no seu modo de viver. Na mensagem, o autor, provisoriamente instalado nas "montanhas mineiras", é que era habitante da capital, descreveu, sem apresentar qualquer "deslize gramatical", as tarefas familiares e clínicas como extremamente prazerosas, visto praticá-las "na doce quietude" de uma "paisagem alpestre". Com relação às letras, afirmou que, afora o contato com as revistas médicas e boletins de lavoura, estava avesso a leituras de outras publicações, as quais denominou de "papeluchos", "folhas volantes, veículos de muitas misérias e de muita mentira". Finalizando, propôs ao amigo reservar, na próxima quinzena natalina, tempo para um encontro.

Através da compreensão, "A paisagem alpestre positivamente arruinava os nervos", O NORDESTE mostrou quão desinteressante para o futuro convertido a perspectiva da carta. Para Jorge, Minas Gerais e, por extensão, o próprio Brasil, eram ambiente de franca oposição à "civilização

<sup>77</sup> *Página Literária*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 29 de Janeiro de 1928, p. 5. Em função do tema da pesquisa, deterá-me-ei em focalizar o referencial bolchevique, porém, o jornal destacou outras influências na vida do médico: "A preocupação absorvente de Jorge era realizar em sua pessoa uma edição contemporânea do Fradique, do Eça, com uns retoques bizarras do Dorian Gray, do Wilde. Um misto assim de La Rouse e Rofmann, dos Goncourts e de Maupassant. Suma cultura e supersuma civilização, raiando por muita originalidade e muita extravagância. O jovem patricio lido em Baudelaire e saturado de Wilde, acabou um blasé autêntico. A mania do pessimismo à Hartman e à Leoprdi, a suprema ânsia da supercivilização à Fradique e à D'Annunzio continuavam apagando aquele brilhante espírito, regelando aquele coração insatisfeito."



parisiense”; o nosso país devia ser uma grande fazenda. No entanto, para surpresa de Antunes, Baptista visita-o. O encontro acontece em clima de euforia, o visitante, comportando-se “à velha moda sertaneja, com muita efusão, com muito estardalhaço”, quebra o “cerimonial dos salões” praticado pelo amigo. Após dois dias de vibrante conversa, os médicos partem rumo ao mato onde, ressalta a folha católica, Paulo, além de costumeiramente passar o Natal com os seus, prestava atendimento aos “pequeninos, clinicando grátis para os pobres”. Para Baptista, o campo representava o “melhor abrigo para um enfermo como Jorge”. Para o texto, a “cura moral” havia livrado Jorge do “egoísmo das metrópoles”, pois acontecida no meio dos “colonos e dos simples” e em pleno Natal, cujo cerimonial revestia-se de maior significado para a cristandade, por ser uma “alvorada sempre promissora da Esperança”. A partir de então, transfigurado pelo “êxtase da Fé”, transfeito pela “alegria comunicativa da crença”, Jorge Antunes tornou-se “um são de corpo e de espírito”.

Na Rússia, onde a “esperteza de meia dúzia de pseudo-operários” introduziram o regime de terror, ocorreu, segundo O NORDESTE, um crime cujo desfecho de julgamento “é coisa interessante”: a ré, absolvida pela morte do marido, mas condenada a quatro anos de prisão, por ter ficado o Tribunal de Moscou raivosos com o apego da esposa maltratada à “superstição dos camponeses”<sup>78</sup>. Vamos aos fatos. A criminosa, para vingar-se do esposo beerrão e violento, resolveu matá-lo. Comunica às filhas a intenção, executa a idéia fúnebre e chama as duas jovens para enterrar o cadáver no quintal da casa. No dia posterior, vai à polícia e denuncia que o consorte abandonou o lar. Apreciando a situação, a gazeta clerical opinou: “Como na Rússia ninguém sabe a quantas anda, encarregando-se as próprias autoridades de ‘fazer desaparecer’ os indivíduos, deram crédito à afirmativa”.

O caso teria sido finalizado se não fosse a crença da delinqüente: não se remiria a alma de uma pessoa enterrada fora de lugar divino. Obstinada no fanatismo, a mulher contou à polícia a verdade. Presa, foi levada a julgamento. Comentando o veredicto do Tribunal de Moscou, o periódico católico assinalou:

<sup>78</sup> *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 12 de Abril de 1928, p. 1. A coluna explicou origem da notícia: “O caso que vamos narrar [foi] transmitido da própria Moscou pela agência telegráfica de informações ‘United Press’. Trata-se de uma ocorrência narrada pela ‘Gazeta dos Operários’, que ali se edita.”

“A vida de um homem valendo menos que superstições arraigadas nos cérebros de pobre gente ignorante”. Justificando a sentença, argumentou: em um país onde a administração estava sob domínio dos “vermelhos dos soviets” e por isso “nunca se matou tanta gente em tão pouco espaço de tempo”, podia-se matar livremente. A “fúria da destruição”, destacou, não estava livrando nem os amigos do regime. Estarrecido diante do ato de morte, bradou: “E depois disso, ainda há bolchevistas idiotas por aí que desejam o triunfo de tal regime”.

A desenvoltura da Rússia nos assuntos - o direito de propriedade, a criação de castas, o internacionalismo proletário, o comunismo e o Novo Testamento, a ressurreição dos mortos, o “ouro de Moscou” - sofreu censura, em Maio de 1928, nas páginas do jornal O NORDESTE. Conectado às acusações, a folha católica, no encerramento da controvérsia, impôs, às autoridades e ao povo, como dever imediato: “salvar o país da infecção soviética”<sup>79</sup>. A “malta de assassinos” responsável por construir a “horrorosa hecatombe moscovita”, depois de mostrar os “verdadeiros intuitos” - “posse, por qualquer meio, das fortunas dos outros” - passou, segundo o periódico, a homenagear os capitalistas dos outros países realizando negócios de milhões de dólares<sup>80</sup>. As minas de petróleo do Estado, genericamente citadas como exemplo deste tipo de comércio, foram usurpadas dos seus “verdadeiros donos”, aliás, “como tudo o mais na terra de Lenine”. Isso só foi possível, ressaltou, após “trucidar milhares e milhares de homens, mulheres e crianças”, e matar toda a família real.

A desfaçatez dos “inimigos dos reis e majestades” manifestou-se quando o governo russo organizou pomposa recepção à corte do Rei Amanhulá, do Afeganistão. A exigência quanto ao vestuário, traje a rigor, provocou escárnio na gazeta clerical. Descrevendo a cerimônia, destacou: “ridículo espetáculo ver antigos sapateiros e carniceros envergando, em salas deslumbrantes de luz e fausto, a clássica vestimenta da mais alta distinção social”. Em seguida, satirizou: “e onde foram meter os bolchevistas as suas teoria de comunismo e igualdade entre os homens?”. Mencionada a sedução dos soviéticos, “o dinheiro alheio e o desejo de governar”, e os meios de

<sup>79</sup> *Nacionalismo necessário*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 25 de Maio de 1928, p. 1.

<sup>80</sup> *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Maio de 1928, p. 1.



alcançar o poder “venderiam o próprio pai se fosse possível”, encerrou o texto. Na edição subsequente, continuando com a argumentação, desenvolveu o raciocínio: os mesmos que pregaram o “ódio ao capitalismo” e a “destruição da propriedade”, agora, investidos de mando, graças aos “meios violentos e desumanos”, encastelaram-se em uma “casta toda especial, possuindo fortunas mirabolantes” e endeusando “o capitalismo”<sup>81</sup>.

Opondo a “salvação nacional” à praticada pelo “convulsionismo vermelho”, ou melhor, a “doutrina internacionalista”, cujo lema insuflava, “Nem Deus, nem senhor!”, O NORDESTE defendeu a manutenção das “tradições, honras, crenças e glórias” da pátria brasileira<sup>82</sup>. Sem explicitar quais eram, apenas nomeou-as como “patrimônio moral de um povo” e afirmou que tais manifestações jamais poderiam sofrer ataques dos “abrutes comunistas”. A “obra satânica” dos revolucionários, escondida sob “trevas”, seria um dia, cedo ou tarde, vaticinou, depois de apodrecida no fundo de uma cova, posta a julgamento no Tribunal Supremo, entretanto, até chegar o juízo final, seria urgente arregimentar uma “frente única” em defesa das “reservas de energia cívica” de nosso país como anteparo ao “tufão da desordem” e ao “internacionalismo corrosivo”. A folha arquidiocesana sempre relacionou, entre as “manifestações do povo brasileiro”, o catolicismo romano e o conseqüente repúdio aos adeptos de Lutero.

Quando, no número ulterior, desprezou o livro *O comunismo à luz do Novo Testamento*, fê-lo assentada na convicção: “coisa de protestante dobrado em bolchevista”<sup>83</sup>. Contemporizar os adversários, eis a motivação, segundo O NORDESTE, desencadeadora da edição do “livro maluco”, lotado de “teorias derrotistas e atéias do comunismo”. O interesse dos bolchevistas, em adquirir a amizade dos Estados Unidos, país no qual, informou, “foram completamente desterrados, devido ao espiritualismo que reina na consciência do povo yankee”, estava a incentivar a atual empreitada. Para acomodar-se às circunstâncias, a Rússia tornara-se um “país burguês”, pois já havia instalado no país “a indústria particular, a propriedade privada e até os bens de raiz”, ou seja, só estava faltando ser cortês com o protestantismo, o que acabaria por

<sup>81</sup> *Comentários. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 11 de Maio de 1928, p. 1.*

<sup>82</sup> *Nacionalismo necessário. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 25 de Maio de 1928, p. 1.*

<sup>83</sup> *Comentários. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 26 de Maio de 1928, p. 1.*

provocar o surgimento de um "protestantismo-comunista, para completa desmoralização das teorias marxistas".

Adotando a lógica, uma catástrofe chama outra, a folha passou a argüir aquilo que considerou outra falácia do governo moscovita: "a teoria da possibilidade de os cadáveres poderem voltar à vida"<sup>84</sup>. Ao introduzir a censura, notificou: "existe na Rússia, (logo onde) um tal Nashimoff que diz fazer os mortos viverem novamente". Baseando-se em parecer da Academia de Medicina de Paris, "centro da cultura latina", na leitura de "jornais do sul" e insistindo na compreensão, "depois da morte, só Deus - diz sabiamente o povo, e com ele, todos os que têm alguma parcela de juízo", o periódico eclesiástico passou a lançar, sobre o cientista russo, os adjetivos: "visionário, homenzinho, charlatão". Considerando a Rússia espaço onde "somente se pensa em destruir", arrematou a discussão: "para os governantes a volta à vida de muitos mortos seria verdadeira desgraça".

A luta entre Stálin e Trotsky veio à tona no editorial *A Rússia por dentro*<sup>85</sup>. Sem citar a fonte, a gazeta clerical reproduziu declarações atribuídas a Trotsky. O mérito do deportado para a Sibéria sobre Stálin, asseverou O NORDESTE, deveu-se ao fato de ter tornado públicas, apesar do "ostracismo" e das "iras oficiais", as verdades acerca do "paraíso do proletariado". Os pronunciamentos do "caudilho vermelho" versaram sobre o quadro social: "A revolução teve apenas como resultado a substituição da antiga burguesia por uma burguesia nova, que não é melhor do que a antiga"; o comércio interno: "especulação e monopólio constituem o principal recurso da vida econômica na Rússia"; e as condições dos operários: "As jornadas de trabalho foram elevadas a nove e dez horas com um salário de miséria". Após condenar "a obra comunista", o jornal evidenciou preocupação com os agentes subsidiados pelo "ouro de Moscou", cuja atividade era a de "iludir a mentalidade ingênua dos homens do trabalho". Impedir que os propagandistas do "convulsionismo rubro" continuassem a ganhar dinheiro", alertou, era urgente, pois: "Nem no Brasil - a terra do liberalismo extremado - consente o governo no desembarque dos caixeiros viajantes de Moscou".

<sup>84</sup> *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 31 de Maio de 1928, p. 1.

<sup>85</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 31 de Maio de 1928, p. 1.



Vincular a Rússia ao mundo dos horrores tornou-se habitual nas páginas d'O NORDESTE, o medo foi um recurso sistemático no combate ao bolchevismo. Por isso, recorrendo ao contraste entre a "literatura futurista" do "camarada Vaillant Couterier" e a "ironia mordaz" dos "jornalistas de além mar", O NORDESTE, sem transcrever as fontes, mostrou a "verdadeira tradução da vida na Moscúvia contemporânea". Enquanto o primeiro, em tom euforizante, deteve-se a exaltar a "cidade operária que dança", o segundo, em tom colérico, deteve-se em ensangüentar a "Aurora soviética". De um lado, "Orquestras, fanfarras, flautas, harmônicas, tambores, violas, bandolins, balalaicas"; do outro, "um oceano de sangue sobre a vasta planície das estepes". O "sonho" de uma "Paris da vitória proletária" contra a "comuna sanguinária". "Saúde, juventude, poder. Crianças por toda a parte" versus "os rostos duros dos homens do campo e das oficinas, crianças que a fera esmagou"<sup>86</sup>.

Em oposição aos "chapéus vermelhos, gravatas vermelhas em caminhões embandeirados de vermelho, no banho vermelho das iluminações", o "céu negro de horrores - visões tenebrosas! - os corvos passam, apeteendo as carnes violáceas dos cadáveres". Antagonizando o "Não há fadiga. A hora não existe. Dança-se. Dez anos de outubro a vermelho" a expressão: "Em cima da corda, a Rússia dança. Dança epilepticamente sobre o oceano de sangue em que bóiam milhões de cadáveres". Destoando do "hino da raça nova", o borbulhar do "mar de sangue, oceano de sangue vivo". Visando interromper o "Para frente, pela revolução mundial! Por Moscou!", utilizar "a inteligência e a pena" contra a "barbaria nova". Diante disso, o órgão arquidiocesano sentenciou: "a imagem da Rússia atual - sangue e loucura"<sup>87</sup>.

<sup>86</sup> Padre Arias Cruz já havia descrito a vida das crianças: "A pior possível, de inteiro abandono. Nas estradas da Rússia (consulte-se a *Excelsior* de abril último), encontram-se bandos e mais bandos de rapazitos e mocinhas sem destino, a vagabundar, entregues à maior degradação, afeitos às mais bestiais violências. Bebem, fumam, jogam e roubam tudo". *Rússia infeliz*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 6 de julho de 1928, p. 1.

<sup>87</sup> *Sangue e loucura*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 27 de julho de 1928, p. 1. Nesta mesma edição, também na página 1, o artigo *O malogro do comunismo na Rússia Soviética*, de Daniel de Carvalho, criticou a Rússia à luz da Nova Política Econômica. O autor enfatizou que os "chefes" lançaram ao "mar o peso morto de inúmeros princípios da bíblia marxista" e por isso: "não há mais comunismo na Rússia". A título de exemplo, destacou: "Nas indústrias do Estado adotou-se o antigo sistema da administração por meio de um gerente e abandonou-se o princípio básico da igualdade de salário". A química da abolição do antagonismo de classes deu em resultado a luta entre os camponeses e os habitantes das cidades."

## CAPÍTULO 3

*Façamos a revolução da ordem e  
o Brasil estará salvo !*

“Os graves males de que padece a nossa Pátria, com o que se costuma chamar a imoralidade administrativa têm como causa exclusivo o desprezo oficial para com a formação da mentalidade nacional . Este país, de fato, somente se poderá consertar por meio de uma revolução radical . De que valerá derrubar a tiros um mal governante para substituí-lo por outro, bem intencionado, mas mal educado? *Façamos a revolução da ordem*, corrigindo os erros de todos os brasileiros, segundo os ensinamentos do Evangelho, e o *Brasil estará salvo!*”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Revolução! Revolução!* Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 1 de Março de 1929, p. 1.



### 3.1. Lama e sangue.<sup>2</sup>

Para a conjuntura de 1928, a Arquidiocese de Fortaleza emitiu o ultimato: "O dilema não é outro: cristianismo ou bolchevismo"<sup>3</sup>. Publicada no editorial *Religião e Política*, a exigência veio acompanhada de expressões marcadamente patrióticas: "dignificação nacional", "renovamento da nacionalidade", "fé na vida civil da Pátria", "conciliar as finalidades da nossa atuação cívica com os escopos morais e religiosos". Também houve rejeição à democracia brasileira, não em função de expressar um caráter antipopular, mas pela ausência de "sentido de mansidão, de prudência, de generosidade que tanto carecem os condutores de homens". À vista disso, para superar o caos, enfatizou: "Está cada vez mais redondamente falida a salvação dos povos por meio das fórmulas democráticas vãs, inspiradas no sentimento de hostilidade às leis imprescritíveis do Decálogo". No entendimento da hierarquia católica, a crise era resultante da atividade despudorada dos "princípios liberais", da "legislação laica" e do "estado ateu", advindos com a instalação do regime republicano. Para superá-los, receitou: "A política terá de valer-se do critério cristão, das razões cristãs, dos métodos cristãos". Na conclusão, preveniu: "Os povos que voltarem as costas ao programa de amor e de ordem da Igreja serão arrastados pela paixão do ódio ao abismo da anarquia".

No editorial, *Catolicismo e Socialismo*, O NORDESTE reiterou a incompatibilidade entre os sistemas: "É o socialismo uma doutrina em franca oposição, nos seus pontos essenciais, fundamentais, à doutrina católica"<sup>4</sup>. Esclarecendo a sentença, citou, sem explicitar de onde foram retiradas, as declarações do "chefe belga Vandervelde". No depoimento, além de ressaltar os trechos de Karl Marx (a Religião é o ópio do povo) e de Engels (com sua concepção evolucionista do Universo, o Socialismo não dá absolutamente lugar a um Criador ou Ordenador), a folha católica salientou que a opinião do militante colocava-se em prol da necessidade de o socialismo revolucionar a "atual e falsa estrutura jurídica, social, econômica e religiosa". Justificando o porquê da "fascinação que exerce sobre as massas", o bolchevismo apontou a

<sup>2</sup> *Onda de crimes*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 27 de Novembro de 1929, p. 1.

<sup>3</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 18 de Agosto de 1928, p. 1.

<sup>4</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 28 de Agosto de 1928, p. 1.

habilidade dos vermelhos: denunciando as mazelas do capitalismo e iludindo “as consciências ingênuas”, eles escondem a sua verdadeira missão, o “combate à Religião”<sup>5</sup>. O fascínio e a atração exercidos pelo socialismo sobre “massas” foram recolocados no editorial *O amor vencerá ao ódio*<sup>6</sup>. Alegando ser a defesa, por uma “ordem social melhor” o ardil dos bolcheviques para enganar o operariado, O NORDESTE assegurou existir, na doutrina de Leão XIII e nos princípios “infalíveis” do Evangelho, mecanismos de combate aos “abusos do capitalismo” tão eficientes quanto os encontrados no programa socialista, só que com enorme diferença, isentos do “erro”: o socialismo acirra o “ódio das classes proletárias contra o capitalismo”.

A ausência, no Brasil, de partidos políticos sedimentados em “doutrinas comuns” e isentos de interesses pessoais foi constatada no editorial *Uma força social católica*<sup>7</sup>. No entanto, exalando otimismo, O NORDESTE asseverou que, em futuro breve, devido à “aclimação” entre nós das “teorias” da Europa, surgiriam partidos de “direita, de conservação e progresso, nos moldes do Cristianismo” contra uma “esquerda, de revolução socialista, com seus princípios materialistas e ateus”<sup>8</sup>. Para a folha católica, na Câmara Federal, durante o processo de reforma da Constituição, no governo Artur Bernardes, houve rejeição do ensino católico obrigatório e a tentativa frustrada de implantação do divórcio, já se processara a definição dos campos. Outro aspecto de divisão dos lados deu-se com a proliferação de “teorias violentamente extremistas e revolucionárias”, na imprensa e na “audácia” de levar à “deputação” as “opiniões subversivas”. Independente de serem republicanos ou monarquistas, democratas ou conservadores, livrar os homens “incautos e fracos” das “garras dos gaviões comunistas” tornara-se tarefa para os “homens prudentes e fortes de vida animada por princípios religiosos”. Os textos explicitaram o instrumental teórico a ser utilizado pela hierarquia católica, na polêmica com o jornal O CEARÁ, acerca da “representação funcional” que

<sup>5</sup> O texto ainda repudiou o método do “socialista Compère Morel” que buscou se aproximar dos “marinheiros bretões, todos católicos”, sem admoestar a religião. Atuando em contrário, segundo a gazeta clerical, o militante sabia de antemão da possibilidade de fracassar, isto é, “tudo ruía por terra”.

<sup>6</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 5 de Setembro de 1928, p. 1.

<sup>7</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 14 de Setembro de 1928, p. 1.

<sup>8</sup> Com a organização no Ceará, em Dezembro de 1932, da Liga Eleitoral Católica, a L E C, a hierarquia católica efetivou tal propósito.



deveria concorrer a Assembléia Legislativa Estadual, na eleição de 1º de Maio de 1929.

Almejando quebrar, no tocante à escolha dos candidatos a deputado estadual, o monopólio do partido Conservador e do partido Democrata, impedir a indicação de parentes dos governantes a cargos no legislativo e “auscultar o sentir do eleitorado”, O CEARÁ, no editorial *A renovação da Assembléia*, propôs ao governador democrata José Carlos Matos Peixoto: “Um arremedo de representação funcional poderia ser tentado oficialmente, uma vez que o povo, desprezando os seus direitos, é coagido a prestigiar a politicalha de carreira”<sup>9</sup>. Na compreensão da folha, a entrada de parlamentares vinculados à minoria - candidatos do operariado, do comércio, dos caixeiros, do funcionalismo público, de técnicos em assuntos agrícolas e pastoris - seria um “exemplo de republicanismo”. Visando manter a lisura do processo de seleção, advertiu: “que os escolhidos o fossem pelos seus pares e não etiquetados pelos políticos, como representantes de classes”. Para o periódico, respaldado pela existência de uma das “legislação mais liberais do mundo”, o executivo estadual, ao optar pela consulta direta aos votantes, fortalecia os “hábitos democráticos” e quebrava a descrença dos populares ante o sistema eleitoral. A opinião pública, notadamente do interior, assegurou viver à mercê das fraudes; a da capital, apesar das abstenções, “quando em vez” se fazia ouvir. Para exemplificar o lado nefasto das autoridades cearenses, citou a iniciativa do ex-governador Justiniano Serpa em nomear o filho para representar a oposição na Assembléia Legislativa.

No editorial *O Presidente e os chefões sem eleitores*, O CEARÁ continuou a propor o diálogo entre o governador e os excluídos das decisões políticas e, visando à efetivação de tal propósito, exaltou conquistas do “liberalismo democrático”: o voto secreto e a representação das minorias<sup>10</sup>. Em função de tais instrumentos estarem possibilitando a “libertação do eleitor” da capital, o periódico advogou estendê-los aos votantes das cidades interioranas e, dada a “incultura do meio”, tornava-se indispensável a interferência do chefe do executivo estadual. Sua conduta, dispensando intermediários, entrava em contato direto com os “verdadeiros diretores da opinião” e assim tínhamos a

<sup>9</sup> O CEARÁ. Fortaleza/CE, 4 de Janeiro de 1929, p. 1.

<sup>10</sup> O CEARÁ. Fortaleza/CE, 5 de Janeiro de 1929, p. 1.

"indicação de nomes à altura das funções legislativas". Ao final, destacou: "Se os matutos não se aproveitarem dessa situação é porque preferem a escravidão dos que exploram o seu prestígio". Apesar de ter conhecimento da ausência de dispositivo constitucional regulador da representação das minorias, O CEARÁ continuou a defendê-la no editorial *A representação de classes e o "Diário do Ceará"*<sup>11</sup>. Dirigindo-se novamente a Matos Peixoto, chamou-o a "auscultar o sentir das classes bem organizadas" como forma de introduzir, no "corpo legislativo", nomes com "significação social" que traduziam o pensar de parte significativa da opinião pública<sup>12</sup>.

O NORDESTE qualificou a proposta do jornal O CEARÁ, no editorial *Arremedeiros*, de o "jogo das ambições vermelhas locais"<sup>13</sup>. Para a gazeta católica, a mentalidade dos "arautos da dissolução", ao defender a intromissão do executivo cearense nos partidos, visando à escolha de "candidatos de classes" e, ao vincular a representação funcional à essência do regime republicano, cometeu grave equívoco, pois o sufrágio universal e o voto proporcional já garantiam a "manifestação vitoriosa de coeficientes eleitorais autênticos". Sem nomear quem dirigia a crítica, a folha clerical ajuizou de "subversão do regime" a tentativa daqueles que, retirados dos círculos do poder, buscavam voltar utilizando-se de "subterfúgios astuciosos", isto é, desejam o estabelecimento da representação funcional no legislativo estadual. E mais, o socorro ao interesse público escondia outra finalidade: o resguardo das "próprias conveniências". A frase Quanta abnegação, elevada ao "maximalismo"!, ironizou o "puritanismo democrático" veiculado pela "imprensa bolchevista da terra". À salvação do regime passava ao largo das "verdadeiras praxes comunistas", asseverou. Espantado com a proposta ousada do jornal O

<sup>11</sup> "Diário do Ceará apareceu em 1º de setembro de 1920, sob a direção de Hermenegildo Fimeza. Resultou da fusão dos jornais 'FOLHA DO POVO' e 'ESTADO DO CEARÁ' respectivamente órgãos rabelista e aciolino, graças à pacificação política gerada no Ceará com ascensão do Presidente Justiniano de Serpa. Era órgão oficial deste presidente e dos que se seguiram até a Revolução de 1930." In: *1º Catálogo da Hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel*. Fortaleza: s.n., 1998.

<sup>12</sup> Fortaleza/CE, 8 de Janeiro de 1929, p. 1. O texto veio como resposta ao editorial *A renovação da Assembléia* (Fortaleza/CE, 5 de Janeiro de 1929, p. 1) publicado pelo jornal DIÁRIO DO CEARÁ. Nele, o órgão oficial, baseando-se na ausência de marco constitucional em prol da representação das minorias, rechaçou a proposta do jornal O CEARÁ e apresentou como modelo de "democracia moderna" aquelas nações, que igual à brasileira, se fundamentavam no sufrágio universal e no voto proporcional. Além disso, colocou-se favorável à atitude do governador de "dar brilhante vitória aos candidatos que houver indicado aos sufrágios dos seus amigos e correligionários".

<sup>13</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Janeiro de 1929, p. 1.



CEARÁ, O NORDESTE aduziu, repleto de elitismo, o argumento central: “na Nova Rússia, onde o critério da representação funcional fez do infortunado Trotsky - um vidraceiro - alto comissário geral da guerra”, deu-se a disseminação do caos, e, na perspectiva de resolver o problema, acrescentou, as autoridades russas optaram por exilar o dirigente na Sibéria.

Nem mesmo referenciando-se no *Duce* - “Mussolini, mal assumiu o governo, iniciou o seu combate ao parlamento composto dos políticos de carreira e, para fazer frente aos dominadores do momento, lançou as bases da representação de classes”<sup>14</sup> - O CEARÁ conseguiu angariar apoio junto ao jornal O NORDESTE. O contra-ataque veio através do editorial *Jogo matreiro*<sup>15</sup>. No texto, a gazeta clerical transcreveu as críticas elaboradas pelo DIÁRIO DO CEARÁ ao contendor. Antes porém, avaliou a proposta de eleger os “candidatos de classe” de “cavilação de certos improvisados amigos do bem comum”, “falta de sinceridade com que agem os doutrinadores vermelhos”, “dialética sofística desses caricatos apóstolos da democracia” e “subterfúgio da folha bolchevista”. A reprodução das críticas formuladas pela imprensa oficial ateve-se a explicar a propositura do jornal O CEARÁ apenas como golpe cujo objetivo era aplicar “remédio de emergência” visando garantir lugar no legislativo para os políticos, que apesar de não terem densidade eleitoral para ocupar a deputação, eram afinados com as “doutrinas heterodoxas e dissolventes” praticadas pelo “paladar vermelho do O CEARÁ”<sup>16</sup>. Ao concluir o escrito *Jogo matreiro*, a folha arquidiocesana interveio no debate apropriando-se de chefe fascista negador do argumento posto pelos “partidários das fórmulas soviéticas”: “é preciso antes seguir o exemplo da ditadura de Mussolini, mandando-se às favas as reivindicações da democracia maximalista”.

Até o encerramento da contenda da representação funcional, O NORDESTE ironizou os redatores de O CEARÁ tratando-os como adeptos da “misteriosa Canaã bolchevista”, filiando-os à “classe desses pobres espécimes de homem sem cérebro”, em suma, ao ateísmo e nomeando-os de “aracnídeos

<sup>14</sup> *Só os partidos desprestigiados podem reear a representação de classes*. Editorial. O CEARÁ. Fortaleza/CE, 15 de Janeiro de 1929, p. 1.

<sup>15</sup> Fortaleza/CE, 20 de Janeiro de 1929, p. 1.

<sup>16</sup> Expressão retirada do editorial *Representação de classe* (DIÁRIO DO CEARÁ. Fortaleza/CE 16 de Janeiro de 1929, p. 2). Deste O NORDESTE retirou argumentos para formular o artigo de fundo, *Jogo matreiro*.

bolchevistas”<sup>17</sup>. Com a notícia na qual reafirmou argumentação já exposta - o mais alto magistrado do Estado, o governador Matos Peixoto, acha-se investido de poderes políticos conferidos pelas principais correntes eleitorais dominantes para a escolha dos representantes do povo<sup>18</sup> -, o periódico católico finalizou a discussão. A nota, assemelhada a um curto editorial, veio impressa no interior do jornal<sup>19</sup>. Nela, a folha clerical saudou, com entusiasmo, a manutenção da “paz pública” que redundou na apresentação da chapa oficial para concorrer, em 1º de Maio, à eleição de deputados à Assembléia Legislativa do Estado. Afora qualificar a conduta dos partidos Democrata e Conservador de “harmoniosa”, O NORDESTE repeliu a proposta do jornal O CEARÁ abrigado no raciocínio de que eleger deputados da minoria reproduzia, na íntegra, as “idéias novas” oriundas da velha Rússia”, era a forma maquinada pelos “discípulos de Stálin”, verdadeiros “agitadores profissionais”, que, carentes de votos, desejavam obter “um quinhão na partilha dos lugares da nossa representação popular” contando com o respaldo governamental. Ao finalizar, expôs: “entre nós, há gente muito mais esperta, capaz de cortar as asas a qualquer águia bolchevista”.

A compreensão - “Não há no Brasil laço mais forte de unidade da raça que o vínculo de nossa Fé. Rompê-lo é cometer uma iniquidade!” - norteou o editorial *Obra de desagregação*<sup>20</sup>. Publicado com o intuito de combater a instalação da “Liga Anti-Clerical do Rio de Janeiro”, cujo manifesto fora publicado na folha carioca “A Esquerda”, o texto atribuiu ao “pensamento internacionalista dos adeptos da demagogia sanguissedenta de Moscou” a fundação da entidade no Brasil. Para O NORDESTE, o perfil da associação recém-organizada chocava-se frontalmente com o “patrimônio de povo honrado, pacífico e operoso” do brasileiro. Após elevar os representantes de Roma à condição de “guias autorizados da consciência popular”, a folha

<sup>17</sup> Frases recolhidas, respectivamente, nos editoriais: O NORDESTE. *Dois pesos* (12 de Janeiro, p. 1); *É só o que parece* (3 de fevereiro, p. 1); *O que se impõe* (2 de Março, p. 1).

<sup>18</sup> *Trapaça funcional*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 24 de Janeiro de 1929, p. 1.

<sup>19</sup> Fortaleza/CE, 15 de Março de 1929, p. 5. O NORDESTE publicou a relação oficial dos candidatos que concorreram no pleito de 1º de Maio. Contendo 30 nomes, 10 por distrito, a lista foi composta de acordo com a proporção: 12 lugares aos democratas, 10 aos conservadores e 8 indicações do governador (15 de março de 1929, p. 5). Concluída a apuração, apenas um indicado não obteve vitória nas urnas. Entre os eleitos estavam Pedro Firmeza, editor do jornal DIÁRIO DO CEARÁ, e o Cônego José Quinderé, secretário do Arcebispado de Fortaleza (DIÁRIO DO CEARÁ, 17 e 21 de Junho de 1929, p. 1).

<sup>20</sup> Fortaleza/CE, 5 de Julho de 1929, p. 1.



católica afirmou que a Liga Anti-Clerical era “contra a felicidade e a paz espiritual da família patrícia”. Nomeada a “célula social” na qual residia a “robustez ou a decadência de um povo” e “último reduto da virtude da terra”, a família foi agraciada com a instalação, em Fortaleza, da “Associação das Mães Católicas”<sup>21</sup>. A função-mor da entidade ateu-se a barrar, no âmago da família, a ação dos “filhos das trevas” que, teimosamente, servindo-se dos cargos públicos, buscaram, através do “instituto imoral do divórcio”, da “liberdade de culto”, da “invasão dos costumes livres e das modas atentatórias”, destruir a fé, “freio único capaz de conter as paixões humanas”.

Na Rússia, segundo O NORDESTE, devido à presença das “escolas agnósticas” na educação da juventude, proliferou, entre os “educandos livres-pensadores”, a formação de grupos constituídos por “malfeitores infantis”, autênticos aventureiros de que partem, diariamente, atentados contra a “segurança pública nos campos e nas cidades”<sup>22</sup>. Vitimados pelo “laicismo antipatriótico”, pois “não há moral sem Deus”, os “pobres moços” foram classificados de “párias sociais” e “inutilizados para o serviço da pátria e a garantia da família”. A nota *Em vez da Religião* retomou, no dia seguinte, a temática da perseguição ao catolicismo romano na Rússia e apresentou o desdobramento deste ato: o crescimento das crendices em solo moscovita. Objetivando impactar os eleitores, desferiu: “E que superstição! Camponeses, para obter a chuva, decidiram esquartejar uma égua branca, a mais bela da manada”<sup>23</sup>. Além de descrever o “suplício do pobre animal” - em cada pata do equino amarrou-se um timão puxado por “possantes” cavalos o esquartejando-o em quatro partes -, a gazeta clerical relacionou o sofrimento do quadrúpede com a vida do “miserável operário inconsciente”. Prostrados ante a conjuntura avessa a lhes ofertar “todas as liberdades, inclusive a de voto”, visto serem constantemente manietados pelos “violentos diretores do seu partido”, os trabalhadores soviéticos, “cerebralmente esquartejados”, eram o mais completo modelo de penúria nas reflexões do periódico católico.

Os textos, a seguir, retratam o entendimento do jornal arquidiocesano da função social do trabalhador, o caráter internacionalista da política

<sup>21</sup> *Mães Cristãs*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 14 de Julho de 1929, p. 1.

<sup>22</sup> *Criminalidade infantil*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 16 de Julho de 1929, p.1.

<sup>23</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 17 de Julho de 1929, p. 5.

bolchevique e a relação entre os escritores russos e o governo soviético. O NORDESTE outorgou o status de “hino ao trabalho” ao discurso proferido pelo Papa Pio XI quando das comemorações de seu jubileu sacerdotal. Tomando por princípio o axioma “o trabalho traz às almas as consolações e as alegrias mais nobres”, o pontífice estabeleceu a “missão social” do proletariado - contribuir para a “felicidade da família e da pátria” -, e expressou o “pleno domínio da verdade” corporificada na total aversão à “mentalidade animalizada do banditismo bolchevista”<sup>24</sup>. Ao nomear os militantes moscovitas de “agentes internacionalistas”, a gazeta clerical colocou-os na condição de inimigos do “patriotismo sagrado”, visto que o “perigo comunista” procurava, em conluio com a “orientação liberalista”, impedir a pregação livre dos “soldados cristãos” e, para isso, enfatizou: “não se furtaram a pegar em armas”<sup>25</sup>. O mote para esse editorial deveu-se à notícia sobre “a ofensiva armada dos elementos comunistas” contra as “instituições legais” na França. O texto resumiu-se em afirmar a existência do fato, não enumerou nomes e não detalhou o ataque. Já a censura imposta aos escritores russos foi enunciada recorrendo à expressão: “escravidão do pensamento”<sup>26</sup>. Para os que vivem da pena, o governo oferta pensões e moradias em “palácios do Estado”, entretanto, dispensa-lhes tratamento de “suíno”: “dá-lhes comida a valer, para depois serem comidos”, isto é, obriga-os, sob ameaça de severa punição, a valorizar, em suas obras, o regime. Outro aspecto, envolvendo as letras, veio com a denúncia da proibição de circularem, na Rússia, jornais negadores do crivo oficial, ou seja, não fossem “reconhecidamente vermelhos”.

O editorial *Impressões da Rússia* apresentou com a sentença - “Um banheiro para 20 famílias” - o modelo de habitação oferecido pelo “paraíso do proletariado”<sup>27</sup>. Afora isso, descreveu os dormitórios: “pequenas camas de ferro e travesseiros sujos” e pontuou vários aspectos do cotidiano moscovita. Um

<sup>24</sup> *Honra ao trabalho*. Fortaleza/CE, 3 de Agosto de 1929, p. 1. O editorial usou como fonte as informações do “Observatore Romano”, órgão oficial do Vaticano. Em *Missionários do trabalho* (28 de Novembro de 1929, p.1) O NORDESTE afirmou que a orientação católica ao proletariado era para impedir que a “ânsia viva do socialismo e do comunismo” continuasse a “descristianizar” a atividade industrial.

<sup>25</sup> *Mentalidade revolucionária*. Editorial. Fortaleza/CE, 1 de Outubro de 1929, p. 1.

<sup>26</sup> *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 24 de Outubro de 1929, p. 1.

<sup>27</sup> *Impressões da Rússia*. Fortaleza/CE, 4 de Novembro de 1929, p. 1. O jornal, para compor o editorial, utilizou a seguinte fonte: “O comendador F. de Santana, que tem viajado pelo mundo inteiro, acaba de visitar a Rússia dos Sovietes e, de volta ao Brasil, concedeu ao jornal ‘A Tarde’, da Bahia, interessante entrevista, em que nos transmite suas impressões”.



deles referiu-se à agricultura: “não há comerciantes [e] ninguém pode possuir terras no país”; o camponês, pós-colheita, é obrigado a vender ao governo, “sem direito a qualquer reclamação”, a produção. Devido à iniciativa estatal, os lavradores preferem abandonar a profissão, o que acarretou despovoamento dos campos e aumento populacional nas cidades. Contrapôs, sem tecer detalhes, a crescente mendicância urbana às vantagens dispensadas pelo governo moscovita aos soldados, “a classe privilegiada”. Abordou o “espetáculo tristíssimo” em Leningrado. A população fora reduzida a uma multidão de “maltrapilhos e mendigos”; as ruas “em completo desasseio” com “nuvens espessas de pó” a encobrir a visão. Transformadas em prisão, as fortalezas de São Pedro e São Paulo, localizadas na cidade, viraram “antros de miséria e sujeira”, a pôr em risco a vida dos sentenciados. Na conclusão, explicando o decréscimo populacional de 11.188.068, no país, entre 1916 e 1926, recorreu à indagação: “Foram as vítimas da excelência do sistema das ‘idéias novas’. Fuzilados, mortos à fome, foragidos!”.

A Arquidiocese de Fortaleza utilizou o pânico, o belicismo e os relatos de desilusão como doutrinação anticomunista. Com o alerta, “O bolchevismo já estendeu as garras entre nós”, chamou a polícia a reprimir, com base na “Lei Celerada”, o “perigo latente” que representavam os encontros realizados “todos os domingos” pelos comunistas fortalezenses. Neles, assegurou O NORDESTE, os “pobres operários”, em pouco tempo, eram “fortes esteio da desordem e da anarquia” e, para garantir a veracidade de sua clarividência, referiu-se à greve da Light<sup>28</sup>. No tocante à expansão territorial russa, o sobreaviso: “o Exército Vermelho poderá fazer face ao mundo”, preveniu que dentro da crescente produção de material bélico dos soviéticos, havia a “infernical atividade de fabricação de gases tóxicos”, assim, o país constituía o “maior centro militarista a preocupar a paz universal”. Para assegurar a informação, o jornal católico narrou provável disputa entre Stálin e a Grã-Bretanha envolvendo o controle da Índia e do Egito<sup>29</sup>. A decepção, sem situar o passado dos arrependidos, veio com os depoimentos atribuídos a H. Guilbeaux

<sup>28</sup> *Comentários*. Fortaleza/CE, 6 de Novembro de 1929, p. 1. Em setembro de 29, os trabalhadores da Light organizaram uma greve que foi duramente combatida pelo jornal O NORDESTE. Para uma análise do fato consultar: OLIVEIRA, Francisco de Assis S. & SOUZA, Simone. *O Movimento Operário Cearense na 1ª República*. Fortaleza: NUDOC/UFC, s.d.

<sup>29</sup> *Os planos bolchevistas*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 14 de Novembro de 1929, p. 1. Em relação à fonte, o editorial apenas citou “uma publicação feita pelo Sunday Chronicle”.

e a P. Istrati. O primeiro declarou: “esses partidos [comunistas] andam roídos por um detestável burocratismo” e “Stálin é um homem de idéias estreitas”; o segundo disse: “Está de pé na Rússia a instituição do terror. A dominação de uma casta de perversos e ignorantes é passaporte certo para a morte. A onda clamorosa de crimes inunda de lama e sangue o extremo oriente europeu”<sup>30</sup>.

A máxima “As classes operárias cultas e adiantadas do mundo repelem o bolchevismo” fundamentou o artigo *O absurdo comunista*<sup>31</sup>. Apesar da rubrica de autor não usual nas páginas do jornal O NORDESTE, as opiniões de Mário Pinto Serva coadunaram-se com o perfil do periódico arquidiocesano: primaram por menosprezar a capacidade de raciocínio e a autonomia dos trabalhadores de intervir na luta de classes. Argumentando quanto à instalação do comunismo no território moscovita, o escrito garantiu que a Rússia o adotou sob efeito de “golpe de Estado imposto, sem consulta livre à Nação”. Ao apontar os porquês da vitória, argumentou: devido o país não ter se constituído em uma nação “civilizada”, sem “regime constitucional” e por registrar “70% de analfabetos” facilitou a proliferação do socialismo. Reportando-se à impossibilidade do sucesso do comunismo em nações desenvolvidas, citou a Alemanha, berço do comunismo, porém nação de o povo “mais culto do mundo” e onde “ninguém” tenciona implantar o bolchevismo. Outro exemplo de progresso a negar o socialismo veio dos Estados Unidos. Lá existe “plena liberdade eleitoral”, porém não há partido comunista e nem anarquista. Quanto ao possível triunfo da “ditadura do proletariado”, no Brasil, avaliou que provocaria uma “calamidade” na economia, pois as empresas sairiam do controle particular e passariam para o controle estatal, e, como a administração pública era deficitária, provocaria uma “bancarrota permanente” na produção. Em relação à capacidade dos trabalhadores de gerenciar o Brasil socialista, argüiu:

“Ora, na população nacional inteira de milhões de habitantes, há 75% de iletrados. E, em regra geral, é na classe dos operários que há mais iletrados. Logo nós, com o comunismo, iríamos entregar a ditadura legal permanente a uma classe, com 80 ou 90 por cento de analfabetos, sendo que os 10 ou 20% restantes têm escassa cultura.”

<sup>30</sup> Respectivamente, *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 16 de Novembro de 1929, p. 1; e *Onda de crimes*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 27 de Novembro de 1929, p. 1.

<sup>31</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 30 de Novembro de 1929, p. 3.



### 3.2. Gangrena social.<sup>32</sup>

Com o intuito de realizar uma assepsia na cidade, a Arquidiocese de Fortaleza organizou a maratona: a *Campanha Contra o Comunismo* para "combater o bolchevismo entre nós"<sup>33</sup>. Tendo à frente a União de Moços Católicos (U M C), entidade vinculada à hierarquia católica, as prelações, em nove conferências de intelectuais católicos da cidade, aconteceram entre 7 de Março e 16 de Maio de 1930. No primeiro momento, no Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, Luis Sucupira, redator do jornal O NORDESTE, versou sobre o tema: "o comunismo na Rússia e a sua propaganda noutros países". O debatedor, antes de passar à discussão, dirigiu-se ao público: "Começou dizendo que, indo falar para operários, não iria dizer frases bonitas. Esforçar-se-ia por ser simples, para melhor ser compreendido por todos"<sup>34</sup>. Vez por outra, o palestrador fora aparteado pelo "chefe do movimento comunista no Ceará", Joaquim Pernambuco<sup>35</sup>. No entanto, o bolchevique não conseguira rebater as "fortíssimas verdades" em oposição ao governo de Moscou. Para ser o eixo da explanação, o predicante trouxe à luz o entendimento:

"O comunismo não existe na Rússia. O que lá se verifica é a ditadura de uma elite diminutíssima que governa em nome do proletariado, lá existe o comércio, existe a indústria e existem bancos como em qualquer país burguês. Existe até no Código Civil da República um artigo permitindo a particulares manter indústria com operários assalariados".

Firmada a compreensão, Luís Sucupira passou a comparar a república dos "súditos da Theca" com o capitalismo. Enquanto nos países burgueses havia "liberdade de pensamento e liberdade de consciência", ressaltou que, na Rússia, a "imprensa ou era comunista ou não podia circular". No tocante à

<sup>32</sup> Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Março de 1930, p. 1.

<sup>33</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE 8 de Março de 1930, p. 1.

<sup>34</sup> Idem. "Além de comissões de várias associações operárias, se achavam, ali, o sr. Arcebispo Dom Manual da Silva Gomes; padre Geminiano Bezerra, vigário do Patrocínio; padre Tobias Dequidt, Reitor do Seminário Arquidiocesano; Padre Pedro Vermeulen, e vários outros sacerdotes. O curso teológico do Seminário, comissão dos irmãos Maristas, do 'Centro Jackson Figueiredo', o presidente, a diretoria e muitos sócios do 'Círculo S. José', chefes de estabelecimentos fabris, acadêmicos, intelectuais, jornalistas e muitos sócios da União de Moços Católicos (U M C), tendo à frente o seu presidente, dr. Sá Leitão."

<sup>35</sup> "Um agitador vermelho, que deixou a colher de pedreiro, porque acha mais cômodo e mais rendosa, por certo, a profissão de agente do soviétismo nas plagas cearenses". In: O Comunismo e o Governo. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 17 de Março de 1930, p. 1.

intenção de “arrancar do povo o sentimento religioso”, mencionou a posição oficial de vetar a manifestação de qualquer culto e referiu-se, conforme o Código Penal, à possibilidade de aplicar a pena de trabalho forçado em quem tentasse burlar a proibição. Em seguida, salientou: “os povos cultos uníssonos e sem distinção de crenças estão protestando contra as medidas draconianas postas em execução por José Stalin”. Após defender o direito à propriedade individual e a harmonia entre o capital e trabalho, examinou o direito de greve. Destacou a diferença entre o operário remunerado pelo burguês e o operário russo: o primeiro “o mais que sofre é ser despedido”; o segundo, “porque na Rússia do proletariado o direito de greve é inteiramente proibido”, poderia ser fuzilado. Embora satisfeito - “o vasto salão do ‘Círculo’ se achava repleto de operários e operárias que esperavam, com ansiedade, a palavra do conferencista” - O NORDESTE lamentou a ausência do “elemento oficial”. Para reforçar a necessidade da presença das autoridades, afirmou: “a propaganda socialista vence mais pelo descaso com que é olhada pelas classes superiores do que pela oratória verbosa dos demagogos anarquistas”.

No intervalo das palestras, O NORDESTE publicou textos sintonizados com os assuntos discutidos pela *Campanha Contra o Comunismo*. Como um dos objetivos da ação era traçar um paralelo entre o modelo jurídico do Brasil e o da Rússia, o editorial *Gangrena social* ateu-se à análise da “legislação vermelha” referente à “negação explícita da propriedade”<sup>36</sup>. O fato de o novo Código Penal Soviético assegurar que - “não é crime roubar até o valor de 15 rublos” - colocava na visão clerical o “progresso econômico dos povos” em xeque, pois a “doutrina corruptora” não só instituiu a “cínica legalização do roubo”, como abriu caminho à possibilidade de se dar à abolição da mercadoria “nas planícies do Neva e do Volga”. Em defesa das “boas normas do Direito”, a folha eclesiástica conclamou: “Torna-se em todo ponto necessário conter a

<sup>36</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Março de 1930, p. 1. Além deste editorial, O NORDESTE, sob o título *Combate ao comunismo* (11 de Março, p. 1), transpôs para o Brasil na coluna *Comentários* o posicionamento de “Venizellos, o homem do Estado grego”: “Não se trata, na Grécia, de limitar a liberdade de pensamento, embora muita coisa desse pensamento não preste. Só se trata de saber o que o partido comunista faz. Ora, o partido comunista, desde o momento em que organiza células e publicamente anuncia a destruição da autoridade, o governo cometeria uma loucura, si se limitasse a ser espectador de braços cruzados”. Já no artigo *Inominável !* (12 de Março, p. 4) assegurou: “Na Rússia Soviética estão fabricando bombas explosivas, contendo germes de todas as moléstias - Os aviões se encarregarão de soltá-las sobre as cidades, assassinando, por essa forma horrível, as suas populações”.



irrupção da diátese contagiosa, para que seja evitada a contaminação dos povos ocidentais". A segunda comunicação - "O direito na Rússia e o direito no Brasil" - foi proferida pelo advogado Lincoln Mourão Matos, no Centro Artístico Cearense<sup>37</sup>.

A alocação apresentou como era "bem feita e liberal a organização jurídica brasileira e como é deficiente e despótica a organização na Rússia". No Brasil, com a harmonia e independência exercitada dos três poderes constitucionais - executivo, legislativo e judiciário - não acontecia de um poder obstaculizar o bom andamento do outro. Na Rússia, demonstrou existir o contrário. Um só poder, o poder dos soviets, dominava e possuía a competência de escolher o chefe de governo e o escolhido legislava e executava concomitantemente. O judiciário era de uso exclusivo da Tcheca, a polícia política, e estava subordinado ao chefe de governo, ou seja, os soviets eram exemplo de "força autocrática e imensurável". Não obstante o sucesso de público, "a assistência era numerosíssima, estando o amplo salão do 'Centro Artístico' literalmente cheio", O NORDESTE censurou a "confusão" provocada pelo "elemento bolchevista da terra" que, "inteiramente desnorteados", perturbou o expositor com "aportes excessivos e extemporâneos". O jovem orador, "em posição, galharda e destemerosa", manteve-se incólume ante os apupos dos chefiados de Joaquim Pernambuco. A gazeta clerical novamente magoou-se com a ausência do "mundo oficial" ao encontro.

Ocorreu, "com numerosa assistência", na Sociedade Beneficente 24 de Junho, sob a condução de Boanerges Luz, bacharelado em Direito e diretor da U M C, a terceira pregação da *Campanha Contra o Comunismo*. No início, o palestrante reiterou a tarefa da operação: "combater nos meios operários a insídia moscovita"<sup>38</sup>. Incorporando sugestão da gazeta arquidiocesana,

<sup>37</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 15 de Março de 1930, p. 1. Complementaram esta edição: o editorial *As maravilhas do bolchevismo* (p.1): "Segundo as últimas estatísticas [na Rússia] até o presente foram fuzilados 31 bispos, 1.560 padres e mais de 7.000 frades, sem nenhum julgamento nem forma de processo, e apenas por terem celebrado cerimônias religiosas. Atualmente, encontram-se presos 48 bispos, 3.700 padres e 8.000 frades e freiras"; o artigo *O que é a ditadura na Rússia* (p. 2): "por trás da fachada 'ditadura do proletariado' ocultava-se uma casta de alguns milhões de burocratas de toda espécie desde Stálin até o último correspondente das aldeias sobre um país que ela mantém na miséria econômica e moral"; e o mini-editorial *A propaganda comunista* (p. 4): relatou a "balbúrdia infernal" feitas pelos comunistas durante a reunião no Centro Artístico e demonstrou ser Joaquim Pernambuco um "embustor" por ter trocado a "colher" para viver da "exploração de pobres operários ingênuos".

<sup>38</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 22 de Março de 1930, p.1.



apresentou novo propósito para a empreitada: levar a atuação da U M C junto às “classes elevadas” a fim de melhorar, “dentro da lei”, a situação dos operários<sup>39</sup>. Concluída a introdução, ligou a “desigualdade de classes” em voga à Revolução Francesa e asseverou: “apesar de ter os mesmos fins igualitários da atual revolução comunista, [1789] redundou em inteiro fracasso, como também está acontecendo na Rússia”. De pronto, Joaquim Pernambuco retorquiu: “muito antes da revolução francesa já existia desigualdade de classes”. Parte dos ouvintes, composta por “elementos” do B O C, em atitude de provocação, “aplauiu fragorosamente” o moscovita. Em seguida, o delegado interino da capital, major Alfredo Weyne, “visivelmente irritado com aqueles aplausos”, repreendeu os perturbadores, ordenou o uso de “palavras comedidas” e garantiu: “mandarei pôr fora do recinto os que se recusarem a adotar essa linha de conduta”. Protestando, o comunista Laffite Barreto retirou-se e foi seguido pelos parceiros, entre os quais havia “muitas mulheres”. Na rua, a desordem prosseguiu com “gritos e assuadas”. Para esvaziar a algazarra, o major Weyne ordenou a prisão de Joaquim Pernambuco e dispersou os vermelhos<sup>40</sup>.

Na liga dos comerciários, a Phenix Caixeral, com “uma assistência numerossíssima e seleta”, efetivou-se a quarta sessão da *Campanha Contra o Comunismo*<sup>41</sup>. José Martins Rodrigues, jornalista e advogado, fundamentou seu discurso nas “revistas técnicas européias”, nas “opiniões insuspeitas de

<sup>39</sup> No mini-editorial *Contra o comunismo* (15 de Março, p.4), O NORDESTE felicitou a U M C pela realização das conferências e sugeriu a entidade promover “um inquérito” sobre a situação dos operários nas fábricas (salários, higiene, conforto) e que, de posse do levantamento, deveria “entender-se” com os industriais visando mudanças pois assim estas poderiam evitar a “proliferação” da “mentalidade revolucionária” entre os trabalhadores.

<sup>40</sup> Textos publicados antes da 3ª Conferência: Em 17 de Março, o editorial, *O Comunismo e o Governo* (p. 1): A propaganda russa prossegue com o “aliciamento até das operárias domésticas, em cuja mente vai encontrar terreno propício, pela sua incultura, para frutificação daninha das suas teses”; *O comício comunista de ontem* (p. 4): Denunciou a “audácia” dos bolcheviques em querer realizar uma concentração na Rua do Seminário, na Praça do Cristo Redentor, em frente à sede Círculo São José. Para coibir a “insânia”, a polícia agiu prontamente e permitiu a efetivação do ato a Praça de Pelotas. Lá pregaram a “revolução” e “o derramamento de sangue”, inclusive contada com a falação “de uma mulher”; *A razão e a Rússia* (p. 5): relatou as prisões de Trotsky, Bukarine, Zinovief feitas por Stálin e afirmou: “no Brasil há imprensa livre”. Em 20 de Abril, o editorial *Despovoamento da Rússia* (p. 1): crítica a “socialização das terras” pelo fato de estar provocando a emigração de “milhões” de camponeses do Cáucaso: o “tipo perfeito de operários rurais, sóbrios e honestos”. Em 21 de Abril, o editorial *Flagelo espantoso* (p. 1): Na cidade de Moscou “indivíduos em vestes sacerdotais ridicularizam em plena rua os mistérios religiosos” e “sacrílegos apresentam o Crucifixo ao escárnio da população”.

<sup>41</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 29 de Março de 1930, p. 1.



peças que visitaram a Rússia” e em “numerosas autoridades”. Ao descartar a existência do “comunismo” e a “ditadura do proletariado”, definiu o regime: “o que se vê lá [é] a autocracia em pleno fastígio sob o guante de ferro de Staline, o chefe único”. De imediato, complementou: Se, porém, com essa autocracia, houvesse o conforto para os habitantes da mísera Rússia, ainda se poderia olhar com bons olhos a propaganda comunista”. A respeito do jornalismo, disse: “A imprensa é o que pode haver de mais arrolhado. Ninguém pode dissentir das idéias comunistas, porque o calabouço está de portas abertas” e mostrou o saldo da “sufocação tirânica”: “100 milhões de agricultores descontentes”. Sem obter resposta, interpelou os socialistas presentes: são “menchevique” ou “bolchevistas”, querem a reforma social por “meios suasórios e moderados” ou à moda Lenine com “o assalto ao poder?”.

Identificando o motivo do “combate sem trégua ao sentimento religioso do povo”, o pregador arrolou Lenine e Staline na como de seguidores da “lição” dada por Karl Marx, que dizia ser “a religião ópio para o povo”. Conforme o doutrinador, a condenação a tal procedimento feito pelo papa Pio XI recebeu apoio de uma “frente única” formada por “povos cultos do mundo inteiro”. Os comunistas não se pronunciaram na apresentação, entretanto, após o fim da atividade, O NORDESTE noticiou a detenção, pelo major Weyne, do bolchevique Lafite Barreto e apresentou a causa: “ao retirar-se do recinto, portou-se inconvenientemente para com a autoridade”. Atendendo solicitação da U M C e de Martins Rodrigues, o delegado prontamente libertou o preso<sup>42</sup>.

<sup>42</sup> Textos publicados antes da 4ª Conferência: Em 22 de Março, o mini-editorial *Caso de polícia* (p. 4) defendeu a conduta tomada pelo Major Weyne quando da prisão do “ex-pedreiro” J. Pernambuco durante a realização da 3ª Conferência e dirigiu-se ao Estado solicitando que encare a “infiltração de Moscou” como um “caso de polícia”; o artigo *Ambição e Confusão* citou o filósofo Farias Brito para condenar a situação na Rússia: “estado social no qual fica completamente mistificado o princípio da autoridade: é a barbárie”; a notícia *Os morticínios da Manchúria* reportou-se, a partir do vice-cônsul americano, Liliénstrom, sobre a condição dos refugiados na cidade de Hailar: crianças órfãs e perfuradas por baionetas dos “soldados vermelhos”. Em 24 de Março, o editorial *O ideal de justiça* denunciou que o “vírus liberalista” tolera ação da “bandeira vermelha” em tirar proveito da “ignorâncias das massas ignaras”, censurou o “patrão-Estado por não corrigir “os defeitos” da organização capitalista, reportou-se à ineficiência dos serviços públicos e destacou: “o único recurso que dispõem os ‘disseminadores’ das belezas maximalistas, em sua campanha contra os povos civilizados, não é outro senão o da obstrução de toda palavra de convencimento da consciência livre do operariado”. Em 26, 27, 28, 29 (p. 1) e 31 de Março (p.2) os editoriais, sob o título *O Estado Real da Rússia, após doze anos de domínio do comunismo*, discutiram acerca dos temas: As condições de trabalho, A vida do lar e O custo de vida. Os escritos foram traduções de artigos de R. Southan (Illustrated London News). O autor usou como fonte: “A convite dos seus patrões, que pagaram todas as despesas, dois mineiros [da Inglaterra] foram recentemente à Rússia, onde visitaram, em caráter não oficial, minas de carvão e outros centros”.



Na sede da Associação dos Merceeiros aconteceu a quinta prédica da *Campanha Contra o Comunismo*. A atenção da platéia, “a assistência era numerosíssima”, voltou-se para o “ilustre dr. Waldemar Falcão”, lente da Faculdade de Direito e do Colégio Militar<sup>43</sup>. Na lógica do professor, a “ditadura russa”, ao combater as “religiões organizadas”, apresentava “grotescamente” o “risível credo universal”: a “eficácia milagreira das revoluções para a renovação da Humanidade”. Ironizando os “rituais” dos vermelhos, citou a marcha diária de uma “multidão fanatizada” perante o mausoléu “de madeira” construído em homenagem aos “despojos de Lenine”. A fonte utilizada pelo expositor para identificar a origem dos “dogmas da credence bolchevistas” foram os princípios difundidos por Karl Marx, consubstanciados na “visão defeituosa da História” negadora da “sadia interpretação da evolução humana”. Prosseguindo, apreciou, pela leitura do Código Civil Russo, a norma relativa à instituição Família.

Espantado, pôs-se a relatar o despautério: Moscou concebeu ao lado da “*união matrimonial registrada*” o “casamento de fato”, ou “*união matrimonial não registrada*”, cujos efeitos jurídicos “SÃO OS MESMOS” do casamento legal. E mais, ao codificar as relações entre cônjuges, permitiu inteira liberdade contratual, estabelecendo que marido e esposa “não são obrigados a coabitar no mesmo domicílio” e, salvo a mulher se encontrar gravemente enferma ou em extrema penúria, o homem estava isento de sustentá-la. Quanto aos filhos equiparou, com os “MESMOS DIREITOS” os filhos oriundos dos “*casamentos não registrados*” aos de “casamento registrados”. Para ampliar o frisson, leu as palavras de “madame Kolontai” defendendo a necessidade de se extinguir a família. O ato provocaria na mulher a pronta renúncia ao amor maternal e a tornaria “verdadeiramente útil” à sublevação. Em face aos “absurdos” da legislação soviética, concluiu: estava em estágio avançado a “dissolução da Família” e o “predomínio da Imoralidade”. Mesmo “autorizados”, os “elementos comunistas” se abstiveram de participar do debate e, no juízo da gazeta

<sup>43</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE 5 de Abril de 1930, p. 1. Para deleite do jornal, compareceram “muitas pessoas de relevo”: o representante do sr. Presidente do Estado, major Ribeiro Montenegro; o dr. Mozart Catunda Gondim, Secretário de Segurança Pública; dr. Moreira de Sousa, diretor da Instrução Pública; comandante Aníbal Prado, da Escola de Aprendizes Marinheiros; dr. Perboyre e Silva, 1º delegado de polícia, “membros do clero, operários e toda a diretoria da U M C”.



clerical, não poderiam fazê-lo em virtude dos pensamentos “esmagadores e indestrutíveis” formulados por Waldemar Falcão<sup>44</sup>.

A cargo do jornalista Loyola de Alencar, a sexta reunião da *Campanha Contra o Comunismo* deu-se na Sociedade Deus e Mar<sup>45</sup>. A argumentação, “ouvida religiosamente pela assistência que, apesar das chuvas caídas na ocasião, enchia o recinto”, combateu o “surto comunista” apregoado por “alguns” elementos “estranhos” e ansiosos por aproveitar-se da “boa fé dos nossos trabalhadores” para transformá-los em “soldados bolcheviques”. O redator-chefe do CORREIO DO CEARÁ posicionou-se a favor da “inviabilidade” do soviétismo no Brasil. Ao explicar sua tese, comparou a Rússia à nação brasileira. Naquela, sucedeu-se a exploração do “homem plebeu”; já nesta, em função da “liberdade de ação”, o trabalhador usufrui plenamente do salário conquistado e por não conviver com a “miséria dolorosa” dos “invernos friíssimos”, estava vedada a proliferação de uma nova Moscou. Ainda para a maioria pobre, as baixas temperaturas traziam o desabrigo e a “gelidez moral”. A questão agrária, nos dois espaços, foi abordada logo depois.

<sup>44</sup> Até a data da 5ª Conferência, o NORDESTE publicou: Em 1 de Abril, o editorial *A educação cristã* (p. 1) avaliou que “O ateísmo nas classes de escol contribuiu diretamente para a introdução da impiedade nas massas ignaras. O trabalhador revolta-se contra o capitalismo industrial; o soldado insubordina-se contra as determinações do oficial, e a organização da sociedade começa a estremecer suas bases. Vede a infeliz Moscúvia sem Deus e sem paz, impondo a prepotência truculenta e sanguinária da sua ditadura de ferro, à custa de milhões de vida sacrificadas cruelmente à barbaria anticristã do soviético!”, e no artigo *O banditismo soviético* (p. 4) do P. Arias Cruz mostrou o “quadro lastimoso” da Rússia: “o incendiar igrejas, demolir conventos, encarcerar e executar sacerdotes, proibir sob pena de morte, o ato mais simples da religião, organizar propaganda anticlerical”; no texto Stálin foi descrito como: “bípede implume” se comparado a Aristóteles e Francisco de Assis e próximo do “sensualismo estúpido” de Nero e do “golpe de espada” de Calígula, “monstro”, “inimigo dos cristãos”, “produto teratológico em que se amalgamam os vômitos, as toxinas, as fezes, as podridões”; ao final colocou: “ou Deus ou Lénin”. Em 2 de Abril na coluna *Ponto de Vista* (p.1), o autor Netto Júnior defendeu as prisões efetuadas na 3ª e 4ª Conferências, visto terem sido medidas preventivas para evitar que os comunistas cearenses não pronunciem os estribilhos: “Sem quartel, sem temor, destruiremos os nossos inimigos; eles hão de se afogar no próprio sangue ... que o sangue da burguesia corra em tormentas!”, e polemizando com a GAZETA DE NOTÍCIAS se ateve a informar que o Governo do Ceará não tomou medidas “que nem de perto se assemelha a patas de cavalo”. Em 3 de Abril, Netto Júnior reforçou estes argumentos. Em 4 de Abril, sob a chamada - CARTA DE SUA SANTIDADE O PAPA PIO XI AO EMINENTE SENHOR CARDEAL BASÍLIO POMPII, BISPO DE VALETERI E VIGÁRIO GERAL DA DIOCESE DE ROMA, MANDANDO QUE SE FAÇAM PRECES PÚBLICAS COMO REPARAÇÃO PELOS SACRILÉGIOS COMETIDOS NA RÚSSIA - o jornal, ocupando toda a 1ª página, publicou na íntegra o documento papal e comunicado, assinado pelo secretário do bispado, Monsenhor Quinderé, para que as paróquias efetivassem as ordens do Papa Pio XI. Também na mesma edição (p. 4), a nota assinada por Fidelino de Figueredo, *Sobre o bolchevismo*, adverte o bolchevismo é “odienta barbárie” e “fracasso” e “erro”.

<sup>45</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 12 de Abril de 1930, p. 1.



A distribuição de terra no Brasil, graças ao denodo do Ministério da Agricultura, estava sendo ofertada, pois havia, no "Oiapoque", glebas cultiváveis, com "maquinismo, habitações, farmácias, médico e até dinheiro", e na Rússia? Os camponeses são obrigados a ceder duas terças partes da produção e tornam-se, por conseqüência, desinteressados em ampliar a safra. A "greve pacífica" dos agricultores, no entendimento do doutrinante, provocara enormes prejuízos aos campônios e à população do país que "não tem onde ir buscar alimentos e vivem a sofrer uma miséria sem remédio". Concernentemente à lavoura, encerrou o paralelo: "No Brasil, estamos mais avançados que os teóricos russos, apesar de todas as promessas comunistas na desolada e mísera terra dos soviéticos". Atendo-se aos trabalhadores da nação vermelha, atestou: "Ali, o proletariado, atualmente, sofre mais que nos tempos do czar". Finalizando, estabeleceu a relação direta entre a "destruição da família, da religião e do patriotismo" do governo soviético com planos de minar a "oposição da burguesia" à sociabilidade bolchevique<sup>46</sup>.

<sup>46</sup> Precedendo a 6ª Conferência, O NORDESTE divulgou nos editoriais dos dias 7, 8 e 9 de Abril material veiculado pelo jornal O ESTADO DE SÃO PAULO tratando do assunto: "A ruína moral na terra dos soviéticos". As publicações foram retiradas do "grande *magazine* mundial": *Revue des Deux Mondes*. No primeiro, *A ruína moral* (p. 1) citou: "A mulher de Lenine, Kroupskaya, asseverou: 'Os interesses do proletariado são diametralmente opostos aos interesses cristãos'" e, em seguida, a gazeta arquidiocesana apregoeou o ultimato: "Religião e bolchevismo não podem coabitar no mesmo Estado". No segundo, *A luta contra Deus* (p. 1): A tática bolchevista procura "corromper e desmoralizar o povo" para isso recorre à perseguição implacável aos religiosos, uma dos mecanismos de humilhação consistia em pregar nos templos os dizeres: "Enganam os operários" e "a Religião é o ópio do povo"; um outro foi sujeitar sacerdotes a trabalhos forçados. A título de exemplo, relatou o calvário de "velhos sacerdotes guardados por soldados e expostos a vilipêndios da população" durante o sepultamento de corpos, em Petrogrado, durante a cólera de 1918, para a população fora respeitado o limite de idade; já para os clérigos, não. Até 1º de Janeiro de 23, foram fechados 22 conventos e "o número de Igrejas fechadas ascende a milhares". No terceiro, o *Terror vermelho* (p. 1), trata do "conjunto de medidas que privando o clero de todas os direitos políticos e civis, lhes tiram os meios de subsistência e os condenam a morte lenta". O confisco do patrimônio deixou os religiosos a viver de caridade dos féis só que estes "reduzidos à miséria" são "incapazes" de auxiliar "quem quer que fosse". Números de executados: nos 3 primeiros anos de "ditadura": 28 bispos e 1.215 sacerdotes. Em 10 de Abril no editorial *O recuo comunista* (p. 1) O NORDESTE baseando-se em notícia da agência United Press, veiculou que o Moscou, no 15 de Março último, "ordenou que fosse adotada uma tática menos áspere em relação à Igreja e aos camponeses. Ao comentar a iniciativa, destacou: "Ninguém entende nitidamente o que significa este tropo comunista" [mas] "as terras restituídas aos cultivadores, as Igrejas reabertas, a ordem de severa punição contra quem for 'acusado' de insultar a crença alheia, tudo isso vem demonstrar que a ditadura moscovita compreendeu, afinal, que não se fortifica a autoridade com selvageria". Em 11 de Abril, o artigo *A estrutura jurídica do Estado Soviético* (p. 1) deduziu a Rússia: "Ao invés de um Estado econômico livre, sem polícia, de que se falava [Marx - Lênin], estamos diante de um país, cuja onipotência não tem limites e para quem o próprio direito que o criou não é obrigatório. Que formidável regressão da civilização produz este socialismo de Estado, regime desumano que se ergue como um desafio à face da sociedade cristã".



A sétima conversação da *Campanha Contra o Comunismo* foi levada a efeito pelo jornalista Elias Mallman, na União Marítima Beneficente<sup>47</sup>. No salão da agremiação, “inteiramente repleto de operários, homens do mar, intelectuais, membros do clero, sócios da U M C, chegando ainda a assistência a derramar-se para fora das portas”, o editor do DIÁRIO DO CEARÁ analisou a proposição: “O comunismo e a sua criminosa aplicação na Rússia”. Ancorado em “dados oficiais” (a reportagem não publicou quais eram), pôs-se a reprová-las condições em que se processava o trabalho: “a escravidão naquele país voltou a reinar com maior crueldade que nos tempos do czar”. No ponto seguinte, espinafrou Lênin: “fundador da demagogia bolchevista”; aconselhou “sacrificar a pátria” a fim de possibilitar a vitória do comunismo; antes de morrer, arrependeu-se por ter levado “horror e miséria” aos soviéticos e, fechando o rol de acusações, recorreu a “lord Churchill”: “se o nascimento de Lenine foi uma desgraça para a Rússia, a sua morte foi uma desgraça maior”.

Críticas à concepção bolchevique de família deram a tônica ao restante da fala. A postura de Waldemar Falcão não só foi reiterada, como surgiram novas repreensões: “o marido não tem o direito de sustentar a mulher, a paternidade é afirmada pela mãe; uma mulher casada pode ter filhos adúlteros que gozam dos mesmos direitos dos legítimos”; o divórcio é uma “simples brincadeira”, bastando a vontade de um dos cônjuges para romper os laços matrimoniais. Em síntese, advertiu: “a irreligiosidade” predominava, e não poderia ser diferente, pois no modelo soviético imperara a máxima: “Deus é burguês”. O NORDESTE avaliou o evento: “uma substancial peça oratória de real valor afirmativo”. A opinião veio ao lado de uma nota (*Questão de bom senso*), na qual relatou a conversação de Mallmann: “o nosso talentoso confrade foi, outrora, um correligionário moscovita. Quando estudou seu vigamento, compreendeu a irremediável desorganização do sistema. Logo abandonou a orientação e, ontem, proclamou a sua desilusão”<sup>48</sup>.

<sup>47</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 26 de Abril de 1930, p. 1.

<sup>48</sup> Anteriormente a 7ª Conferência, trouxe O NORDESTE, em 24 de Abril, o editorial *O problema social* (p. 1). Defendeu para os patrões “ouvir a voz vidente do Papa dos operários, Leão XIII” e referiu-se às “caixas de compensação”. Pecúlio em prática na França e destinado às crianças. Em seguida avaliou: “os comunistas perderam um dos melhores pretextos para os seus rudes ataques à sociedade”. Em 25 de Abril, no editorial *Bolchevismo e Cultura* (p. 1): “Os latifúndios, capitais prescritos; o comércio externo e os bancos, monopolizados. O capitalismo de Estado impôs-se. O bolchevismo repartiu, não a riqueza, mas a pobreza. É propósito acabar, dentro de dez anos, com as igrejas e aplicá-las a fins profanos”.

Presidida por Tabosa Braga, vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, desenvolveu-se a oitava exposição da *Campanha Contra o Comunismo*, na União Beneficente dos Trabalhadores Ambulantes<sup>49</sup>. Notava-se “a presença de grande número de trabalhadores, senhoras, pessoas gradas [e] do clero”. As palavras do médico Raimundo de Alencar Araripe - “Satanás será o bolchevismo, inimigo da religião, da pátria e da família” - serviram para introduzir a temática a ser apresentada: “a infância abandonada”. Para demonstrar a proporção do “cancro”, fez uso das observações de “madame” Kroupiskaia. A viúva de Lênin incriminou o “novo regime” por reduzir as crianças ao “mais ignóbil estado humano”. Visando reintegrar a meninice ao “estado da inocência”, o diretor da U M C recomendou a adoção do “catecismo, o mais perfeito tratado de moralização”. No final, Monsenhor Tabosa “incitou” o proletariado a não se deixar levar pelas “pregações reprováveis da malta de comunistas”, estes “desocupados” que sujaram a consciência dos operários<sup>50</sup>.

O Centro dos Retalhistas abrigou, “sem medo” (o jornal não esclareceu o porquê da expressão), a nona e última doutrinação da *Campanha Contra o Comunismo*<sup>51</sup>. Conduziu, os trabalhos, o jornalista e acadêmico de direito Hugo Victor. Estendeu-se relativamente aos “perniciosos efeitos do comunismo na própria Rússia” e combateu a “propaganda comunista no Ceará”. Dadas as “oportuniíssimas considerações” da “peça” e a impossibilidade de resumi-la “numa simples notícia”, a união dos trabalhadores no comércio a retalho solicitou, ao futuro causídico, sua publicação na “Íntegra” em folhetim e posterior distribuição aos operários; à vista disso, O NORDESTE não trouxe o discutido. Após essa matéria, o jornal encerrou a cobertura da “*Campanha*”<sup>52</sup>.

<sup>49</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Maio de 1930, p. 1.

<sup>50</sup> Precedendo a 8ª Conferência, em 1 de Maio, O NORDESTE propagou: o editorial *A Festa do Trabalho*, (p. 1) criticou Moscou: “A ditadura exerce-se sobre o operariado, submetido a tiranias. Ainda bem que o brasileiro, naturalmente amigo do trabalho e possuído do sentimento de respeito às instituições quer conscientemente colaborar, com as demais classes no progresso da nacionalidade”; e o artigo *Perseguição religiosa na Rússia dos Sovietes - Um eloqüente quadro demonstrativo* (p. 4).

<sup>51</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 17 de Maio de 1930, p. 4.

<sup>52</sup> Antecipando-se à 9ª Conferência, o artigo *A IRONIA DA HISTÓRIA - Os agricultores anabatista e menonitas - As aspirações dos antepassados e o castigo comunista*, resumiu a epopéia enfrentada por estes povos, desde a expulsão da Alemanha, com a ajuda do “fanatismo” luterano, até a instalação na Rússia e a posterior emigração para o Santa Catarina no Brasil. A ditadura moscovita tirou-lhes as colheitas, as terras e no momento da saída, “alianças, anéis e roupas”. No Brasil, a “vida laboriosa livre” estaria a disposição, mas na Rússia, os adeptos do “igualitarismo” e “precursores do comunismo”, ironicamente sofreram o tacho do “macabro pesadelo bolchevista”.



### 3.3. O grande doente.<sup>53</sup>

A Arquidiocese de Fortaleza persistiu na avaliação: “o perigo comunista é uma realidade que ameaça o país e não será com panos mornos que se deixará subjugar”<sup>54</sup>. Identificada com a hierarquia nacional, empenhou-se em estabelecer a fusão do Estado e o Evangelho. A despeito de “bastante fraco”, o socialismo foi elevado pelo episcopado brasileiro à condição de “um possível concorrente na orientação dos rumos da nação”<sup>55</sup>. Para obter sucesso, o clero tratou de estabelecer aliança com o poder, assim, opôs-se ao Comunismo e ao Anarquismo e apresentou discurso ambíguo em relação à Aliança Liberal<sup>56</sup>. Em outra avaliação, o bispado apregoou a imersão do Brasil numa crise moral de proporções alarmantes. Visando superar o caos, defendeu a “organização de um Estado forte e estável” para realinhar o país com o “princípio da autoridade”, comprometido em “restabelecer” sua interferência na sociedade<sup>57</sup>. O desfecho das disputas oligárquicas, em 1930, favoreceu as pretensões clericais. O Golpe de Estado articulado pela Aliança Liberal destituiu o presidente Washington Luís, e Getúlio Vargas, ao assumir o governo, dispôs-se a pactuar com a cúpula eclesiástica que, ao certificar-se que o movimento “não era de origem comunista”, aliou-se aos vencedores de 30 e passou a lutar no sentido de edificar nova ordem vinculada a um “caráter nitidamente cristão”<sup>58</sup>.

Um das críticas da Arquidiocese de Fortaleza à Aliança Liberal condenou os “próceres do oposicionismo” favoráveis ao uso de armas no caso de não saírem vencedores nas eleições presidenciais de Março de 1930. Para

<sup>53</sup> *O grande doente*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 23 de Janeiro de 1931, p. 1.

<sup>54</sup> *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 20 de Fevereiro de 1930, p. 1.

<sup>55</sup> AZZI, Rioldo. O Fortalecimento da Restauração Católica no Brasil (1930-1940). In: *Síntese*. São Paulo: Edições Loyola, nº 17, vol. VI, Setembro/Dezembro de 1979, p. 69.

<sup>56</sup> “A Aliança Liberal constituiu-se como uma frente regional, abrangendo a maioria dos representantes políticos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, a que veio juntar-se o Partido Democrático de São Paulo. Quanto à Paraíba, as lutas oligárquicas internas levaram um setor de certo peso a apoiar o governo [W. Luís]. Aparentemente, nascia assim uma nova cisão regional, de maior importância do que as anteriores, mas integrada no velho estilo das disputas sucessórias da Primeira República. A Aliança tratou de não romper os limites do sistema, com o qual a maioria de seus chefes estava comprometida. O programa refletia as aspirações das classes dominantes regionais não associadas ao núcleo cafeeiro e tinha por objetivo sensibilizar a classe média”. FAUSTO, Boris (dir). *História da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições. São Paulo: DIFEL. 3ª ed. Tomo III, Vol. 2, p. 418.

<sup>57</sup> AZZI. Op. Cit., p. 70.

<sup>58</sup> AZZI, Rioldo. O Episcopado Brasileiro frente à Revolução de 1930. In: *Síntese*. São Paulo: Edições Loyola, nº 12, vol. VI, Janeiro/Março de 1978, p. 48.

fundamentar a censura, O NORDESTE recorreu a declarações de Getúlio Vargas, em que o candidato aliancista manifestou a intenção de acatar o resultado das urnas. O jornal arquidiocesano inocentou Vargas e João Pessoa de pregarem a “rebelião”, porém insistia em localizar, na oposição, “uma verdadeira mania revolucionária” e “um desejo louco de derramar sangue”. Atribuía, a “meia dúzia de politiquinhos sem escrúpulos”, a disseminação de “uma ânsia atroz de chacina”. Percebia “a luta nas urnas” a própria essência dos “regimes democráticos” e exemplo de que o país não se encontrava sofrendo de “atrofia mental”. Já no tocante à ruptura institucional, lembrou: “as revoluções são para os países como as operações cirúrgicas, para os corpos vivos: o recurso último”. Em uma das dissensões com os aliancistas, cobrou-lhes “linguagem comedida e respeito às leis e às autoridades”, pois:

“utilizam-se de recursos vermelhos, prometendo a revolução se não alcançarem a vitória e ameaçando a paz nacional se não virem os seus desejos satisfeitos. Que a divergência de idéias seja para o bem do Brasil e nunca para o seu esfacelamento na guerra civil”<sup>59</sup>.

A ambigüidade veio à tona pelos elogios dispensados a figuras proeminentes da Aliança Liberal, no Ceará, Moraes Correia e Fernandes Távora. Segundo O NORDESTE, os “cavalheiros” distinguiam-se “pelo seu espírito de tolerância e respeito às leis” e por responsabilizarem-se “perante as autoridades pela decorrência pacífica da propaganda liberal”<sup>60</sup>. Mais componentes do alto escalão do aliancismo receberam aplausos: os ex-presidentes Epitácio Pessoa, pela “capacidade intelectual”, e Artur Bernardes, pela “coragem varonil”. A gazeta não poupou afagos à oposição a Washington Luís, e o grupo, exercitando “idéias de regeneração da República”, foi chamado de “movimento cívico de reação democrática”, reverenciado por desenvolver uma “forte campanha patriótica”, em síntese: “um surto de vitalidade do organismo brasileiro”. Juntou-se aos aliancistas nas condenações ao regime e mencionou a existência das “falsidades administrativas” materializadas no desrespeito à “vontade livre do povo”. Contudo perseverou na defesa de um governo orientado pelas “nossas tradições históricas”, isto é, no cristianismo<sup>61</sup>.

<sup>59</sup> Análise feita a partir da coluna *Comentários*. Edições: 11, 22 e 30 de Janeiro de 1930 (p. 1).

<sup>60</sup> *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 4 de Fevereiro de 1930, p. 1.

<sup>61</sup> *Caravana Eleitoral*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 1 de Março de 1930, p. 1.



“Salvar a humanidade de uma doença benigna ainda, mas que, descurada, se há de tornar tão maligna, que será capaz de destruir por completo a civilização”, eis a advertência feita pela Arquidiocese de Fortaleza contra Karl Marx. A obra do alemão “visionário” era semelhante a um “tratado de física”, no qual se invertera “a lei da gravidade” e “inviável”, pois a harmonia entre a produção e o consumo, uma “utopia indigna de um ser racional”; e o comunismo significava “regressão às idéias pré-históricas”. Por isso, tarefa inadiável foi colocada: retirar da “mentalidade popular” a “igualdade”, sistema em que “os cérebros inteligentes se nivelariam ao mais néscio e os braços trabalhadores às mãos ociosas”. Assim, partir desse raciocínio, libertar o “proletariado grosseiro” da “fascinação da palavra”, prometer ao “cavouqueiro antropóide a riqueza que o homem culto soube acumular com o seu trabalho e a sua inteligência” e do “orador ignorante”, o ser capaz de levar a “multidão” a queimar as “reliquias das aristocracias intelectuais de outrora”, urgia<sup>62</sup>.

Tais fatos aconteceram na Rússia ao deflagrar a revolução, assegurou a gazeta clerical. Interagindo com o leitor, perguntou: “Teve a emancipação da plebe o efeito da elevação dos cérebros?”. Ao replicar, citou a fonte: “Não! O primeiro gesto da gente ignara foi quebrar pianos, estraçalhar tapeçarias e objetos históricos”. Prosseguindo, escreveu: “A injustiça social desculpa todos esses saques e depredações, respondem os marxistas extremados”. Já a situação russa, no contexto, foi descrita pelo O NORDESTE: “Nada de pobres e ricos! Todos, sem exceção, nas fábricas, durante oito horas para ganhar o vale pão”. Em seguida, asseverou: “É loucura revoltar-se contra a lei natural da desigualdade. A preponderância dos mais aptos é a chave da evolução das espécies”. A título de conclusão, destacou: “Enquanto não se inventar uma máquina de ‘standardizar’ as inteligências, o comunismo não passará de uma divagação pueril e tola de demagogos ambiciosos”.

Objetivando eliminar a “mentalidade anárquica”, a Arquidiocese de Fortaleza autodenominou-se “escola da ordem” e exigiu do governo extirpar a “hostilidade” entre o “poder civil” e a Igreja Católica, a “Mestra Infalível da Verdade”. Com a aliança seria iniciada a “restauração social” do país<sup>63</sup>. Um dos propulsores da recristianização era a “formação social católica” disseminada

<sup>62</sup> *Doença maligna*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 19 de Maio de 1930, p. 1.

<sup>63</sup> *Escola da ordem*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 6 de Junho de 1930, p. 1.

pelo “sindicalismo cristão”. No texto *O problema operário*, O NORDESTE apresentou, através do esquema a “causa” da crise e o “remédio” para combatê-la, a conduta a ser adotada por patrões e trabalhadores para atingir o “equilíbrio social” e conservar o “princípio da autoridade”. Recorrendo à premissa, “a cobiça dos pobres é igual à voracidade dos ricos na disputa das riquezas terrenas”, orientou: “age em relação aos outros como queiras que os outros agissem pra contigo e a pacificação se fará automaticamente”<sup>64</sup>. Mais um elemento da “cruzada católica” contra os “filhos das trevas” foi reforçado no editorial *Na arena da luta*: o jornalismo a “serviço do bem”. Colocando-se na “trincheira dos ideais da fé religiosa” e servindo de “guarda vigilante” a favor da “paz social”, a imprensa da “milícia cristã” exercia a missão de impedir o triunfo do “paganismo” no Brasil e de censurar o triunfo da “barbaria vermelha” na Rússia<sup>65</sup>.

Ao defender a combinação de “repressão violenta” desempenhada pelo Estado com “educação religiosa” a “todas” as classes exercida pela Igreja Católica, O NORDESTE visava edificar “as verdadeiras forças neutralizadoras” do bolchevismo. Alicerçado na compreensão - “defrontamo-nos com o maior perigo que já surgiu nos horizontes da Pátria - o jornal encontrou, na “incompetência” da “maioria” dos dirigentes e nas “péssimas” condições do nosso desenvolvimento agrícola e industrial, a fertilidade desejada pelos “demolidores da Tcheca” para cravar, na América do Sul, o “ódio ao Cristianismo”<sup>66</sup>. A preocupação de evitar a implantação do “ódio bárbaro” na América Latina prosseguiu no editorial *Caminho errado*. A operação, à custa do “ouro extorquido do mísero povo russo”, efetivaria, em primeira instância, a “destruição de todo princípio religioso” e implementaria o “igualitarismo econômico” valendo-se da teoria “fratricida” do “extermínio de classe”. Na conclusão, reforçou a urgência da “cruzada benemérita” de juntar o Catecismo e a Polícia na “profilaxia da terrível diátese”, leia-se o comunismo<sup>67</sup>. A busca de remir a nação continuou em *Como salvar o Brasil?* O periódico, tendo

<sup>64</sup> Editorial. Fortaleza/CE, 11 de Junho de 1930, p. 1.

<sup>65</sup> *Na arena da luta*. Fortaleza/CE, 29 de Junho de 1930, p. 1. Editorial comemorativo a entrada do jornal O NORDESTE em seu nono ano de funcionamento. Nesta edição especial de 60 páginas, houve a publicação dos seguintes artigos sobre o bolchevismo: *Em face do comunismo* (p. 26); *A queda de um ídolo* (p. 26); *Roma ou Moscou* (p. 28); *Comunismo e Religião* (p.29); *O bolchevismo no Brasil* (p. 35); *O manifesto comunista e o bom senso* (p. 38).

<sup>66</sup> *Falso Profeta*. Editorial. Fortaleza/CE, 8 de Julho de 1930, p. 1.

<sup>67</sup> Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 25 de Julho de 1930, p. 1.



vinculado a “exacerbação no ânimo das turbas” à “inominável anarquia” e o liberalismo republicano à “crise” das “instituições”, sentenciou: “É preciso, quanto antes, reatar o fio da civilização cristã que cimentou as bases da nacionalidade”<sup>68</sup>.

Portanto, barrar a onda insidiosa, no país, tornou-se uma das preocupações da cúpula católica. “Parece haver, no seio dos brasileiros, uma verdadeira mania de revolução”, ajuizou Monsenhor Tabosa. Apesar do clima pró-rebelião, expressou descrédito: “os homens serão mais ou menos os mesmos e vazios de atitude”. Analisou as “multidões irrefletidas” e as “classes de maior responsabilidade”. As primeiras, sem firmeza e desorientadas; as outras, escondidas e apavoradas. O povo “não luta e nem quer lutar”, porém se o Exército fizer o movimento, o acompanha, garantiu. Contra a sublevação, listou os “elementos produtivos” e os provocou: “Apareçam, e a pátria estará salva”<sup>69</sup>. Ao retomar o tema, na edição seguinte, declarou: “o povo laborioso não quer revolução, e os politiqueiros profissionais poderão levar a pátria ao abismo que consiga arrastar até as classes armadas”. Agora, a culpa pelas “desgraças que se desenham” recaiu sobre os governantes. O afastamento das autoridades do “seio do povo”, o desrespeito ao “voto do cidadão” e as “perseguições selvagens” aos adversários provocaram a negação de “benefícios” à população já tão extorquida pelos “imposto excessivos”, atestou. Encerrando, diagnosticou:

“O maior perigo de uma revolução é oferecer oportunidade para uma manifestação sempre bárbara dos comunistas, secundados por uma pavorosa multidão de milhares e milhares de vagabundos e desocupados, que enchem tristemente as nossas capitais”.<sup>70</sup>

Ante as “desilusões na alma das grandes massas populares”, Monsenhor Tabosa, em O NORDESTE, incitou o governo do Brasil a fazer “uma revolução salvadora da pátria”. Porém, preveniu: “partindo de baixo para cima será prejudicialíssimo”, mas “de cima para baixo, poderá salvar a pátria do aniquilamento”. Incentivou “os elementos valiosos na alta direção do país”, os contrários ao “liberalismo criminoso”, a formular um “plano patriótico” firmado na lisura nas eleições e na aplicação do dinheiro público, isento de

<sup>68</sup> Editorial. Fortaleza/CE, 28 de Julho de 1930, p. 1.

<sup>69</sup> *Ânsia de revolução*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 29 de Julho de 1930, p. 1.

<sup>70</sup> *Revolução?* Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 30 de Julho de 1930, p. 1.

impostos “proibitivos” aos populares, prestativo com os flagelados nas “calamidades” e extirpador do “paganismo” nas leis e no ensino. No último aviso, ponderou: “Eis a revolução que contenta o povo. Se os governos não a fizerem, o povo fará o movimento de demolições”<sup>71</sup>. A defesa dos “interesses mais palpitantes dos operários” pela elite persistiu no editorial *A paz social*. Agora, a escrita de Tabosa manifestou-se a favor da “necessidade palpitante da harmonia entre o trabalho e o capital”. Antepondo “as trevas da sociedade - os crimes e as convulsões sociais” ao “inadiável espírito de concórdia”, propôs: “Só cristianismo poderá salvar o mundo dando paz ao homem e à sociedade”<sup>72</sup>.

As formulações do Monsenhor Tabosa foram comentadas por Fernandes Távora<sup>73</sup>. As opiniões do “político de incontestável valor” foram enviadas à redação do jornal, no entanto, O NORDESTE não as publicou, mas comentou-as em quatro editoriais sucessivos. A postura do clérigo que objetivava a “restauração definitiva da saúde do organismo nacional”, o diário chamou de “medida terapêutica enérgica” e atribuiu-lhe a eficiência de curar a “infecção” brasileira. De acordo com o órgão, o “ilustre doutor”, ao manifestar decepção com as eleições, defendeu a “regeneração” da pátria sob o “silvo agudo das balas”. Quando repeliu a proposta, o periódico argumentou: os “movimentos à mão armada” são destruidores da “nacionalidade”, porém de imediato enfatizou: “não pleiteamos trégua à praga liberalista”. A recusa também foi justificada pelo receio de que o uso das armas levasse a possível “guerra civil” e ao “esfacelamento territorial”. A culpa das “improbidades” cabia aos “governos despóticos” e não às “turbas desvairadas”, salientou. Com a idéia - “a República reclama uma medicação apropriada à gravidade do mal”, somou-se ao “distinto doutor” no combate ao “sectarismo exótico que vem dessorando a seiva vital das virtudes da raça, o agnosticismo oficial” e bradou: “o único remédio para a crise é o cumprimento do Decálogo pela educação das gerações novas”. Manifestada concordância, a hierarquia católica referiu-se ao

<sup>71</sup> *Façam a revolução os governos*. Editorial. Fortaleza/CE, 4 de Agosto de 1930, p. 1.

<sup>72</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 6 de Agosto de 1930, p. 1.

<sup>73</sup> “O médico. O intelectual. O político. Todo voltado para a terra natal, para a sua regeneração. Perfilhava um Racionalismo cristão assumido pelo Liberalismo. Líder do Tenentismo no Ceará. Tocado pela crise dos anos 20, deixou-se sensibilizar pelo surto de renovação espiritual de Dom Sebastião Leme. Entre 1921 e 1925 funcionou sob sua liderança o jornal *A Tribuna*. Em 1922, chefiou no Ceará a *Reação Republicana* de Nilo Peçanha.” In: MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Fernandes Távora e o tenentismo no Ceará (1921-1924)*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982, p. 109-154.



desacordo: “o nosso digno amigo olha com desprezo para o perigo do comunismo”. Temerosa, alegou que, à falta de “cultura cívica e religiosa” e o “espírito autóctone da imitação”, podia-se fazer:

“no entendimento de tantas cabeças vazias, sem o descortino intelectual para confrontar as diferenças de meio, deve haver entre nós um movimento soviético, que transforme a nação, dilapidada pelos maus políticos, num paraíso vermelho, à feição da Rússia”.<sup>74</sup>

Depois de clamar por “um administrador capaz de consertar o aparelho governativo nacional”; de manifestar medo, “o despotismo da revolução será o castigo inevitável da indisciplina dos governos aos mandamentos divinos”; de alertar, “o povo está perdendo os últimos lampejos de esperança na reabilitação do regime”; de advertir, “no meio de tantos abusos do poder, surge a hidra astuta e venenosa do comunismo”; de afirmar, “a Religião é o sistema sensório-motor das sociedades” e de garantir “vai acontecendo o que, de há muito, prevíamos: a insânia comunista levando a Terra de Santa Cruz a instabilidade”, a cúpula católica sentiu-se aliviada com a deposição do governador Matos Peixoto<sup>75</sup>. A ascensão de Fernandes Távora ao posto de chefe do executivo estadual configurou a “vitória dos ideais de justiça e liberdade que todos ansiavam”. Além de publicar o manifesto da Junta Governativa, de apoio às “legítimas reivindicações da Aliança Liberal”, a folha destacou no discurso do futuro interventor: “Se Deus quisesse, seria o seu governo de respeito aos direitos do cidadão. CALMA E ORDEM, RESPEITO À VIDA E À PROPRIEDADE DOS INIMIGOS, porque a vingança era um sentimento próprio dos selvagens”<sup>76</sup>. Examinando o quadro político pós-golpe, O NORDESTE concitou, em *A Hora Cívica*, a população a aplaudir os “verdadeiros amigos do Brasil”: “Cada um, pois, se esforce para contribuir com o seu concurso pessoal para a volta da paz aos nossos lares”<sup>77</sup>.

Refletindo no furor das mudanças em curso, Monsenhor Tabosa conceituou: “os homens de critério consideram como verdadeira quimera o ideal de igualdade entre os indivíduos”. A ponderação culpou “as paixões

<sup>74</sup> Em consonância com os editoriais - *Em torno de uma epístola, Um raio de verdade, Único remédio e Inimigo pequeno* - publicados em 12, 13, 14 e 16 de Agosto de 1930 (p. 1).

<sup>75</sup> Com os editoriais - *De mal a pior, Quid Est Veritas ?..., Execração geral, União Nacional, O Mal da época e O espírito Nacional* - veiculados nos dias 26 de Agosto, 13 de Setembro e 1, 2, 4 e 7 de Outubro de 1930 (p. 1).

<sup>76</sup> *Caiu o governo do Estado. ... O sr. José Peixoto abandonou o poder, refugiando-se a bordo de um navio.* O NORDESTE. Fortaleza/CE, 9 de Outubro de 1930, p. 1.

<sup>77</sup> *A Hora Cívica.* O NORDESTE. Fortaleza/CE, 9 de Outubro de 1930, p. 4.

humanas” pelo fracasso do igualitarismo e arrolou o prejuízo social, caso tal medida triunfasse: “onde se encontrariam operários para os trabalhos mais humildes?”. Incrédulo na destreza do Estado, “o único depositário dos bens”, em administrar o trabalho, esclareceu: “o comunismo é absolutamente impraticável neste mundo”. Ambicionando minar “as investidas bolcheviques”, orientou: “o que se faz preciso nos tempos atuais é uma organização entre os industriários e capitalistas feita nos moldes do Evangelho”. Na sua ótica, os países que conseguiram o “equilíbrio dos direitos dos patrões e dos operários” - Inglaterra, Estados Unidos, Itália, Bélgica, Holanda - impediram a penetração dos “emissários de Moscou”; já os “centros atrasados” - o Brasil, por exemplo - eram propícios à proliferação dos “desarrazoados comunistas”. Embora identificando os “patrões egoístas”, o religioso qualificou, “em geral”, os ricos de “amigos dos pobres”. Fechando, arrematou: “O comunismo entre nós não é somente um erro, é também, uma cruel ingratidão. Nesta terra brasileira são raros os ricos e raríssimos os que ostentam riqueza”<sup>78</sup>.

O presbítero voltou a analisar as relações de trabalho no Brasil. Discordando do presidente Washington Luís, que classificara a questão social de “questão de polícia”, qualificou o assunto de “a maior ameaça que já surgiu sobre os destinos dos povos” e sugeriu a criação da “Previdência Social Cristã”. Vinculado às associações operárias, o pecúlio receberia a contribuição de patrões e de trabalhadores. Alvo de “combate tremendo que lhe fizeram os socialistas”, a iniciativa florescia na Bélgica. O reverendo viu, no fundo previdenciário, mecanismo de suavização da luta de classes, visto que os proletários “ainda” eram descrentes do “canto da sereia dos comunistas” e a ajuda dos burgueses mudaria a “mentalidade do operariado”, deste modo começariam a ver “nas pessoas dos seus patrões mais amigos que inimigos”. A harmonia no setor produtivo contribuiria para barrar o “surto de revolução comunista” entre os “homens de letras” e nas “classes armadas”. Reserva moral, na visão do clérigo, cabia aos militares não permitir “a interferência comunista nos negócios públicos e nos postos de responsabilidade”<sup>79</sup>.

“Em nossa Pátria, as transformações políticas, que em outros países se verificam por meio de guerras encarniçadas, são feitas sem graves

<sup>78</sup> *Não seremos iguais*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 14 de Outubro de 1930, p. 4.

<sup>79</sup> *Patrões e Operários*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 17 de Outubro de 1930, p. 1.



sacrifícios de vida". Aqui está o comentário publicado no jornal O NORDESTE, a respeito da deposição do presidente Washington Luís. Pretendendo comprovar essa "verdade", reportou-se à Independência, à Abolição e à República. Os motivos da "vitória da causa libertadora" foram o "apoio geral do povo" e o "sentimento cristão da raça" que evitou os "atos de vingança e as explosões de barbarias". Após avaliar a total ausência do "surto comunista no domínio econômico", a gazeta hipotecou solidariedade "católica e patriótica" ao Movimento de 30. Em Fortaleza, organizado em "animadas passeatas", nas quais ouviam-se "vivas entusiásticos à vitória da revolução", o povo aplaudiu a "rendição do Catete" e dirigiu-se ao Palácio do Governo e ao Palácio Arquiepiscopal. No primeiro, Fernandes Távora resumiu "a norma do governo em uma palavra - JUSTIÇA". No segundo, o Arcebispo Dom Manuel, ao congratular-se com a "vitória da revolução, feita sem derramamento de sangue, portanto na paz", falou aos populares: "Deus assim o quisera, abençoando a causa dos revolucionários"<sup>80</sup>.

A exaltação aos "homens de responsabilidade" marcou a cobertura da "revolução", notadamente a desenvoltura do general Juarez Távora<sup>81</sup>. O NORDESTE aprovou de forma plena a ação dos líderes "revolucionários": "Foi uma grande felicidade termos tido um movimento armado em que pouco se derramou sangue e quase não se registraram atentados à propriedade". O militar cearense, irmão de Fernandes Távora, formado na "escola do dever religioso", não permitiu "nenhum contato com os pregoeiros comunistas" e tal atitude representou "um benefício da Providência"<sup>82</sup>. Relativamente ao comunismo, apesar do perfil mencionado, houve discordância do jornal com o "ilustre oficial revolucionário". Mesmo considerando a possibilidade de adulteração e que o depoimento não fora "escrito de próprio punho", o diário clerical manteve o desacordo. Na declaração questionada, o comandante afirmou: "A idéia é muito avançada para a nossa época. Pode ser que daqui a alguns decênios possa ela ser adotada. Hoje ela é impraticável". A

<sup>80</sup> Com *A queda do Governo* (p.1) e *A vitória da Revolução* (p. 4). O NORDESTE, nesta edição de 25 de Outubro de 30, relatou que os manifestantes solicitaram a Dom Manuel a celebração de uma missa de ação de graças em prol do novo governo. No número referente ao dia 27 de Outubro, o jornal estampou, em toda primeira página, a cobertura do evento.

<sup>81</sup> "Note-se que ele se situa no caminho da tradição brasileira, a despeito da aparente ruptura que propõe com a idéia de revolução. Perfilha o 'modelo' de conciliação montada desde o Império. Quer a concórdia de todas as classes". In: MONTENEGRO. Op. Cit, p. 162-163.

<sup>82</sup> *Grande felicidade*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 30 de Outubro de 1930, p. 1.

argumentação eclesiástica demonstrou ser o comunismo “não simplesmente um conjunto de aspirações a estabelecer, por diversos meios de constrangimento legal, a maior igualdade possível de riqueza ou de miséria”, e sim “um princípio ateístico atentatório ao bem espiritual dos povos” e por isso “inaceitável”. Contrariando a opinião em apreço, sentenciou: “o socialismo do evangelho é o único exeqüível hoje, ontem e amanhã”<sup>83</sup>.

Monsenhor Tabosa, em Novembro de 1930, atribuiu “generosidade e tolerância” à “revolução” e louvou o procedimento dos líderes em deter a proliferação da “demagogia”. Imputou a esta o desejo de subverter o “princípio sagrado da autoridade” com a entrega do poder ao “ludibrio das multidões” e batizou a “demagogia” de comunismo. Agradeceu ao “espírito religioso arraigado na alma brasileira” o feito de sepultar a “obra satânica de perversão do povo”. À “revolução” solicitou “cortar as asas da demagogia”<sup>84</sup>. Não satisfeito, alarmou em Janeiro de 1931: “a nossa pátria está profundamente doente”. “A política, as finanças, a justiça, o trabalho e a paz pública” estão reduzidos a um “desequilíbrio colossal”. “Os médicos que são os nossos homens de governo” permaneciam sem atinar para o diagnóstico. “A intoxicação se generaliza”. “Os males são insidiosos, cheios de traições imprevistas”. “O nosso país favorece a ação dos medicamentos”. Precisamos aplicar no Brasil, que se acha à beira do “abismo da anarquia”, “a injeção salutaríssima do ensino religioso”. Para o vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, embora transformando a nação em “florestas de chaminés de fábrica” e cortando-a com “milhares” de estradas de ferro, tudo seria insuficiente, se as relações “absolutamente necessárias com Deus” não prevalecessem. Caso o catolicismo não guiasse a brasilidade, teríamos uma “gangrena incurável da corrupção e da anarquia moral”. Em vista disso, ao exigir “ou o catecismo ou a anarquia”, assinalou: “o comunismo devastador prepara, com atividade verdadeiramente infernal para o mundo, uma invasão de conseqüências mais terríveis que a invasão dos bárbaros na Europa”<sup>85</sup>.

<sup>83</sup> *Hoje, ontem ou amanhã*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 5 de Novembro de 1930, p. 1.

<sup>84</sup> *A revolução e a demagogia*. Editorial. Fortaleza/CE, 10 de Novembro de 1930, p. 1.

<sup>85</sup> *O grande doente*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 23 de Janeiro de 1931, p. 1.



### 3.4. Para a direita ou para a esquerda.<sup>87</sup>

Monsenhor Tabosa sistematizou, com o texto *O grande doente*, algo que O NORDESTE já apresentara, de forma incipiente, no mini-editorial *Triste perspectiva*. Este avaliara em Janeiro de 1931: “A América do Sul tem sua superfície política inteiramente abalada pelo fragor das lutas pelas mais amplas prerrogativas de liberdade”. China, Rússia, Itália, França, Alemanha e Espanha guardaram, com o quadro sul-americano, similitude: “Sem Deus não há justiça e sem justiça não pode haver paz”<sup>88</sup>. A Arquidiocese de Fortaleza percebeu, na geração de trabalho, alívio às tensões sociais do período, porém reservou, ao capital e não ao Estado, o incremento das finanças. Abraçada com o pressuposto “o mundo econômico está regido por leis infrangíveis, cuja violação provoca alarmantes anormalidade na existência dos povos”, pôs-se a favor do liberalismo econômico. Analisando a conjuntura nacional da época, o alto clero temeu que a “cantilena sonora dos comunistas”, entre o operariado incentivando a “miragem da igualdade humana”, estimulasse “a agravação do mal”. Resguardando “as normas dos fenômenos econômicos”, difundiu que, à custa de “lágrimas de sangue”, a “socialização” incentivada pelo “pária moscovita” reduziu os assalariados à “condição brutal de um bugre”; lá, nos insubmissos aplicava-se “o remédio do fuzilamento”<sup>89</sup>.

Avaliando que, “nesta hora excepcional temos de escolher o caminho de Roma ou Moscou”, a Arquidiocese de Fortaleza organizou mais uma *Campanha Contra o Comunismo*<sup>90</sup>. Desta feita, *O inquérito da União Popular Cristo Rei* incluiu o episcopado, a intelectualidade e a imprensa. O arcebispo Dom Manuel, o primeiro a responder o questionário, analisou os pontos: “Se a Igreja é contrária às doutrinas e às práticas do comunismo”, “Que aconteceria às classes pobres se triunfasse o comunismo” e “Qual o melhor meio de combater o comunismo”. O clérigo, no primeiro quesito, relacionou os pecados vermelhos: o ateísmo e o fim da família e da moral. No segundo, comparou o pobre brasileiro ao russo. Aqui, “eles são livres e é por isto que muitos nada têm, e podem em geral escolher a ocupação”. No bolchevismo, “são escravos;

<sup>87</sup> Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 11 de Outubro de 1931, p. 1.

<sup>88</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 17 de Janeiro de 1931, p. 5.

<sup>89</sup> *O problema do trabalho*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 21 de Janeiro de 1931, p. 1.

<sup>90</sup> *O mínimo de reivindicações*. Editorial. Fortaleza/CE, 31 de Janeiro de 1931, p. 1.

as mulheres, obrigadas a um trabalho forçado, sob pena até de morte e sem remuneração suficiente". Rematando, indicou a urgência de informar ao povo a "verdade dos fatos" acerca de Moscou; propôs aos ricos a aplicar a *Rerum Navarum* à pobreza e cobrou das autoridades "o dever de combater sem tréguas, pelos meios legais, os propagadores dos erros sociais". A "verdade" consistia em dizer aos "incautos" a essência do ardil comunista, pois, ao ofertarem aos populares "o gozo das riquezas dos abastados", os moscovitas, com a expropriação dos ricos, amealhariam fartura para si e propiciariam, como na Rússia, a um pequeno grupo, o domínio do capital"<sup>91</sup>.

Padre Tobias Dequidt, o segundo a responder o *Inquérito da União Popular Cristo Rei*, colocou as medidas - "evitar aumentar o número de descontentes e a acumulação de desocupados" - entre os meios imediatos e eficazes de minar o comunismo. Embora contestando o "filhotismo político" e reconhecendo o excesso de servidores, a alegação do sacerdote propôs aos administrados públicos dispensar, pouco a pouco, "sem abalos sociais profundos", o excesso de funcionários das repartições estatais. Demitindo em massa, reduzindo vencimentos e cortando gratificações, à maneira do governo revolucionário, teríamos a proliferação de um "caldo de cultura mais propício ao desenvolvimento do micróbio comunista". O descontentamento e o desespero seriam "inteligentemente explorados pelos elementos bolchevistas", no sentido de fomentar "o surto de invasão soviética" na cidade. As expressões - privar os lares do pão diário, ato desumano, olho da rua, retirar o sustento da família - mostraram o grau de apreensão dispensado pelo presbítero à situação. Avisara que, em relação ao funcionário, "obnubilando-lhe a razão, "entrega-lo-á nos braços do comunismo vermelho"<sup>92</sup>.

Andrade Furtado, professor da Faculdade de Direito e redator-chefe do jornal O NORDESTE, aludindo ao tópico inicial do questionário, apresentou a premissa: "O código de Moscou é a antítese do Decálogo" e classificou a ideologia dos bolchevistas, os "novos bárbaros", de "a mais rancorosa ofensiva contra os direitos de Deus". Referente ao segundo ponto, tratou de chamar a "ditadura do proletariado" de "a ditadura sobre o proletariado". Exemplificando a situação do Brasil, caso a ordem soviética triunfasse, relatou que "a liberdade

<sup>91</sup> *A doutrina da Igreja e o Comunismo*. Fortaleza/CE, 4 de Fevereiro de 1931, p. 1.

<sup>92</sup> *O Comunismo e os desocupados*. Fortaleza/CE, 7 de Fevereiro de 1932, p. 1.



do comércio cederia lugar ao monopólio oficial"; o trabalhador, semelhante ao russo, transformar-se-ia em "escravo autêntico" e teria o acesso à "ração" pela troca. A "tirania de Stálin" dava aos pobres o alimento, enquanto recebia a matéria-prima. De posse da produção, o governo praticava o dumping, vendia, no mercado internacional, mais barato, o bem produzido à conta da "fome atroz" do operariado. Colocou-se a favor da instrução desenvolvida através da imprensa, porquanto "a ignorância do que é a situação na Rússia constitui o único motivo de muitos se deixarem levar pelo canto da sereia traidora" e sugeriu aos ricos cultivar o "dever cristão de olhar a sorte dos pobres". Ao governo, superado "o liberalismo nefasto", cabia o encargo de fomentar, junto às "populações anônimas" o trabalho. À polícia, haja vista o possível "aniquilamento da autoridade", cabia a função de reprimir os "propulsores da insânia bolchevista", isto é, "os instigadores da luta armada, os arautos da destruição da propriedade, os inimigos da Família, da Pátria e da Religião"<sup>93</sup>.

Parte do arrazoado de Alcides Montano reproduziu a análise identificada com as posições da hierarquia clerical, ou seja, a disseminação do bolchevismo sucedia-se dada a "falência da República", que, em razão do "vírus liberalista" e das "fórmulas democráticas", ficou "inteiramente corrompida pelo eczema laicista". Também incorporou, à análise, "o comunismo moscovita ameaça constantemente subverter a paz social pelo pervertimento das idéias e pela exploração em seu proveito dos erros e vícios do sistema estragado até o cerne pelo vírus liberalista"<sup>94</sup>. À vista disso, o jornalista reforçou a defesa da "ordem conservadora" fundamentada na lealdade à Família, à Pátria e à Autoridade. Ausente nas argumentações anteriores, a relação de causa e efeito entre a "tirania social" e a "trindade maldita, ignorância, pobreza e abandono" foi comentada. O raciocínio à mostra, ao estimular os endinheirados a amenizar o sofrimento dos carentes, considerou o "ódio" do trabalhador à "escassez de recursos" de "injusto e terrível", assim, desenrolou-se no sentido de pormenorizar aos leitores os riscos de uma "sociedade futura", a "protetora dos pobres e perseguidora dos ricos". Triunfando o "fanatismo destruidor, verdadeira doença que ameaça a paz e a riqueza do mundo", teríamos a

<sup>93</sup> *Campanha anticomunista*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 9 de Fevereiro de 1932, p. 1.

<sup>94</sup> *O caminho de Deus*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 16 de Fevereiro de 1931, p. 1.

primazia do “trabalho pesado” sobre as outras atividades. Finalizando, qualificou o projeto descrito de o “inferno comunista”<sup>95</sup>.

A escrita do vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza, Monsenhor Tabosa, e a do próprio órgão arquidiocesano se notabilizaram por adotar um estilo apocalíptico. Entretanto, cabia ao presbítero ordenar as opiniões da cúpula. O editorial *As garras do Comunismo* resumiu “a história vermelha do bolchevismo”: profanação de imagens sagradas, transformação de igrejas em lupanares, não existe honra, afrontas à virgindade, apoderam-se de patrimônio de órfãos, não à existência de homens de benemerência social, conspirações, o povo não sabe o que é liberdade, suplícios à família czarista, execuções crudelíssimas, as crianças não recebem carinho, a mulher voltou ao seu desvalor do paganismo, a fome campeia por toda parte, o culto ao vício substituiu o culto a Deus e morte aos sacerdotes. De sobreaviso, escreveu:

“A fera espreita o momento para se atirar sobre as mais sagradas instituições da nossa estremecida pátria, afogando-a em um mar de sangue inocente. Os seus avanços são elevados a requintes de crueldade. Nada de Deus, nada de família, nada de propriedade, nada de pátria, são conceitos diabólicos repetidos, em suas propagandas, milhões de vezes. Esta é a verdade. Tudo o mais é mistificação e mentira.”<sup>96</sup>

“Haverá coisa mais sagrada que a virgindade das nossas filhas, desde as mais altamente colocadas até as mais humildes?”, perguntou, em atitude de sentinela, Monsenhor Tabosa. Considerando iminente a vitória do bolchevismo, exclamou: “A instituição sagrada da família brasileira está em perigo”. Carregado de linguagem belicista, o editorial *Despertemos todos! Despertemos todos!* instou: “Firmemos a defesa dos nossos lares, organizemos o exército dos defensores das nossas famílias”. Preso à avaliação “Os russos já consideram o Brasil propriedade de Moscou”, o padre incriminou “os trãsfugas e os arrenegados da terra natal” que permitiram ao comunismo fincar suas “garras de corvo maldito no seio de

<sup>95</sup> *A União Popular Cristo Rei e o Comunismo*. Fortaleza/CE, 20 de Fevereiro de 1931, p. 1. O *Inquérito da União* enviou o questionário ao: bispo de Sobral, D. José, Mons. Tabosa, Mons. Luís Rocha, padre dr. Misael Gomes, padre Guilherme Vaessen, cônego José de Lima, frei Marcelino de Milão, dr. Barão de Studart, dr. Antônio Teodorico da Costa, dr. José Lino Justa, dr. Waldemar Falcão, dr. Lincoln Mourão Mattos, Alcides Montano, Luís Sucupira, Antônio Furtado, Rodolfo Teófilo, dr. M. A. de Andrade Furtado, Demócrito Rocha (O Povo), Teodoro Cabral (Gazeta de Notícias), Renato Vianna (Pátria Nova), A C Mendes (Correio do Ceará), H. Firmeza (Folha do Povo). Sem esclarecer, O NORDESTE apenas transcreveu as respostas de Dom Manuel, Tobias Dequidt, Andrade Furtado e de Alcides Montano.

<sup>96</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 23 de Fevereiro de 1931, p. 1.



todas as classes do Brasil". Consolidando o seu ideário, enumerou o comportamento dos soviéticos dispensado à família: tratava-se da "grande presa do sensualismo bestial dos monstros das crueldades máximas", "a mulher não passa de um pasto de gozo" e "mulheres e filhos são entregues ao Estado, que disporá deles como julgar conveniente"<sup>97</sup>. Sob a epígrafe *O Brasil é nosso*, continuou a denunciar o fato de "brasileiros desalmados" maquinarem, com "estrangeiros", a aplicação do "plano sinistro dos bolcheviques": "profanação dos templos, mortandade de autoridades civis e eclesiásticas e carnificina dos nossos irmãos em pátria e religião"<sup>98</sup>.

Exigindo dos governantes a imediata punição dos comunistas, Monsenhor Tabosa veiculou, n'O NORDESTE, o mote: "A nossa pátria pende sobre um abismo de descrédito e de anarquia". Sustentando a apreciação, "todos os movimentos perturbadores da ordem, ultimamente, têm a sua base bolchevista", o eclesiástico ante a desenvoltura dos vermelhos, admoestou os que não os enfrentam: "são homens que não dão valor à família e não se importam de ver transformados em lupanares os templos". Resistindo, vociferou: "Ainda é tempo de salvação!" e passou a relacionar alguns "meios infalíveis de triunfo": orações, conferências ao alcance das multidões, auxílio aos desfavorecidos, publicações, calar a imprensa ruim, ensino religioso, religião nos quartéis e na mocidade. Contudo fez uma ressalva: "para os obcecados só existe um remédio eficaz - o isolamento, as colônias de trabalho e de regeneração". Prosseguindo, legitimou a repressão: "esperar que estes infelizes saiam às ruas para varrê-los a metralhadas são medidas extremas e justificáveis, mas tristes". Ao finalizar, de encontro ao comunismo, "o maior inimigo da família, da sociedade e da pátria", defendeu a realização de "medidas preventivas, de conseqüências fecundas e edificantes"<sup>99</sup>. À conjuntura do período, a Liga Eleitoral Católica cumpriu o papel delineado por Monsenhor Tabosa.

"A Liga repudiará a mentalidade bolchevizante de quaisquer próceres imbuídos de teorias socialistas", eis um dos objetivos da Liga Eleitoral Católica, conforme anunciou O NORDESTE<sup>100</sup>. Aliás, o órgão

<sup>97</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 26 de Fevereiro de 1931, p. 1.

<sup>98</sup> O NORDESTE. Editorial. Fortaleza/CE, 4 de Março de 1931, p. 1.

<sup>99</sup> *Deixem o governo administrar*. Editorial. Fortaleza/CE, 11 de Março de 1931, p. 1.

<sup>100</sup> *Arregimentação indispensável*. Editorial. Fortaleza/CE, 27 de Dezembro de 1932, p. 1.

exalou júbilo, quando do ato de fundação do núcleo da L E C: "Efetivou-se, no salão nobre do Colégio da Imaculada Conceição, a instalação da Liga. O vasto recinto se encontrava à cunha. No palco, ornamentado com as cores nacionais, foi colocada a mesa da presidência". Sob a direção do Arcebispo Dom Manuel e do Vigário-geral Monsenhor Tabosa, ocorreu a posse da Junta Estadual da entidade. O primeiro descreveu a finalidade da instituição: "a organização do católico para defender os direitos da Igreja, orientando os seus filhos quanto ao sufrágio, e dar ao Brasil governantes dignos das tradições católicas da nacionalidade". Depois, transmitiu, ao orador oficial, Andrade Furtado, a prerrogativa de resumir o programa da agremiação: reintrodução do ensino confessional, o reconhecimento do casamento religioso, uma economia nacionalista, proteção às classes rurais. O segundo, "enfermo e combalido de intenso sofrimento", fez, de vontade particular, "entre aplausos calorosos", o encerramento do evento: "peço aos amigos que me conduzam até perto da urna, a fim de que eu possa morrer tranqüilo, por ter votado pela minha fé e pela salvação do Brasil"<sup>101</sup>.

Até chegar a L E C, a Arquidiocese de Fortaleza adotou uma posição de repulsa à volta do país ao sistema constitucional: "regressar ao constitucionalismo dá a idéia de restauração do sistema de desprezo pela vontade do povo". Justificando-se, alegou: "os 'princípios revolucionários' representam agora, em vez da anarquia, a obra de reabilitação política da nacionalidade"<sup>102</sup>. De imediato, ampliou as críticas: "A ditadura precisa resolver graves problemas. A constituição era desligada de todos os laços morais. Venha a constituição, mas em tempo oportuno"<sup>103</sup>. Nas notícias referentes à Reforma Eleitoral, que além de elaborar um novo código, fixou para Maio de 1933 a data das eleições, O NORDESTE veiculou dúvida quanto à efetivação da mesma: "A assinatura da Lei Eleitoral vem sendo objeto de cogitações. É que se considere esse ato a volta do país ao regime constitucional. Até agora [Vargas] não definiu sua opinião". No entanto, felicitou "o chefe do Governo" por estabelecer uma "medida da mais

<sup>101</sup> *Instalou-se, ontem, a Liga Eleitoral Católica*. Fortaleza/CE, 17 de Dezembro de 1932, p. 1. Junta Estadual: Edgard Cavalcante de Arruda, Raimundo de Alencar Araripe (a partir de 1936, prefeito de Fortaleza), Manuel de Mello Machado, José Magalhães Nenen Vieira.

<sup>102</sup> *Renovação nacional*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 20 de Janeiro de 1932, p. 1.

<sup>103</sup> *Ideal revolucionário*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Fevereiro de 1932, p. 1.



transcendental importância”, a “representação de classe”. Com ela assegurar-se-ia “o direito de representação ao clero”, garantiu<sup>104</sup>. A objeção à constitucionalidade significou a afirmação de um projeto de gerenciamento do Estado: “Só os governos fortes conseguem se impor nesta gravíssima crise. Restauremos a harmonia. O poder político, econômico e o espiritual na unidade de ação em prol da prosperidade da nossa terra”<sup>105</sup>.

Sem mencionar a promulgação do Código Eleitoral, em 25 de Fevereiro, O NORDESTE persistiu no ataque à realização de votações populares: “estamos muito mal amparados, se esperamos a renovação cívica da Pátria do sufrágio universal”. O protesto advinha da “própria saúde moral do país”: “o voto é uma consequência da falta de educação política do povo”; “os estadistas e chefes de partidos não possuem a elevação de idéias para realizar eleições livres”; e o regime jamais proporcionaria “a felicidade” ao país. O temor ao comunismo manifestou-se quando o periódico analisou a participação da mocidade e, para ilustrar seu comentário, mostrou o ocorrido na França. A nação havia se tornado um espaço no qual “a juventude está sendo envenenada pelo professorado oficial”, a “arma forte de propaganda do bolchevismo no seio do magistério” crescia, e ao concluir o resguardo aos moços, intuiu: “o professor oficial é o grande eleitor” entre os franceses. Na condição de “terapêutica para os males do Brasil”, receitou um “governo que imponha ordem, que levante o nível moral da nossa gente, pulso decidido no leme da nação”<sup>106</sup>. O editorial *Preconceito anacrônico* precisou a visão arqui-diocesana concernente ao sufrágio: “A igualdade perante a lei produz esse inconcebível absurdo do voto do bandido, do libertino ter o mesmo valor do voto do cidadão honrado”<sup>107</sup>.

Com o texto *O momento atual*, O NORDESTE denunciou a existência de “forças ocultas”, que objetivavam “arrastar a Pátria à convulsão demagógica” e as identificou “a infiltração comunista, que intenta dissolver as virtudes da raça”<sup>108</sup>. No editorial *A questão do momento*, ao vincular “a defesa nacional” com a manutenção da propriedade, visto que “o ódio contra

<sup>104</sup> *A reforma eleitoral*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 23 de Fevereiro de 1932, p. 6.

<sup>105</sup> *Dever dos patriotas*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 25 de Fevereiro de 1932, p. 1.

<sup>106</sup> *Pulso firme*. Editorial. Fortaleza/CE, 29 de Março de 1932, p. 1.

<sup>107</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 30 de Março de 1932, p. 1.

<sup>108</sup> Editorial. Fortaleza/CE, 29 de Abril de 1932, p. 1.

o rico agrava a situação”, continuou a usar este recurso, nomeou “as forças” de “falsos amigos do povo” e discorreu o quanto era “impotente”, mesmo sendo necessárias - a escola, a imprensa e a catequese - para “barrar o triunfo das idéias rubras”. Tendo em vista o “problema social”, sugeriu fundir justiça e caridade. A um governo isento do “capitalismo liberal”, reservou a ação de extirpar o comunismo; a Igreja, a beneficência<sup>109</sup>. A inquietação com “os manejos comunistas” prosseguiu, agora, à sombra da encíclica *Quadragesimo Anno*. A carta do Papa Pio XI atribuiu à “civilização burguesa, apodrecida nos vícios”, a responsabilidade pela multiplicação do “vírus bolchevista”<sup>110</sup>. Então, no debate relativo à constitucionalidade, deter “a obra dos filhos das trevas” passou a ser a tarefa primordial dos católicos, “os elementos sadios” da nação. Assim, O NORDESTE indicou a catolicidade, “a maioria ineficiente”, a urgência de abandonar as “desavenças partidárias” a fim de efetivar “as realizações úteis ao progresso moral da nacionalidade”<sup>111</sup>.

A Arquidiocese de Fortaleza considerou a polêmica em torno da constitucionalidade o centro da política em 32. Coesos, “a fé nos leva à unidade”, os católicos deveriam “agir fora e acima dos partidos” e atentos às “forças do mal”<sup>112</sup>. Eliminar o ideário liberal, o gerador do “demagogismo vermelho”, significava obstruir “as lutas de classes” e a “convulsão socialistas”<sup>113</sup>. Daí que o bispado passou a solicitar “a união sagrada dos bons patriotas numa frente única” contra “o prurido de demolição comunista”<sup>114</sup>. Contudo, foi além e estabeleceu “o mais sério dos problemas dos nossos dias”: o fortalecimento do poder cuja missão seria estancar “o materialismo bolchevista que reduz o homem a uma fera na disputa sangrenta dos bens materiais”. Outrossim, determinou o perfil da situação. De um lado, “a crise econômica criando dificuldade premente para as classes trabalhadoras”; do outro, “a agitação de elementos internacionalistas a promover a truculenta ofensiva da barbaria nova”. Fechando, apontou a fonte do desarranjo: “a indisciplina espiritual é a origem da indisciplina

<sup>109</sup> Fortaleza/CE, 16 de Maio de 1932, p. 1.

<sup>110</sup> *Fé e confiança*. Editorial. 20 de Maio de 1932, p. 1. Lançada em 15 de Maio de 1931, data comemorativa dos quarenta anos da *Rerum Novarum*, a *Quadragesimo Anno* de Pio XI reiterou a doutrina social católica exposta pela papa Leão XIII e o combate ao socialismo.

<sup>111</sup> *Majoria ineficiente*. Editorial. 30 de Maio de 1932, p. 1.

<sup>112</sup> *O dever dos católicos*. Editorial. O NORDESTE. 7 de Junho de 1932, p. 1.

<sup>113</sup> *Inimigo de Estado*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 16 de Junho de 1932, p. 1.

<sup>114</sup> *Frente única*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 4 de Julho de 1932, p. 1.



material” e regozijou-se ante os aplausos pelo o Cristo no Corcovado: “O Brasil não estará maduro para o comunismo durante estes cinquenta anos”<sup>115</sup>. Depois, O NORDESTE relatou: “Irrefragável balela é uma eleição popular na Rússia soviética. O voto é imposto à mão armada”<sup>116</sup>.

A reprovação da cúpula arquidiocesana à deflagração da Revolta Constitucionalista, em São Paulo, veio por intermédio da avaliação: “Na terrível encruzilhada histórica em que se encontra [o Brasil], não temos outra palavra para os patriotas que a condenação de tantos desatinos que se consubstanciam num crime de lesa- pátria”<sup>117</sup>. Contudo, em nota anterior, O NORDESTE, ao atribuir ao “ouro maldito de Moscou” a disseminação do conflito, identificara a consequência da luta: “a germinação perniciosa do anarquismo bolchevista”<sup>118</sup>. O clima de apreensão contaminou as análises subseqüentes: “O fracasso da primeira República não teve outra causa que a dissolução dos princípios sobre que se assenta o edifício social. Só a Igreja tem autoridade para imprimir segurança na orientação das reformas”<sup>119</sup>; “A nação margeia o abismo. Ninguém pode mais contestá-lo nem os espíritos insensibilizados pela insânia partidária que coloca os interesses de facções acima dos interesses da Pátria”<sup>120</sup>. O editorial *Para a direita ou para esquerda* especificou os campos que o tradicionalismo católico ansiava por enquadrar a política: “de um lado, a doutrina da paz, consubstanciada nos eternos ensinamentos do Evangelho; e do outro, as teorias de demolição, de conflito de classe, a generalização à desordem”<sup>121</sup>.

Fixando-se no “problema eleitoral”, a Arquidiocese de Fortaleza tratou a questão como um fato consumado; o fundamental era interferir no processo: “os católicos, em hipótese alguma, não podem deixar de se habilitar para exercer a sua atividade na indicação de candidatos”. O melhor jeito de fazê-lo, sentenciou, achava-se em contrapor “o poder de Deus” à “dissolução bolchevista”<sup>122</sup>. Ao comentar a participação das mulheres, O NORDESTE esboçou pragmatismo: “Não foi a Igreja que o introduziu. Sem a

<sup>115</sup> *Mobilização espiritual*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 15 de Julho de 1932, p. 1.

<sup>116</sup> *O voto livre na Rússia*. Fortaleza/CE, 23 de Julho de 1932, p. 6.

<sup>117</sup> *Na terrível encruzilhada*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 26 de Agosto de 1932, p. 1.

<sup>118</sup> *Revolução e comunismo*. Fortaleza/CE, 10 de Agosto de 1932, p. 1.

<sup>119</sup> *Ídolos modernos*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 2 de Setembro de 1932, p. 1.

<sup>120</sup> *Sacrifício recíproco*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 20 de Setembro de 1932, p. 1.

<sup>121</sup> O NORDESTE. Fortaleza/CE, 11 de Outubro de 1932, p. 1.

<sup>122</sup> *Erro político*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 19 de Outubro de 1932, p. 1.

nossa responsabilidade, o voto feminino existe. Não seria cristão, nem patriótico deixá-lo nas mãos de uma minoria sem fé”<sup>123</sup>. Ao seu eleitorado, esclareceu: “O aparelho eleitoral não será instrumento do partidarismo dominante. O governo vai consultar a Nação no sentido de colocar nos postos eletivos os candidatos vitoriosos das maiorias”<sup>124</sup>. No bojo das notícias que veicularam a formação de uma comissão encarregada de elaborar um projeto de Constituição, a cúpula católica, ao manifestar-se a favor da incorporação do ensino confessional à legislação, advertiu: “A maioria católica vai sendo minada na escola sem Deus pela ideologia materialista, a arrastar os povos inevitavelmente ao caos do bolchevismo”<sup>125</sup>.

Almejando “salvaguardar os direitos da Igreja”, O NORDESTE encorajou os fiéis a participar das eleições. Justificando a posição, afirmou que “há o maior empenho pelo saneamento das esferas da vida pública, por meio do voto consciente e livre”. À vista disso, ressaltou: “A voz da Igreja indica-nos o caminho a seguir. Está constituída, em todo o Brasil, a L E C, que congrega os elementos de boa vontade para a elevação do nível cívico da sociedade”. Finalizando, alertou: “é crime de alta traição ao Brasil a abstenção dos católicos na empresa da sua reorganização”<sup>126</sup>. Ampliando o convencimento, enfatizou: “estamos com o socialismo às portas” e advertiu: “o socialismo é a oposição aos princípios insubstituíveis do Cristianismo Social; é a “república socialista a república antinacional”; e apoiando-se nos socialistas, o governo poderá exercer “a opressão contra a família patrícia”<sup>127</sup>. Ao reconsiderar o debate em torno da constituinte, ratificou: “ou a futura Carta Magna traz o nome de Deus ou não será constituição para o Brasil”. Na seqüência, destilando intolerância, O NORDESTE questionou:

“Uma Carta não é e nem poderá ser jamais o divórcio entre o seu texto e o sentimento coletivo. Há, então, de prevalecer na sua feitura a vontade de meia dúzia? Então, por que os propagandistas do bolchevismo, os livres-pensadores, os judeus e poucos outros elementos que não constituem metade de um terço da população brasileira, querem porque querem fazer uma Constituição a seu talante? Para que serve a esmagadora maioria católica nacional?”<sup>128</sup>.

<sup>123</sup> *Os católicos em face do dever eleitoral*. Fortaleza/CE, 19 de Outubro de 1932, p. 1.

<sup>124</sup> *A grande empresa*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 21 de Outubro de 1932, p. 1.

<sup>125</sup> *À volta a normalidade*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 22 de Outubro de 1932, p. 1.

<sup>126</sup> *Liga Eleitoral Católica*. Editorial. Fortaleza/CE, 10 de Novembro de 1932, p. 1.

<sup>127</sup> *A posição dos católicos*. Editorial. Fortaleza/CE, 19 de Novembro de 1932, p. 1.

<sup>128</sup> *Deus na Constituição*. Fortaleza/CE, 16 de Novembro de 1932, p. 4.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### *O Decálogo Comunista*

“Muita gente diz não saber o que seja o bolchevismo. Com a leitura deste *Decálogo Comunista* constituído pela doutrinação falada e escrita dos próprios bolchevistas poderão perceber o que é que eles pretendem. Deixamos de fazer comentário, pois achamos que qualquer pessoa facilmente verá desejarem eles destruir a civilização cristã investindo contra Deus, a Pátria, a Família e a Sociedade”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>O *Decálogo Comunista*. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 12 de Maio de 1932, p. 6.

*A Rússia sem Deus  
é o inferno dos operários.*<sup>2</sup>

### 1º mandamento - *Odiar o Senhor, vosso Deus.*

“Todo o nosso sistema é ateu e não pode tomar outro rumo. (Perri)

Religião é o ópio para e, como o álcool, obscurece a inteligência. (Lenine na obra: ‘Socialismo e Religião’)

O homem que se ocupa de venerar a Deus suja-se no próprio cuspo. (Lenine ao amigo Lunatscharski)

Exigimos a separação completa da Igreja e do Estado para termos armas espirituais no combate contra Deus. Fora os operários embrutecidos pela religião. (Lenine, ‘Socialismo e Religião’)<sup>3</sup>

*Revisão ou Revolução*, título do primeiro escrito anticomunista do jornal O NORDESTE, configurou-se uma das referências que nortearam a linha editorial do órgão arquidiocesano. O artigo, considerando “a crise geral da moralidade”, alertou acerca do perigo de se instalar, no Brasil, um regime igual ao dos bolcheviques: “a desorganização vigente ir-se-á agravando até chegarmos ao paroxismo, isto é, admitir entre nós uma nova Rússia sangrenta com o aniquilamento da ordem e das classes dirigentes e intelectuais”<sup>4</sup>. As críticas ao liberalismo republicano, o saudosismo monárquico e o pânico ininterrupto quanto à difusão do comunismo entre a população, especialmente no meio dos trabalhadores, ocuparam espaço considerável nos editoriais do periódico. Coube ao Monsenhor Tabosa dimensionar a postura da imprensa católica: “o jornalista deve ser um missionário da verdade e do bem”<sup>5</sup>. A Igreja Católica e, por extensão, a Arquidiocese de Fortaleza apareceram nas páginas do jornal O NORDESTE, portando antídotos contra a “barbaria russa”, ou melhor, “agora, na Rússia, são realmente as portas do Inferno que se abriram para dominarem [o mundo]”<sup>6</sup>. E onde estabeleceram “a verdade e o bem”, ora, no Decálogo, nos atos religiosos, nas Encíclicas e no Associativismo Católico. O NORDESTE, ao iniciar-se como provedor anticomunista da sociedade civil, em Fortaleza, tornou o debate de idéias natimorto.

<sup>2</sup> *Inimigo do Estado*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 16 de Junho de 1932, p. 1.

<sup>3</sup> *O Decálogo Comunista*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 12 de Maio de 1932, p. 6.

<sup>4</sup> Fortaleza/CE, 30 de Junho de 1922, p. 2.

<sup>5</sup> *Vamos para frente*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 30 de Junho de 1922, p. 2.

<sup>6</sup> *A condenação de Monsenhor Cieplack*. Fortaleza/CE, 3 de Abril de 1923, p. 2.



## 2º mandamento - *Amaldiçoar Vosso Deus e Senhor.*

"Nós só devemos amaldiçoar a Deus e afastá-lo da sociedade. (Lê Peuple)

Odíamos e amaldiçoamos a Cristandade e devemos considerar os cristãos, ainda os melhores, como nossos piores inimigos. Eles pregam, contrariamente aos nossos princípios, a caridade e amor do próximo. Nós só devemos odiar; e pelo ódio conseguiremos dominar o mundo. (Kalinin)

O respeito ao Santo Nome de Deus veda-nos publicar blasfêmias que se escreveram na 'Tribuna', jornal holandês (Natal de 1930) nas canções da mocidade comunista e em outros pasquins anticristãos."

"O laicismo é a camuflagem do ateísmo, é uma monomania cristófoba, sob as aparências de uma minaz e inversa democracia. Não se pode banir da vida a autoridade de Deus"<sup>7</sup>. A partir dessa crença, O NORDESTE responsabilizou o liberalismo, o bolchevismo e o laicato de tramarem a descristianização do Brasil. Os novos ídolos são - a liberdade, a solidariedade, a humanidade e a ciência<sup>8</sup>. Antepor-se à eterna conspiração favorável à destruição do catolicismo alimentou o anticomunismo da Arquidiocese de Fortaleza. Quando, no governo Bernardes, ocorreu a derrota da emenda constitucional que facultava o ensino confessional nas escolas oficiais, O NORDESTE alarmou: "Há de chegar o dia, em que, como na Rússia, os libertários e os que hoje opõem a regeneração hão de cair esmagados sob a massa, a quem os poderes negam a escola"<sup>9</sup>. Aliás, "o atraso das massas" converteu-se em objeto de preocupação. Assim, afastá-las de antros de anarquia, de agremiações nas quais o valor do princípio de autoridade inexistia e o ódio às classes conservadoras era habitual, ficava imprescindível. Por isso, ofertar-lhes um programa capaz de defender seus interesses e impedir que as reivindicações fossem desfiguradas por "doutrinarismo", por "declamadores sem ideais", segundo Monsenhor Tabosa, vigário-geral metropolitano, estava passando do tempo. O clérigo qualificou os Círculos de Estudos e as Agremiações Profissionais de mecanismos aptos à disseminação da religião<sup>10</sup>. Ante o malogro das emendas católicas, a gazeta apregou a necessidade de acender-se "uma lâmpada na treva", ou seja, organizar o eleitorado católico<sup>11</sup>.

<sup>7</sup> *O ensino leigo*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 16 de Agosto de 1924, p. 1.

<sup>8</sup> *Perante o laicismo*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 7 de Agosto de 1925, p. 1.

<sup>9</sup> *Caíram as emendas Plínio Marques*. Editorial. Fortaleza/CE, 2 de Outubro de 1925, p. 1.

<sup>10</sup> *Ação principal dos Círculos*. Editorial. Fortaleza/CE, 12 de Dezembro de 1925, p. 1.

<sup>11</sup> *Eleitorado católico*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 12 de Dezembro de 1925, p. 2.

### 3º mandamento - *Desprezar o dia do Senhor.*

"As igrejas, conventos e capelas sejam destruídos e transformados em salas de divertimentos públicos, cinemas e lojas. (Stálin)

Escarro em tua religião e em todas as outras. (O comissário Krlenko diante do júri contra D. Cieplak, arcebispo católico da Rússia)

Abolição do domingo e instituição da semana operária completa. (Terceira Internacional)"

"Em nossos meios populosos, existem terrenos para a germinação da semente daninha. As aglomerações das famílias em habitações insuficientes geram situações favoráveis às propagandas dos socialistas", avisou Monsenhor Tabosa. Porém lembrou que "a nossa população é contrária por educação ao anticatolicismo e este é o ideal das teorias de Marx e de outros satânicos"<sup>12</sup>. Os socialistas "despertam na alma ignorante do operário paixões vis, transformam questões sociais em desavenças de classes". Avaliando a conjuntura, identificou "um vácuo enorme entre o capitalismo e o proletariado". Elevando o associativismo católico ao estágio de ponto de equilíbrio entre os patrões e os assalariados, indagou "como é possível firmar a paz no corpo social, promovendo lutas entre os seus membros?". "Aos sindicatos revolucionários opor os sindicatos católicos", replicou<sup>13</sup>. A resposta fortaleceu uma prática já desenvolvida pela Arquidiocese de Fortaleza, a organização dos círculos operários. Delegou atribuições e apresentou as fontes de conhecimento indispensáveis aos bons católicos. Ao proletário, transmitiu o encargo de constituir-se num "missionário das propagandas salvadoras" contra "o socialismo anarquista". A família assumia papel relevante, "os bons ensinamentos devem ser distribuídos no regaço dos pais e no convívio da irmandade". O conteúdo, a *Rerum Novarum*. O objetivo, "saber que o sovietismo é egoísta ao extremo, escravizador até a baixeza e asfixiante até a morte, será do máximo proveito para os sonhadores da salvação socialista radical". A tática, "esses ensinamentos precisam ser divulgados por palestras singelas, é uma catequese, precisa o propagandista descer aos ignorantes para iluminar sua inteligência"<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> *A onda da anarquia*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 7 de Abril de 1926, p. 1.

<sup>13</sup> *Doutrina perigosa*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 15 de Abril de 1926, p. 1.

<sup>14</sup> *Apostolado eficiente*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 23 de Abril de 1926, p. 1.



#### 4º mandamento - *Desprezar pai e mãe.*

"Conforme a doutrina comunista, pai e mãe e filhos não têm entre si relações mútuas. Nenhuma obediência senão a igualdade seria impossível. (Mallon)

Jamais será possível revolução enquanto existir a família e o espírito familiar. A família é uma constituição burguesa, inventada pela Igreja... é preciso aniquilá-la (Federação Feminina Comunista de 1925)

Camaradas, ontem minha mãe ficou alarmada ao ver-me lendo a revista ateia 'Beboschnik'. Agora vivemos separados em casa. Nossos pais ocupavam-se em venerar as imagens dos santos e a ler os livros santos; nós então colocamos o retrato de Lenine e decoramos o 'Beboschnik'. (Carta de uma jovem russa de 16 anos as suas companheiras)"

Almejando eliminar a "anarquia das instituições" e a "corrupção dos costumes", a Arquidiocese de Fortaleza recomendou o ensino religioso. Enquanto a monarquia estabeleceu a unidade entre o Estado e a Igreja, "os fundadores da nossa república, influenciados pelo espírito de sectarismo, votaram uma Constituição pagã", lamentou Monsenhor Tabosa. Otimista, assegurou que, em muitos estados, "para não dizer em todos", os departamentos do ensino vão permitir a inclusão do catecismo nas escolas<sup>15</sup>. A medida, tida como salutar, pois, "é o Catolicismo, único antídoto do corrosivo comunista, oriundo do ateísmo corruptor"<sup>16</sup>. Alertar os operários acerca do risco de se conduzirem, levando a bom termo, a opinião dos inimigos de Roma, levou O NORDESTE a veicular uma seqüência de editoriais cuja preocupação materializou-se na possibilidade dos adversários levarem os laboriosos a trilharem por "vias tortuosas para uma luta de classes, de conseqüências funestas", e a Rússia, por "transigir com as doutrinas nefastas do seu igualitarismo impraticável", recebeu o conceito de exemplo negativo<sup>17</sup>. A "utopia comunista" fora rejeitada em prol de aconselhar os endinheirados a exercer a caridade, assim, recomendou: "Possui a riqueza não vos torneis seus escravos. Aproveitai-a para auxiliar os operários pobres"<sup>18</sup>. Ao chamar o "ateísmo político" de o "desafio mais monstruoso que poderia ser lançado no mundo", gotejou sua simpatia a favor dos regimes autoritários: "o regime democrático é mais acessível à corrupção da anarquia"<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> *Ensino religioso*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 26 de Setembro de 1926, p. 1.

<sup>16</sup> *A peste do tempo*. Editorial. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 1 de Outubro de 1926, p. 1.

<sup>17</sup> *O dia do trabalho*. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 1 de Maio de 1927, p. 4.

<sup>18</sup> *A Igreja e a questão operária*. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 2 de Maio de 1927, p. 4.

<sup>19</sup> *A Igreja e as questões políticas*. O NORDESTE, Fortaleza/CE, 3 de Maio de 1927, p. 4.

### 5º mandamento - *Matar*.

"A violência tem de ser a alavanca da revolução. Será para nós um prazer ver agonizar padres, burgueses e capitalistas. Vestidos de suas sotainas, os padres morrerão lentamente pelas ruas e sob nossas vistas. Com prazer venemos por uma boa garrafa de vinho o nosso lugar no céu, para sentir esse prazer. Que digo? Céu? Não, não o queremos. O que pedimos é o inferno e o prazer que leva até lá. (Retie)

- Esta mão é um.

Esta outra mão é dois.

Com estas duas enforco os capitalistas.

Agora sou pequeno ainda,

Mas quando for grande

Matarei os capitalistas.

(Canção infantil no livro 'Moscou desmascarado', de Jos. Douillet)"

Porque "a sociedade moderna desfalece à míngua de ideal", a Arquidiocese de Fortaleza advogou, urgentemente, eliminar "a concepção materialista", "a treva interna", e "o vírus da maleficência" e defendeu promover "a justiça infalível", "o prêmio da virtude", "o castigo da iniquidade", isto é, "o otimismo cristão"<sup>20</sup>. A "doutrina evangélica" - o trabalho, a caridade e o ensino - impedia "que os elementos de dissolução social, diminuindo, por meio do laicismo, a influência da Religião na direção dos espíritos," continuassem "arrastando a sociedade para a escuridão trevosa da noite pagã em nome do Estado ateu"<sup>21</sup>. Ao avaliar a diplomacia de Moscou, advertiu: "O reino da mentira sempre existiu, é o reino de Satanaz! Faltava-lhe uma organização política. Foi esta a obra do reformador Lenine"<sup>22</sup>. Na edição seguinte, O NORDESTE apresentou dois modelos: "a Rússia, onde impera o caos, a anarquia, a revolução e a barbaria e a Itália, onde a mão forte de Mussolini há mantido a paz, a concórdia, a moralidade e a ordem"<sup>23</sup>. "Diante do perigo bolchevista", expôs o seu perfil de Estado: 1. um governo forte, a favor da religião, da família e da propriedade; 2. reerguimento da classe operária e o encorajamento da atividade social; 3. na escola, as doutrinas da ordem e sem tolerar educadores favoráveis a um regime baseado no crime; 4. respeito à independência nacional e ao traçado das fronteiras legítimas das nações"<sup>24</sup>.

<sup>20</sup> *Sede de esperança*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 8 de Janeiro de 1928, p. 4.

<sup>21</sup> *A lei de ódio*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 19 de Janeiro de 1928, p. 4.

<sup>22</sup> *O reino da mentira*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 2 de Fevereiro de 1928, p. 4.

<sup>23</sup> *Comentários*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 3 de Fevereiro de 1928, p. 1.

<sup>24</sup> *A honra da civilização*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Fevereiro de 1928, p. 4.



### 6º mandamento - *A impureza é o nosso prazer.*

"Aqui poupamos aos leitores o desenrolar de uma fita de nauseabundas cenas de bestificação."

Nas ruas, vigilância e censura, miséria e imoralidade, pobreza e mendigos, ou abandona-se às calçadas ou se pisa os desgraçados. Com armas, a detenção de pedintes e a repressão amarravam-lhes as mãos atrás das costas, de tal maneira que as cordas lhes penetravam na carne, eis o retrato de Moscou, segundo O NORDESTE. A descrição objetivou questionar aqueles "que aspiram a nova ordem de cousas sob o estandarte da revolução!"<sup>25</sup>. Em Paris, uma mulher retalhada e um guarda-livros esquartejado e enviado a Lille, dentro de uma mala; nos Estados Unidos, crimes praticados por motivos frívolos e finalmente, a advertência: "se não se atende à lei cristã do amor, entra, forçosamente, a vigorar a lei bolchevista do ódio"<sup>26</sup>. Uma das táticas anticomunistas empregada pela Arquidiocese de Fortaleza consistiu em identificar o bolchevismo, independentemente do local do fato, com a prática dos mais variados delitos. Criminalidade e soviétismo habitavam o mesmo corpo. A causa? A "apostasia do laicismo" que representava "a causa primária da ruína moral do mundo contemporâneo". A geratriz, o jacobinismo vermelho e a tolerância bolchevista, esclareceu "a palavra de luz" da Igreja, "a defensora intemerata do Bem e da Verdade". E o sistema comunista? Na Rússia, o domínio de uma casta e alguns milhões de burocratas, miséria econômica e moral, política insensata e ditadura inquisitorial, tudo isso "não conduz a Rússia para o socialismo, mas para a barbaria", asseverou O NORDESTE<sup>27</sup>. Arrematando, "a obra descristianizadora" atinge os poderes e leva os povos à insubmissão, assim, "a hora da definição" chegou ao Brasil, de um lado o agnosticismo, a brutalidade, a descristianização, o inferno, a tirania, a impostura, a Rússia; do outro, "uma Pátria, povo hierarquizado, governado, zeloso das suas legítimas tradições, consciente de sua fé e crente na unidade da sua consciência, povo cristão, Pátria cristã, enfim!"<sup>28</sup>.

<sup>25</sup> *Coisas da Rússia bolchevista*. Fortaleza/CE, 6 de Dezembro de 1929, p. 3.

<sup>26</sup> *Situação alarmante*. Editorial. Fortaleza/CE, 10 de Dezembro de 1929, p. 1.

<sup>27</sup> *Grande intolerância*. Editorial. Fortaleza/CE, 17 de Dezembro de 1929, p. 1.

<sup>28</sup> *A hora de definição*. Editorial. Fortaleza/CE, 28 de Dezembro de 1929, p. 1.

### 7º mandamento - *Furtar*.

"Esfolaremos os capitalistas quanto possível, e isso não deve ser qualificado de roubo. (Vooruit, jornal comunista belga)

Roubai o mais possível, porque tudo foi roubado. (Lenine)"

Finalizando 1929, O NORDESTE perguntou: "Que fará 1930 para corrigir os delinqüentes que roubam ao povo sua felicidade?"<sup>29</sup>. Entre os delituosos, arrolou o liberalismo, o bolchevismo e o laicismo. A correção, ao sabor do clero, veio com o triunfo do Movimento de 30. Na crise que depôs Washington Luís, O NORDESTE não deu trégua ao comunismo. A presença feminina, no Bloco Operário e Camponês, recebeu condenação. Defendendo "leis capazes de pôr cobro a essas arremetidas do anarquismo", comentou: "mantêm um jornal de feição indiscutivelmente comunista e lançam-no, semanalmente, vendido até por mulheres que sabem introduzir mais bem o panfleto vermelho"<sup>30</sup>. Karl Marx virou objeto de análise do periódico. Devido ao "fracasso" de suas idéias nos países industrializados, recebeu a alcunha de o *falso profeta*. A implantação do socialismo, nas sociedades "atrasadas", como a russa, o berço das "doutrinas perniciosas de Lenine", devia significar um alerta às autoridades nacionais<sup>31</sup>. O "expansionismo do credo vermelho", segundo O NORDESTE, dar-se-ia com a irradiação do "frisson de terror". O "ouro de Moscou" utilizaria "micróbios" na organização do "regime vermelho, tingido pelo sangue de todos os povos". Transformar o mundo em "uma imensa necrópole" igual à Rússia virou a obsessão do bolchevismo. E de que forma? Aviões atirariam bombas nas cidades. Nos explosivos o germe da cólera, do tifo, da tuberculose, da lepra e outros. Esmagar o comunismo, ou melhor, "o réptil venenoso, traiçoeiro e fatal", urgia segundo o órgão<sup>32</sup>. O bispado, no novo ordenamento advindo com golpe de estado capitaneado por Vargas, continuou apavorando os leitores: "a catástrofe do regime comunista cada dia se aproxima"<sup>33</sup>.

<sup>29</sup> *Agonia do ano*. Fortaleza/CE, 20 de Dezembro de 1929, p. 1.

<sup>30</sup> *Comentários*. Fortaleza/CE, 1 de Fevereiro de 1930, p. 1.

<sup>31</sup> *Falso Profeta*. Editorial. Fortaleza/CE, 8 de Julho de 1930, p. 1.

<sup>32</sup> *Inominável!*. Fortaleza/CE, 12 de Março de 1930, p. 1. Extraído do Correio do Brasil (RJ), de 17 de Fevereiro de 1930. O texto recorreu a *El Mundo Agonizante* de Campio Carpio. O argentino foi descrito como um jovem anarquista que não fazia "uso da bomba e do punhal".

<sup>33</sup> *Sombra desvanecida*. Editorial. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 22 de Novembro de 1930, p. 1.



### 8º mandamento - *Menti, se a mentira vos aproveitar.*

“Evitemos de ofender o povo, dizendo-lhes o que desejamos: seria falta de tática. (die Vorwärts)”

A hierarquia católica nacional, a partir da tomada do poder por Vargas, intensificou a reaproximação com o Estado objetivando recuperar o lugar social perdido com a Proclamação da República, sob o argumento “a paz nacional está ameaçada pela insânia comunista” exigiu do mesmo desbaratar o bolchevismo<sup>34</sup>. Em sua tática de reconquista, “a Igreja prepara grandes concentrações populares a fim de pressionar o Governo, no sentido de atender as reivindicações católicas e impedir que o mesmo se incline para a esquerda”<sup>35</sup>. Entre os pleitos, estava o retorno do ensino religioso nas escolas públicas. Enquanto atribuía libidinidade às militantes bolcheviques, O NORDESTE mostrou, à opinião pública, o futuro da vida das outras mulheres, caso o Brasil adotasse o soviétismo: “Não te iludas. Tuas filhas virgens [iriam ser] as odaliscas inermes dos haréns socialistas”; “Elas deixarão as suas casas para se tornarem verdadeiras cativas. [Irão] prestar serviço nas fazendas coletivas, onde a vida em comum será obrigada, rigorosamente”<sup>36</sup>. Assim, perante “o perigo bolchevista que ameaça, gravemente, a paz e a concórdia da comunidade nacional”, a Arquidiocese de Fortaleza defendeu “restaurar a unidade da Fé, para evitar o esfacelamento das forças espirituais da Nação”. Após enumerar os prejuízos causados pelo regime vermelho - deflagração das lutas de classes, miopia intelectual, peste moral, instintos ferozes, infrene sede de gozo, materialismo histórico que faz do cidadão um bandido - garantiu: “Ninguém, pertença a que classe pertencer, pode, em consciência, negar integral apoio à repressão dos adeptos de Stálin”<sup>37</sup>. O decreto presidencial estabelecendo a educação confessional e a inauguração do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, então capital federal, selaram o pacto Estado-Igreja.

<sup>34</sup> *Incompatibilidade com o Bolchevismo*. Editorial. Fortaleza/CE, 26 de Janeiro de 1931, p. 1.

<sup>35</sup> BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira*. 3ª ed. Tomo 3, vol. 4. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 293. Estes atos aconteceram, respectivamente em 30 de Abril e no Rio de Janeiro em 12 de Outubro de 1931.

<sup>36</sup> *Ilusão Comunista e As 'Benemerências' do Comunismo*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 28 e 31 de Janeiro de 1931, p. 1.

<sup>37</sup> *O dever dos conservadores*. Editorial. Fortaleza/CE, 5 de Fevereiro de 1931, p. 1.

### 9º mandamento - *Desejar a mulher do próximo.*

"Nenhum casamento; amor livre. (Lei sobre o matrimônio 1 - 1 - 1928)

A poligamia e a poliandria não são proibidas pela li, e valem pelo casamento válido, quanto aos efeitos jurídicos. (Gidulzeff, 1927)

Em Petrogrado, num ano, se realizaram 2.000 casamentos e foram declarados 1.705 divórcios.

O comunista Schwartz, amigo de Lenine, chegou a casar-se 150 vezes. Citado perante o tribunal, o juiz só declarou que isso seria nocivo ao prestígio do Estado.

Não ao se falou no resto..."

A compreensão "Há ignorantes e sábios. Não se pode sequer conceber uma comunidade em que todos os membros estivessem num mesmo nível de igualdade. O capital é útil ao progresso, tanto quanto o trabalho", configurou-se em um fundamento útil a Arquidiocese de Fortaleza na perspectiva de opor-se ao "paraíso soviético". O igualitarismo, na "república da fome", materializava-se através da racionalização ou ausência dos artigos de primeira necessidade, do crescimento da escravidão entre os trabalhadores, dos fuzilamentos sem julgamentos e com a política de dumping nas vendas de trigo no exterior. Ademias, avaliou: "Aí está a terra dos Czares sob o imperialismo despótico de Lenine"<sup>38</sup>. Ao classificar de "infração das leis divinas" o antagonismo entre patrões e empregados, botou a Rússia no rol daqueles que negam o Evangelho. Além de ter praticado a "destruição do capital", exercitou o "aniquilamento da autoridade e da família". Em seguida, apresentou o motivo de tal descalabro: "o Estado-patrão é o proprietário único de todos os bens"<sup>39</sup>. Reafirmando "sempre haverá pobres entre vós, dizem as Sagradas Escrituras", pôs-se a justificar o "ódio dos comunistas contra a Igreja". A visão do "ateísmo rebelde" diz que "a religião é o vinho com que os ricos embebedam os pobres". Dissecando o soviétismo, exclamou: "o judeu de Moscou acena com a sedução da ditadura vermelha dos pobres sobre os ricos"<sup>40</sup>. Insistindo em acusar os bolcheviques de usar a "ignorância das massas", sentenciou: "A Rússia é o exemplo eloqüente da falência completa da utopia comunista"<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> De acordo com: *As lutas de classe e República da fome* (editorial). O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Fevereiro de 1931, p. 1.

<sup>39</sup> *O pior regime*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Fevereiro de 1931, p. 1.

<sup>40</sup> *Sempre haverá pobres*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 10 de Fevereiro de 1931, p. 1.

<sup>41</sup> *Organização da desordem*. O NORDESTE. Fortaleza/CE, 13 de Fevereiro de 1931, p. 1.



## 10º mandamento - Preparai uma Revolução Universal.

À bala o burguês; não se poupe dinamite. (Perrant)

O proletariado não pode aceitar a forma de governo que existe atualmente. Torna-se necessário aniquilar este aparato. (Lenine em 'Estado e Revolução')

A Arquidiocese de Fortaleza vislumbrou, a partir do governo Vargas, uma realidade alvissareira ao catolicismo. Em função disso, buscou enquadrar a opinião pública: "A hora das indecisões já se perdeu na treva tempestuosa do passado". E arrematou: "A questão máxima da nossa época é o fortalecimento do princípio da autoridade"<sup>42</sup>. Acreditando que reconstitucionalizar o Brasil significava retomar o "liberalismo desmoralizado, que foi o fator de dissolução da primeira república", passou a bradar: "O que a Nação exige dos dirigentes é seriedade e sinceridade de atitudes, para que se restaurem as forças de reação sadia do organismo social"<sup>43</sup>. Persistindo na idéia de um governo forte, clamou: "O mundo goza de liberdades em excesso. O que se precisa, atualmente, é de ordem! Cumpre-nos evitar a influência de idéias dissolventes e de doutrinas perigosas"<sup>44</sup>. Ao longo o período estudado, a Arquidiocese de Fortaleza veiculou, recorrendo a uma linguagem belicista, a necessidade de um regime autoritário capaz de realizar uma assepsia social no Brasil. Além de restabelecer os privilégios clericais suprimidos com a implantação da República, tinha de eliminar o liberalismo político e o laicismo, de garantir a propriedade privada e de combater o soviétismo. As referências de poder do arcebispado e do jornal O NORDESTE foram, inicialmente, o fascismo do ditador Mussolini e após o triunfo da Aliança Liberal, Vargas. No tocante à luta contra o bolchevismo, ambos fizeram do terror o instrumento prioritário de catequese e indicaram o único remédio capaz de livrar o Brasil do micróbio vermelho, a doutrina social cristã preconizada por Leão XII na *Rerum Novarum*, reafirmada por Pio XI na *Quadragesimo Anno*. À vista disso, insistentemente estimularam a idéia: "**Uni-vos, anticomunistas do mundo inteiro!**"<sup>45</sup>.

<sup>42</sup> *A Revolução e as leis do trabalho*. Editorial. Fortaleza/CE, 6 de Novembro de 1931, p.1.

<sup>43</sup> *A voz do bom senso*. O NORDESTE. Editorial. Fortaleza/CE, 12 de Abril de 1932, p.1.

<sup>44</sup> *O manifesto do ditador*. O NORDESTE. Editorial. Fortaleza/CE, 12 de Abril de 1932, p.1.

<sup>45</sup> *Um artigo sensacional*. O NORDESTE. Editorial. Fortaleza/CE, 28 de Maio de 1932, p.1.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBANO, Ildefonso. *A U. R. S. S. do Deão*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1944. (Edição do Autor)
- ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- ÁVILA, Fernando Bastos de (padre). *O pensamento social cristão antes de Marx*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972.
- AZZI, Riolando. O início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930. In: *Síntese*. São Paulo: Loyola, nº 10, vol. IV, maio/agosto de 1977, p. 61-89.
- AZZI, Riolando. O início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930 (II). In: *Síntese*. São Paulo: Loyola, nº 11, vol. IV, setembro/dezembro de 1977, p. 73-101.
- AZZI, Riolando. O Fortalecimento da Restauração Católica no Brasil (1930-1940). In: *Síntese*. São Paulo: Edições Loyola, nº 17, vol. VI, Setembro/Dezembro de 1979, p. 69.
- AZZI, Riolando. O Episcopado Brasileiro frente à Revolução de 1930. In: *Síntese*. São Paulo: Edições Loyola, nº 12, vol. VI, Janeiro/Março de 1978, p. 48.
- BARROSO CORDEIRO JR, Raimundo. A Legião Cearense do Trabalho. In: SOUZA, Simone (org.). *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 317-344.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995.
- BODEI, Remo. *A História tem um sentido?* Tradução: Reginaldo Di Piero. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- BRAUN, Leopoldo L. S. *A religião na U. R. S. S.: Um povo com fé contra um partido sem religião*. Tradução: Adolfo M. Tarroso Gomes. Lisboa: União Gráfica, 1961.
- BRESCIANI, Maria Stella; SAMARA, Eni Mesquita; LEWKOWICZ, Ida. *Jogos da Política: imagens, representações e práticas*. São Paulo: Associação Nacional de História (ANPUH)-São Paulo/Marco Zero/FAPESP, 1992.



- CABRAL, J. (padre). *A miragem soviética*. Vozes: Petrópolis/RJ, 1933.
- CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: São Paulo Editora S A, 1965, p. 72-74. (Coleção Buriti)
- CARVALHO, José Murilo de. Juízes, padres e soldados: os matizes da ordem. In: *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: a política imperial*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará, 1996, p. 155-180.
- CARVALHO, Rejane V. Accioly de. Política de imagem e competitividade eleitoral: a disputa pela prefeitura de Fortaleza em 2000. In: CARVALHO, Rejane V. Accioly de (org.). *A produção da política em campanhas eleitorais: eleições municipais de 2000*. Campinas/SP: Pontes; Fortaleza: Programa de pós-Graduação em Sociologia da U F C, 2003, p. 91-125.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COUTINHO, Carlos Nélon. *A dualidade de poderes: introdução à teoria marxista de Estado e Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DECCA, Edgar de. *1930, O silêncio dos vencidos*. S. Paulo: Brasiliense, 1981.
- DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1932)*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.
- DIEHL, Astor Antônio. *Círculos operários no Rio Grande do Sul: um projeto social-político (1932-1964)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.
- DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Belo Horizonte: Ed. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 1997.
- FALCON, Francisco. *História Cultural: uma visão crítica sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da ordem: Aspectos da Práxis Conservadora Católica no Meio Operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: HUCITEC/História Social-Universidade de São Paulo, 1998.
- FAUSTO, Bóris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964)*. 3ª ed. Tomo III, 3º vol., nº 10. São Paulo: DIFEL, 1986.

- \_\_\_\_\_. *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Economia e Cultura (1930-1964)*. 3ª ed. Tomo III, 4º vol., nº 11. São Paulo: DIFEL, 1995.
- FRIEDRICH, Carl & BRZEZINSKI, Zbigniew. *Totalitarismo e Autocracia*. Tradução: Donaldson M. Garschagen. R. de Janeiro: Edições GRD, 1965.
- GONÇALVES, Adelaide & BRUNO, Allyson (orgs). *O Trabalhador Gráfico*. Fortaleza: Ed. UFC (Universidade Federal do Ceará), 2002.
- GRECCO, Alessandro. *Máquina mortífera. Aventuras na História*. São Paulo: Editora Abril, ed. 14, p. 41-45, Outubro/2004.
- KIRKPATRICK, Jeane J. *A estratégia da traição*. Tradução: Jovelino Pereira, Donaldson M. Garschagen e Heloísa de Carvalho Tavares. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1964.
- KOLARZ, Walter. *Anatomia do comunismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963.
- KONDER, Leandro. *A Democracia e os Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- KOVAL, Boris. *A Grande Revolução de Outubro e a América Latina*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.
- LEAL, Ângela Barros. *A História do Ceará passa por esta rua*. 2º vol. Multigraf Editora/Fundação Demócrito Rocha. 1993.
- LENIN, V. I. Ulianov. *Sobre o papel e as tarefas dos sindicatos nas condições da Nova Política Econômica*. In: *Sobre os sindicatos*. São Paulo: Editorial Livramento, 1979, p. 314-324.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2ª ed. São Paulo: Ed. UNICAMP/Papirus, 1986.
- LEITE FILHO, Rogaciano. *A História do Ceará passa por esta rua*. 1º vol. Multigraf Editora/Fundação Demócrito Rocha. 1993.
- LUSTOSA, Oscar de Figueredo (sel.). *Igreja e Política no Brasil: do Partido Católico à L. E. C. (1874-1945)*. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1983 (Cadernos de História da Igreja no Brasil, nº 3)
- MANOEL, Ivan Ângelo. *Igreja e Educação Feminina: uma face do conservadorismo (1859-1919)*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.
- MARIANI, Bethânia. *O P C B e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.



- MARX, Karl. *A Guerra Civil na França: mensagem do Conselho Geral da Associação Internacional os Trabalhadores*. Apresentação: Antonio Roberto Bertelli. São Paulo: Global, 1986.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Fernandes Távora e o tenentismo no Ceará (1921-1924)*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1992.
- MOREIRA RIBEIRO, Francisco. *O PCB no Ceará: ascensão e queda (1922-1947)*. Fortaleza: Edições UFC / STYLUS, 1989.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guerra contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. A "Intentona Comunista" ou a construção de uma lenda negra. In: *Tempo*. Vol. 7, nº 13. Rio de Janeiro: Sete Letras, Jul. 2002, p. 189-207. (Revista do Dep. de História da Universidade Federal Fluminense).
- \_\_\_\_\_. "Meu registro é breve: nasci comunista": militância judaico-comunista, um estudo de caso. In: *História Oral*. Vol. 6, nº 6. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, Jun. 2003, p. 95-105.
- NICOLAU, Jairo. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.
- OLIVEIRA, Francisco de Assis S. & SOUZA, Simone. O movimento operário na 1ª República. Fortaleza: NUDOC/UFC, [s. d.]. (Série História nº 3)
- PARENTE, Francisco Josênio Camelo. *Anauê. Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Edições UFC, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Fé e a Razão na Política: Conservadorismo e Modernidade das Elites Cearenses*. Fortaleza: Edições UFC/Edições UVA, 2000.
- PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização no Ceará. In: SOUZA, Sinome (org.). *História do Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 199-210.
- PONTE, Sebastião. *Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930)*. 2ª ed. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 1999.
- PORTO, Eymard. *Babaquara, chefetes e cabroeira. Fortaleza no início do século XX*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara/Secretaria da Cultura e Desporto, 1993.

- REIS, Edilberto Cavalcante. "Vitrine" da romanização. In: *Jornal O POVO*. Fortaleza/CE, 3 de Junho de 2004, p. 7.
- REIS FILHO, Daniel Aarão dos ... [et al.]. *História do Marxismo no Brasil*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Ed. Fundação Getúlio Vargas (FGV), 1996.
- RODEGHERO, Carla Simone. Contribuições ao estudo do anticomunismo sob o prisma da recepção. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2ª ed. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2003.
- \_\_\_\_\_. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. In: *Revista Brasileira de História*. Vol. 22, nº 44. São Paulo: ANPUH/Humanitas, 2002, p. 463-488.
- ROLIM José (padre). *O Comunismo: história, ideologia, crítica*. 2º vol. Lisboa: União Gráfica, 1945.
- RÜSEN, JÖRN. *Razão Histórica. Teoria da História: fundamentos da Ciência Histórica*. Tradução: Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília (UnB), 2001.
- SAHEL, Claude (org.). *A tolerância: por um humanismo herético*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1993.
- SEGATTO, José Antonio. *Breve História do P C B*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Sociais, 1981. (A Questão Social no Brasil, nº 8)
- SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção História, nº 41)
- TRONCA, Ítalo. *Revolução de 30: a dominação oculta*. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa: o triunfo dos soviets*. Tradução: E. Huggins. 3º vol. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História: Micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.